

TRABALHOS
DA
SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE
ANTROPOLOGIA
E
ETNOLOGIA

III

1926-28





TRABALHOS

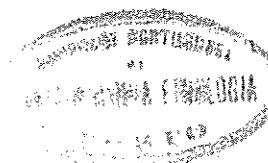
DA

Sociedade Portuguêsa

DE

Antropologia e Etnologia

VOLUME III



PORTO—1926—28

Séde da Sociedade: RUA DE SANTA CATARINA, 261-1.º



TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguêsa

DE

Antropologia e Etnologia

VOL. III — FASC. I

PORTO
IMPRESA PORTUGUESA
116 — Rua Formosa — 116
1926

39(05)

70a



NUCLEO DE PERIODICOS

FLUP-BIBLIOTECA (<)



769634

Trabalhos da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

ANTROPOLOGIA APLICADA

PELO

Prof. A. A. MENDES CORRÊA

Director do Instituto.

SUMÁRIO:—Conceito e hierarquia da Antropologia, valor dos seus métodos. As suas aplicações e as perspectivas destas. A Antropologia em História, Sociologia e Política. Antropologia artística. Tipos e individualidade. O estudo da criança das escolas. Antropologia profissional. Antropologia militar. Antropologia clínica; a importância médica da técnica antropométrica; alguns índices de robustez; tipos de morfologia clínica e combinações morfológicas individuais; o valor dos estigmas. A ineficácia do actual regimen penal e o estudo do criminoso. A Antropologia em medicina legal e policia científica. O ensino da Antropologia. Conclusão.

A *Antropologia* é um ramo da História Natural que consiste no estudo físico e psíquico do Homem *sob o ponto de vista comparado*, isto é, comparando-o com os outros animais e comparando os vários tipos humanos (actuais e fósseis) entre si.

Há muitos ramos científicos que se ocupam do Homem e dos agrupamentos humanos. Há muitas *ciências antropológicas*. Pertencem a êsse número a Anatomia, a Fisiologia, a Psicologia e a Patologia humanas, a História, a Economia Política, a Sociologia, etc. Mas a Antropologia nem engloba tôdas essas ciências nem é englobada em qualquer delas. Constitui uma ciência indi-

vidualizada, distinta, embora receba importantes subsídios dalguns dêsses ramos de saber, aos quais aliás também fornece, a seu turno, valiosos elementos.

Não são de estranhar uma tal colaboração e algumas afinidades de métodos e propósitos, numa época, como a nossa, em que a Físico-Química, a Química-Física, a Protistologia, etc., estão demonstrando a unidade fundamental da Ciência e do Universo e a dificuldade em atribuir uma rigidez de compartimentos estanques às antigas classificações das sciências, evidenciando que estas são afinal quadros mais ou menos artificiais em que o conhecimento humano decompõe as suas noções duma realidade una.

A Antropologia está na base e na cúpula de todos os estudos que se referem ao Homem. Define a posição dêste no mundo vivo, estabelece a pluralidade das formas humanas, e ousa ainda tentar o esclarecimento dos transcendentales problemas das origens, tendo já conseguido derramar luz sôbre muitas questões relativas ao homem primitivo e à formação dalguns povos.

A nobreza do seu objecto, a amplitude e elevação do seu programa, conferem-lhe sem hesitação um dos lugares primaciaes na hierarquia das sciências. Esta não deve medir-se por um mesquinho critério de utilidades e applicações imediatas. Um dos aspectos deploráveis do nosso tempo está exactamente no predomínio dado por muitos aos interesses materiais e às considerações utilitárias, em detrimento duma transcendente sistemática, duma cultura superior do espirito e dos mais elevados valores morais.

Mas comete um êrro grosseiro e revela profunda ignorância todo aquele que supõe a Antropologia um ramo de estudos meramente especulativos, abundante em dissertações filosóficas, em vagas conjecturas e em estatísticas tão aparatosas como desprovidas de real utilidade.

Relativamente aos problemas das origens — da origem do Homem e da origem dos povos e das raças — há, de facto, des-

proporção entre a soma colossal de esforços desenvolvidos e a massa restrita das aquisições positivas.

Mas análoga desproporção se observa também na Física e na Química quanto às teorias sôbre a constituição íntima da matéria e natureza de formas variadas de energia, na Astronomia quanto às origens dos mundos, na Biologia geral sôbre muitos problemas, como a origem e natureza da vida, as relações genealógicas das formas vivas, a questão tão sugestiva e transcendente do mecanismo íntimo da hereditariedade... Análoga desproporção existe emfim, na Medicina, em questões de etiologia e patogenia de muitas doenças, sôbre o mecanismo de acção de muitos agentes terapêuticos, etc. e ninguém ignora que só à dedicação e perseverança postas pelos médicos na sua cruzada em favor da humanidade enferma, se deve que a confiança ganha em alguns êxitos haja prevalecido sôbre o desânimo que os freqüentes insucessos dos esforços clínicos, as imperfeições de diagnóstico, e a incapacidade preventiva e curativa num elevadíssimo número de casos, sugeriram a muitos.

Abstraindo, porém, do que nela há de conjectural e vago, não faltam na Antropologia as aquisições positivas e úteis. O emprego do método estatístico, tão caluniado, apresenta grandes vantagens, desde que seja feito com um critério seguro, que acompanhe o investigador desde a colheita cuidadosa das observações até à coordenação e interpretação dos resultados.

O método estatístico é um método científico, baseado na applicação de processos matemáticos rigorosos. Condená-lo, mesmo desprezá-lo, é uma atitude ignara e nociva. O que todos devem condenar é o seu emprego *ilegítimo*, o seu emprego sem discernimento crítico, sem consciência do diverso valor dos resultados, sem o conhecimento sequer dos mais elementares processos do cálculo das probabilidades e das variações.

Tôda a *média* deve ser acompanhada do respectivo *êrro pro-*

vável ou do chamado *desvio padrão* (*standard deviation*) da série. São elementos que permitem ajuizar do valor estatístico daquela, da maior ou menor homogeneidade da série, da maior ou menor variabilidade do carácter estudado.

A diferença entre as médias de duas séries não tem significação estatística se não fôr pelo menos o triplo do *desvio padrão da diferença* ou do seu *erro provável*, elementos que se determinam, como os anteriores, por fórmulas do cálculo das probabilidades.

Da falta dessa análise crítica dos resultados estatísticos derivam as contradições encontradas, por exemplo, em tratados de anatomia, sobre certos caracteres. É que os autores generalizaram médias e diferenças que não tinham o necessário valor estatístico. Deram importância a pequenas diferenças numéricas de médias ou erigiram estas últimas sobre um pequeno número de casos.

Como em tôdas as sciências histórico-naturais, a *indução* é o método que a lógica estabelece à Antropologia. Da observação e comparação de casos individuais extrai-se a regra geral. Ora o que é indispensável é que essa generalização se efectue sobre um número *suficiente* de observações individuais, *realizadas conscienciosamente* e utilizadas com sólida crítica. Sem isto, a generalização, a indução, não é legítima.

Ora, à Antropologia não escasseiam materiais e resultados colhidos em tais condições. O que é lamentável é que se confundam no ânimo público e até no mundo científico essas contribuições de real valor e uma multidão de trabalhos levados a efeito por pesquisadores mal preparados para a sua tarefa ou obnubilados por apriorismos sectários. O rigor e a segurança dos resultados estão na razão directa do valor dos métodos e do rigor da sua aplicação. É incrível a ligeireza com que mesmo muitos espíritos cultos se esquecem desta verdade elementar e entram em jôgo com materiais cujos fundamentos não cuidaram de analisar previamente.

*

* *

Dissemos que não escasseiam na Antropologia as aquisições positivas e úteis. Assim é, e devemos acrescentar que ela presta mesmo relevantes serviços por muitas das suas aplicações práticas.

Tem-se feito rasgada fantasia no que se refere à utilização de dados antropológicos para a solução de questões de história, sociologia e política. Alguns supuzeram ingenuamente que êsses problemas encontram sempre soluções simples, e não faltou quem, com indevido unilateralismo, visse na *raça* o factor essencial e a explicação primária das directrizes dos acontecimentos históricos e da evolução das sociedades humanas.

Ora nem tais problemas são redutíveis a fórmulas tão simplistas, nem os estudos antropológicos tinham chegado já a um desenvolvimento tal que dêles fôsse possível extrair muitos dos resultados sobre os quais se pretendeu apoiar tão apressadas conclusões.

Além disso, em poucos domínios do saber humano pulularão tanto como na história e na sociologia os facciosismos perniciosos e as ideas preconcebidas. Não foi de estranhar que se tivesse chegado, por exemplo, a procurar fundamentar a ambição imperialista dos pangermanistas numa pretensa *Antroposociologia* ⁽¹⁾, que atribuía ao dólico-loiro nórdico tôdas as virtudes e hegemonias, outorgava ao índice cefálico uma significação que êle nunca poderia ter, e ousava até formular supostas *leis*, em que os mais

(1) Mendes Corrêa, *Raça e Nacionalidade*, Pôrto, 1919, pág. 9 e segs.; *Os problemas da análise etnológica*, «Rev. da Fac. de Letras do Pôrto», Pôrto, 1922, págs. 1 e 3 do extr.

complexos factos económicos, antropogeográficos, etc. apareciam ligados, em relações simples, exclusivas e categóricas, com êsse índice e com a raça. Assim se desacreditou o próprio nome de Antroposociologia, a tal ponto que em 1920, na sessão inaugural do Instituto Internacional de Antropologia, em Paris, propuz, e foi aceite, que se designasse por *Psico-sociologia étnica* o ramo de estudos antropológicos que procuram as relações entre os factos psico-sociais e a constituição antropológica dos povos ⁽¹⁾.

Porque, sem dúvida, tais relações existem. E é necessário procurá-las. Mas não são, repetimos, relações *simples, exclusivas*, como se pretendeu. O estudo da índole, da actividade, das qualidades morais, do valor social, etc. dos diferentes povos mostra-nos diferenças profundas que não podem ser consideradas funções do meio físico, de circunstâncias históricas ocasionais ou outras quaisquer, mas que são seguramente atribuíveis à diversidade da respectiva composição antropológica, à diversidade de raça. Ora na origem de toda a medida importante de administração pública ou de fomento deve encontrar-se um conhecimento tanto quanto possível perfeito das características psico-sociais das populações a que essa medida diz respeito.

Em política e economia coloniais sobretudo, em vista da variedade de aptidões, costumes, tendências, etc., das raças indígenas, o estudo científico destas constitui uma indispensável tarefa preliminar, do mesmo modo que se reclama também naturalmente, na administração e fomento das colónias, o conhecimento prévio do território e dos seus recursos e condições naturais.

A Alemanha, antes da guerra, puzera em execução êste plano racional, relativamente às suas colónias. Em Inglaterra, sir William

Ridgeway preconizou perante a British Association a fundação dum *Bureau of Anthropology*, que procedesse ao estudo sistemático do Homem e auxiliasse o administrador e o legislador, o comerciante e o missionário ⁽¹⁾. E justo é pôr em relêvo a brilhante iniciativa do México — onde, como noutros países americanos, se acotovelam e cruzam os representantes de raças muito diversas —, que instituiu no Ministério do Fomento uma *Dirección de Antropologia*, da qual já teem saído valiosos estudos sôbre populações actuais e antigas do território.

Pelo que diz respeito ao nosso país, a tarefa está apenas iniciada, e não por um organismo oficial instituído expressamente, mas pela boa vontade de investigadores isolados, muitas vezes desacompanhados de qualquer auxílio e estímulo, ou pelo esforço, também mal amparado financeiramente, de institutos universitários de investigação científica, entre os quais devem mencionar-se, para os estudos coloniais, os de Antropologia e Anatomia da Universidade do Pôrto. Há trabalhos antropológicos portugueses sôbre indígenas de Angola, Moçambique, Índia e Timor. Escusado é enaltecer a sua importância como títulos a apresentar porventura em pleitos internacionais em tôrno dos nossos direitos aos territórios coloniais, que tantas vezes somos acusados de não utilizar devidamente.

Por muitos motivos — afinidades de sangue, de língua, de história, mesmo de interesses — cabe perguntar se no Brasil, na grande nação, que atesta brilhantemente o esforço colonizador dos portugueses, estudos desta natureza teem sido levados a efeito intensamente. O Brasil é, como com verdade se tem dito, um colossal laboratório de etnogenia. Ali se entrechocaram e, em

⁽¹⁾ *Os problemas da análise etnológica*, op. cit., pág. 1, nota 2; e «Revue Anthropologique», Pôrto, 1920, pág. 240.

⁽¹⁾ W. Ridgeway, *The application of zoological laws to Man*, «Nature», vol. 78, London-New York, 1908, pág. 53.

parte, se fundiram elementos antropológicos de muito diversas proveniências, brancos europeus, negros africanos, índios aborígenes, e nessa massa heterogénea incidiram as acções modeladoras dos meios novos e surgiram tipos variados de mestiços, os mulatos (mixtos de raça branca e negra), os mamelucos (mestiços de raça branca e índia) e os cafusos (de negra e índia), com numerosas modalidades intermédias, os pardos, os fulos, etc.

O estudo dalgumas populações aborígenes do Brasil tem sido realizado por investigadores nacionais e estrangeiros, avultando os trabalhos de Lacerda, Peixoto, Hansen, Ehrenreich, Farabee, etc. sobre os restos prehistóricos de Lagoa Santa e dos *sambaquis* e sobre índios actuais do interior do país, especialmente da Rondônia, região a cujo estudo ligou o seu nome ilustre de naturalista o sábio director do Museu Nacional do Rio de Janeiro, sr. Prof. Roquette Pinto. Tem êste eminente antropólogo recolhido numerosos materiais para o conhecimento científico da população brasileira, em cujo estudo tem marcado também um lugar de subido relêvo o brilhante escritor dr. Oliveira Viana, autor da *Evolução do povo brasileiro* e das *Populações meridionais do Brasil*.

Procurando relacionar os dados antropológicos com as características psicológicas e sociais, com a história, com a política e com a economia, o dr. Oliveira Viana tem desenvolvido o esforço máximo de sistematização e crítica perante as nossas possibilidades no estado actual da sciência em tão complexo terreno. Os seus livros são afirmações dum grande espírito, dum perfeito equilibrio, dum extraordinária cultura e dum belo patriotismo. No domínio puro de antropologia, representam a utilização criteriosa e feliz, com as naturais reservas, de todos os materiais existentes e dispersos e, além disso, as linhas essenciais dum formidável programa de pesquisas, cuja efectivação criará, a bem dizer, uma nova sciência. A composição antropológica do povo brasileiro (no seio do qual, como me escreve com a maior autori-

dade, o Prof. Roquette Pinto, se formaram não *um* ⁽¹⁾, mas *vários* tipos, «alguns estáveis e fortes»), o eugenismo dos diferentes elementos componentes, o valor psico-social desses elementos e dos produtos da sua mestiçagem, o papel do meio físico e social na evolução daquele povo, são (entre muitas outras) questões postas admiravelmente em equação nos seus livros e artigos pelo dr. Oliveira Viana, que assim está no Brasil rasgando amplos horizontes a um dos mais importantes domínios da Antropologia aplicada.

A Antropologia geral ainda encontra fortes dificuldades para, na análise etnológica, discriminar o que é atribuível à influência de cruzamentos ou à influência do meio. Multiplicam-se os pareceres dos autores sobre a classificação das raças puras, sobre o modo de transmissão e a repartição dos caracteres dos progenitores nos descendentes, sobre as características fisiológicas, psicológicas e sociais dos mestiços relativamente às raças originárias, sobre a extensão e fixidez das modificações de origem mesológica ⁽²⁾.

Nessas condições, os dados antropológicos tem de ser criteriosamente utilizados em estudos sociológicos e políticos, sem o que se corre o risco de cometer graves e perniciosos erros ou dar margens a uma fantasia superficial e vã.

A atitude científica, no estado actual dos nossos conheci-

(1) No seu notável artigo *O tipo étnico brasileiro*, («Terra de Sol», n.º 9, Rio de Janeiro, 1924, págs. 340 e 342), o dr. Oliveira Viana diz que um tipo resultante da fusão das raças originárias da população brasileira está muito longe de se formar, porque há ainda «grossos contingentes» dessas raças em estado puro e, na verdade, o território brasileiro é «de norte a sul, do litoral aos sertões... um prodigioso laboratório de etnogenia, onde se está elaborando a mais variada colecção de tipos antropológicos até hoje conhecida entre povos civilizados».

(2) Mendes Corrêa, *Os problemas da análise etnológica*, op. cit.; *L'hérédité mendélienne et l'analyse ethnologique*, «Natur und Mensch», Berne, 1922.

mentos, não deve ser nem a de Chamberlain na *Gênese do século XIX*, confiante em excesso tanto na latitude do factor raça como no que das raças se supõe saber, nem a recente, diametralmente oposta, de Spengler, que se propõe fazer a execução formal dêsse factor, na sua interpretação pretensamente ascientífica da História, e indevidamente confere à *casa* um valor semeótico histórico superior ao da morfologia somática, comparando erroneamente aquela à concha dos Moluscos e negando com exclusivismo inadmissível o valor e uma evolução das raças e dos caracteres antropológicos (1).

Os inqueritos de Davenport, de Fischer, de Frets, Kaarlo Hildén, Byrn, Holbé, da escola de Antropologia de Paris, etc. não nos deram ainda com certeza as expressões numéricas da hereditariedade nos cruzamentos, e aconselham reserva nas ilações genéricas sôbre o valor psicológico e social dos mestiços, inferiores às raças puras segundo Gobineau, Knox, Perier e outros, pelo contrário superiores segundo o barão de Reitzenstein e os partidários americanos da miscegenação — anomalias transitórias segundo a teoria da diversidade fisiológica dos cruzamentos, de Broca, ou produtos duma eugenesia absoluta das raças, no critério de Quatrefages.

Como êste problema, outros esperam ainda solução definitiva e segura, e assim, se não podemos concluir pela possibilidade de, desde já, se reduzir a uma explicação antropológica a filosofia da História, não devemos também supor nulo o interêsse histórico e sociológico da Antropologia. Basta ter em conta a utilidade das simples constatações empíricas da Antropologia cultural, que tão preciosos elementos pode fornecer sôbre a índole e as aptidões das raças.

(1) Oswald Spengler, *La decadencia de Occidente*, trad. Morente, 2.ª parte, vol. III, Madrid, 1926, págs. 171, 183, etc.

*

* *

A Antropologia artística é um dos ramos mais sugestivos da ciência antropológica. Mostrámos recentemente, numa conferência na Universidade de Coimbra (1), como são grandes os serviços que os estudos antropológicos podem prestar na elaboração e na própria interpretação da obra de arte.

Muitos *cânones* antropométricos, muitas mensurações do corpo humano, foram estabelecidos no objectivo de guiar o artista que se propõe representar a figura humana. Os antigos egípcios utilizavam o cânon de proporções chamado de Lepsius, que Broca verificou identificar-se com um tipo de negro do Sudão. Entre os gregos divulgou-se o cânon de Policeto de Argos e entre os romanos o de Vitruvius. Com o Renascimento e nos tempos modernos muitos outros padrões surgiram, entre os quais um designado mesmo por *cânon dos ateliers*. E não faltaram algumas medidas, como o ângulo facial de Camper, inspiradas na necessidade de corrigir defeitos de representação artística de alguns tipos étnicos.

Mas não é só na elaboração das obras de arte que a Antropologia pode prestar reais serviços. Ela ainda é útil na sua interpretação, quer elucidando-nos sôbre as diferentes concepções étnicas da figura humana através do tempo e do espaço, quer permitindo a identificação de personagens ou de tipos representados pelos artistas.

Cumprê notar que, reciprocamente, a Arte tem também fornecido materiais à investigação antropológica. Mencionámos na aludida conferência, além de outras, as tentativas de utilização de

(1) Mendes Corrêa, *A Antropologia nas suas relações com a Arte*, Pôrto, 1925.

materiais dessa ordem feitas por Charles de Uffalvy, Salomon Reinach, Júlio Tello, e por nós mesmos.

A colaboração do antropólogo e do artista deve ser freqüente. Dela resultam mútuos benefícios. Ainda numa recente monografia antropológica sobre Islandeses ⁽¹⁾ se refere o parecer valioso dum artista sobre os tipos de raça representados nessa população e respectivas percentagens. É como, no domínio da Antropologia cultural, ainda mais se acentua o valor duma tal colaboração!

*

* *

Se a Antropologia social e política se refere a grupos étnicos, a povos, a grandes massas humanas, a Antropologia pedagógica, a Antropologia profissional, a Antropologia criminal, a Antropologia judiciária, a Antropologia clínica, embora tendo como ponto de partida séries numerosas de observações e interessando naturalmente às colectividades, dizem respeito sobretudo a indivíduos isolados, para cujo estudo fornecem métodos, classificações, materiais. A *individualização* está na base dessas aplicações, nas quais os tipos ideais, as normas genéricas, figuram apenas como instrumentos auxiliares na pesquisa da *realidade individual*.

Para o verdadeiro educador não há uma criança teórica, mas crianças tôdas diferentes umas das outras. Para o criminologista e para o jurista, que estão dentro das modernas orientações, não existe *um* tipo de criminoso, mas existem *criminosos*.

Para o médico, é já um lugar comum dizer-se que não há doenças, mas doentes.

Nestes ramos de ciência aplicada, o caso individual, a *individualidade*, readquire o seu valor, os seus direitos, a sua complexidade essencial, a sua especificidade, as suas características próprias, perante as fórmulas abstractas e perante as concepções sintéticas. A pedagogia, a criminologia, a medicina, cada vez mais intensamente proclamam a desigualdade natural dos seres humanos e a necessidade de, perante cada caso, pautar a atitude educativa, correccional, profilática e terapêutica pelo seu condicionalismo e índole especial. Só essa atitude é científica e pragmática. Só essa atitude se coaduna com a verdade biológica e com a utilidade individual e colectiva.

A Antropologia pedagógica ou escolar confunde-se com a *Pedologia*. É tôda uma ciência, rica de materiais e de perspectivas fecundas e sugestivas. Nenhuma criança deve freqüentar a escola sem ser observada a miúdo, sob o ponto de vista médico-antropológico, e este exame, que deve envolver todos os aparelhos do seu organismo, será a base para a escolha do regimen educativo a adoptar.

A colaboração do médico-antropologista e do professor deve ser permanente e efectiva. Ela constituirá para as gerações futuras uma garantia melhor de eficiência social e de bem-estar do que tôdas as reformas políticas de devaneadores legisferantes. Os Itard, os Séguin, os Bourneville, os Wiazemski, os Binet, os Godin, os Claparède, são beneméritos da Humanidade a mais justo titulo do que os maiores capitães da História.

Não se suponha que para o referido exame bastam os conhecimentos usuais do médico. Este tem, para tal efeito, de se munir duma preparação antropológica especial, técnica antropométrica necessária, alguns métodos de psicologia experimental, certos conhecimentos sobre o desenvolvimento da criança e sobre

(1) Gudmundur Hannesson, *Körpermasse und Körperproportionen der Isländer*, Reykjavik, 1925 (anal. de Van Gennep in «*Mercure de France*», t. CLXXXVII, Paris, 1926, pág. 700).

variações sexuais, etárias, étnicas, sociais, etc., da sua morfologia e da sua psicologia.

Poucos médicos escolares possuirão uma tal preparação. Poucos terão ouvido falar, por exemplo, nos resultados tão interessantes de Rowe, Strong, Loades, Pyle, Saffioti, etc., sobre diferenças mentais entre crianças de várias raças. Poucos terão tido notícia dos trabalhos de Pyle e Niceforo sobre as importantes diferenças somáticas e psíquicas em crianças de várias classes sociais. Estou em crer que a muitos, a quasi todos, faltarão mesmo noções essenciais de técnica antropométrica, que só nos laboratórios especializados se aprendem devidamente, e nunca em leituras mais ou menos superficiais de livros omissos em detalhes, ou mesmo por vezes nada exactos.

No Instituto de Antropologia da minha direcção, teem sido levados a efeito vários trabalhos de Antropologia escolar. Êle forneceu fichas médico-antropológicas para alguns estabelecimentos de ensino, e tomou a iniciativa de questionários, um aos alunos dos liceus, nos moldes aproximados dum inquérito feito pelo Príncipe Wiazemski nos liceus búlgaros de Sofia, e outro, endereçado aos professores primários, sobre delinquência escolar (1). Além disso, como trabalhos do Instituto, a sr.^a D. Laura da Silva Passos fez uma série de investigações sobre a estatura, a braça e o índice esquelico em 150 crianças das escolas primárias do Pôrto; mais tarde, as sr.^{as} D. Raquel C. Fernandes Braga e D. Elvira Arriscado Nunes trataram da estatura, de pé e sentado, do pêso, e dos índices esquelico e bárico em 527 crianças, de ambos os sexos, das escolas primárias do Pôrto; a sr.^a D. Maria Amália da Costa Lima ocupou-se da estatura, pêso, perímetro torácico, perímetro do braço, coeficiente de robustez de Pignet e

(1) Mendes Corrêa, *Inquéritos escolares*, «Educação Nova», Pôrto, 1925.

valor numérico de Messerli em crianças também das escolas primárias do Pôrto; a sr.^a D. Irene Cândida de Melo Pestana averiguou do grau de agudeza visual em crianças de ambos os sexos, da cidade e do campo, encontrando curiosas diferenças; ultimamente o sr. Fernando Macedo Chaves procedeu a investigações de psicologia experimental também em crianças das escolas, em Braga e no Pôrto, em número de 180 casos. Cabe mencionar os estudos por nós mesmos feitos em crianças delinquentes da Tutoria da Infância desta cidade (1).

*

* *

A Antropologia profissional é também um ramo aplicado da maior importância económica e social. O antropologista não abandona os seus observados à saída da escola. Acompanha-os à oficina, ao trabalho industrial. Auxilia o diagnóstico das aptidões, a avaliação da robustez, a determinação duma orientação profissional. É imprescindível numa organização científica do trabalho, sendo muito desejável que ela não interviesse apenas na escolha da profissão e na admissão dos candidatos, mas acompanhasse o exercício da actividade profissional, sobretudo em organizações, das quais fazem parte serviços muito variados, formas muito diversas de trabalho, como, por exemplo, nas empresas ferro-viárias.

Há interessantes estigmas profissionais (2). Há também modi-

(1) Mendes Corrêa, *Crianças delinquentes*, Coimbra, 1915. Sobre a importância da Antropologia escolar, vid.: Bettencourt Ferreira, *Antropologia escolar—Inspeção da criança*, «Educação Social», 1, Lisboa, 1924, págs. 231 e 262.

(2) J. Bettencourt Ferreira, *Estigmas profissionais*, «Educação Social», Lisboa, 1925.

ficações que a idade e o próprio trabalho vão provocando na capacidade para o exercício da profissão.

É um corolário lógico do taylorismo a apreciação dessas modificações e das conseqüentes alterações do regimen de trabalho, no sentido de se obter o máximo conveniente de esforço útil (que está longe, segundo Coulomb, Imbert e outros, do *esforço máximo*) sem os perigos dum *surmenage* progressivo e dum rápido aniquilamento da capacidade individual.

O fisiologista e o engenheiro que, em feliz cooperação, ajuizam das condições de trabalho e procuram estabelecer a sua índole e o seu ritmo, no objectivo do maior rendimento, mas sem as perigosas conseqüências da fadiga e sem prejuízo da normalidade do organismo humano, devem entrar em linha de conta com elementos antropométricos e doutras ordens (como diferenças étnicas de capacidade e energia profissional) cuja análise reclama certos conhecimentos antropológicos — está no domínio da Antropologia.

Jacob Moleschott escreveu que o homem é aquilo que come, — «*Man is what he eats*» —, e nessa orientação, houve quem tentasse explicar exclusivamente pelos regimens e rações alimentares a diversidade de aptidões, tendências e actividades de Chineses, Esquimós, Europeus, Negros, etc. (1).

É certo que a quantidade e composição dos alimentos determinam em grande parte o rendimento e mesmo as faculdades do organismo humano ao qual êles fornecem a energia. Mas a utilização desta varia com a idade, com o sexo, com a saúde, com o clima, com a raça, com a actividade, com os próprios indivíduos. Poderá mesmo dizer-se que muitas vezes o regimen alimentar é

(1) Rudolph M. Binder, *Man is what he eats*, «*Scientific American*», New-York, 1925, pág. 374.

em grande parte a expressão das necessidades estabelecidas por um mecanismo interno auto-regulador. Excluídos os casos patológicos de anorexia, bulimia, etc., o homem não procura no quadro das possibilidades do mundo exterior, isto é, com as limitações dos recursos naturais e das condições económicas, as matérias alimentares que o seu organismo exige automaticamente, regulando também automaticamente, dentro das referidas possibilidades, as quantidades respectivas. Dêste feitio, é menos justificado dizer-se «o homem é aquilo que come» do que, feitas as restrições indicadas, «o homem come segundo aquilo que é — e precisamente porisso». Não se explica doutro modo, por exemplo, a preferência dos intelectuais pelos alimentos excitantes do sistema nervoso.

A questão económica da mão de obra é essencialmente um problema de Antropologia fisiológica, em que a individualidade, com a sua constituição, com o seu temperamento, com o seu quimismo celular, com o seu metabolismo próprio, proclama bem alto os seus direitos e põe em cheque mais uma vez as fórmulas exclusivistas ou genéricas, fornecendo assim o motivo não só da diversidade das rações alimentares, propostas como racionais pelos fisiologistas, mas também doutras inúmeras divergências de parecer que neste campo pululam. Não é possível a *standardização* da chamada «máquina humana», como é a de dínamos, automóveis, ou outros maquinismos da engenharia.

Falando na Antropologia profissional (1), é cabido dizer-se que no seio de certas profissões tem também, reciprocamente, colhido a Antropologia geral valiosos materiais. As fábricas, por

(1) Sobre o estudo da orientação e a avaliação da capacidade profissional, vid., por exemplo: René Laufer & Paul-Boncour, *Sur le rôle du médecin et la fiche médicale au point de vue de l'orientation professionnelle*, «*Rev. Anthr.*», XXXIII, Paris, 1923, pág. 285; *Remarques sur le contrôle biométrique de l'enfant en vue de l'orientation générale professionnelle*, id., XXII, 1922, pág. 402; Paul Godin, *Étude des caractères morphologiques et fonctionnels, révélant la capacité vitale et la capa-*

exemplo, fornecem grandes massas de indivíduos para estudos antropológicos despidos mesmo dum objectivo estritamente profissional. Utilizaram-se *sujets* dessa proveniência em alguns trabalhos de investigação levados a efeito no Instituto que dirijo, como, por exemplo, no da sr.^a D. Bela de Agrela, sobre uma série de 100 observações para determinação do *canon* antropométrico da mulher portuguesa, que poderá ser pôsto em paralelo com o *canon* masculino, determinado pelo sr. Germano S. Pimenta, em trabalho que sai do mesmo Instituto, sobre cerca de 200 observações. Tais cânones, levados a efeito segundo a técnica de Martin, utilizada também recentemente por A. Rott no seu estudo da mulher alemã⁽¹⁾, estavam por obter. Havia apenas os cânones infantis, determinados por Alves dos Santos⁽²⁾ sobre mensurações de várias proveniências, e as médias antropométricas sobre 25 casos, fornecidas por Ferraz de Macedo para confronto dos seus resultados sobre criminosos⁽³⁾.

Mais freqüentemente ainda do que nas oficinas e nas fábricas se buscam nos quartéis as longas séries de *sujets* para observações antropológicas. Importantes estudos antropológicos de Livi, em Itália, de Collignon, em França, de Sanchez Fernandez, em Espanha, de Fonseca Cardoso, em Portugal, e tantos outros, foram levados a efeito sobre soldados. Durante a grande guerra os

cité professionnelle aux divers âges, dans les deux sexes et dans les différentes races, id., XXXI, 1921, pág. 329; Matiegka, *La capacité de travail du corps humain*, id., pág. 331; o livro de Claparède da biblioteca Flammarion sobre diagnóstico das aptidões; etc., etc. Sobre a orientação profissional de mutilados, dei algumas breves indicações bibliográficas no meu artigo *Taylorismo e reeducação profissional*, «Portugal Médico», Pôrto, 1917.

(1) A. Rott, *Körperbaustudien an deutschen Frauen*, «Anthrop. Anzeiger», III, Munich, 1926, pág. 39.

(2) Alves dos Santos, *O crescimento da criança portuguesa*, «Bol. Bibliogr. da Univ. de Coimbra», III, Coimbra, 1916.

(3) Ferraz de Macedo, *Crime et criminel*, Lisbonne, 1892.

enormes contingentes humanos que se mobilizaram, forneceram óptimos mananciais de estudo. Recordemos, por exemplo, os trabalhos de Biasutti⁽¹⁾ sobre prisioneiros croatas, eslovenos, húngaros e romenos e de Egon von Eickstedt sobre prisioneiros de batalhões indianos⁽²⁾ e as investigações de Hirschfeld⁽³⁾ em centenas de soldados, relativamente às suas reacções hemáticas. Pelo que diz respeito à Antropometria, convem não esquecer que durante a idade militar o homem está ainda em pleno crescimento, o que levou os antropólogos, como, por exemplo, Deniker⁽⁴⁾, a propor correcções a algumas medidas obtidas, a fim de que elas possam ser tomadas como correspondentes a uma fase adulta de completo desenvolvimento.

Entre nós, além dos trabalhos de Fonseca Cardoso, a que já fizemos alusão, e doutros investigadores, fundaram-se na população dos quartéis estudos vários do nosso Instituto, como os que efectuámos na Beira Alta⁽⁵⁾, as investigações inéditas do sr. Simeão Nunes Vitória sobre a orelha em 112 soldados⁽⁶⁾, os estudos do

(1) Renato Biasutti, *Osservazioni antropologiche su prigionieri di guerra (Croati, Sloveni, Ungheresi e Romeni)*, «Arch. per l'Antr. e la Etnol.», vol. LI, Firenze, 1923.

(2) Egon von Eickstedt, *Zur Anthropologie der Garhwali im Himalaya*, «Mitteil. der Anthrop. Gesellschaft in Wien», LVI, Wien, 1926.

(3) L. Hirschfeld & M.^{me} Hirschfeld, *Essai d'application des méthodes sérologiques au problème des races*, «L'Anthropologie», t. XXIX, Paris, 1918-19. Já há muitos outros trabalhos deste género, quasi todos fundados na observação de militares. Vid. sobre o assunto meu artigo *As tentativas bioquímicas de definição da raça e do individuo* (na «Águia», Pôrto, 1926).

(4) J. Deniker, *Les races de l'Europe*; II, *La taille en Europe*, «Congrès de Lyon de l'Ass. Franç. pour l'Avanc. des Sc.», Paris, 1908.

(5) Mendes Corrêa, *Contribuição para o estudo antropológico da população da Beira Alta*, «Anais Scient. da Acad. Polit. do Pôrto», t. X, Coimbra, 1915; *Sobre o índice nasal na Beira Alta e um crânio desarmónico beirão*, id., XII, Coimbra, 1917; *Antropologia da Beira Alta*, «Instituto», Coimbra, 1917.

(6) Mendes Corrêa, *Curso de Antropologia na Universidade do Pôrto — Trabalhos dos alunos*, Pôrto, 1923, pág. 13.

sr. José Afonso Botelho da Silva Branco em Traz-os-Montes ⁽¹⁾, as observações serológicas da sr.^a D. Adélia Seirós da Cunha em cerca de 500 soldados dos quartéis do Pôrto ⁽²⁾, os estudos de dinamometria e coeficientes de robustez realizados em 317 soldados de Braga pelo sr. dr. João Fernandes de Freitas ⁽³⁾.

Já em 1892 Rocha Peixoto, salientando a actividade de Fonseca Cardoso, vivamente aconselhava a utilização das guarnições militares com objectivo antropológico ⁽⁴⁾. Aurélio da Costa Ferreira, por ocasião da guerra europeia, publicava uma conferência demonstrando as vantagens da Auxanometria militar ⁽⁵⁾ e num artigo na «Medicina contemporânea» dava úteis instruções aos médicos militares sobre o emprêgo dos coeficientes de robustez, da dinamometria, da ergometria, de certos processos de psicologia experimental e de classificação morfológica, no serviço das juntas de inspecção médica militar, quer para o recrutamento de manebos, quer para selecção de candidatos a aviadores, etc. ⁽⁶⁾.

*

* *

Mas não é apenas ao médico escolar, ao médico de estabelecimentos industriais ou ao médico militar que interessa fundamentalmente o conhecimento da Antropologia geral pelos serviços

(1) Mendes Corrêa, *Curso de Antrop.* etc., op. cit., pág. 22.

(2) Constituirá o assunto duma tese de doutoramento.

(3) Tese de doutoramento, ainda não impressa.

(4) A. A. da Rocha Peixoto, *A Anthropometria no exército*, «Revista Militar», XLIX, Lisboa, 1897, pág. 97. Aí veem citadas as publicações anteriores do mesmo autor sobre o assunto.

(5) A. Aurélio da Costa Ferreira, *Auxanometria militar*, «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. III, pág. 207, Lisboa, 1917.

(6) Id., *Antropologia Militar*, «Medicina Contemporânea», Lisboa, 1916.

positivos que presta na colheita e interpretação de dados essenciais das suas tarefas. Esse ramo de saber é necessário, dum modo genérico, a todo o médico, aos clínicos sem excepção.

Assim o entendeu a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, dirigindo-se às Faculdades de Medicina do país no sentido de obter a inclusão do ensino da Antropologia geral no quadro dos estudos médicos, podendo fazer parte dos preparatórios médicos com tão justo título como a Botânica ou a Zoologia ou ser mesmo colocado depois do ensino da Anatomia e da Fisiologia, o que seria talvez pedagogicamente mais eficaz. A tal instância respondeu apenas a Faculdade de Medicina do Pôrto, que concordou em princípio, afirmando, porém, a dificuldade prática de pôr em execução tal projecto. Mas na Faculdade de Medicina de Lisboa já foi instituído em tempos um curso livre de Antropologia anatómica, confiado ao Dr. Aurélio da Costa Ferreira, e na recente reorganização dos estudos da Escola Médica de Gôa figura a Antropologia numa disciplina, conjuntamente com a Medicina Legal.

A técnica antropométrica deve ser do conhecimento exacto do médico ⁽¹⁾. Não faltam as modalidades nosográficas em que as medidas se impõem, quando à simples vista não surgem as variações métricas de valor semeológico. As mensurações são interessantes em pediatria, nas doenças do crescimento, na acromegalia, no mixedema, na tuberculose (onde, segundo Chavigny, citado por Costa Ferreira, a pesagem periódica fornece um tão precioso elemento de diagnóstico precoce), etc. Ora antropometria, sem escolha criteriosa de medidas a efectuar, sem fixação rigorosa de

(1) Sobre o assunto, vid.: Walter Scheidt, *Anthropometrie und Medizin*, «Müncher Med. Wochenschrift», Munich, 1921, pág. 1653; e os trabalhos, adiante citados, do Prof. Martin.

pontos de referência, sem aparelhos adequados, sem precauções técnicas de vária ordem, não é... nada.

Pretender com uma fita métrica qualquer medir o comprimento dos segmentos dos membros, ignorando ao mesmo tempo os pontos de referência fixados e as atitudes convenientes dos observados, e não tendo feito uma selecção criteriosa das mensurações a efectuar, de acôrdo com as listas estabelecidas pelos Congressos e tratados especiais e adoptadas por observadores cujos dados podem ser utilizados em confrontos, é... tempo inteiramente perdido numa tarefa inutil e illusória.

Para o estudo das proporções do corpo, das dimensões cefálicas, das dimensões do tronco e dos membros, é necessário tomar como base de trabalho as instruções dos Congressos Internacionais de Mónaco e de Genebra, ou as fornecidas por Martin no seu grande tratado ou nos seus resumos (1).

A robustez pode ser apreciada pela utilização do *coeficiente de Pignet*, que modificado por Mayet, é expresso pela fórmula:

$$R = E - \left(P + \frac{p_i + p_e}{2} \right)$$

em que E é a estatura expressa em cm., P o pêso expresso em kgr., p_i e p_e respectivamente os perímetros torácicos mamilares à inspiração e à expiração (em cm.). Quanto mais baixo fôr o valor de R , maior deve ser a robustez. Para êste coeficiente foi dada a seguinte classificação: menos de 10, constituição muito forte; de 11 a 15, forte; de 16 a 20, boa; de 21 a 25, média; de 26 a 30, fraca; de 31 a 36, muito fraca; de 36 para cima, péssima. Esta

(1) R. Martin, *Lehrbuch der Anthropologie in systematischer Darstellung*, Iena, 1914. Os resumos veem adiante citados.

classificação não é adoptável para crianças, nas quais os coeficientes são mais altos do que nos adultos (1).

O chamado *valor numérico de Messerli* é dado pela expressão

$$V = B - R$$

em que B é o perímetro do braço no meio (em cm.). Contrariamente ao que sucede com o coeficiente de Pignet (R), êste valor exprime uma robustez tanto maior quanto mais elevado fôr.

No estudo já referido e saído do Instituto de Antropologia da minha direcção, sôbre os coeficientes de Pignet e Messerli e a dinamometria em 317 soldados dos regimentos de Braga, o seu autor, dr. João Fernandes de Freitas, concluiu por dizer que a determinação do coeficiente de Pignet dispensa a do de Messerli, afirmando também que as indicações dinamométricas, muitas vezes falseadas por imperícia ou propósito dos *sujets*, teem, por isso mesmo, menos valor do que aqueles índices na apreciação da robustez física.

É muito interessante também o *índice ponderal de Röhrer* ou *índice bário* (*Index der Körperfülle*), cujas variações etárias, sexuais, sociais, raciais, etc. pareceram de grande importância a Giuffrida-Ruggeri (2), Bardeen e outros autores:

$$I = \frac{P \times 100}{E^3}$$

(1) Ao coeficiente de Pignet foi oposta a objecção de que envolve medidas duma ordem muito diversa, como são a estatura e o pêso. Mas o mesmo sucede com o índice de Quetelet e outros, em que se não entra em linha de conta com êsse facto, não se elevando a estatura ao cubo ou extraindo a raiz cúbica ao pêso. O coeficiente de Pignet tornou-se de uso corrente.

(2) V. Giuffrida-Ruggeri, *L'indice bario. La microbaria dell'adolescencia, l'allobaria sessuale e proposta di classificazione*, «Archivio di Fisiologia», XVI, 1917-1918; id., *L'indice bario in certe sezioni di popolazione e nei due sessi*, «Rivista di Antrop.», XXIII, Roma, 1919.

Para os adolescentes de ambos os sexos, Giuffrida considera de índice bórico deficiente os que tenham menos de 1,20, baixos os de valores intermédios entre 1,21 e 1,25, médio os de 1,26 a 1,30, bom de 1,31 a 1,35 e ótimo de 1,35 para cima. As duas primeiras categorias constituem a microbária, a terceira a mesobária e as duas últimas a megabária. A microbária grave e prolongada depende das condições de nutrição, escreve Giuffrida, e o índice bórico pode considerar-se um novo índice das condições de alimentação boa, suficiente ou escassa.

Para os adultos, propoz a seguinte classificação:

	♂	♀
Microbária	X — 1,33	X — 1,43
Mesabária	1,34 — 1,40	1,44 — 1,50
Megobária	1,41 — X	1,51 — X

Mas, entre os adultos, a microbária aparece frequentemente como um carácter de raça.

Os estudos feitos no nosso Instituto pelas sr.^{as} D. Raquel Fernandes Braga e D. Elvira Arriscado Nunes sobre mais de 500 crianças portuguesas de ambos os sexos permitirão ajuizar das variações etárias do índice bórico entre nós.

Aquele autor italiano, como outros, pôs também em evidência o valor antropológico do *índice esquelico* ⁽¹⁾, obtido dividindo pela estatura de pé o produto da estatura sentado por 100.

A classificação proposta para este índice, é a seguinte:

	♂	♀
Macrosquélia	X — 51,0	X — 52,4
Mesatisquélia	51,1 — 53,0	52,5 — 54,4
Braquisquélia	53,1 — X	54,5 — X

⁽¹⁾ V. Giuffrida-Ruggeri, *Documenti sull'indice schelico*, «Rivista di Antrop.», XX, Roma, 1916; *L'indice schelico nei due sessi*, id., XXI, Roma, 1916-1917.

É um índice excelente para ajuizar das proporções relativas do tronco (e cabeça) e dos membros inferiores. Os braquisquéllicos, por exemplo, teem o tronco e a cabeça relativamente longos e os membros inferiores curtos. Mas estas proporções, como outras, variam muito com a raça. Nos portugueses adultos calculei sobre os dados de Ferraz de Macedo em 25 observações o índice esquelico médio de 51,6, mesatisquéllico, muito próximo da média espanhola de Sanchez Fernandez, 52,1. Dêste índice em cerca de 700 crianças portuguesas se ocuparam, no nosso Instituto, como já foi dito, as sr.^{as} D. Laura Passos ⁽¹⁾, D. Raquel Braga e D. Elvira Arriscado Nunes.

Não exporemos o processo de Matiegka para o cálculo — com o objectivo da selecção profissional — da eficiência física, baseado numa avaliação dos pesos dos músculos, do esqueleto e da pele, tecido adiposo, etc., avaliação feita sobre elementos métricos variados e mediante alguns coeficientes ⁽²⁾. É um método extremamente laborioso, estes coeficientes são ainda duvidosos, e os resultados obtidos muito problemáticos. Não exporemos também muitos outros índices propostos para a apreciação da robustez e desenvolvimento geral do corpo ⁽³⁾.

Para ajuizar das proporções das partes do corpo, sob o ponto de vista médico, muitas outras mensurações são necessárias. Rudolf Martin, num artigo sobre Antropometria no «*Müncher medizinischen Wochenschrift*» ⁽⁴⁾ aconselhava, além do pêso e esta-

⁽¹⁾ Mendes Corrêa, *Curso de Antropologia na Universidade do Pôrto — Trabalhos dos alunos*, Pôrto, 1922, págs. 12 e 13.

⁽²⁾ Jindrich Matiegka, *The testing of physical efficiency*, «*Amer. Journ. of Phys. Anthr.*», IV, Washington, 1921, pág. 223.

⁽³⁾ Podem estudar-se alguns em: R. Martin, *Anthropometrie — Anleitung zu selbständigen anthropologischen Erhebungen un deren statische Verarbeitung*, Berlin, 1925, pág. 21 e segs.

⁽⁴⁾ R. Martin, *Anthropometrie*, «*Müncher medicin. Wochenschrift*», n.º 11, págs. 383-389, Munich, 1922.

tura, as seguintes, para cuja determinação fornecia as regras indispensáveis: Altura, acima do solo, do chamado ponto supra-esternal; altura do symphision, no meio do bordo superior da sínfise púbica, (também acima do solo, como as alturas seguintes) ⁽¹⁾; altura do acrómion direito; altura da entrelinha articular radio-humeral direita ⁽²⁾; altura da extremidade da apófise estilóidea do rádio direito ⁽³⁾; altura da ponta do dedo médio direito ⁽⁴⁾; a altura da espinha ilíaca antero-superior direita; a altura do rebordo articular interno da cabeça da tíbia direita ⁽⁵⁾; a altura da ponta do maléolo interno direito ⁽⁶⁾; a braça; altura do busto ou estatura sentado; largura entre os dois acrómions; largura entre as duas cristas ilíacas; largura bitrocantérian; diâmetros sagital e transverso do torax; largura da mão direita; largura do pé direito; comprimento do pé direito; perímetro do pescoço; perímetros torácicos em repouso, na inspiração e na expiração; perímetro mínimo da cintura; perímetro máximo do braço direito; perímetro máximo do antebraço direito; perímetro mínimo do mesmo; perímetro máximo da coxa; perímetro máximo da perna; perímetro mínimo da mesma; circunferência horizontal da cabeça; diâmetro antero-posterior máximo; diâmetro transverso máximo; diâmetro frontal mínimo; largura bizigomática; largura bigoníaca; altura total da cabeça ⁽⁷⁾; altura morfológica da face; altura auricular; largura e altura do nariz. Algumas destas medidas permitem a determinação de índices importantes, como o cefálico e o nasal.

⁽¹⁾ A diferença destas duas medidas dá a altura anterior do tronco.

⁽²⁾ A diferença entre esta medida e a anterior dá o comprimento do braço.

⁽³⁾ A diferença com a anterior dá o comprimento do antebraço.

⁽⁴⁾ A diferença com a anterior dá o comprimento da mão.

⁽⁵⁾ A diferença da medida anterior dá o comprimento da coxa.

⁽⁶⁾ A diferença em relação à medida anterior dá o comprimento da perna.

⁽⁷⁾ A estas últimas alturas não se refere o parêntesis que acompanha a menção da altura do symphision.

Ainda mais numerosas medidas são indicadas por Martin e por outros autores em diferentes trabalhos. Não entraremos sequer na sua menção, como não entramos na exposição da técnica e aparelhos adoptados para as já citadas. Fácil é compreender que o valor dos resultados está dependente do rigor com que uma tal técnica fôr executada. *Ninguém tente improvisá-la.* Correria o risco quasi certo de colher elementos falsos. Essa técnica tem de ser *meticulosamente* aplicada.

No nosso Instituto, a antropometria tem sido utilizada com um objectivo médico. Além de trabalhos em que tem surgido subsidiariamente e que são numerosos, cabe referir a série de investigações a que procedeu, para a sua tese de doutoramento em medicina, o sr. José Carlos Vieira Guedes sobre centenas de indivíduos do Pôrto, que se consagram a vários géneros de desportos. É uma base científica para a apreciação relativa destes sob o ponto de vista médico.

*

* *

Possuem hoje certa voga algumas noções da chamada *Morfologia médica*. Sigaud, Chaillou e Mac-Auliffe supuzeram fundada a classificação em quatro tipos morfológicos, o *cerebral*, o *respiratório*, o *digestivo* e o *muscular*, baseando-se em determinados caracteres correspondentes, a seu ver, ao meio e constituição biológica individual. Entre nós, estes pontos de vista encontraram o apoio dos drs. Aurélio da Costa Ferreira ⁽¹⁾ e Vítor Fontes ⁽²⁾, e nós

⁽¹⁾ Aurélio da Costa Ferreira, *Sobre alguns caracteres da norma anterior da cabeça*, «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. II, Lisboa, 1914; id., *Antropologia militar*, op. cit., pág. 23 e segs. do extr.

⁽²⁾ Vítor Fontes, *Os tipos morfológicos humanos e a sua aplicação à medicina*, id., vol. IX, 1924-1925.

mesmos já os utilizámos na definição física dalgumas personagens⁽¹⁾.

Cada tipo é definido pelo seu aspecto geral, pela forma e dimensões da cabeça, do pescoço, do tronco e dos membros, e ainda por certas características funcionais.

Assim, no tipo *cerebral*, entre outros caracteres, é grande o desenvolvimento cefálico, predominando as dimensões do andar superior do crânio sobre as das outras regiões, o tronco é achatado, os membros são franzinos, e, funcionalmente, ao pequeno desenvolvimento dos músculos corresponde uma reduzida actividade muscular, ao passo que o sistema nervoso está sempre activo e procura excitações. O tipo cerebral apresenta propensão para certas doenças, tendo freqüentes nevralgias e entrando em delírio à menor elevação febril. Necessita duma distracção espiritual, de combater as propensões à vida sedentária, a uma alimentação insuficiente.

O tipo *respiratório* apresenta grandes dimensões relativas do andar médio da face, contôrno anterior desta de forma losângica, tronco e membros alongados, pequeno desenvolvimento muscular, uma grande intensidade funcional do aparelho respiratório, necessitando ambientes arejados, que o individuo chega a procurar em viagens e até num verdadeiro nomadismo. Encontram-se neste grupo muitos candidatos à tuberculose.

O tipo *digestivo* mostra um grande desenvolvimento relativo da região maxilo-mandibular, fronte estreita e baixa, contôrno anterior da cabeça e da face em triângulo de vértice para cima, olhos pequenos, lábios grossos, pescoço curto e gordo, tronco de torax curto mas de abdomen muito desenvolvido, membros curtos e gordos, activas funções alimentares, que aconselham uma higiene

(1) Nun'Alvares por exemplo (Mendes Corrêa, *O retrato de Nun'Alvares*, «Revista dos Liceus», Porto, 1916, pág. 14 do extr.).

adequada e que são propícios a incómodos digestivos e perturbações correlativas dos aparelhos circulatório e renal.

Emfim, o tipo *muscular* caracteriza-se por um desenvolvimento harmónico dos vários andares da cabeça, relêvos musculares uniformemente acentuados, tronco achatado posteriormente, abdomen pouco volumoso, membros longos e musculosos, grande actividade física, que, freqüentemente violenta e fatigante, conduz muitas vezes a perturbações cardíacas, artrites, reumatismo, gota, etc., sendo porisso conveniente regulá-la por uma higiene adequada, sem a comprimir a ponto de contrariar as próprias necessidades fundamentais da constituição individual.

Admitem-se *sub-tipos* e são numerosos os individuos de caracteres *mixtos*. Sem irmos a maiores detalhes na definição dos tipos acima indicados, registemos, porém, o parecer que sobre a classificação feita emite recentemente Dubreuil-Chambardel: «Estas distinções são subtis e não correspondem à realidade antropológica. Não teríamos falado delas se as tendências actuais dalgumas pessoas não se dirigissem para deduções práticas que pretendem tirar destes tipos morfológicos. Seria, em particular, singularmente imprudente utilizar esta morfologia facial para determinar a aptidão dos escolares para se dirigirem para êste ou aquele officio. Na realidade, os caracteres esqueléticos do crânio e da face são, repetimo-lo, essencialmente hereditários e étnicos e não individuais, em relação estreita com a braquicefalia ou a dolicocefalia. Não é senão em casos acidentais (compressões uterinas, perturbações tróficas, atrazo na aparição dos dentes, etc.) que a face e o crânio podem experimentar deformações que implicam consequências fisiológicas da respiração, da masticação e da linguagem»⁽¹⁾.

(1) Dubreuil-Chambardel, *Les variations du corps humain*, Paris, 1925, pág. 69.

No Congresso de Ciências Luso-Espanhol, em 1921, já o Prof. Américo Pires de Lima mostrara análoga orientação num estudo sobre o polígono facial, mas deve notar-se, em primeiro lugar, que a classificação morfológica patrocinada entre nós pelos Drs. Costa Ferreira e Vítor Fontes não se baseia apenas em caracteres faciais, nem tem um aspecto absoluto, desde que se admitem não só os tipos étnicos e hereditários, mas também as variedades dos tipos morfológicos e formas mixtas. Por outro lado, a crítica do valor daquela classificação não foi ainda feita sobre uma série numerosa de observações, obedecendo a um plano sistemático de apreciação do assunto.

Ora os exemplos apresentados no seu recente trabalho por Vítor Fontes não deixam de ser, em grande parte, impressionantes, e o próprio vulgo já há muito distinguia, dentro dos tipos étnicos, embora mais ou menos vagamente, alguns tipos físicos correspondentes a certas constituições individuais e determinadas predisposições mórbidas. Se muitos destes juízos são falíveis, podendo, por exemplo, um indivíduo de grande actividade e poder cerebrais ter um aspecto morfológico e doenças dum digestivo ou dum muscular, é porque as sistematizações científicas deste género são facilmente postas em cheque por pormenores imprevistos e mínimos da organização interna, da fisiologia individual ou de etiologia morbosa que se traduzem em conseqüências de grande peso, aparentes paradoxos ou contradições da biologia e da patologia. Um insignificante detalhe da estrutura ou funcionamento corporal, uma causa exterior quasi imponderável, podem determinar equilíbrios ou desequilíbrios orgânicos sem a menor relação aparente com o conjunto de caracteres utilizados na classificação do *sujeito*.

Deste feito, o problema da morfologia médica aparece-nos apenas mais complexo, mais inseguro, sem que isso signifique uma condenação *in limine* da classificação proposta por Sigaud e

pelos seus sequazes. Uma tal condenação só a ousarei formular, se a essa atitude me conduzirem as investigações numerosas e seriadas a que sobre a questão estou procedendo.

*

* *

O que ressalta claramente do exposto é que, como já temos acentuado, a *realidade viva* não está nos *tipos*, mas nos *indivíduos*.

O professor de clínica médica de Bolonha, Piero Benedetti, num recentíssimo artigo sobre orientações modernas da medicina clínica ⁽¹⁾, põe em justo relêvo a importância que nesta reveste o estudo da *individualidade*, na sua extrema complexidade morfológica, dínamo-humoral e psicológica. O primeiro destes três aspectos — escreve Benedetti — merece uma atenção particular, porque dêle recebeu a medicina constitucional a primeira e mais poderosa impulsão, de modo a chegar-se ao conhecimento de leis biológicas fundamentais. Á escola morfo-clínica de Pádua, dirigida por Achille de Giovanni, se deve um admirável esforço para o estudo da patologia das *constituições*, numa orientação de que o professor de Bolonha vê já em Hipócrates um remoto precursor ⁽²⁾.

Estabelecida a variabilidade dos indivíduos em torno dum tipo normal médio, é possível definir modalidades constitucionais que se escalonam numa disposição bipolar, para um e para outro lado daquele tipo.

De Giovanni, cujos estudos datam já de 1880, estabeleceu

⁽¹⁾ Piero Benedetti, *L'indirizzo odierno della medicina clinica: lo studio dell'individualità*, «Scientia», Bologna, 1926, pág. 173.

⁽²⁾ Sobre a medicina constitucional e suas relações com a Antropologia, vd. também: Dr. Eugen Fischer, *Anthropologie, Erblichkeitsforschung und Konstitutionslehre*, «Anthrop. Anzeiger», 1, Munich, 1924, pág. 188.

três combinações morfológicas; Viola, seu discípulo, elevou esse número a cinco tipos, entrando em linha de conta sobretudo com a relação entre o volume do tronco e a soma dos comprimentos dos segmentos dos membros. Últimamente o professor de Antropologia da Universidade de Bolonha, Fabio Frassetto, a quem se devem também importantes trabalhos sobre as relações numéricas entre o peso e a estatura nas várias idades, introduziu novos elementos na classificação dos tipos e combinações morfológicas, cujo número elevou consideravelmente, e ao mesmo tempo forneceu uma notação fácil e expressiva dessas variedades ⁽¹⁾.

Viola fundava-se sobretudo nas dimensões do tronco e dos membros, Frassetto acrescentou numa primeira classificação as da cabeça. Assim, começando por estabelecer três tipos constitucionais (*Microsplâncnicos*, *mesosplâncnicos* e *macrosplâncnicos*) segundo as dimensões do tronco, subdivide cada um desses tipos em três grupos morfológicos (*microcéfalos*, *mesocéfalos* e *macrocéfalos*), segundo as dimensões cefálicas, e em seguida cada um desses nove grupos morfológicos em três combinações (*micromélicos*, *mesomélicos* e *macromélicos*), segundo os valores dimensionais dos membros. Nesta classificação há, pois, ao todo, 27 combinações morfológicas, agrupadas em 3 tipos. A notação proposta por Frassetto consiste em atribuir a cada combinação uma fórmula, em que a primeira letra ou algarismo corresponde ao grau de desenvolvimento do tronco, a segunda ao da cabeça, a terceira ao dos membros. Assim, numerando progressivamente de 1 a 3 os graus crescentes de desenvolvimento, a combinação morfoló-

(1) Fabio Frassetto, *Inspecção internacional da Infância e a classificação morfológica das crianças*, «Trabalhos da Sociedade Port. de Antrop. e Etnol.», 1, Porto, 1922; *Il numero e la varietà dei tipi costituzionali e delle combinazioni morfologiche individuali in antropologia e in medicina*, «Rivista di Biologia», IV, Roma, 1922.

gica 321, por exemplo, significa macrosplâncnia, mesocefalia e micromelia. As fórmulas com 3 algarismos iguais correspondem a combinações harmônicas ou eurítmicas.

Sob o ponto de vista antropológico, Frassetto considera suficiente esta classificação, mas sob o ponto de vista clínico julga vantajoso decompor o que diz respeito ao tronco em duas partes, uma respeitante ao abdomen e outra ao torax, o que é bem fundamentado. Assim eleva-se de 27 a 81 o número de combinações morfológicas.

O desenvolvimento do abdomen permite a classificação de três tipos, micro-, meso- e macrosplâncnicos. Cada um destes subdivide-se, segundo o grau de desenvolvimento do torax, em três sub-tipos, os quais a seu turno se subdividem, como na classificação anterior, segundo os valores da cabeça e dos membros. A fórmula que, na notação de Frassetto, dá estas combinações morfológicas apresenta quatro algarismos. Um indivíduo com a fórmula 3213 por exemplo, terá o abdomen grande, o torax médio, a cabeça pequena e os membros compridos.

Mas Frassetto não fica por ahí. Entendendo que a classificação ternária em *micro-*, *meso-* e *macro-* é insuficiente, propõe uma classificação senária, segundo os valores relativos ao tronco, à cabeça e aos membros, que escalona em: muito pequenos (1), pequenos (2), médios inferiores à mediana (3), médios superiores à mediana (4), grandes (5) e muito grandes (6). Admite assim seis tipos constitucionais, baseados nas dimensões do tronco, e 216 combinações morfológicas. Aqueles seis tipos são designados *micromicrosplâncnicos*, *microsplâncnicos*, *hipomesosplâncnicos*, *epimesosplâncnicos*, *macroplâncnicos* e *macromacroplâncnicos*.

A notação é baseada nas mesmas regras das classificações anteriores, entendendo-se, porém, que os graus vão de 1 a 6 e não apenas de 1 a 3, e que, para a distinguir das anteriores, convém juntar à fórmula uma letra, por exemplo um S. Dêste modo a

fórmula 351-S significa um hipomesoplâncnico, macrocéfalo e micromicromélico.

Tão numerosas combinações distribuem-se entre as formas correspondentes ao maior desvio do tipo médio-normal. Há dois éctipos antitéticos, que Viola caracterizou muito bem: um o *habitus phthisicus*, microsplâncnico, longilíneo, heperevolutido, com predomínio do sistema da vida de relação representado pelos membros, com nutrição pobre e prevalência da desassimilação, eretismo nervoso, etc.; o outro, o *habitus apoplecticus*, macrosplâncnico, brevilíneo (1), com proporções próximas das infantis (hipoevolutido), com predomínio do sistema da vida vegetativa representado pelo tronco, com tendência à vida sedentária por falta de agilidade, com redução do consumo dos hidrocarbonados e conseqüente tendência à polisarcia ou à glicosúria, com excesso de assimilação, entorpecimento nervoso, etc.

Êstes dois éctipos interessam fundamentalmente o clínico. A sua constituição anatomo-funcional predispõe o primeiro para a magreza, à miséria orgânica, a uma insuficiente defesa contra os agentes patogêneos, à dispepsia, à clorose, à neurastenia, e outras nevroses, às viciações do aparelho genital na mulher, à escrofulose, aos abscessos frios, à tuberculose pulmonar; o segundo à adiposidade, ao artritismo, à diabetes, às doenças do aparelho circulatório, da pele e dos rins, aos estados congestivos.

(1) Segundo a *lei das alternâncias*, de Godin, o crescimento normal faz-se alternadamente em fases de aumento em comprimento e fases de desenvolvimento em largura. Êste ritmo perturba-se nas doenças do crescimento e, em geral, nas ectipias.

*

* *

Mais ampla talvez do que a concepção francesa da Morfologia médica, de Sigaud e dos seus sequazes, nos parece, assim, a da escola italiana de Morfologia clínica; comquanto, tendo com aquela certos pontos de contacto, surge-nos fundada não só numa tarefa científica sistemática e intensa como também em ideas muito justas sôbre a individualidade e sôbre as correlações anatomo-funcionais e morfo-patológicas. A morfologia clínica é essencialmente baseada nessas correlações do órgão e da função.

A Itália, que, numa época de naturais entusiasmos, nos deu os exclusivismos lombrosianos, aliás brilhantes e beneméritos pelas sugestões úteis que provocaram, forneceu-nos, numa fase de maior calma e disciplina, trabalhos metódicos em que uma crítica feliz deixou ver claramente o verdadeiro significado dalguns elementos de que não tinha sido dada uma interpretação justa.

A Escola referida de Morfologia clínica trabalha já nêsse ambiente sereno e fecundo: as suas combinações morfológicas (1), são sínteses amplas e coordenadas de caracteres, não apenas visões unilaterais e ilusórias de pormenores isolados, muitas vezes desprovidos da suposta significação, como Loth, numa análise crítica dalguns pretensos sinais constitucionais, mostra dar-se, por exemplo, com a *costa fluctuans*, que Stiller indicava como « um sinal clínico precioso de degeneração », quando não é senão um « sinal normal progressivo » (2).

(1) Pende já procurou as respectivas definições ou fórmulas *humorais*.

(2) E. Loth, *Teorie Konstitucionalismu a současně názory na normální stavbu těla lidského*, « Anthropologie », II, Prague, 1924, pág. 97 (Résumé).

Não quer isto dizer que De Giovanni, Viola, Messedaglia, etc. não relacionem justamente detalhes, por vezes mínimos, da morfologia externa com anomalias patológicas de órgãos internos, como as proporções do esterno com anomalias cardíacas e aórticas, as dimensões externas do abdomen com o desenvolvimento do fígado, do estômago e do intestino, as desproporções da coluna vertebral com as localizações do mal de Pott, etc. (1).

Nos últimos anos do século XIX, em Roma, um discípulo do venerando Prof. G. Sergi, Giuffrida-Ruggeri, que depois se assinalaria como um dos mais eminentes antropólogos e estaria precisamente à frente duma corrente doutrinária oposta ao poligenismo defendido pelo Mestre, dá com firmeza e brilho os primeiros passos na investigação antropológica, estudando o valor e o significado dos caracteres degenerativos.

As ideias de Lombroso tinham alastrado por toda a parte, a noção da degenerescência estava em plena notoriedade científica, invadindo até os domínios da fantasia literária. Apoiado nos ensinamentos antropológicos, em que fôra iniciado por Sergi, e auxiliado pela ciência psiquiátrica de Mingazzini, Giuffrida examina grande número de degenerados no Manicómio Provincial de Roma

(1) A. De Giovanni, *Lavori dell' Istituto di Clinica Medica di Padova*, Milano, 1907-1914 (cit. por Frassetto). Entre nós, do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto, sob a direcção do Prof. J. Pires de Lima, tem saído numerosos trabalhos que põem em relevo a importância das anomalias anatómicas em medicina. (Vd., por exemplo: Hernani Monteiro, *A Anatomia portuense - Suas relações com a Clínica*, «Bol. Geral de Med. e Farm.», série IX, Bastorá, 1924; id., *A importância das anomalias anatómicas em Medicina interna*, «Portugal Médico», Porto, 1924; etc.). Na Clínica Médica da mesma Faculdade, os estudos de Giovanni fôram, por exemplo, aplicados em cardiometria por Aureliano Pessegueiro («Arquivos de Clínica Médica», dirigidos pelo Prof. Tiago de Almeida, t. I, Porto, 1925, pág. 241; A. Pessegueiro, *Cardiometria*, tese de doutoramento, Porto, 1921).

e elabora um trabalho de investigação e de crítica sobre o assunto que sai à publicidade em 1897 (1).

Cada estigma degenerativo é estudado sob os pontos de vista da sua significação zoológica, da sua correspondência com caracteres de raças inferiores ou com estados do desenvolvimento individual, e da sua frequência relativa nos sexos e nas diferentes psicoses. É possível assim, até certo ponto, estabelecer em moldes científicos precisos um conceito das relações da degenerescência psíquica e das suas formas variadas, leves ou graves, com sinais exteriores, apontados numa ordem arbitrária e sem uma fundada interpretação e hierarquização em muitos dos mais reputados manuais e tratados de patologia mental.

Na impossibilidade de registarmos agora as conclusões detalhadas do trabalho de Giuffrida para cada estigma e para cada psicose, diremos apenas que, em síntese, êle verificou: 1.º que os chamados *sinais pitecoides* figuram em predomínio no quadro somático correspondente às formas mentais mais graves pelo significado degenerativo (frenastenia, epilepsia, degenerescências psíquicas de Krafft-Ebing); 2.º as *asimetrias* tem medíocre significado degenerativo, abstraindo-se da epilepsia em que quasi constituem a «côr local»; 3.º o mínimo valor degenerativo pertence a sinais que Näcke chama verdadeiros *defeitos de estética* ou talvez *desordens de nutrição* puras e simples. «O atavismo, escreve ainda Giuffrida, prevalece nas formas mais graves, a atipia nas mais leves». A proporção dos sinais anormais aparece muito maior nas formas graves do que nas leves, como já afirmara Féré. E Giuffrida conclui: «Assim como os sinais anormais são esclarecidos pelo estado psíquico dos seus portadores, os estados psi-

(1) V. Giuffrida-Ruggeri, *Sulla dignità morfologica dei segni detti «degenerativi»*, «Atti della Soc. Romana di Antrop.», vol. IV, Roma, 1897.

quicos são, vice-versa, diagnosticáveis em certo modo pela qualidade e quantidade desses sinais ».

Fica assim bem expresso o valor semeótico desses estigmas, mas, do mesmo modo que se mostra como esse valor varia de estigma para estigma, também se torna clara a *necessidade de preparação antropológica para ajuizar de tal valor e da significação antrozoológica dessas anomalias*.

Infelizmente, no domínio da psiquiatria (como noutros domínios para outros sinais), continua ainda, dum modo geral, a incerteza na matéria e sobretudo o desinteresse por elementos mais seguros para a sua apreciação, como são os referidos de Giuffrida. Tenho o prazer de registar, porém, que em algumas teses de doutoramento em medicina levadas a efeito no Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto, já foram tomados em conta alguns dos curiosos resultados do falecido antropólogo italiano. Assim o dr. Costa Santos, no seu trabalho sobre o ângulo facial nos Portugueses, citou as percentagens do prognatismo constatadas por aquele autor em varias formas de patologia mental ⁽¹⁾. Também, estudando a frente nos Portugueses, o dr. Eduardo Valença citou, embora de passagem, as investigações de Giuffrida sobre anomalias da frente nas psicopatias ⁽²⁾, como a frente fugidia, a frente saliente, os seios frontais desenvolvidos.

*

* * *

A justa valorização desses estigmas tem um especial interesse em Antropologia criminal, onde cumpre defendermo-nos de pre-

⁽¹⁾ Miguel A. Cerveira da Silveira Costa Santos, *O ângulo facial nos crânios portugueses*, Pôrto, 1924, pág. 22.

⁽²⁾ Eduardo Valença, *A frente nos Portugueses*, Pôrto, 1925, pág. 28.

conceitos doutrinários, e onde o estudo médico-antropológico da personalidade de cada criminoso deve constituir a base científica para a acção defensiva e correccional a adoptar *para esse caso* ⁽¹⁾.

É oportuno salientar as imperfeições do regimen jurídico que não faculta à sociedade os elementos bastantes de defesa nos casos em que o exame pericial estabelece a irresponsabilidade por doenças mentais, mas também merece reparo o facto de se não exigir a intervenção do médico-antropologista em todos os casos de criminalidade, como se acha já estabelecido na legislação relativa à delinquência infantil, conquanto haja infelizmente, neste capítulo, grande distância entre o estatuído no papel e o realizado na prática.

Conceito *jurídico, político e social*, o crime é um facto *biológico* apenas como *acto*. Assim, o criminoso é indevidamente considerado sempre por muitos um ser biologicamente anómalo. Como Saldaña, chamamos *Antropologia criminal integral* ao estudo do homem, biologicamente normal ou anormal, considerado como actividade delinquente.

Todo o homem normal, todo o homem são, é dotado de capacidade criminal. Todos nós somos potencialmente criminosos natos. Mas há entre os criminosos uma alta proporção de anormais patológicos, embora possa não existir por vezes uma relação directa entre essas anomalias e o delito praticado. O estudo do delinquente reclama a abstenção de exclusivismos preconcebidos, re-

⁽¹⁾ No trabalho *Mendigos e criminosos* («Portugal Médico», Pôrto, 1919), afirmei a pluralidade de tipos de mendigos, paralela à de tipos de delinquentes, e demonstrei análoga necessidade de *individualização* da assistência segundo os resultados da observação de cada caso. O exame médico-antropológico do mendigo deve incluir a apreciação da sua validez, para efeito de utilização profissional, quando possível. De resto, é primacial distinguir os *chômeurs volontários* dos que o não são. Os tratamentos duns e doutros são naturalmente muito diversos.

clama que a Antropologia normal e a Medicina se dêem as mãos para o levarem a cabo eficazmente, *integralmente* (1).

No curso dos médicos-legistas, entre nós, há uma cadeira semestral de Antropologia criminal. Esta é um ramo aplicado da Antropologia geral, cujo ensino devia naturalmente preceder o da sua aplicação.

A classificação dos criminosos para o efeito da terapêutica penitenciária constituiu uma das questões postas no Congresso de Liège, de 1921, do Instituto Internacional de Antropologia. Do assunto se ocuparam em especial o dr. Galet, de Bruxelas, e o dr. Consiglio, de Roma. Nos seus trabalhos, estes autores recordam as classificações de Garófalo, Lombroso, Ferri, Laurent, Maxwell, Pollock, Ingegneros e outros, e propõem novas classificações fundadas num objectivo particular: o da selecção dos meios terapêuticos mais adequados para os tipos respectivos.

A ineficácia dos processos de selecção feita na actual jurisdição penal ressalta, clara, iniludível, eloqüentíssima, da proporção de reincidentes e da soma de condenações por estes sofridas. Já notámos o facto no nosso país (2). De 1903 a 1908 foram conde-

(1) Mendes Corrêa, *Antropologia criminal integral*, «Bol. do Inst. de Criminologia», v, Lisboa, 1925. O sr. Ernest Bertrand, illustre director da Penitenciária de Louvain, aplaudiu em termos muito penhorantes a doutrina desta conferência («L'Écrou», VII, n.º 2, Bruxelles, págs. 107 e 109), e o eminente professor de Criminologia da Escola de Antropologia de Paris, também lhe concedeu o seu aplauso, reclamando gentilmente a publicação duma versão francesa desse trabalho na «Revue Anthropologique» onde sairá brevemente. No «Archivio» de Antropologia Criminal, Psiquiatria e Medicina Legal, de Turim (1925, pag. 529), o illustre professor Carrara, amigo da tradição lombrosiana, discordou da distincção por mim feita entre a Antropologia Criminal propriamente dita e a Escola Italiana de Antropologia Criminal, mas, na essência, concordou com os pontos de vista expressos, acentuando haver apenas divergências resultantes de *equivocos verbais*.

(2) Mendes Corrêa, *Os criminosos portugueses*, 2.ª ed., Coimbra, 1914, pág. 54.

nados no continente, para 79.403 indivíduos que não tinham ainda sofrido pena alguma, 23.334 reincidentes. Dois sétimos da criminalidade teem por agentes indivíduos já condenados anteriormente. O dr. Galet (1) em 2.000 boletins criminológicos dos laboratórios das prisões de Bruxelas registou 1.146 reincidentes, com 6.605 condenações. Havia 75 com 20 condenações e mais. Dois tinham 50, e um 60 condenações!

!Mais havia a dizer, mas o que fica exposto dispensa comentários! Está provada claramente a insuficiência preventiva do nosso regimen penal, inclusive em países onde, como na Bélgica, são modelares alguns aspectos da organização respectiva. Não nos iludimos sobre os defeitos da natureza humana. Os homens não são anjos. O mal subsistirá sempre. Mas do mal o menos, e na luta contra o crime, obteríamos seguramente melhor êxito se em vez da rígida orientação jurídica da velha escola puzéssemos em prática um regimen judiciário e penal verdadeiramente científico, uma tarefa conscienciosa e positiva de saneamento moral.

Ora, numa tal empresa, a par de reformas sociais de variado alcance, figuram a profilaxia e a terapêutica criminais, inspiradas no conhecimento e na classificação médico-antropológica de cada delinquente e numa crítica séria da eficiência dos métodos penais empregados para os vários tipos estabelecidos.

Mas a Antropologia geral é ainda necessária noutras aplicações médico-legais. A Antropologia judiciária requer elementos importantes dessa sciência não só para os serviços de identificação antropométrica e dactiloscópica, duma tão flagrante utilidade

(1) Dr. Galet, *Classement des délinquants basé sur la thérapeutique pénitentiaire*, «Rev. Anthr.», t. XXXI, Paris, 1921, pág. 428. No mesmo número da revista (pág. 421) figura uma interessante nota do dr. Consiglio sobre a unificação internacional das fichas antropológicas dos delinquentes, além doutros trabalhos criminológicos dignos de atenção.

(sobretudo a segunda, que é dum grande rigor e dum significado cabal como prova jurídica), mas também para outros trabalhos de polícia científica, especialmente em centros cosmopolitas em que há a lidar com pessoas das mais diversas proveniências, indivíduos de raças e costumes muito diferentes ⁽¹⁾. Há uma etnografia criminal; a própria Antropologia cultural pode dar a chave de muitos problemas referentes a certas modalidades das manifestações criminais, guiando a polícia e a justiça na pesquisa e identificação dos delinquentes ⁽²⁾.

Os estudos a que nós mesmos temos procedido sôbre os caracteres métricos dos esqueletos portugueses e muitos outros semelhantes, teem um aspecto de utilidade médico-legal, por exemplo como meios de diagnose do sexo ⁽³⁾.

De tudo o que fica dito, claramente se depreende que, se é inadmissível que a Antropologia geral não faça parte do quadro dos estudos dos médicos-legistas, mais ainda conviria que ela figu-

⁽¹⁾ A propósito notemos que no nosso país a criminalidade de estrangeiros está para o número destes que residem entre nós, numa proporção maior do que a de criminosos nacionais para o total da população. Vd. percentagens e razões do facto no meu livro *Os criminosos portugueses*, 2.^a ed., Coimbra, 1914, pág. 106.

⁽²⁾ Vd. Corre, *Ethnographie criminelle*, Paris, s. d.; e, sôbre o internacionalismo dalguns delinquentes, gírias estrangeiras e nacionalismo dalgumas tatuagens, vd., por exemplo, entre outros, R. A. Reiss, *Manuel de Police Scientifique (Technique)* — 1 Vols et *Homicides*, Lausanne-Paris, 1911, págs. 27, 80, 91, etc.

⁽³⁾ Mendes Corrêa, *Osteometria portuguesa* (em publicação nos «Anais Scient. da Acad. Politéc. do Pôrto», desde 1918); *Sur quelques différences sexuelles dans le squelette des membres supérieurs*, «Comptes rendus de l'Académie des Sciences», Paris, 1921, pág. 317; *Os povos primitivos da Lusitânia*, Pôrto, 1924, pág. 330 e segs.; *As diferenças sexuais nos esqueletos portugueses*, «Congreso de Coimbra, Asociación Españ. para el Progr. de las Ciencias», t. VI, Madrid, 1925, pág. 29 e segs.; etc. Vd. também sôbre o assunto: Betencourt Ferreira, *Questão de Antropologia na sua relação com a Medicina Legal*, «Arquivo de Medicina Legal», Lisboa, 1923.

rasse mesmo no curso geral de Medicina, pelo menos entre as disciplinas dos preparatórios F. Q. N.

Em 1922 escrevemos sôbre o ensino daquela ciência as seguintes palavras que entendemos oportunas ⁽¹⁾: «Dadas as relações da Antropologia com a Biologia, a Geologia, a Anatomia, a Medicina, o Direito, a Sociologia, a Arqueologia, a História, etc., é evidente que o preferível seria que ela e certos ramos antropológicos, como a Prehistória, a Antropologia criminal, a Etnografia, etc., constituíssem um grupo ou secção autónoma no quadro das disciplinas das Faculdades de Ciências, podendo (ou melhor, devendo) ir ali frequentar êsses cursos alunos de Medicina, Direito e Letras. Êste ponto de vista foi defendido numa representação da Sociedade de Antropologia ao govêrno, cabendo registrar-se que algumas disposições do decreto referido (aquele que formou um sub-grupo distinto de Antropologia, nas Faculdades de Ciências) já são harmónicas com os desejos expressos nessa representação.

«A nosso ver, porém, em caso algum, a Antropologia geral deverá, nas Faculdades de Ciências, perder o seu carácter de ciência histórico-natural, para apenas revestir, por exemplo, o dum curso de índole filosófica ou sociológica sôbre o Homem».

A transcendência e a complexidade de muitos dos problemas visados na Antropologia geral e aplicada devem constituir, não um motivo de desalento e renúncia nesse campo de investigações, mas antes um estímulo forte para prosseguir com denodo e perseverança no caminho já com êxito iniciado. O proveito real até agora obtido nessa tarefa é segura garantia de novas perspectivas fecundas.

O futuro da humanidade será incerto, precário e mesquinho,

⁽¹⁾ Mendes Corrêa, *Curso de Antropologia*, etc., op. cit., pág. 27.

emquanto o Homem se considerar a si próprio um enigma indecifrável e se curvar perante êsse mistério emocionante numa atitude deplorável de aniquiladora impotência ou de indiferença infecunda e criminosa. Mas o porvir não será melhor se, com vã e estulta soberberia, êle se julgar senhor de todos os segredos e, desprezando as contribuições efectivas e humildes da sciência honesta e todos os conselhos da prudência, tombar irremediavelmente do alto do seu orgulho insensato no abismo tenebroso da sua miséria e da sua ignorância.

As origens do alfabeto e as descobertas de Glozel

POR

HUMBERTO PINTO LIMA

Assistente da Faculdade de Letras do Pôrto

Desde a época clássica que a origem fenícia do alfabeto era geralmente aceite, como Lucano afirmava nos seus versos tão conhecidos, e igualmente diziam Diodoro, S. Clemente de Alexandria, etc. Mas Plínio supunha uma origem assíria para os sinais usados pelos semitas mercadores.

Com o progresso da historiografia oriental puderam Champollion, Salvolini, Ch. Lenormant e Van Drival, apresentar várias hipóteses filiando o fenício na escrita egípcia, divergindo as opiniões sôbre a escrita nilótica que serviu de tipo. Em 1859 Em. de Rougé, numa memória célebre apresentada à Academia de Inscrições e Belas Letras, parecia demonstrar a origem hierática do alfabeto fenício, levantando graves objecções a essa hipótese De Lagarde e J. Halévy, que julgavam o alfabeto fenício de origem hieroglífica.

A raridade de textos antigos fenícios (Em. de Rougé só conhecia a inscrição de Eshmunazar) tornou legítimas as opiniões de M. Deecke e Fr. Hommel favoráveis à origem mesopotâmica do alfabeto fenício. Mas a hipótese do primeiro perde muito do seu valor por escolher 22 caracteres cuneiformes entre os adoptados em várias épocas em lugares diferentes, ao passo que Hommel, como nota Lenormant ⁽¹⁾ e Maspero ⁽²⁾ se esquecia

⁽¹⁾ *Propagation de l'Alphabet Phenicien.*

⁽²⁾ *Hist. Ancienne des Peuples de l'Orient*, Paris, 1904.

de que os assírios se detiveram no silabismo, ao passo que os egípcios desde a quinta dinastia tinham imaginado já um alfabeto, posto que nunca se pudessem libertar dos ideogramas homófonos e polífonos: por um princípio acrológico chegaram a representar o som *h* por uma corda entrelaçada (copta-*hophe*), *r* por uma bôca (copta-*rd*), mas o hábito e a religião que domina tôdas as escritas primitivas, impediam a supressão do ideografismo e polifonia primitivos. Esta última simplificação só podia ser realizada por um povo quási ateu, conduzido por um grande senso prático, e tendo relações íntimas com a civilização faraônica, circunstâncias em que só se encontrava o fenício, que mil anos a. C. ousou limitar a escrita aos sinais consonânticos.

A filiação cretense do alfabeto fenício, sugerida por Evans depois das descobertas realizadas em Creta, não tem mais consistência do que a proposta por Gardiner, que o considera derivado dos caracteres sinaíticos, como as últimas descobertas de Byblos demonstraram.

Contenau ⁽¹⁾, seguindo a opinião de Dussaud, admite não só terem os fenícios simplificado alguns sinais de origem egípcia como terem inventado os restantes:

« Il faut rendre aux Phéniciens ce qui, décidément, leur appartient. Ils ont été les auteurs d'une des plus grandes inventions de l'humanité, le jour où ils ont rompu délibérément avec les écritures si compliquées qui étaient alors en usage, où ils ont démêlé vingt-deux sons simples permettant de noter le diverses articulations consonnantiques de leur langue et où ils ont créé de toutes pièces un système de signes d'une remarquable simplicité, dans lequel chaque lettre se distingue à première vue de toutes les autres » ⁽²⁾.

⁽¹⁾ *La civilisation Phénicienne*, Paris, 1926.

⁽²⁾ *Inscrições Pheniciennes du tombeau d'Ahiram*, cit. por Contenau.

Era esta a situação do problema quando em 1924, em Glozel, povoação francesa da comuna de Ferrières (Allier) se descobriram em construções supostas neolíticas, tijolos ou placas de argila nas quais estavam gravados sinais alfabetiformes. Em carta, já há tempos, o grande arqueólogo Camille Jullian falara ao sr. Prof. Mendes Corrêa desses curiosos documentos, que lhe lembravam *litterae ephesiae* e seriam talvez inscrições de povos bárbaros com possíveis afinidades com o alfabeto ibérico.

As descobertas feitas casualmente durante uns trabalhos agrícolas, foram muito prejudicadas pela ignorância dos seus descobridores, sendo devida a salvação do resto à prudência dos proprietários e ao dr. Morlet, que quási desde o início acompanhou esta descoberta, publicando sôbre o assunto duas brochuras, e dois artigos no *Mercure de France*, o último no número de 15 de Julho do corrente ano, acompanhado por um importante relato do eminente etnógrafo Van Gennep, duma sua visita a Glozel. Durante esta visita o ilustre investigador recolheu *in loco*, com grandes precauções devido ao estado de friabilidade dos materiais enterrados num solo muito húmido: alguns sílex retocados e utilizados; duas lâmpadas completas, neolíticas, de fundo achatado, ovalóides e de bico; dois pequenos vasos neolíticos, de fundo completamente arredondado; uma punção de cerca de 10 cm. em chifre de cervídeo; metade dum vaso com figura humana esquemática, tendo sobrancelhas, olhos, nariz (uma representação do ídolo neolítico feminino?), infelizmente partido em três pedaços, apesar-de tôdas as precauções; uma figurinha com chifres; e a estatueta bisexuada típica do neolítico.

O material e as condições da estação levam o ilustre etnógrafo a concluir que: a estação de Glozel é neolítica típica (mesmo do neolítico antigo); que no local da excavação era a fábrica de estatuetas e o santuário duma divindade à qual se faziam oferendas; emfim, que este santuário devia estar situado num bosque

junto de duas fontes sagradas, onde se deviam realizar as abluções purificadoras. Admite também a existência das inscrições.

Em face dos achados não parece arriscado considerar a estação talvez como neolítica, mas, quanto aos sinais considerados como alfabéticos, temos que esperar posteriores investigações, pois só uma análise cuidada do valor de cada sinal nos poderá levar a qualquer conclusão positiva. Nas tábuas fornecidas pelo dr. Morlet no mesmo número do *Mercure de France*, muitos sinais são idênticos aos da arte rupestre peninsular, apresentados, entre outros, por Obermaier. Êste arqueólogo ilustre considerou os sinais alfabéticos dos seixos pintados que Piette descobriu na estação pre-neolítica de Mas-d'Azil, como representações de antepassados, análogos aos *churingas* dos Arunta australianos, guardados cuidadosamente no *ernatulunga*.

Obermaier, em *El Hombre Fossil*, com singular clareza afirma e demonstra serem essas pedras azilienses símbolos religiosos, estabelecendo tábuas em que se verifica a esquematização progressiva da figura humana.

Mas não faltou quem considerasse êsses sinais como um verdadeiro alfabeto, sendo a sua origem recuada a sinais isolados e muito duvidosos, encontrados em La Madeleine, Laugerie e outras estações paleolíticas. Note-se, de passagem, que Juan Cabré chegou, num trabalho muito controvertido, a duvidar da antiguidade aziliense dos calhaus coloridos de Mas d'Azil, considerando-os mais modernos do que a camada pròpriamente aziliense, mais profunda.

Mas, como afirma o sr. Prof. Aarão de Lacerda no seu livro *O Fenómeno Religioso e a Simbólica* ⁽¹⁾, ao período altamirense, prodigiosamente rico em imagens, segue-se a era em que domi-

(1) Pôrto, 1924.

nam os símbolos, em que os artistas esquematizam, resumem tudo aquilo que os seus antecessores trogloditas pormenorizavam do modêlo vivo.

O aziliense precede a glíptica simbólica do período neolítico, a arte que Verworn chamou *ideoplástica* ⁽¹⁾.

A arte, ao estilizar-se numa forma tão absurda como surge nos petroglifos peninsulares, deixa de ser estética para ser comunicativa, ou seja um preliminar da escrita ⁽²⁾.

Como preliminares da escrita, torna-se aceitável a existência de sinais no neolítico inicial. Dêsses sinais é que mais tarde um povo poderia tirar um alfabeto, como aconteceu com a escrita egípcia. Porém, fazer remontar ao neolítico a existência dum verdadeiro alfabeto parece em demasia fantasioso e incerto enquanto novas descobertas não venham confirmar as hipóteses emitidas.

(1) Aarão de Lacerda, id.

(2) D. Elias Tormo, *Preliminar do Catalogo-Guia da Exposicion de Arte Pre-historico Español*, (cit. por Aarão de Lacerda, id.).

VÁRIA

Arte pré-histórica no distrito do Pôrto

Visitei no meado de Junho último, entre outras estações pré-históricas do distrito do Pôrto, os castros do monte Mòsinho (Santo Estevam de Oldrões, Penafiel), do monte do Castelo do Reguengo (idem) e de Vandôma (Paredes), e a mamôa sita entre Vandôma e Baltar.

A visita aos dois primeiros castros foi realizada a convite do rev. José Monteiro d'Aguiar, muito ilustrado abade de S. Miguel de Paredes, Calçada, que me informara da existência, no segundo, dum singular petroglifo, ainda ignorado do mundo científico. O breve reconhecimento do castro de Vandôma e da mamôa foi efectuado na amável companhia dos srs. dr. Augusto da Cunha Leal e Joaquim Ferreira Barbosa. Fôra êste último senhor quem fornecera, em primeira mão, notícia daquela mamôa, já deploravelmente vandalizada, ao sr. dr. Corrêia Pacheco, autor da *Monografia de Paredes*, o qual, como outras pessoas, apelara ultimamente para a minha interferência no sentido de se evitar uma anunciada destruição total do monumento.

Dessas investigações variadas darei conta em mais detalhadas notícias. Por agora limito-me a registar a descoberta que fiz em esteios, já mais ou menos fragmentados, do megálito de Vandôma, de numerosas pinturas, a vermelho e a negro, na sua maioria simples linhas onduladas e uma delas representando esquemáticamente a figura humana tal como aparece na arte rupestre do abrigo de Valdejunco (Esperança), descoberta por Breuil, e noutras estações neo-eneolíticas peninsulares. O fragmento que continha aquela figura, foi transportado, com outros, para o Museu do Instituto de Antropologia, da minha direcção, graças à amável cedência do proprietário do terreno, sr. Alberto Francisco dos Santos e à intervenção obsequiosa do sr. Ferreira Barbosa.

No monte do Castelo de Penafiel, entre Reguengo e Salgão, há restos dum *castro*, decerto de ocupação transitória, que, pelos fragmentos de cerâmica e de armas e pelo petroglifo já citado, considero pre-romano, da segunda idade do ferro, talvez do pri-

meiro período desta. O petroglifo, sobre o qual já redigi um estudo pormenorizado, é um autêntico e notável monumento, que, em minha opinião, representa sem dúvida um guerreiro caláico-lusitano, vestindo o comprido *sagum* ou túnica, e brandindo na dextra a adaga curta e na mão esquerda o escudo redondo e pequeno. A indumentária e o armamento correspondem às descrições dos textos, às rudes estátuas de guerreiros encontradas em castros do norte do Douro e às figuras estampadas em diademas de ouro existentes no Louvre e provenientes de Rivadeo (Astúrias) e não de Cáceres como se supoz. As analogias de atitude e desenho com os guerreiros representados nestes últimos, que Bosch data também do primeiro período (cultura post-halstática) da segunda idade do ferro, são flagrantes.

O monte do Castelo de Reguengo — que o rev. abade Aguiar gentilmente me informa ser o monte do Castelo de Penafiel a que se refere o *Portugal Antigo e Moderno* no artigo sobre Santo Estevam de Oldrões e que em documentos antigos aparece com os nomes de *Castello de Penhafidelis*, *Castello de Canas de Penafiel*, *Castello de Canas* e *Castello de Reguengo* — é um cêrro abrupto, difficilmente acessível.

O petroglifo mede 43 cm. de altura (1) e está muito bem gravado na imponente penedia que constitui o cume e que na região é chamado o Penedo do Gato. Pela sua atitude de desafio ou de triunfo, a singela e rude figura de guerreiro luso parece ali, naquele môrro alcantilado, num verdadeiro ninho de águias, ao lado de venerandas ruínas castrejas e de restos de armas de combate, o símbolo altivo e heróico dum remoto e sagrado sentimento de independência.

(Em *A Aguia*).

MENDES CORRÊA.

Explorações arqueológicas em Alcácer do Sal

Em Alcácer do Sal, nos terrenos que já em tempos haviam fornecido restos duma importante necrópole pre-romana e de algumas sepulturas da época romana, tem o ilustre arqueólogo e etnógrafo, Prof. Vergílio Correia, procedido últimamente a uma exploração sistemática, de que foi encarregado pelo proprietário

(1) No artigo referido damos outros detalhes e mais ilustrações.

do local, o sr. Prof. Francisco Gentil, da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Já numa brilhante conferência que realizou no Congresso Luso-Espanhol de Coimbra e que foi publicada em separata do n.º 7 da *Biblos*, e em duas notícias, uma sobre fechos de cinturão e outra sobre um curioso amuleto egípcio da mesma proveniência, o sr. Prof. Vergílio Correia deu conta de grande parte do espólio, do mais alto interesse arqueológico, que tem exumado metódicamente da necrópole de incineração do «Olival do Senhor dos Mártires». Com grande amabilidade e mercê da obsequiosa aquiescência do sr. Prof. Gentil, proporcionou-nos ainda a satisfação de vêr na sua casa de Lisboa e no consultório daquele professor, as peças, tôdas pre-romanas, que constituem esse espólio, e que são empunhaduras de escudo, armas (*falcatas* ou alfânges curvos, adagas de antenas, navalhões, pontas de lança, conteras, *soliferrea*, etc.), adornos (placas de cinturão, fíbulas anulares ibéricas, braceletes, anéis), utensílios, objectos votivos, numerosas peças de cerâmica indígena e exótica.

Por tais documentos, é possível datar a necrópole, com segurança, do primeiro período da segunda idade do ferro, e nela se encontram elementos comuns às necrópoles post-halstáticas de Castela, às estações ibéricas do meio-dia peninsular, e ainda objectos de importação helénica, líbio-fenícia, e, dum modo mais geral, mediterrânea. Aparecem vasos gregos do século IV, de que já antes haviam surgido espécimes, e o escaravelho-amuleto de origem egípcia data, segundo o egiptólogo do British Museum H. R. Hall, do tempo do faraó Psamético I (663-609).

Nos *Povos Primitivos da Lusitania* (págs. 267 e 268), ocupando-nos dos anteriores achados da necrópole pre-romana de Alcácer, tínhamos, de acôrdo com as sistematizações cronológicas de Bosch, atribuído a estação «à segunda idade do ferro, vendo nela uma representação da cultura post-halstática de Castela, com acentuadas influências ibéricas e gregas», cujo acesso a situação geográfica explica. A pág. 302 desse livro, atribuímos com probabilidade a mescla de culturas em Alcácer à onda septentrional celta, dum lado, e às penetrações meridionais de origem tartéssio-mediterrânea, doutro lado. Estas últimas viriam talvez em grande parte por via marítima. Algumas páginas atrás (pág. 296), contestando a opinião de Bosch sobre o movimento dos Iberos de E. para O. no século III, na Meseta superior, referimo-nos às influências ibero-púnicas em Salácia e a uma difusão cultural de origem andaluza, pelo sul do país ou por via marítima. Mas, no mesmo livro, acentuámos a existência de elementos comuns entre estações post-halstáticas e ibéricas, como se dá em Alcácer, e a dificuldade

de separar em absoluto as duas culturas e em dá-las, como pretende Bosch (cuja autoridade é aliás incontestável), como patrimónios exclusivos de Celtas e Iberos respectivamente (pág. 264).

O Prof. Vergílio Correia, de acôrdo com o Prof. F. Gentil, enviou-nos, para estudo, os restos ósseos encontrados ainda nalgumas sepulturas de Alcácer. Daremos em notícia especial os resultados dêsse estudo antropológico, que está quasi concluído e possui grande interêsse científico, visto que até hoje não se havia estudado nenhum documento osteológico da idade do ferro em Portugal.

Mesmo independentemente dêste aspecto, as recentes explorações de Alcácer do Sal são da mais alta transcendência. O Prof. Vergílio Correia está realizando uma das mais notáveis tarefas de investigação arqueológica que teem sido levadas a efeito no território português. Aos louvores que merece tal iniciativa pela sua importância, acrescem ainda os que resultam do facto dela ser posta em prática sem qualquer auxílio oficial—exclusivamente a expensas dos srs. Profs. Gentil e Vergílio Correia.

M. C.

Subsídio para as publicações da Sociedade

O sr. Prof. Artur Ricardo Jorge, ilustre Ministro da Instrução, louvavelmente concedeu um auxílio de 2.400\$00, no Orçamento do Estado, para as despesas com as publicações da nossa Sociedade.

Honra lhe seja.

Museu Antropológico do Pôrto

O Museu do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto vem recebendo ofertas numerosas. Infelizmente a sua instalação é muito acanhada, o que resultou de aquêle Museu ter sido na Faculdade de Ciências do Pôrto o de mais recente data (1911). Foram-lhe assim destinados, bem como ao Laboratório respectivo, algumas dependências do ângulo SE. do 2.º andar do edificio da antiga Academia Politécnica, dependências que faziam parte da residência do guarda-mor respectivo, cargo que fôra então suprimido.

Tôdas as outras dependências do edificio—em geral incomparavelmente mais amplas—estavam já antes distribuídas a outros gabinetes de creação menos recente. Última chegada, a secção

antropológica ficou péssimamente acomodada em saletas que na planta do edificio tinham sido indicadas para parte duma habitação particular.

O facto é tanto mais lastimável quanto é certo que, não sendo possível instalar convenientemente as colecções, nem sendo favoráveis as condições de trabalho na investigação e no ensino, a actividade realizada naquele Instituto é permanente e intensa, o que é devido apenas à boa vontade de quem a exerce desacompanhado de auxílios e estímulos que outros Institutos recebem com rasgada amplitude.

Note-se ainda que durante muitos anos económicos esta secção não teve a menor dotação no Orçamento do Estado e recebeu verbas insignificantes das receitas próprias da Faculdade. Absorvidas quasi totalmente por um servente assalariado, que constituía todo o pessoal menor e auxiliar, não sobravam dessas verbas mais do que umas escassas dezenas de escudos que para nada chegavam.

Últimamente foi inscrita uma verba especial no Orçamento, e na distribuição das receitas da Faculdade foi esta secção beneficiada com mais largueza, mas as suas dotações são ainda insuficientes para as despesas que seria necessário efectuar, tanto mais que tudo encareceu muito, em especial o material científico.

Quanto ao quadro de pessoal, não dispõe o Instituto senão de: o professor-director, um segundo assistente efectivo (com funções pedagógicas), um segundo assistente supranumerário (não remunerado) e um servente. Nem um naturalista, como há na secção congénere de Lisboa e em todos os outros Museus de História natural da Faculdade! Nem um colector, como há no Instituto de Antropologia de Coimbra! Não há conservador, não há desenhista, não há fotógrafo... Teem sido vão todos os esforços para uma ligeira ampliação do quadro, que seria de toda a justiça.

Compreende-se facilmente que o restrito pessoal existente tem de acumular funções numerosas e variadas ou de apelar para as contribuições de assalariados ou colaboradores voluntários.

Entre as contribuições estranhas que o Instituto tem recebido, figuram as ofertas ao seu Museu. Depois das últimas que foram publicadas na imprensa periódica, receberam-se as seguintes:

Do sr. dr. Carlos de Passos, vários objectos gentílicos da África ocidental portuguesa.

Da sr.ª D. Florência de Moraes, fotografias, capitel e fragmentos cerâmicos do crasto de Crindeu (Vila Real).

Do sr. Ramiro Mourão, uma peça cerâmica de proveniência desconhecida e vários esqueletos do Convento da Serra do Pilar.

Do sr. Emígdio Cruz, por intermédio do sr. dr. Betencourt Ferreira, uma inscrição tumular da necrópole luso-romana do Fontão (Gaia).

Do sr. dr. Betencourt Ferreira, fotografias e desenhos de índios do Brasil, berberes, negros, etc., e alguns livros e revistas.

Da emprêsa dos Mármore e Alabastros de Vimioso, ossos e fragmentos cerâmicos das grutas de Santo Adrião.

Do assistente sr. dr. Joaquim R. dos Santos Júnior, fragmentos cerâmicos dos castros de Vilariça (Moncorvo) e Aldeia Nova (Miranda do Douro).

Do engenheiro sr. Humberto Mendes Corrêa, objectos cerâmicos do balneário romano de S. Vicente (Entre-os-Rios).

Do sr. António do Carmo Dantas, por intermédio do sr. Rui de Serpa Pinto, fragmentos cerâmicos do castro de Vilar de Mouros (Caminha).

Do sr. Manoel Cuvelo Ermida, por intermédio do sr. Rui de Serpa Pinto, machados polidos, pêsos de tear e fragmentos cerâmicos de Curtinhas e Monte do Piolho (Riba Tua).

Do sr. António Pereira Cardoso, objectos gentílicos da Guiné (colar, amuleto, espátula, manipanço, sáia de fibras vegetais e cesto de Bijagós, Mandingas, etc.).

Do sr. António Bravo, um mapa arqueológico da Galiza.

Do sr. Sebastião da Costa, esqueletos de sepulturas, provavelmente luso-romanas, do Algarve.

Do sr. Hipólito Cabaço, objectos de silex do castro de Ota e fragmento de mosaico luso-romano da Quinta da Bairradinha (Alemquer).

Do sr. Francisco Raposo Souza d'Alte, objectos e esqueletos das grutas da região de Alemquer e do *oppidum* da Curvaceira.

Do sr. Rui de Serpa Pinto, *pondera* de Guidões, fragmentos cerâmicos luso-romanos de Alvarelhos e Averomar, e machado polido de Canidelo.

Do sr. dr. Vasco Nogueira de Oliveira, uma importante colecção de rocas e fusos do norte de Portugal, colecções de candeias e cerâmica popular e vários objectos de cerâmica luso-romana.

Do sr. P.^o José Monteiro de Aguiar, abade de S. Miguel de Paredes, moedas e vários objectos de cerâmica, pedra e ferro do castro luso-romano de Santo Estêvão de Oldrões (Penafiel).

Do rev. abade de Galegos, moedas, objectos de cerâmica e uma peça de ferro do castro de Galegos, próximo ao anterior e um baixo-relêvo talvez de arte românica.

Do sr. Joaquim Ferreira Barbosa, de Chã de Vandoma, alguns objectos do castro de Vandoma (Paredes).

Do sr. José Relvas, dois vasos de sepulturas pre-romanas do Tanchoal, duas ânforas e um *dolium* luso-romano do Castelo de Alpiarça.

Outras aquisições foram feitas directamente por compra e por colheita do director do Museu.

Curso de Antropologia Criminal

Na Faculdade de Ciências do Pôrto funcionou no 2.^o semestre de 1925-26 um curso livre de Antropologia criminal, que foi regido pelo 1.^o assistente de Zoologia e encarregado do curso de Zoologia de Vertebrados, sr. dr. Betencourt Ferreira. O curso foi frequentado por médicos, magistrados, professores, advogados, estudantes, etc., tendo-se realizado visitas a vários estabelecimentos prisionais, e tendo sido utilizado, para demonstração, material do Instituto de Antropologia da mesma Faculdade.

A Antropologia física no Congresso de Coimbra

No Congresso de Ciências Luso-Espanhol, realizado em Coimbra em Junho de 1926, foram apresentados os seguintes trabalhos de Antropologia Física:

Notas antropológicas sobre índices de varias provincias de España, obtenidas con medidas tomadas del vivo, pelo Prof. Francisco de las Barras d'Aragón;

Os antigos habitantes das Canárias nas suas relações com a Antropologia portuguesa, conferência pelo Prof. Eusébio Tamagnini;

As diferenças sexuais nos esqueletos portugueses, pelo Prof. A. A. Mendes Corrêa;

Sôbre um quadro-padrão para a diagnose sexual nos húmeros portugueses, por Antonio Armando Themido;

Nota sôbre a curvatura do frontal, por Alfredo Athayde;

Nota sôbre um humero pre-histórico, idem.

Êstes trabalhos figuram nas publicações do Congresso, nos volumes de Conferências e de Ciências Naturais.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

HUGO OBERMAIER — *Fossil man in Spain* — 1 vol. de 495 págs. e numerosas gravuras e estampas — New-Haven, 1924.

O eminente glaciologista e arqueólogo germânico, Prof. Hugo Obermaier, hoje professor da Faculdade de Filosofia e Letras de Madrid, tem consagrado muitas das suas investigações ao território espanhol e à sua pre-história. Numerosas publicações de importância tem dado à estampa, sobre glaciário quaternário na Península, documentos arqueológicos do homem paleolítico em Espanha, arte rupestre e troglodítica, monumentos megalíticos, etc., mas, entre as suas publicações, avulta a obra de conjunto que sobre o homem fóssil foi editada pela benemérita Junta de Ampliações e Estudos, instituição que honra o país vizinho e que tanto seria para desejar vêr criada também, com os necessários meios de acção, no nosso país.

Já saíram duas edições espanholas de *El hombre fósil*, mas pouco tempo antes da publicação da segunda, a *Hispanic Society of America* editava a Obermaier um belo volume em inglês, que, sob o título *Fossil man in Spain*, era uma versão modificada, uma adaptação, do texto castelhano, que iria difundir nos países de língua inglesa não só o pecúlio de noções referentes ao homem quaternário espanhol mas também as vistas de conjunto que sobre a questão do homem fóssil possui o sábio professor da Universidade madrileña.

Aborda Obermaier sucessivamente os problemas do homem terciário e dos eólitos, o estudo das glaciações pleistocenas e da flora e fauna da época glaciária, as indústrias paleolíticas, a arte paleolítica, os sincronismos geológicos daquelas indústrias, as raças quaternárias, as culturas e populações do epipaleolítico e do protoneolítico, consagrando capítulos especiais, muito desenvolvidos, à glaciologia e culturas paleolíticas da Península Ibérica. Em muitos assuntos o autor toma uma posição marcadamente pessoal, como na cronologia pleistocena, no problema dos eólitos, na crítica da autenticidade de muitos documentos, na questão da origem de diferentes culturas, na sistematização do epipaleolítico, na inter-

pretação da arte quaternária e dos calhaus pintados de Mas d'Azil, etc. E é de notar que essa posição é assumida com a maior autoridade, em vista não só da amplitude e intensidade do esforço pessoal que o autor vem desde muito desenvolvendo naqueles domínios como também da prudência e discernimento com que êle sujeita à sua crítica os elementos colhidos e as suas possíveis interpretações.

A bibliografia sobre o glaciário e o homem fóssil em Portugal é citada por Obermaier, que fornece uma lista cuidada das nossas estações paleolíticas, referindo-se também aos *hiökkenmöddings* epipaleolíticos do vale do Tejo.

Profusamente ilustrado, com bela apresentação material, o livro *Fossil man in Spain* contém numerosas notas e apêndices que o autor entendeu nêle dever introduzir e é prefaciado pelo ilustre paleontologista americano Henry Fairfield Osborn. Já num artigo (*As primeiras migrações humanas*, «Dyonisos», n.º 2, Pôrto, 1925, pág. 7, nota 1, do extr.) lamentámos a forma categórica com que, nessa introdução, Osborn enumera as presumidas penetrações pre-históricas de vários elementos raciais na Península e notámos a simplicidade terminante com que êle dá Camões, «the soldier-poet of Portugal», como um representante *indubitável* da raça nórdica, a qual teria penetrado na Península, segundo diz, apenas com as invasões bárbaras do séc. V depois de C.

Obermaier, o autor do livro, é sempre mais prudente e reservado nas suas afirmações do que o seu prefaciador. Só temos a louvá-lo por isso, felicitando-o também calorosamente pelo seu brilhante trabalho.

MENDES CORRÊA.

G. H. LUQUET — *L'art et la religion des hommes fossiles* — 1 vol. de 229 págs. e 119 figs. — Paris, Masson & C.^{ie}, 1926 (preço 4 sh. 4 d.).

Mr. Luquet é o autor bem conhecido de vários trabalhos, do maior interesse, sobre a arte primitiva e sua interpretação. Destacam-se ainda entre êsses trabalhos alguns em que o ilustre investigador procurou relacionar aquelas manifestações artísticas com as da infância.

No presente volume reúne êle grande número de documentos e considerações respeitantes à arte e à religião do homem quaternário. Em *Les hommes fossiles* tratou o Prof. Boule magistralmente os aspectos materiais relativos à humanidade pleistocena:

o recente livro de Mr. Luquet encara, dum modo incontestavelmente sugestivo, os aspectos psicológicos da existência dessa humanidade primeva. Constitui assim um complemento feliz do trabalho do sábio Prof. Boule.

O autor não oculta as dificuldades do seu estudo, mas afirma com razão que, mesmo na actualidade, tãda a psicologia que não seja introspectiva, se reconstitui também aproximativamente apenas sobre elementos materiais e manifestações exteriores. As interpretações, que dá, dos problemas que versa, são prudentemente estabelecidas sobre larga documentação por uma crítica judiciosa e serena.

Na arte paleolítica, o sr. Luquet distingue um *realismo visual*, que passivamente dá apenas as impressões visuais de objectos reais, e um *realismo intelectual* que, resultando já duma elaboração espiritual dessas impressões, representa não apenas o que está patente mas ainda factos que se não encontram visíveis ao observador, tendo, porém, existência real. Até no apogeu do madalense, êste último realismo se manifesta, imprimindo a essas manifestações artísticas semelhanças com a arte infantil.

O autor estuda a técnica da arte quaternária e rebate o ponto de vista de Piette, segundo o qual as representações tridimensionais (pela escultura) teriam antecedido as representações, mais esquemáticas, a duas dimensões. O raciocínio em que Piette fundava a sua asserção, é contrariado pelos factos e mesmo erroneo para a análise psicológica.

A noção da terceira dimensão, do volume do objecto, não é um dado primitivo da impressão visual, mas uma ideia secundariamente originada por uma aferição com outras impressões e recordações.

E' particularmente notável pela sua rica documentação o capítulo em que o autor se ocupa dos ornamentos corporais.

Sobre a significação da arte figurada, Luquet não contesta que algumas das suas representações implicavam uma intenção mágica ou utilitária, mas esta significação não é admissível nas mais antigas manifestações artísticas, que seriam desinteressadas. Só mais tarde teria vindo uma definida intenção estética e por fim a adaptação a um desígnio mágico.

Algumas figuras, como a da caverna dos Três Irmãos (Ariège), são evidentemente de personagens mascarados, mesmo de feiticeiros. Mas o autor acentua que a representação de tais personagens podia não possuir em si qualquer significação mágica.

O argumento de que muitos documentos da arte quaternária estão em recantos obscuros e difficilmente acessíveis, não basta para provar que se trata de magia. De resto, Luquet acentua que

há numerosíssimos documentos análogos em lugares bem patentes e que estes se conservariam mais facilmente.

Sobre a suposta dança ritual de Cogul, o autor põe em dúvida que se trate de qualquer culto da fecundidade e até duma dança. Além disso, expõe a opinião de que o sátiro foi acrescentado muito mais tarde à pintura que representava as danças. Idêntica sobreposição houve no javali d'Altamira, que se desdobra num parado e noutra a galope.

Pelo que diz respeito à religião dos primitivos, Luquet ocupa-se sobretudo do culto dos mortos, reunindo numerosíssimos elementos sobre costumes funerários do homem pleistoceno. É legítimo supor que este acreditava numa vida além-túmulo, semelhante à vida real, regida por necessidades análogas e durante a qual os mortos mantinham com os sobreviventes relações de que a estes convinha precaverem-se.

O livro de Mr. Luquet é duma grande clareza, duma notável abundância documental, muito criterioso e dotado dum belo aspecto material. É profusamente ilustrado. Fica constituindo um trabalho fundamental sobre tão sugestiva matéria.

M. C.

COMTE BÉGOUEN — *Quelques nouvelles figurations humaines pré-historiques dans les grottes de l'Ariège* — « *Revue Anthropologique* », t. XXXVI, Paris, 1926.

O infatigável investigador dá as estampas e as descrições de figurações humanas encontradas por êle e seus filhos num calhauschistoso da caverna do Tuc d'Audoubert e numa parede da caverna dos Três Irmãos (Ariège), esta última próxima do célebre *feiticeiro* mascarado, cuja descoberta se deve também ao autor. A propósito, êste refere um acidente natural de rocha, que Cartailhac encontrara em Mas d'Azil e parece, na sua opinião, um *lusus-naturae* adaptado à representação do perfil humano, e publica os desenhos descobertos pelos drs. Jammes e Jeannel também no Ariège, na gruta de Portel.

Tôdas estas figurações estão longe da pormenorização e perfeição das representações de animais na arte quaternária e até da própria representação do famoso *feiticeiro* da gruta dos Três Irmãos. São simples esboços, parecendo — e a última o confirma — referir-se, em geral, a homens mascarados.

De há muito se notara o facto de serem imperfeitas muitas representações humanas executadas por artistas tão hábeis na figuração de animais.

Sobre a atitude inclinada para a frente, que Luquet atribui a imperícia dos artistas e ao seu hábito de representar animais, o conde Bégouen opina antes que se trata de danças ou dum costume contraído na marcha dentro de cavernas de escasso pé direito. A imperfeição de desenhos não resulta de inexperiência: os artistas desenharam bem *quando quizeram*, e, se algumas figurações são más, foi porque qualquer razão moral a tal os levou. Não deve confundir-se a infância da arte com a arte das crianças. Estas teem uma hereditariedade intelectual diferente da do primitivo e vivem noutra ambiente mental.

M. C.

COMTE BÉGOUEN — *Éloge d'Émile Cartailhac* — Extr. das « *Mémoires de l'Académie des Sciences, Inscriptions et Belles Lettres de Toulouse* » — 12.^a série, t. II — Toulouse, 1924, págs. 397-416.

Justa e eloquente homenagem prestada ao sábio autor de *Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* pelo seu sucessor no ensino de Arqueologia na Universidade de Toulouse.

M. C.

ALFREDO M. ATHAYDE — *Nota sobre um húmero pré-histórico* — « *Congreso de Coimbra, Assoc. Españ. para el Progreso de las Ciencias* », t. VI, Madrid, 1925, págs. 111-113.

O autor estudou com minúcia um húmero proveniente dos *kiökkenmöddings* epipaleolíticos de Muge e existente no Museu do Instituto de Antropologia do Porto. Na sua opinião, teria pertencido a um individuo feminino, de estatura bastante inferior à média portuguesa feminina, da actualidade. Vem confirmar a distinção por mim feita entre o tipo epipaleolítico de Muge e o português de hoje.

M. C.

ALFREDO CASTELLANOS — *La limite du plio-pleistocène et le problème de l'homme tertiaire dans la République Argentine* — « *Revue Anthropologique* », Paris, 1923, n.^{os} 7 e 8.

Êste opúsculo é o resumo sintético de trabalhos anteriores, em que o autor trata da determinação bem documentada do limite

entre o terciário e o quaternário argentino, primeiramente estudado por Florentino Ameghino e, como é sabido, duma forma que tem sido vivamente posta em discussão. Esta questão prende-se com o problema do terciarismo americano, isto é, com a existência mais ou menos contestada do homem fóssil entre êsses limites, nos terrenos da América do Sul, particularmente na República Argentina.

Dado o estudo das diferentes camadas geológicas e a sua sistematização, que o autor documenta com a determinação das características formas fósseis e simplifica em quadros sinópticos apropriados, pode-se compreender a caracterização do pleistocénico argentino, independentemente dos modos de ver de F. Ameghino e seus opositores.

Pelo que respeita ao tão debatido problema do homem terciário, o autor deixa ver, de acôrdo com Florentino e Carlos Ameghino, que acredita em que o berço da humanidade tenha sido um continente austral submerso, cujos restos constituem a Patagônia, e que a existência humana data da época terciária. O trabalho é acompanhado duma extensa e interessante bibliografia, que dá sobretudo a nota do muito que sôbre o assunto se tem investigado e escrito na referida república sul-americana.

BETHENCOURT FERREIRA.

ALFREDO CASTELLANOS — *La presencia del hombre fóssil en el pampeano medio del valle de los Reartes (Sierra de Córdoba)* — «Bol. de la Acad. Nac. de Ciencias de Córdoba», t. XXV, págs. 369-382 — Buenos-Aires, 1922.

Neste trabalho faz o autor a descrição dos terrenos das margens do rio dos Reartes, onde tempos atrás foram encontrados alguns fósseis, restos de *Glyptodon reticulatus* e de *Mastodon audium*, particularmente chamado «Tierra Colorada». Foi ali que o Prof. Castellanos achou, entre os fósseis de Mastodonte, um fragmento de defesa dêste com sinais de trabalho intencional e inteligente, que converteram, nessa época geológica remota, a dita peça num utensílio de que o antepassado humano soube utilizar-se, embora grosseiramente. O estudo desta peça é acompanhado das estampas que dão a idea perfeita do objecto, sem dúvida muito curioso e instrutivo, no sentido de documentar arqueologicamente a existência do homem fóssil dos pampas, segundo a interpretação dêste professor e demais antropologistas argentinos,

entre os quais a individualidade autorizada de Florentino Ameghino deixou escola.

O referido instrumento prehistórico consta dum fragmento de defesa de Mastodonte, com sua capa de marfim e esmalte em parte conservada e aperfeiçoada de modo a servir de utensílio ao seu possuidor.

A situação do achado foi cuidadosamente determinada na camada estratigráfica descrita com o nome de Belgranense, que faz parte do sistema pampeano desta localidade. O corte e a forma dada intencionalmente ao objecto estabelecem a probabilidade da existência de seres inteligentes nestas paragens em épocas bastante recuadas do quaternário.

B. F.

ALFREDO CASTELLANOS — *Contribucion al estudio de la paleoantropologia argentina. Restos en el Arroyo Cululú (Prov. de Santa Fé)* — Extr. da «Rev. da Univ. Nac. de Córdoba», ano XI, n.ºs 7, 8 e 9, 1921.

Na introdução desta memória o autor faz a história das descobertas de restos humanos fósseis em território argentino. Justamente o primeiro achado dêste género fêz-se em Santa Fé, onde o Prof. Rovère exhumou (margem direita do rio Cululú) um fragmento de maxilar inferior, em estado de fossilização calcárea argilosa e ao qual o Prof. Castellanos dedica um demorado e minucioso estudo, em comparação com restos análogos observados na América do Sul e na Europa. Os dentes (4 e uma raiz) presos ainda ao fragmento foram objecto de exame particular, afim de estabelecer seguro critério para a diagnose da espécie.

Pelas características anotadas detidamente o autor conclui que êste fóssil pertence ao *Homo sapiens* L., com certos sinais arcaicos.

As particularidades que êste pedaço de mandíbula apresenta, revelam semelhança acentuada com as que se observam nos restos recolhidos na margem esquerda do mesmo rio, mas de época mais recente, e também com as dos indígenas da região. Apesar do estudo muito cuidado e completo desta peça, é difícil caracterizar definitivamente a raça a que tal resto fossilizado se refere.

B. F.

ALFREDO CASTELLANOS — **Observaciones preliminares sobre el pleistoceno de la provincia de Córdoba** — Extr. do «Bol. da Acad. Nac. de Ciencias de Córdoba», XXIII, págs. 237-254.

A constituição dos terrenos da formação pampeana da província de Córdoba foi estudada por diversos autores, além de F. Ameghino, sem se chegar a conclusões definitivas sobre a cronologia e a estratigrafia das camadas que formam este sistema. O autor deu-se ao trabalho de estudar este assunto difícil, no ponto de vista geológico e de paleontologia. Trata o autor de comparar os períodos glaciais europeus com os seus representantes americanos, determinados pelos estratos aluviais e pluvio-glaciais, cuja denominação recorda os rios da região estudada e correspondentes aos alpinos e da América do Norte, em semelhantes circunstâncias.

Os rodados patagônicos, que Dœring denominou formação tehuelche, são para o Prof. Castellanos o resultado do transporte dos quatro períodos pluvio-glaciais daquela região, os quais se sobrepõem e constituem a formação homogênea estudada por ele. A origem marinha ou pluvio-glaciária da formação tehuelche é controversa. O autor discute as diferentes hipóteses que a interpretam com larga cópia de elementos geológicos e tirados da paleontologia.

E' também digna de interesse a descrição dos estratos pleistocénicos de Córdoba.

Com respeito à classificação dos terrenos pleistocénicos, segundo a nomenclatura e interpretação modernista, o autor aduz considerações que merecem ser lidas, sobretudo no ponto de vista da geologia da América meridional, particularmente da Argentina. Bastante rica a sua bibliografia.

B. F.

ALFREDO CASTELLANOS — **Sobre un instrumento óseo del pampeano medio del arroyo Cululú** — Ed. do autor. La Plata, 1922.

A propósito deste achado, o Prof. Castellanos faz a descrição estratigráfica e paleontológica do local, nas imediações de Esperanza, província de Santa Fé, na Argentina. Trata-se dum objecto ósseo trabalhado intencionalmente e realizado de várias maneiras, com o intuito de o apropriar ao uso, posto que rudimentar, que revela um início de industrialização muito primitiva. Além de ser lascado é também um osso polido e parece ter sido empregado

como punção. O autor descreve mesmo o modo como teria sido empregado pelo seu possuidor ancestral. A obra é acompanhada de duas estampas que representam o perfil do terreno onde foi encontrada esta peça arqueológica e a mesma vista por diversas normas.

A edição é do autor, mas a publicação foi feita também nos Anais do Museu de História Natural de Buenos-Aires, t. XXXI.

B. F.

OTTO SCHLAGINHAUFEN — **Ein Pfahlbauerschädel aus dem Gebiete des Moosseedorfsees** — Extr. do «Bulletin der Schweiz. Gesellschaft für Anthropologie und Ethnologie». Berne, 1925-26.

Ocupa-se o autor, neste trabalho, dum crânio da época das palafitas suíças. Descreve-o minuciosamente e mede-o calculando os principais índices, alguns dos quais são os seguintes:

Índice cefálico	77,4
» vértico-longo	60,5
» facial superior	52,1
» nasal	45,4
» orbitário	84,5

Pelo aspecto e pelas medidas e índices inclina-se o Prof. Schlaginhausen a crer que se trate dum crânio feminino e, comparando-o com outros crânios primitivos, conclui que deve ser, segundo tôdas as probabilidades, um exemplar do princípio da época do bronze.

A. ATHAYDE.

A. A. MENDES CORRÊA — **O homem terciário em Portugal** — Sep. do fasc. IX do vol. III da «Lusitânia», revista de estudos portugueses. Lisboa, 1926.

Depois duma referência aos trabalhos realizados em Ota (Alemquer) desde 1866 por Carlos Ribeiro e Nery Delgado e à descoberta, feita pelo primeiro destes geólogos, dos *edlitos*, que levaram G. de Mortillet a admitir a existência no terciário português dum prehomínido, o *Homosimius Ribeiroi*, o sr. Prof. Mendes Corrêa faz um resumo do problema eolítico, citando a clássica experiência de Mantes, que demonstra a possibilidade das forças

naturais criarem pseudo-eólitos. Porém, se não há um argumento concludente para considerarmos provada a existência de homínidos no terciário, fortes indícios nos levam a supôr a sua existência no mioceno ou no plioceno, faltando, porém, a prova categórica dessa aparição.

As excavações realizadas na Quinta das Lages, do sr. Hipólito Cabaço, pareciam fornecer essa prova, visto surgirem em terrenos miocenos restos humanos e sílices talhados em Julho de 1925. Tendo o Prof. M. C. visitado essa estação, situada na zona da actividade de Carlos Ribeiro, acompanhado do assistente dr. J. Santos Júnior e de Romão de Sousa, do Serviço Geológico de Portugal, pôde classifica-la como do neolítico inicial, graças ao aparecimento de micrólitos geométricos e dum pequeno machado polido.

A análise dos escassos restos osteológicos, permitiu-lhe concluir que se tratava de dois indivíduos, um dos quais seria um adulto masculino, de estatura relativamente elevada, robusto, de dentadura forte e com cúspides bem nítidos, de tíbias platicnémicas, e talvez com uma forma craniana de tendência braquicéfala; outro seria menos corpulento, de idade porventura mais avançada, de ossos mais delicados e pequenos, com os dentes também mais pequenos e muito desgastados, talvez uma mulher.

A braquicefalia e a platicnemia permitem ligar êstes indivíduos às populações neolíticas, mas a estatura relativamente alta dum dos exemplares, leva a crer não se tratar já das formas típicas dos «restos de cozinha» de Muge, de estatura muito baixa, do epipaleolítico. Tais restos humanos foram enfim inumados muito depois do mioceno, em plena actualidade geológica.

Aproveitando-se da abertura duma vala para uma canalização de águas que passava perto dos lugares explorados por Carlos Ribeiro, o autor recolheu numerosos eólitos, todos de pequenas dimensões, sem uma morfologia bem típica, e sem demonstrarem um talhe feito sob um plano preconcebido.

H. PINTO LIMA.

SALOMON REINACH — *L'histoire des gestes* — Extr. de «*Revue Archeologique*». Paris, Ernest Leroux, édit. 1924.

Nesta conferência feita no Petit Palais de Paris a 28 de Maio de 1920, o eminente historiador de Arte procura esboçar uma história dos gestos. E' na criação dum determinado gesto que mais

evidente se torna a influência do público sobre a óptica do artista, como se nota na reprodução, tanto em voga ainda há poucos anos, do *falso galope* de Géricault.

O nu feminino, representado na arte classica a partir do século IV a. C., desaparece 5 séculos depois para tornar a reaparecer com Ticiano em 1570, torna-se desconhecido a partir de 1655 e depois da venda do quadro de Baudry em 1863, tem uma voga excessiva, enchendo-se os museus de mulheres nuas adormecidas. A origem do *gesto de ternura* (o Menino que abraça a Virgem) filia-a o autor, através dum quadro anónimo de Ypres (talvez de 1462) na escola flamenga de Jan Van Eyck, sendo copiado da escola veneziana dos precursores de Luca della Robia e datando por isso talvez do primeiro quartel do século XV.

Prevê o ilustre crítico o papel que ao cinema e à fotografia está reservado, na reprodução artística do movimento, como se pode ver desde já nas obras da velhice de Degas.

H. P. L.

ADOLF SCHULTEN — *Mainake* — Extr. de «*Deutsche Zeitung für Spanien*». N.º de 10-7-1926.

O ilustre professor de história antiga da Universidade de Erlangen ocupa-se, neste seu novo trabalho, da cidade de Mainake, que existiu na península ibérica seis séculos antes de Cristo. Reconstitui a sua fundação pelos focenses, expulsos da sua pátria pelos persas, o seu desenvolvimento, as suas relações comerciais com outras cidades do Mediterrâneo e com Tartessos, das quais resultavam vantagens para ambas as partes. Quando os cartagineses lhes impediram a passagem das colunas de Hércules para ficarem com o monopólio de Tartessos, a cidade da prata, os focenses de Mainake construíram uma estrada para conduzir àquela cidade em cinco dias, o que originou a guerra com os cartagineses, acabando êstes por destruir Mainake.

Poucos vestígios se conservam desta cidade, cujo local foi visitado pelo autor; em todo o caso êste diz que as suas necrópoles devem conter utensílios de metal e cerâmica e que devem ser exploradas para se encontrarem tesouros do tempo do apogeu de Tartessos.

A. A.

ALFREDO CASTELLANOS — *La familia primitiva* — Conferência de extensão universitária na Universidade Nacional do Litoral. Rosário, 1923.

Neste discurso trata o autor as origens da monogamia e defende a união conjugal tendo como fundamento um sentir dignificado pela própria Natureza. Vai procurar as origens da família às associações primeiramente formadas entre Primatas, em regime arborícola, e daí novamente adaptadas a uma existência de nómadas bípedes, em consequência da lenta transformação de hábitos, que trouxe a modificação profunda das extremidades, diferenciadas em mão e pé, a partir da semelhança própria dos quadrúmanos. Antepõe ao critério dos historiadores e sociólogos o critério naturalista, ascendendo ao passado remoto, entre os seres ainda perfeitamente bestiais, livres de toda a convenção, entregues meramente a seus instintos brutais, mas em que se esboça já certo modo de pensar e de sentir, a psicologia que, segundo este autor preside primeiro à constituição da família, à *ginococracia*, na qual a fêmea, perfeitamente igual ao macho, se constitui necessariamente a criadora e defensora da prole. Fala também do domínio adquirido brutalmente pelo macho sobre a fêmea e a posse desta, violenta a princípio, à qual teria sobrevivido o amor, como primitivo sentimento afectivo, base de toda a família. A ligação entre filhos e mãe deveria ser, nos primeiros tempos, o vínculo natural dessa família rudimentar. O amor materno representa pois, desde a mais longínqua idade até ao presente, desde a manifestação mais rude da inteligência, o mais sagrado sentimento. A *ginococracia* é portanto a sociedade mais elementar que a antiguidade regista. Estes sentimentos primevos complicam-se pouco a pouco pela selecção sexual e pela sensação estética, entre macho e fêmea, donde a atracção inter-sexual.

Refere-se depois à monogamia dos Primatas, dos monos antropóides, cuja vida descreve no seio do seu habitat florestal e daí à evolução dos Hominídeos e às suas emigrações, assim como às vicissitudes que deveria ter sofrido a primitiva família, à formação filogenética do *Homo sapiens* L., e, finalmente, ao homem pré-histórico e suas indústrias líticas e ao começo da religiosidade, para concluir pela instituição do agregamento em tribus e do *matrimónio*, considerando a civilização actual como descendente legítima da promiscuidade própria da vida das tribus.

B. F.

ALFREDO M. ATHAYDE — *Nota sobre a curvatura do frontal* — «Congreso de Coimbra, Assoc. Españ. para el Progreso de las Ciencias», t. VI. Madrid, 1925, págs. 109 e 110.

O autor apresenta os resultados das suas determinações das áreas das superfícies compreendidas entre as cordas metopion-bregma e nasion-metopion e as respectivas curvas, em símios e hominídeos fósseis e actuais. Encontrou diferenças bem significativas, que os índices de curvatura nem sempre exprimem perfeitamente.

Nos símios a área da parte glabellar aproxima-se muito da parte cerebral, acentuando-se progressivamente a diferença em favor da segunda nos crânios do *H. neanderthalensis* e do *H. recens*.

M. C.

EGON VON EICKSTEDT — *Zur Anthropologie der Garhwali im Himalaya* — Extr. de «Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien», vol. LVI.

O autor apresenta os resultados das observações que colheu em 13 prisioneiros de guerra índios, de Garhwal, no Himaláia.

Depois de descrever esta região e os seus habitantes, dá-nos o autor os resultados das suas investigações antropológicas, e, quando tenta compará-las com outras da mesma região, verifica que até agora só havia um caso estudado e publicado por Risley.

Eis algumas características antropológicas encontradas pelo autor: estatura, 159,8; braço, 166,5; índice cefálico, 76,8; índice facial, 82,2; índice nasal, 73,8; índice da orelha, 52,5.

Os habitantes do Himaláia central e ocidental, região a que pertencem os indivíduos estudados, aparecem como populações primitivas, que nem mesmo estão influenciadas pelos vizinhos. Daqui o grande interesse que ao autor despertou o estudo destes prisioneiros de guerra.

A. A.

KARLO HILDEN — *Die Runö Schweden in anthropologischer Hinsicht* — Helsinki, 1926.

A ilha de Runö está situada à entrada da baía de Riga, a 40 quilómetros da parte do continente que lhe fica mais próxima. Não tendo carreiras regulares de vapores e ficando desde Dezem-

bro a Abril rodeada de gêlos, encontra-se quasi completamente isolada da Europa. Tornava-se assim um excelente campo para a investigação da hereditariedade dalguns caracteres físicos.

Foi êste o fim que levou o autor a visitar esta ilha, cujos habitantes nos apresenta agora debaixo do ponto de vista antropológico. Estudou, empregando a técnica de Martin, 230 a 240 indivíduos, ou seja 85 % da população.

As médias calculadas são:

	♂	♀
Estatura	174,1	159,7
Índice cefálico	79,8	81,8
Índice vértico-longo	63,5	62,1
Índice vértico-transverso	79,6	76,7
Índice facial (Garson)	85,98	83,5
Índice nasal	66,1	66,3

Pigmentação

Cabelo:

Louro claro	15,9 %
Louro escuro	63,0 %
Castanho	15,9 %
Preto	5,1 %

Olhos:

Azúis	62 %
Cinzentos	5,1 %
Mixtos	30,3 %
Castanhos	2,6 %

Da análise dos resultados, da inspecção dos polígonos de variação, da comparação feita com outros povos já estudados, das lendas, e das opiniões de outros autores, conclui o autor dêste trabalho, que a população actual da ilha de Runö tira a sua origem principalmente duma mistura da raça nórdica com braquicéfalos de origem asiática.

A. A.

KAARLO HILDEN — Zur Kenntnis der menschlichen Kopfform in genetischer Hinsicht — Extr. de «Hereditas», VI. Lund, 1925.

Tendo-se oferecido ocasião para o autor poder fazer investigações antropológicas na ilha de Runö, à entrada da baía de Riga, e como os habitantes desta ilha, devido ao isolamento em que

vivem do continente europeu, casam entre si e portanto formam quasi que uma grande família, viu o autor que as suas observações podiam ser aproveitadas para estudos de hereditariedade.

Neste seu trabalho apresenta os resultados a que chegou no estudo da hereditariedade da forma da cabeça, traduzida pelo índice cefálico.

Depois de recapitular rapidamente os resultados dos trabalhos já feitos sobre êste assunto, descreve o material de que se utilizou e que constou de 116 homens e 116 mulheres habitantes da ilha. Contando esta na ocasião 268 habitantes, só ficaram por investigar os doentes e os recém-nascidos.

As médias do índice cefálico encontradas para os dois sexos foram: ♂, 80 e ♀, 76.

Entrando propriamente no estudo da hereditariedade, dá quadros e tabelas muito elucidativos, e depois de analisar os resultados colhidos à luz das leis e teorias da hereditariedade, conclui que a forma da cabeça expressa pelo índice cefálico é condicionada, com tôdas as probabilidades, por factores polímeros cumulativos e que um número maior de tais factores origina braquicefalia enquanto um número menor conduz à dolicocefalia. Do que resulta que a braquicefalia é dominante relativamente à dolicocefalia. Como os factores polímeros não condicionam directamente a forma da cabeça, mas os seus diâmetros, lamenta o autor que a escassez de material, atendendo à redução que sofreria excluindo as crianças, não lhe permita o estudo da hereditariedade dos dois termos do índice cefálico.

A. A.

A. A. MENDES CORRÊA — As tentativas de definição bioquímica da raça e do individuo — Sep. de «A Águia», n.ºs 37 a 48. Janeiro a Junho de 1926.

Vivendo os indivíduos duma forma autónoma a dentro do seu saco «de coiro», são êles a realidade viva. A espécie divide-se em grupos formados por tipos físicos hereditários — as raças. Nesta definição de raça, os caracteres morfológicos sobrelevam aos funcionais e bioquímicos. Vários investigadores procuraram nestes últimos uma base mais sólida para a classificação das raças, visto as experiências de Abderhalden terem demonstrado que a substância viva difere quimicamente de espécie para espécie, de individuo para individuo, de órgão para órgão. Os estudos de Gautier vieram revelar a diversidade química das raças, mas a análise da matéria viva oferece uma dificuldade enorme, visto

que só com vinte ácidos aminados se encontra um número prodigioso de proteídes estereoisómeros.

Desde já é possível calcular o papel que as substâncias químicas desempenham nos fenómenos da hereditariedade, assim como o das hormonas na caracterização morfológica da espécie, segundo Bolk, ou das raças, como pretende A. Keith, que supõe a possível intervenção da glândula tiróidea na morfogenia da raça mongólica, a interferência da actividade hipofisária no desenvolvimento tegumentar e crescimento normais, das cápsulas supra-renais na coloração das raças melanocróides. O Prof. M. C. estende esse papel morfogenético das hormonas às variantes *individuais*.

Desempenham as hormonas uma tarefa de interacção, correlação e coordenação, individualizando cada organismo, o qual escolhe as substâncias de que se serve, não sendo por isso verdadeira a fórmula de Moleschott, *Man is what he eats*, mas a proposta pelo Prof. Mendes Corrêa: *o homem come segundo aquilo que é*.

Perante as múltiplas combinações morfológicas individuais, Viola, seguindo a escola de Morfologia Clínica de Pádua, admite dois étipos, o tísico e o apoplético, com uma fórmula endocrínica própria a cada um e que Pende tentou determinar.

A serologia propôs-se fornecer um método de discriminação de raças bioquímicas, mas todas as tentativas realizadas por Hirschfeld, Dungern, Jansky, Snyder, etc., ainda não alcançaram resultados positivos, alvitando o Prof. Mendes Corrêa a possibilidade da iso-aglutinação não ser uma reacção química, mas um estado físico de polarização ou vibração molecular. O autor faz numerosas objecções às interpretações mendelianas de Snyder sobre a sero-aglutinação e à utilização etnológica desta.

Em Portugal, a sr.^a dr.^a Adélia Seirós da Cunha tem-se dedicado no Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto, a estudos feitos neste campo, aberto na verdade às investigações mais fecundas.

H. P. L.

J. A. PIRES DE LIMA E CONSTÂNCIO MASCARENHAS — Contribuição para o estudo antropológico de Timor — Extr. do «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. IX, 1925; Contribuição para o estudo antropológico de Moçambique — Id.

Estudo feito sobre quatro crânios de timorenses, oferecidos pelo dr. Paiva Gomes ao Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto.

Depois de citarem todos os trabalhos que sobre a província de Timor teem sido feitos, desde os de Hamy até aos de Mendes Corrêa e Kleiweg de Zwaan, os autores dão uma circunstanciada descrição dos crânios, à qual se segue um quadro de todas as medidas utilizadas.

A análise etnogénica desta pequena série levou os autores à conclusão de se tratar duma série heterogénea em que diversos elementos étnicos intervieram para a sua constituição.

* * *

No segundo opúsculo, referem-se os autores aos trabalhos realizados em 1882 por Quatrefages e Hamy nas regiões, então quasi desconhecidas, que se estendem ao N. dos países dos Cafres até aos Grandes Lagos, aos crânios de Negros Maganjas recolhidos em 1862 por Kirk, companheiro de Livingstone, à colecção de bustos moldados e pintados do natural por Foberville, e finalmente aos estudos do Prof. A. Pires de Lima sobre 169 indígenas de Moçambique.

Por intervenção do seu director, foram oferecidos ao mesmo Instituto da Faculdade de Medicina do Pôrto, pelos drs. Gouvêa Pinto, António Barradas e Sousa Dias, 14 crânios de indígenas do S. de Moçambique (junto do Marracuene, perto de Lourenço Marques), certamente de indígenas da raça landim. Depois duma minuciosa descrição de cada crânio, apresentam os autores os quadros de medidas que os levaram a concluir tratar-se duma série homogénea, em que as oscilações observadas não passam de meras flutuações acidentais, o que revela apenas a mestiçagem entre tribus ou grupos mais ou menos afins, pertencentes indubitavelmente ao grupo bantu.

H. P. L.

EUGENE PITTARD — Le cancer dans les races humaines — Etude sur la répartition géographique et ethnique du cancer — Conferência feita na Sociedade de Geografia de Genebra, em 24 de Abril de 1925 — Extr. das «Mémoires du Globe», t. LXV, Genebra, 1926.

Tomando para versículo inspirador as palavras de Verneuil: *Le cancer est la honte de la Science*, o Prof. E. Pittard explica-as e ressalva a Medicina, como Arte, da responsabilidade imputada à ciência em geral, apesar dos progressos realizados pela terapêutica para a cura desta enfermidade horrível.

Estuda o autor as diferenças da repartição do mal entre as raças humanas, de acôrdo com as reacções obtidas com os diversos tratamentos.

A observação demorada e a experiência provam, desde Claude Bernard, que o meio interior nos diferentes animais faz variar imenso essas reacções e disso nos dá o antropologista de Genebra numerosos exemplos.

As experiências pastorianas de inoculação de virus em diversas espécies, mesmo zoológicamente próximas, mostram a disseminação dos resultados. As diferenças de adaptação do carbúnculo nos carneiros argelinos e europeus são já de si bastante significativas neste ponto de vista.

Para os morbos que perseguem a humanidade prova-se que a receptividade das raças é diferente; por exemplo, a febre amarela, que dantes era perniciosíssima para os indivíduos de raça branca e afecta pouco os negros. Trata-se de saber se realmente as raças apresentam meios interiores distintos, que façam diversificar as reacções mórbidas e se estas conferem imunidade para certas doenças. Julgou-se, por exemplo, que os índios americanos possuíam imunidade para o cancro, a qual desapareceu pela mestiçagem. Os negros tem uma receptividade enorme para a tuberculose. O ponto capital é saber antropologicamente se certas raças humanas são ou não imunes em presença do cancro. O conferente faz, a êste respeito, a história dos trabalhos efectuados, das indagações feitas sobre o assunto, e trata portanto da repartição estatística da doença pelos grupos étnicos estudados.

É um trabalho interessante de geografia médica e de antropologia, em que esta ciência empresta à investigação estatística do cancro o elevado poder dos seus processos.

Os resultados estatísticos são também para apreciar. O Prof. Pittard reuniu no seu estudo bastantes elementos que fazem pensar. Por êles se vê que há maior número de cancerosos no mundo oriental (Eurásia e África) do que no ocidental (América). Daí é notável também a desigualdade da repartição do cancro nos diferentes países americanos, talvez consequência das imunidades étnicas ou de complexo etiológico ainda não destrinchado. Assim, nos Estados-Unidos, a percentagem é de 74, ao passo que na América central é de 50. Há na estatística publicada números muito sugestivos. De muitas divisões da Terra os números devem ser sujeitos a verificação. Assim parece que a raça nórdica (?) (*Homo europæus*) é mais atreita ao cancro do que os grupos mediterrâneos. A esta apreciação em conjunto o conferente faz depois o exame mais detido dos números obtidos para expressar a frequência do cancro nos países da Europa e coloca êsses

números em confronto com os elementos da população que os colonizam actualmente, chegando a obter diferenças muito significativas no sentido da maior ou menor receptividade das raças em relação ao mal em discussão. Contudo o autor não crê na existência de raças imunes, ou quâse, ao cancro; mas aquelas diferenças são de tal modo sensíveis, que dão inevitavelmente que pensar na desigual receptividade.

É um estudo notável de antropologia médica, cuja importância, socialmente falando, é escusado encarecer.

B. F.

RENATO KEHL—*Bíblia da Saúde*—1 vol. de 482 págs. Rio de Janeiro, 1926.

Estamos tão habituados à profusão com que no mercado do livro surgem diariamente as publicações duma literatura dissolvente e perniciosa, que chega a causar-nos surpresa a aparição de qualquer obra sadia e benéfica, como é aquela que a livraria Francisco Alves, do Rio de Janeiro, acaba de editar ao ilustre higienista brasileiro, dr. Renato Kehl. Abundam, deploravelmente, na tristíssima hora que passa, as brochuras perversas e viciosas, os livros de mentalidades decadentes e de intuítos detestáveis. Uma tal bibliografia é o maior mal desta geração e um perigo sério para as gerações futuras.

A *Bíblia da Saúde*, do dr. Renato Kehl, pertence ao número das raras publicações cuja leitura saudável e confortante deve ser a todos aconselhada sem quaisquer reservas e antes com vivíssimo calor, porque é um belo manual de higiene, acessível aos próprios espíritos menos cultos e escrito no mais sugestivo tom de apostolado e de acôrdo com as mais benéficas e seguras prescrições da ciência moderna.

Passam-se em revista, nessas formosas e eloquentíssimas páginas, os aspectos mais variados das questões da conservação da saúde individual e da defesa pessoal e colectiva contra os múltiplos flagelos mórbidos. A preservação das gerações vindouras merece especiais atenções ao autor, que com o seu trabalho marcaria um lugar de primeira categoria entre os eugenistas, se como tal não estivesse já consagrado por outros estudos anteriores.

Sem descurar nenhuma das facetas fundamentais dos problemas científicos que magistralmente aborda, o dr. Renato Kehl tem o dom raro de expôr os mais complexos assuntos numa linguagem tão sóbria como primorosa e persuasiva, o que constitui

um dos grandes merecimentos do seu livro, que vivamente recomendamos como um dos melhores trabalhos do género que até hoje tem sido publicados em língua portuguesa.

M. C.

BETHENCOURT FERREIRA — *Estigmas profissionais* — «Revista de Educação Social». Lisboa, Junho de 1925.

Partindo do duplo sentido que a palavra *estigma*, segundo o Prof. Juan Mir, pode ter, o autor estabelece diferenças entre os estigmas que deshonram, como as tatuagens praticadas pelos correcionais, e a marca dos trabalhos, como as picadas das agulhas nos dedos das costureiras, — santas cicatrizes do trabalho, como disse Muerger. — A estes últimos refere-se o autor duma forma resumida, salientando o enfraquecimento visual dos estudiosos, *estigma do leitor assíduo*, a gerontíase das pessoas que transportam à cabeça pêsos excessivos e que tem muitas preocupações, o desenvolvimento dos músculos bucinadores dos antigos operários vidraceiros, a convexidade dorsal dos escrivães, etc.

Termina por preconizar uma melhor higiene nas oficinas.

H. P. L.

HIPPOLYTO RAPOSO — *Ana A Kalunga (Os Filhos do Mar)* — 1 vol. de 244 págs. Lisboa, 1926.

A nossa literatura colonial acaba de ser enriquecida com um livro de primeira ordem, que, escrito por um já consagrado homem de letras, não possui apenas um raro valor literário e uma alta significação patriótica, mas representa também uma importante contribuição para o estudo científico de vários aspectos da vida angolense. E' naturalmente sob um tal prisma que *Ana A Kalunga* nos interessa em especial nesta revista de ciência pura, sem que isso signifique que nos sejam indiferentes o primoroso relêvo de forma e expressão que o brilhante escritor deu à sua magnífica prosa, e a alma dum vibrante nacionalismo que se sente estremecer através de tão belo livro.

Os quadros históricos, os aspectos etnográficos, a fisionomia local, as questões administrativas, mesmo dramas sentimentais, nos aparecem em capítulos variados, duma leitura tão atraente como útil. Evocam-se horas quinhentistas de epopeia, admira-se Loanda numa soberba visão panorâmica, recordam-se scenas tris-

tes da escravatura, narram-se lances da nossa conquista e da rebeldia nativa, surgem aspectos curiosíssimos da vida indígena, e, num espectáculo de tragicomédia, observa-se tôda essa vergonhosa desordem e incapacidade administrativa, a que dá louváveis lições a activa Carolina do cais de Loanda e a qual transforma uma paródia eleitoral no drama dum pobre homem, mártir da Representação Nacional, portador heróico, através de mil vicissitudes — desde o interior ao longínquo litoral —, dos cadernos de fícticias eleições para um Parlamento que é dissolvido antes da chegada dos preciosos documentos ao seu destino... Mais triste ainda: as primeiras expedições militares são sempre mal preparadas, e assim, as seguintes — diz o autor — já caminham sobre ossos, porque vão vencer à custa do sangue e da vida das antecedentes.

A narrativa *A máscara do leopardo* é altamente empolgante e dramática. O sentimento autonómico, herdado dos avós, o orgulho, o brio ingénito do nativo nela perpassam vincadamente como no capítulo *A Rainha Ginga* e noutros.

O problema da mestiçagem, de tão palpitante interesse antropológico, moral e social, é pôsto admiravelmente em equação neste livro: «No orgulho legítimo de ter cativado o amor de um homem branco, com alegria ostenta a mãe (dos mulatos) os filhos nascidos do seu ventre; mas eles renegam da mãe que excederam e evitam confessar um pai que não chegaram a igualar... Lembrança viva e teimosa do que ontem foi, desejo do eterno impossível, o mulato é saudade de si mesmo e a ilusão sempre morta do que nunca há-de ser. Em fogo oculto na pele de azeitona, está sentindo o contraste das naturezas na luta do seu sangue, como o desespero do hermafrodita vai gritando ao conflito dos dois sexos. O mestiço é assim um sêr imprevisito no plano do mundo, uma experiência infeliz dos Portugueses... Nesta confluência de sangue, as duas raças entrepenetram-se, sem se confundir, enfeitando-se e repelindo-se uma à outra com permanente hostilidade».

Preocupou-se justamente Hippolyto Raposo com a condição e alojamento dos degredados, sugerindo-nos uma noção do que significa êsse regimen penal que na metrópole se aplica sem uma nítida visão científica do problema.

As últimas páginas do magnífico livro são consagradas à língua portuguesa, cuja evolução e cujas modificações dialectais nos territórios ultramarinos são soberbamente traçadas em períodos magistraes.

«Ao desembarcar em África — escreve o autor — logo nos impressiona o ouvido a pronúncia portuguesa dos negros em con-

junto e a dos mestiços ainda presos ao indigenato; as sílabas surdas sonorizam-se, as palavras prolongam-se, adoçam-se, e a impossibilidade de prolação de certos grupos consonânticos postula vogais que os desfaçam, alterando a silabação normal.

« Como no Brasil, a nossa África diz *gôvêrnadoore, âdevôgado, âdemiravel, âbissôlutamente...* »

E, com razão, o autor contraria o ponto de vista de Lopes de Lima, segundo o qual se deveria admitir o *brasileirismo* da linguagem e gente de Loanda. Desde que nenhuma influência social tem hoje o Brasil sobre Angola e desde que os indígenas vindos do interior adquirem logo, ao contacto dos europeus, a pronúncia dita brasileira, é legítimo preferir o *africanismo* do Brasil ao *brasileirismo* da África.

Muitos livros de grandes pretensões científicas não valem documentalmente uma diminuta parcela do que vale *Ana A Kalunga*, que, sob os aspectos literário e moral, é também uma brilhante comprovação das altas faculdades do seu autor. Hippolyto Raposo denota, além das suas já conhecidas qualidades de escritor, o poder de observação e de crítica dum cientista.

Todos os portugueses cultos deviam ler aquele excelente volume, em que se descreve eloqüentemente o contacto solene dos *Filhos do Mar* com o silêncio augusto e misterioso dos vastos sertões angolenses.

M. C.

ARMANDO A. G. DE MORAES E CASTRO E A. PEREIRA CARDOSO
— *Uma viagem através das colónias portuguesas* — 1 vol. de 240 págs. — Companhia Portuguesa Editora, Pôrto, 1926.

O funcionário colonial sr. Moraes e Castro e o nosso consócio sr. Pereira Cardoso publicaram uma brochura muito útil e interessante sobre as nossas colónias com o louvável objectivo de, numa forma literária acessível ao grande público e ao mesmo tempo atenuando a aridez dos números com uma exposição tão leve como sugestiva, realizarem uma benéfica e patriótica propaganda do nosso domínio ultramarino, infelizmente tão mal conhecido de muitos portugueses.

Trata-se duma série de cartas, em que são abordados assuntos vários, desde os aspectos históricos e geográficos mais importantes até aos problemas capitais de fomento e utilização económica do nosso riquíssimo património de além-mar.

Destacaremos entre os assuntos versados algumas referências etnográficas, colhidas pelos autores em observação directa no

local, e bem assim algumas alusões à antiga escravatura e ao papel educativo das missões religiosas.

Os autores praticaram uma acção de nobilitante patriotismo e revelaram qualidades de estudo que, sem dúvida, se hão-de afirmar em novos trabalhos.

M. C.

RODOLFO XAVIER DA SILVA — *Crime e prisões* — Trabalho do Instituto de Criminologia — 1 vol. de 287 págs. e 47 figs. Lisboa, 1925.

O ilustre director da 1.^a secção do Instituto de Criminologia de Lisboa reuniu em volume a copiosa multidão de materiais que tem laboriosa e proficientemente colhido em investigações feitas nas prisões portuguesas, especialmente na Cadeia Nacional, antiga Penitenciária, da capital.

A primeira parte do seu excelente livro constitui um verdadeiro manual português de policia científica, pois, além de considerações várias sobre regimen judicial, contágio criminal, etc., classifica os tipos mais característicos, no nosso país, de delinquentes de profissão e descreve com minúcia a técnica criminal desses indivíduos.

Na segunda parte regista o autor observações numerosas sobre a vida nas prisões, a linguagem, a literatura, as tatuagens, os vícios, etc. dos criminosos. O capítulo referente à organização do trabalho nas cadeias é muito importante e devia ser meditado seriamente por quem governa, para que se conseguisse uma verdadeira eficiência dessa organização, actualmente deficitária e imperfeita.

O livro do sr. dr. Xavier da Silva representa um grande esforço original e é pormenorizadamente documentado. Revela no seu autor belas faculdades de observação e estudo, e veio enriquecer notavelmente a bibliografia portuguesa sobre assuntos criminológicos e prisionais.

M. C.

LOUIS MARIN — *Questionnaire d'ethnographie* — 1 vol. de 129 págs. — Maisonneuve Frères, Paris, 1925.

É uma tábuca excelente dos pormenores que merecem a atenção do etnógrafo na sua análise duma população. Reconhecendo a sua utilidade, demonstrada já na prática pela aplicação que

dela fizeram de 1895 a 1905 os alunos de Mr. Louis Marin, a Sociedade de Etnografia de Paris, da qual este ilustre investigador é presidente, resolveu publicá-la no seu Boletim e em separata.

Passam-se em revista neste livro, indispensável a todo o etnógrafo, os variados factos da vida material, mental e social das populações. Para alguns desses factos o autor fornece esclarecimentos suplementares que são de grande vantagem para estudos insuficientemente iniciados.

M. C.

MICHAEL HABERLANDT — *Etnografia* — Tradução castelhana do Prof. Telesforo d'Aranzadi — 1 vol. da Colecção Labor, de 302 págs. e numerosas figuras. Barcelona, 1926.

A Editorial Labor, de Barcelona, está enriquecendo a livraria espanhola com sucessivos trabalhos de iniciação científica, dos autores mais competentes, apresentando-os com a mais primorosa factura material. O volume *Etnografia* do Prof. Haberlandt pertence ao número dessas publicações, sendo o texto ampliado com valiosas notas do seu ilustre tradutor, especialmente sobre o conceito de etnografia, a família, a religião, as línguas, etc.

Michael Haberlandt, depois duma introdução sobre o conceito, história, postulados e ideias gerais da Etnografia, estuda primeiro os aspectos vários da cultura em geral (própriamente a Etnologia, segundo o autor) e faz consecutivamente o estudo descritivo dos diferentes povos (Etnografia). Adoptando o método histórico-cultural e não um evolucionismo exclusivista, entra sensatamente em linha de conta com os mais variados factores externos e internos da vida étnica, definindo uma atitude intermédia entre a concepção geográfica e a concepção antropológica da História. Não esquece uma classificação sumária das raças.

Livro de alto valor didáctico, é aconselhável a todos os que queiram iniciar-se em tão curiosas matérias.

M. C.

INSTITUIÇÕES

EM INTERCÂMBIO COM A SOCIEDADE DE ANTROPOLOGIA

Lisboa:

Academia das Ciências de Lisboa.
Sociedade de Geografia.
Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais.
Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina.
Instituto de Criminologia.

Pôrto:

Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina.
Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências.

Coimbra:

Instituto de Coimbra.
Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina.

Viscu:

Instituto Etnológico da Beira.

Guimarães:

Sociedade Martins Sarmento.

Madrid:

Sociedad Española de Antropologia, Etnografia y Prehistoria.

Barcelona:

Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistoria.

Paris:

Institut International d'Anthropologie.
Ecole d'Anthropologie.

Roma:

Società Romana di Antropologia.

Florença:

Società Italiana di Antropologia e Etnologia.

Londres:

Royal Anthropological Institute of Great-Britain and Ireland.

Zurich:

Schweizerische Gesellschaft für Anthropologie und Ethnologie.

Viena:

Wiener Anthropologische Gesellschaft.

Perm:

Institut des Recherches Biologiques à l'Université de Perm.

Washington:

Smithsonian Institution.

Bureau of American Ethnology.

Mexico:

Dirección de Antropología (Ministerio de Fomento).

«Ethnos».

Rosário:

Museo «Florentino Ameghino» — Universidad Nacional del Litoral.

TRADIÇÕES MÉDICAS POPULARES

DA

REGIÃO DA FEIRA ⁽¹⁾

POR

ANTÓNIO C. DE CARVALHO FERREIRA SOARES

E

ARMANDO J. DE CARVALHO FERREIRA SOARES

Alunos da Faculdade de Medicina do Porto

(De Nogueira da Regedoura—Feira)

Nas primeiras lições do ano decorrente, o nosso Professor de Anatomia, sr. dr. Joaquim A. Pires de Lima, formulou o desejo de que, nas diversas localidades, se fizesse a nota dos termos populares das partes do corpo e seus achaques, com as atribuídas causas, respectivas curas e concomitantes crendices.

Acontece morarmos numa aldeia muito perto daquelas por onde andou a ares o que foi Professor desta Escola e ilustre escritor português Joaquim Gomes Coelho, *Júlio Denis*, — aldeia aonde vamos todos os domingos umas horas, e onde se mantém inalterado o «linguajar», que o escritor fonografou e pôs na bôca de suas personagens populares, as do segundo plano, como o *Cancela da «Morgadinha»*, o *Zé P'reira*, a beata *Catarina, Joãozinho das Perdizes*, o *Tapadas*, o *brasileiro Seabra* e o *mestre Bento Pertunhas*, — (*Bento* era o nome do então professor da freguesia

(1) Comunicação em sessão científica de 26 de Fevereiro de 1924.

de S. Félix, onde o escritor esteve; e o apelido *Pertunhas* era o do professor da limítrofe Grijó). E da nossa pequena propriedade vê-se o monte e a alvejante capelinha da *Senhora da Saúde*, onde Júlio Denis respirou bons ares e aonde levou as suas personagens da referida «Morgadinha». E avista-se também o «Mosteiro» que fica aos pés do monte... O bom, chão, grande e fero *João Semana* que nas «Pupilas» passa a cavalo enchendo as estradas sòlheiras com o seu corpanzil coberto a linho cru, o seu guarda-sol imenso e a ramalhoça de carvalho na pescocreira da alimária, era um médico autêntico do concelho, limítrofe, de Ovar. O *Tomé da Póvoa*, a tão desembaraçada *Ti-Ana-do Vedôr*, dos «Fidalgos», não teem um termo, um anexim, um «bordão», um geito de falar que não sejam daqui.

E como de muito novos nos fôra facultado ler e reler os livros de Júlio Denis, fomos agora mais uma vez relê-los com sofreguidão, na vã esperança de, catando bem, encontrarmos lá — se foi um médico que os fez neste «meio» aldeão e com uma comparsaria daqui — bastas alusões a mênzhas e respectivas superstições locais, que nos seria fácil tomar por ponto-de-partida e roteiro, aferindo-as pelo actual falar, e completando com o que indagássemos e ouvíssemos. Tanto mais que nos recentes contos e novelas *regionais* do escritor beirão Aquilino Ribeiro topamos aproveitado êste veio, com a respectiva intervenção do *maravilhoso* popular, representado por os *corpos-abertos* (que em nossa terra se dizem *moradas-abertas*), *tranglos-manglos*, *zangos*, etc., sendo enormes as parecenças com a nomenclatura daqui, apesar da distância de cá às mais recuadas serras da Beira. Verdade é que, embora recuadas as serras onde o falar do povo é tão semelhante ao daqui, é lá (na da Lapa) que nasce o rio desta região, o Vouga, e de lá vem gente, desde sempre, até cá baixo «à Vouga» (Costa Nova, Aveiro, etc.), ao sal e a outros géneros que lá falham. Pelo menos daí uma certa comunicação, explicativa daquela seme-

lhança vocabular, que já não existe para correspondentes falas de Trás-os-Montes ou Alentejo: essa comunicação está alterada com a recente exploração da linha-férrea de Val-do-Vouga, que pôs ponto no convívio periódico e demorado com ranchos de almocreves descidos das serras cá para baixo... — Digamos ainda que, se não fôsse já desviado do assunto assinado pelo Professor Pires de Lima, e se não mingudara o tempo, seria de tentar o cotejo do «maravilhoso» popular, no capítulo «mazelas e malefícios», de terra para terra; pois que, por exemplo, neste distrito, o de Aveiro, fala-se muito no «tardo» (além do lobis-homem, bruxas, creaturas que «correm fado»), e não ouvimos que, como em serras da Beira, se fale por cá, presentemente, de «zangos» no sentido de activos seres maléficos, mas tão só como efeitos, na forma «azango» («aquilo parece azango», etc.). Também a espécie *corpos-abertos* ou *moradas-abertas* e *meninos-bentos*, benzedores, tem na nossa Nogueira da Regedoura, representantes que veem de longe, e de nomeada ao largo:

Era desta Nogueira aquele «santo, José da Rocha» que benzeu e defumou Camilo Castelo Branco, por 1860-61, nas cadeias da Relação do Pôrto, onde convizinharam os dois, como o romancista descreve a págs. 170-181, I vol., 5.^a edição das *Memórias do Cárcere*. Êle andava pelos 70 anos quando Camilo o encontrou, como êste escreve; já muitos anos dobaram sôbre a sua morte; e ainda é bem viva, por perto e longe, a sua memória. Mesmo à cadeia — notou o escritor — «de longes terras, raro era o dia em que não vinham a êle ranchos de mulheres e homens, cabisbaixos e reverenciosos, como caravanas de turcos ao santuário de Meca. Vinha aquela gente à reza do santo e a consultas sôbre moléstias abandonadas da ciência...». Consta, sem discrepância, que era um crente e um desinteressado, não levando dinheiro por a intervenção contra mazelas e malas-artes dos «espíritos do mal». Fês-se notar de Camilo a fácies do Rocha: «Sata raras vezes do seu cubi-

culo e trazia no rosto um sorriso e uma luz de bem-aventurado»; e fêz-se notar também o estranho brilho de seus olhos: «*enviezando ao firmamento olhos flamejantes do fogo inspirativo da pitonissa*». Foi muito de relance o olhar de Camilo para êsse homem; tão de relance, que lhe errou a naturalidade trocando Regedoura em Rechousa (pág. 179) ⁽¹⁾, e desconheceu que a prisão fôra por uma vingança, que todo o povo do lugar e redondezas unânimemente reconheceu, e ainda reconhecem os velhos que sobrevivem. Se o soubera, da sua pena sairiam as plangências ou frémios coléricos que desfere a propósito de outros presos. Não obstante, e apesar da leve ironia «no fogo da pitonissa», o escritor sublinhou-lhe o flamejar dos olhos; o que êle ignorava é que o Rocha hipnotizava com o olhar, e prostrava desamparados no chão alguns clientes, de-certo aterrado êle mesmo da maravilha, só atribuível pelo povo — então mais do que hoje — a poder extra-humano. Muito contribuiria essa peculiaridade do seu *poder* para o grande nome que tinha; e ainda vive um seu vizinho octogenário, sr. Alexandre Silvestre Corrêa, que disso se recorda, — e de actos de desinterêsse do homem. É insuspeita a testemunha, porque é um filho do então cirurgião do lugar, — minguando por certo a seu pai a clientela com tal vizinhança. O facto de Camilo notar tanta visita ao Rocha, sem desfechar-lhe leve zombeteio a interesseirices, parece confirmar-lhe a boa fama ⁽²⁾. Perdura e *rende*: desde aqui, em largo raio que chega até Barcelos por norte, Anadia a sul e, pelas serras de leste, até

⁽¹⁾ Edição supradita das *Memórias do Cárcere*.

⁽²⁾ Pelo carácter]de desinterêsse e de crença sincera, cremos que êste Rocha bem pode considerar-se como pertencendo à categoria de *salutadores*, consoante o sr. dr. J. A. Pires de Lima, a pág. 8 do opúsculo *O dente santo*, à parte uma das «*castas* de pessoas que o povo considerava outrora dotadas de poderes sobrenaturais», — em contraposição à casta dos «*feiticeiros* que recebia do diabo a arte de adivinhar».

«*à Paiva*» e até perto de Viseu, vai hoje, e desde há muitos anos, um conterrâneo industrioso, que *ao longe ainda se faz apellidar «Rocha»*, posto seja outro seu apellido «de nação». E, mesmo à beira da casa onde viveu o vero Rocha, o de Camilo, no sítio da Cabreira (entre Nogueira e Grijó), — casa que, não vão muitos meses, foi quasi tôda apeada com parte da «sala das rezas» —, tentou a mesma vida, inda há meia dúzia de anos, um rapazote muito novo, — porque era grande chamariz poder dizer-se e espalhar-se: «*o menino-bento, a morada-aberta da Cabreira...*».

Mas — revertendo — fomos reler os livros de Júlio Dinís na vã esperança de lá encontrar bastas alusões a mêzinhas e superstições locais. Engano. Júlio Dinís evita roçar por tais assuntos: dir-se ia que, na sua doença, achando lenitivo em escrever páginas de Arte, achava contra-indicado reocupar-se de assuntos ligados aos estudos profissionais. Morrem-lhe nos romances umas poucas de pessoas; mas o médico romancista nem a sêca certidão de óbito lhes passa, pois não declara de que morrem: «*colheu-a o sopro da morte*» — diz da pequena Beatriz, nos «Fidalgos»; e «*veio a doença e a morte da esposa*» (que o «fidalgo» da «*casa mourisca*» é viúvo como quasi tôdas as personagens adultas do terno escritor, — o que dá um tom quebrado, melancólico, às figuras jovens da sua galeria de artista... minado pela doença).

E nada mais. O «Herbanário» da «Morgadinha», que parecia forçado, pela sua qualidade, a ser-nos *cicerone* no caminho desejado, apenas numa ou duas páginas cita passos da *Polianteia* de Curvo Semedo, — trechos de livros! Do povo directamente, nada. Aparece um *barbeiro* no recanto duma página ⁽¹⁾ a falar de achaques ao estilo daqui.

⁽¹⁾ *Pupilas*, pág. 76.

Porém, baldado por aí o nosso empenho, mal assentáramos em tomar o caminho mais simples, — seguir a divisão do corpo, como o povo a faz, em «cabeça, cara, pescoço, corpo (= tronco), braços e pernas», e, pegando-lhe «de uma banda a oito», ir perguntando pelos lugares: «¿Como chamam vossemecês a isto? e àquilo? e àquel'outro? ¿nunca padeceram aqui nenhum *mal*, nem conhecem quem padecesse? ¿Como se chama êsse achaque? ¿o que é que o *gêrou*, de que é que *rescenderia*? e como se cura?» — e assim por diante, — mal assentáramos e encetáramos êsse caminho, apareceram-nos duas ajudas, que se nos impõe confessar:

1.º) Uma pessoa de família, dedicando-se um pouco à busca e notação filológica e etnográfica de modismos regionais, em que por vezes aparecem expressões de mazelas, mênzinas e superstições, alguns dados nos forneceu, de que lançamos mão.

2.º) Sobretudo o distinto clínico sr. dr. José Amorim, da casa da Quintã, da vizinha freguesia de Mozelos (Feira), prestou-nos um paciente e valiosíssimo auxílio, com sua experiência no lidar com êste povo (entre o qual nasceu e por quem é justissimamente estremecido), dado o seu espírito observador e o carinho com que ouve os doentes e por êles se interessa. Foi o sr. dr. José Amorim quem nos indicou a destriça a tentar entre os nomes, por assim dizer, *clássico-populares*, e outra paralela nomenclatura, ou *pueril* (como na classificação dos dedos em *men-dinho*, *parceirinho*, *pai-de-todos*, *fura-bólos* e *mata-piolhos*) ou *pica-resca* e *irónica*, ou que *foi irónica* (como a que chama *oucas* às pernas, *presunhos* às mãos, *galfarros*, *gatásios* e *arpeus* aos dedos, etc.). Assim, o *primeiro termo popular* que pomos a qualquer parte do corpo, quando haja mais de um, é o mais usado localmente como *clássico* ou da *linguagem sisuda*, — permita-se-nos dizer assim.

Hesitamos sôbre se devíamos limitar-nos a dar aqui só êstes nomes, ou se deveríamos pôr os paralelamente usados, alguns

fugindo para o calão. Pareceu-nos melhor pôr quasi tudo, relegando todavia o que o povo chama «palavrões», os a que se alia sentido obsceno. Por vezes irão em notas.

Fês-nos observar o sr. dr. Amorim que o povo arranja a nomear muito discriminadamente a qualquer parte do corpo por uma qualquer palavra ou rodeio. E a explicação está, cremos, na costumeira de o doente de consultório, acabado o rosário de seus males, derivar à descrição dos padecimentos dos que estão em casa, pais, filhos, irmãos, vizinhos, às vezes os mortos, e até irracionais: e para isto teem, não de apontar «*é aqui que doe*», mas de *descrever* e *nomear* a parte dorida — ausente. Já Júlio Denis nas «Pupilas», traz disto uma verídica página (1), que parece escrita aqui.

Além disso, quando apresentávamos a linguagem e abusões observadas principalmente nesta freguesia e na de Grijó, o sr. dr. José Amorim, que exerce clínica em muitas freguesias em redondo e que, para mais, é médico do «Hospital de Oleiros», freguesia também limítrofe, — não só completava, com o resultado de suas observações, o que íamos averiguando, mas também salientava algumas diferenças de uns pontos para outros: assim, no Hospital de Oleiros, viu que algumas doentes mandavam pedir pela enfermeira «*se o sr. dr., ao menos por um bocadinho, as deixava abaliar*». *Abaliar* era desabafar em gritos, estar em queixadouro, — assim se diz para leste dos altos em que passa a estrada nacional Lisboa-Pôrto, dividindo a bacia do mar da da serra; os doentes das terras a poente daqueles altos, êsses pedem para «*barregar*»!...

(1) *Pupilas*, pág. 78.

*

* *

Aos poucos marcamos, nos escritos regionalistas de Aquilino Ribeiro, cópia de expressões populares, das que procuramos na nossa região, porque—já atrás o acentuamos—nos ferira a grande semelhança entre as dos povos de Moimenta e redondezas e as daqui. Especialmente esmiuçamos os quatro contos finais do *Jardim das Tormentas*, fortemente serranos; «*O último fauno*» das *Filhas de Babilónia*; a «*grande dona*» e o «*Malhadinhas*» da *Estrada de S. Tiago*; dizeres de uma que outra página da *Via sinuosa*, e todo o livro *Terras do demo*, em que «*o lexicon do escritor—como êle prefacia—é o dos serranos; as vozes ouviu-lhas êle; querendo até que esse livro se embrulhasse num pedaço da serguilha em que êles se embrulham*»; e, corroborando a afirmação do livro está, viva e eloqüente, a sua flagrante semelhança com o falar dêste povo entre que moramos.

Era intuito nosso fazer, com certa ordenação, o cotejo entre as abundantes expressões serranas, assim obtidas, e as daqui. Porém, para tanto falece-nos tempo.

*

* *

Finalizando estas aclarações, sejam derradeiras palavras as de homenagem ao nosso precioso auxiliar sr. dr. José Amorim, cujo merecimento é grande e a modéstia inverosímil. Além de familiarizado com as usuais doenças e suas modalidades nesta região, é um médico-parteiro procurado a tóda a hora. Se lhe tocam na perícia com que costuma haver-se, quási se apaga e encolhe de modesto, e diz que, «*como tanto trabalha com a mão*

direita como com a esquerda, daí certa facilidade»—em que, pelo seu dizer, não há mérito! Diversamente da figura de João Semana, que Júlio Denis pinta como ostentando aparências, só «*aparências de homem endurecido*»⁽¹⁾, o dr. José Amorim, «*da Quintã*», com a ternura de João Semana, é a afabilidade constante, a boa sombra,—sempre alívio na casa do doente. Sem carecer trabalhar, e não sendo um forte, êle lá anda a desoras da noite, tomados os dias pela afluência ao consultório,—e mesmo através de temporais defeitos, encapuchado e embrulhado em oleado, de cima do grande «*animal*», o moço com o lampião a alumiar, é muita vez meia-noite, e passante, e êle pelas carreiras e atalhos, a acudir a doentes! Para nós, seria vileza não aproveitar a oportunidade de dizer que se nos gravou para sempre, associada à eterna lembrança dolorida dos últimos dias que nossa Mãe viveu, a lembrança da solicitude e piedade com que muita vez, meada a noite tormentosa, êle lá vinha escorrendo e cansado para trazer lenitivo e conforto à tuberculosa que penou 6 anos, depois que melhorara no Sanatório da Guarda. Numa época em que se faz justiça não só aos grandes, às celebridades das cidades, mas em que, no norte, já foram homenageados, pelo menos, dois médicos rurais; numa época em que, concordemente, se celebrou na Batalha o «*soldado desconhecido*», não será alcunhada de impertinência esta modesta homenagem a um homem modesto.

Nogueira da Regedoura — 1923.

(1) *Pupilas*, pág. 94.

Pé e perna; mão e braços ⁽¹⁾

No pé há, inferiormente, as *solas*, *planta* ou *palmilhas* (e também *cascos*; diz-se: «Fulano não agüenta caminhadas, que é mole dos cascos»); diz-se: «Desde as palmilhas dos pés ao corucho da cabeça...»; atrás há o *calcanhar*, que às vezes é *gretado*; há a *galga* do pé, a *meio*; e mais à frente há a *polpa* do pé. Quando a galga assenta no chão, o pé é *raso*, o que isenta de ir para soldado, pela dificuldade de caminharem calçados os de pé raso. Na parte superior há o *peito-do-pé*.

Do muito caminhar fica-se com o «*pé aberto*» ⁽²⁾ (ou *espalhado*); «é preciso *cosê-lo*»; e faz-se borcando um púcaro de água a ferver num alguidar, e sôbre o fundo do púcaro, assim borcado, pousa-se o pé, que recebe o calor e vapor da água, enquanto a mênzineira, com um novelo e agulha, faz menção de cosê-lo, dizendo: «¿Eu que côso? — Carne quebrada, fio destôrço»; e «dizendo-se estas palavras, a água entra outra vez para dentro do púcaro, sinal de que o pé vai sarar».

Os dedos do pé são: o *grande*, *chegado* (ou *pegado*) *ao grande*, o *do meio*, *chegado ao pequeno*, e *pequeno*. Diferença na nomenclatura dos dedos do pé e da mão, é que nesta há o *mendinho*, e no pé o correspondente é o *pequeno*.

(1) Na explicação prévia, a págs. 94, já se disse a divisão popular do corpo em «cabeça, cara, pescoço, corpo (=tronco), pernas e braços». Um pouco mais para o sul, alturas de Coimbra, chamam à vagina «*bôca do corpo*», o que se torna inteligível sabendo-se a que é que chamam «corpo».

(2) Também se anda «*aberto*» do peito, costas, mão, pulsos, braços e «do corpo todo».

Nos dedos há a *raiz* do dedo (=ponto de inserção, como raiz é o ponto de inserção da língua, da coxa, do pénis, do nariz, — ¿de tudo o que é *apêndice*? ¿de tudo o que é *apêndice mais ou menos móvel*?...), há, dizíamos, a raiz do dedo, o *meio* e a *cabeça* do dedo; há ainda a unha e o sabugo: «não se deve arrentear tanto as unhas, que se chegue ao sabugo» (=figurado: «não se seja exageradamente marralheiro»). As articulações chamam-se «*as nossas dos dedos*».

Esmouca-se o dedo do pé dando uma topada (= *esmarroadela* ou *esmoucadela*). E «*estruminga-se*» de um pé ou «o pé *estruminga*» (=sofre entorse, *estrumingadela*).

Nas pernas ⁽¹⁾ há, anteriormente, o *osso da coxa*, o *joelho* e as *canelas* (ou *tôcos* ou *côtos*, se considerados sem o pé); e, posteriormente, a *perna-gorda*, a *cova-do-joelho* e a *barriga da perna*, ou simplesmente «*as barrigas*». Em baixo, lateralmente, estão os *tornozelos*. Em cima é a *raiz da coxa* (=ponto de inserção) e a *virilha* ou *v'rilha*. Contraposta à coxa há, do joelho para baixo, a perna pròpriamente dita... O arroz que se come «vai todo para a barriga das pernas», pelo que «é fraca comida...». (Note-se que *canas*, *côtos*, *tôcos* também são dos braços).

Os *ossos*, sobretudo das pernas, bacia e costas, e ainda as *juntas*, considerados como ponto de firmeza, chamam-se *nembros*: «F. não tem nembros», isto é, não tem firmeza, não se segura, não pode «formar direito».

Os pés, as pernas ⁽²⁾ *esquecem*, *adormecem* ou *adormentam*, dá-lhes a *breca*. Então anda-se sôbre o pé livre (o acordado), ao «*chinquelipé*», e vai-se dizendo: «Desadormenta-te, pé, que está o

(1) Em calão «*as gâmbias*» e «*as oucas*». (F. está *espernegado* com as oucas para o ar).

(2) Bem como os braços.

lobo atrás da sé, e há-te querer comer, e não há de poder correr». Nos pés e pernas dão «*cambras*».

Em pés e mãos aparecem *cravos* (=verrugas), — e «é de contar as estrélas». Para desaparecerem, toma-se uma mancheia de sal e, na hora solene e religiosa em que numa casa esteja aceso o forno do pão, entra-se inesperadamente sem pedir licença nem *salvar* com o ritual que um forno aceso impõe⁽¹⁾, deita-se o sal no fôrno e sai-se porta fora.

O *branco* das unhas, se é na mão direita, é »sinal de felicidades»; na esquerda, de «infelicidades».

Há os *cambados* das pernas; há pessoas «que metem para dentro», há-os «que metem para fora» (subentende-se *os pés, os joelhos*); há-os «que *zarellham das pernas*» ou «*entaramelam as pernas*» (=embarram com uma noutra, não as jogando com firmeza e ritmo)⁽²⁾.

Nas pernas são vulgares as «*veias-quebradas, varizes, fôrças*, que veem (e tôdas as roturas em qualquer parte do corpo) da fôrça que se faz puxando a grandes pêsos», ou de qualquer esforço, — e veem ainda «de um simples espirro ou tossidela»; e «nas mulheres mães-de-filhos, dos puxos para parir»; nos recém-nascidos, «*da fôrça que fizeram para nascer*»; e, para todos, «das passadas-falsas (=em chão inesperadamente desnivelado) ou «passadas em falso, por se andar no escuro, ou de cabeça no ar».

Aqui, o *rendido* liga-se, cinta-se. As práticas de passar o menino rendido pelo vime rachado, ou pelo olmo, ou pelo cerquinho ou carvalhiço, com três Marias e três Joões virgens, como

(1) E é: «*Louvado seja N. S. Jesu-Cristo, benza cá Deus tudo!*»; e de dentro responde-se: «*Benza-te Deus também*».

(2) Também «*se entaramela a língua*» nos em que «embarrrou raminho de estupôr».

relata minuciosamente o dr. Cláudio Basto, do Minho, na monografia *Quebradura*, e como o contista beirão Aquilino Ribeiro alude no conto regionalista *A grande dona*⁽¹⁾, essas práticas não as rastejamos por aqui; nem leve reminiscência de tal acusam as pessoas idosas.

Também «*no gôrdo*» das pernas há «*verdugos*» (bem como no gôrdo dos braços e das bochechas, isto é, nádegas), os quais parecem «*marcas de grandes beliscões*», e chamam-se «*nêgras*» quando se lhes acentua a côr que esta designação indica.

Nas mãos⁽²⁾ há os dedos (ou «*galfarros*» ou, se teem «*prêsa*», «*os gatásios*», «*os arpeus*»)⁽³⁾.

Ficou dita a divisão popular das partes do dedo quando se tratou do pé (a págs. 99). Dêles, na linguagem *sisuda*, o polegar é o *grande*, depois o *pegado* ou *chegado ao grande, do meio, pegado ao mendinho e mendinho*; na linguagem *pueril* são: o *mendinho, parceirinho, pai-de-todos, fura-bôlos e mata-piôlhos*. (*Unhas, sabugo e nossas*, como para os dedos do pé).

Opostas à *palma* ficam as *costas-da-mão*. Também se especia-

(1) Cláudio Basto, *Quebradura*, «*Medicina Popular*», 2.^a ed., Pôrto, 1916, pág. 6 e seguintes. Tem o dr. Cláudio Basto, além do citado, os opúsculos *Bexigas, Espinhela catda e Determinismo e previsão do sexo*, separata dum livro em preparação *Medicina Popular*. Vide também Aquilino Ribeiro, *Estrada de S. Tiago*, pág. 271. Aillaud, 1922.

(2) Em calão de aldeia «*presunhos*» e, se são grandes, «*manópulas*» e «*manóplas*». A várias partes do corpo humano se dão nomes buscados nas partes de outros animais, sobretudo do porco, cuja anatomia é melhor e mais geralmente conhecida... de vista; a tal ponto que corre este rião: «*se queres conhecer o teu corpo, mata o teu porco*».

(3) Ainda aos dedos, em calão e olhando-os como instrumento surripante e como carimbo de uma boa bofetada, se chama «*os mandamentos, os 5 mandamentos*», «*F. passou àquilo tudo os 5 mandamentos, e pintou-lhe na lata ou na figura os 5 mandamentos*». Em serras da Beira (Aquilino Ribeiro, *Terras do demo*, pág. 86), também se chama aos dedos «*os lapuzes*».

liza a «*cova-da-mão*», semi-fechada ⁽¹⁾; e em serras da Beira parece que «se assenta a navalha na *sola* das mãos» ⁽²⁾.

Ter «unhas nas palmas da mão» é «ser larápio».

Já atrás se notou que também há pulso *aberto*, *espalmado* ou *despalmado* (nota 2 de pág. 98).

Nas mãos com *calos*, para poderem continuar o serviço, sobretudo se são «*calos de sangue*», urina-se-lhes, e esfregam-se e batem-se bem uma na outra».

A mão esquerda é a «*canhota*»; quem «se ajuda mais com ela do que com a direita, é *canhoto* ou *esquerdo*».

«Pulso ou punho de *uma cana só*» é o do valentão.

De mãos e dedos diz-se que estão *engorinhados* ou *engrunhados* com frio.

Os antebraços ⁽³⁾ são os *côtos* ou *tocos* ou *canas*; do cotovelo para cima é o «osso do braço» (=húmero).

O decepado da mão é um indivíduo *côto*, só tem o *côto* ou os *côtos*. Perante prodígio que se encare como sobrenatural diz-se: «*quem não tiver mãos, erga os côtos!*»

Nos dedos aparece às vezes o «*panariz*», e aparecem as «*dadas*» (estas também por outras partes, sobretudo pelos peitos das mulheres; e a formação da palavra é como da «*nascida*»: —uma «*cousa que deu, uma coisa que nasceu*»).

Em braços e pernas há a considerar as *curvas*, *juntas*, *jogadours* ou *jogas*; nos braços, o *sangradouro*.

A largura que faz a mão, com os dedos esticados e abertos, é a «*chave da mão*» (=a área da mão aberta).

(1) Aquilino Ribeiro, *Terras do demo*, pág. 154.

(2) *Ibid.*, pág. 111.

(3) Para o povo «braço» é o todo, desde o «arco do pescoço» e espádua até à mão; o cotovêlo é como um marco *a meio do braço*, e serve para se dizer: «o braço do cotovêlo p'ra cima ou p'ra baixo».

II

Corpo (=TRONCO)

Da *cinta* abaixo é «o entre-pernas» ou «a galhada», onde são «perigosas as pancadas e aleijadelas». No homem estão lá «os grãos» e a sua «*bolsa*». Mancebo que «só tem um grão» é «*rancólho*», e «ao menos tem de bom que *se livra das correias*»; mas não divulga a anomalia, tida como humilhante inferioridade sob o ponto-de-vista másculo. (Anomalias no corpo são reputadas sinal de grandes qualidades ou destinos, donde o dizer-se: «*Deus que te assinalou, alguma coisa te achou*» ⁽¹⁾).

Se um homem topa pela frente quem «*é mais homem que êle*» (quanto a valentia) ou «*quem é fôrma do seu pé*», diz-se que o mais forte «*meteu ao outro o grão na v'rilha*».

Diz-se que um individuo é «*inteiro*» para significar *assomadiço* — como os cavalos não capados.

Além dos grãos estão na galhada o resto das «partes vergonhosas» ou simplesmente «as partes» — (e esta designação genérica também se aplica aos órgãos genitais da mulher): ao monte-de-Vénus chama-se «o pentelho» (que os *brasileiros*, com pruridos de «mais civilizados», dizem «*pente*»); ao pénis as pessoas envergonhadas chamam «o traste», «a coisa»; e os que conseguem pôr-se à vontade dizem a «*pir.^{ca}*», que é o termo aqui *clássico*.

(1) Não é só do vulgo esta crença. Nos escritores aparecem, de velhos tempos, referências e aquiescências iguais. Exemplo: Fr. Luís de Souza, na *Vida de D. Fr. Bartolameu*, págs. 15 e 16 (ed. de 1842, 1.º vol.), diz do biógrafo: «*Naceo este menino com hum notavel sinal, bem illustre pronóstico do que avia de ser delle ao diante... nas costas dela (mão)... impressa hũa cruz, florida*», etc... e «*Muitas vezes acontece honrar Deus com sinais antecipados*», etc. Do rei Sérvio Túlio se escreveram prodígios maiores de quando êle era criança, etc.

-popular; porém a criança *ainda não tem isso*, mas simplesmente « a pila » (1). Também com referência ao homem se diz « a natureza »: « De tanto frio, anda-se com a natureza nas encôlhas ». Outras acepções populares teem esta palavra « natureza » em cousas do corpo, como se irá vendo.

« Apessoado é o que tem grande pénis. Êste divide-se em *raiz*, *meio* e *cabeça*: também há « os freios ».

O povo pela designação « a passarinha » refere-se vagamente, segundo o anatómico brasileiro Silva Santos, ao pâncreas, quando diz que um grande susto, um grande e inesperado estrondo « faz dar *alanco* (ou *alancão*) à *passarinha* », ou « tremer a passarinha ». A pág. 157 da *Via sinuosa*, de Aquilino Ribeiro, vem uma passagem demonstrativa de que na Beira, Moimenta, se usa a aludida expressão, mas com latitude maior, parecendo referir-se à « saúde », à « vida »: « ai! êste homem (sarna e peguilhento) derranca-me a passarinha ».

Doenças *vergonhosas* — gálico, venéreo — são « *males* » ou « doenças de mulheres »: « F. teve *males* em novo; o que lhe vale é purgar por um *sedêlho* que tem no braço (ou perna); quando aquilo secar, morre ». — E é muito vulgar a crença de que secar-se qualquer ulceração crónica, ou cessarem inveterados vícios (fumo, rapé, etc.) é infalível sinal de morte.

A ideia, vaga aliás, da sífilis, pròpriamente, traduzem-na por frases destas: « F. está *podrinho* de todo; apanhou tamanha *carga* que lhe caíram as *campainhas*, *combaniram-se* os dentes, e até os ossos tem roídos ».

(1) Pondo de parte os « palavrões » aliás generalizados a todo o País, o povo, referindo-se a meninos, diz também « a rata, a tringalha, a carriça »; e, referindo-se a meninas pequenas, « o pisco » e « o passarinho ». Dos homens, por analogia com outros animais, diz: « a serventia »; e, de todos, « o que Deus lhe deu ».

Se alguém, ferido, sara fàcilmente, « é de bom sangue, de boa carnadura, limpo *de nação*, não lhe vem *males de trás*, dos seus antigos ».

Casado que não tem filhos « não é de casta ou de raça ». Há as expressões « *raçar*, *atravessar*, *machear*, *cobrir*, *padrear* ».

« Estar na cama com mulher, e ter de saltar de repente e molhar os pés, produz corrimento ». Esta crendice, muito vulgar, é *interessada*, por dar explicação inocente a actos que, sem ela, arrastariam precalços à paz familiar (semelhantemente *interessadas* são outras crenças: a de que « o *mata-bicho* (água-ardente) compõe o estômago e *corta* o *ácido* ou o *amargor* ou o *travo* »; a de que « o rapé até é receitado para aliviar os humores dos olhos »; a de que, a outros, « de estômago húmido », é receitado o cigarro para *enxugar* . . . »).

Horrível preconceito, tenazmente espalhado por aqui: « Se o que traz venéreo tiver relações sexuais com pessoa virgem, passa-lhe o mal, e fica êle curado ». O distinto clínico sr. dr. José Amorim tem encontrado casos de desfloramento de creaturinhas repugnantes, casos *unicamente explicáveis* por tal crença.

Diz-se: « F.^{na} já tem a sua regra » (= é púbere).

Da mulher arreitada diz-se que « anda saída como as porcas ».

Nas partes vergonhosas da mulher designam-se em especial *beças* (grandes lábios), *feitios* (pequenos lábios (1) e clítoris), *fechos* (= fúrcula), *canal da bexiga*, *madré*. Também há a designação genérica de « *via de diante* », por oposição a « *via de trás* ».

Da mulher que fica grávida diz-se que « *alcançou* » ou « *gêrou* » (a criança anda na *gêra*). Um dos sinais de ter alcançado é o *pano* na cara: « À F.^{na}, na primeira barriga, (= primeira vez que alcançou) veio-lhe muito pano à cara, e nunca mais varreu ou limpou ».

(1) Aos pequenos lábios chama o povo « *folhinhas* ».

Perto do quarto onde a grávida dorme, não haja «flores ou ervas de cheiro, porque a criança sae sarapintada da pele».

Se a grávida sente *desejos*, e não consegue satisfazê-los, pode «ougar da madre» e «deitar a barriga» (=ter abôrto); pelo que «é muito pecado não dar à grávida o que *lhe pede* a criança, o anjinho do Senhor». À *desejosa* esmola-se piedosamente, «porque não é para ela, é para o que Deus *lhe deu*». Há a prática de se fazer uma ração maior de comida à grávida, abrangendo «a parte dela e a parte do anjinho». Comendo ela o que os *desejos pediram*, «mal engole o bocado, sente pular-lhe a criança no ventre, a vir buscá-lo acima». É crença geral que o feto se alimenta tomando directamente por sua bôca os alimentos que a mãe ingere...

Diz-se: «Fulana tanto arrancou, que *gomitou* (=vomitou) a madre».

Há os *galhos da madre* «que veem acima à garganta a atafegar a padecente». (À pessoa que está arrancando tão demoradamente que incomode quem ouve, diz-se em ar achorrecido: «Credo! Gomita o pôrro!» e, para demonstrar um mixto de enfado, espanto e discordância ao ouvir *despropósitos*, diz-se: «Sume-te! alho pôrro!»—e a nenhuma pessoa, mesmo idosa, ouvimos a explicação do «pôrro») (1).

Quando há parto sem feto dizem: «Fulana teve um *bicho*, uma *cousa ruim*: é um *espelho*». É causa de humilhações, tida por «castigo».

Há crianças «sem tempo».

Para exprimir gravidez adiantada diz-se: «Mulher com a barriga à bôca»; ou «no resto do tempo», ou «que está para vir à

(1) Na Beira, e parece que mais raramente aqui, diz-se de um objecto ou espectáculo enjoativo: «Faz deitar a cama das tripas». Conf. Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, pág. 156.

cama»: (*Cái-se de cama*, de qualquer mal; mas «vir à cama» é ter o parto).

Quando «no resto do tempo» a mulher aparece «opada da cara, olhos *papudos*, as pernas como cêpos, inchada como uma pipa», é que «traz dois dum ventre» ou «a sua hora não promete ser boa».

No folheto do dr. Cláudio Basto, *Determinismo e previsão do sexo*, muitas alusões veem referidas,—e nenhuma nova aqui encontramos. A mais vulgar nestes sítios é a de que «se a criança mexer muito na barriga da mãe, é rapaz; se estiver *acomodada*, é rapariga». (É a registada no aludido opúsculo com o n.º 8, a pág. 3).

Há a crença de que se faz abortar por meio de escalda-pés, ou ingerindo qualquer remédio, de preferência flor de goivo amarelo, ou de cravo amarelo (1).

Quando enfim a mulher «está com as dores», põe-se a panela ao lume «para a água de galinha».

«Antes *das últimas*», para ajudar a puxar, uma pessoa, de pé, «fazendo firmeza»; verga o pescoço retesado, nêle se suspendendo a parturiente.

Às vezes a criança, apesar-de «a mãe sentir puxos e *lhe terem rebentado as águas*, fica-se muito tempo *lá para cima*, sem vir para o *nascidouro*» (=estreito inferior).

Se veio a criança, mas «fica dentro *a livração* (=secundinas), a parturiente—em cuja cabeça se põe o chapéu do homem, pendurando-se na cama umas calças do mesmo, diz: «Santa Margarida! estou aliviada, mas não estou parida!» ou «nem estou prenhã nem parida!»—e bufa a uma garrafa.

(1) Na Beira recorre-se a «*riço* de carvalhas» em bebida. Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, pág. 104).

A «*livração* não se enterra: põe-se em sítio em que algum animal a leve, — e leve o enguiço!» Ao pequeno sempre inquieto diz-se: «os ratos roeram-te a *envide*; tua mãe esqueceu-se de a queimar no lume!» (1).

O «parto pode subir à cabeça» (qualquer febre).

Nos primeiros banhos ao recém-nascido, quem o banha dá-lhe, na concha da mão, água da que o lavou, — água de c. lavado, que faz muito bem».

O «*fagarro*» são as primeiras fezes da criança «sôbelo verde» (mecónio) e que custam a expelir: daí a expressão figurada «hás de largar o *fagarro*!» quando se aperreia (=troça) alguém compelido a cousa custosa. Na Extremadura, Costa de Caparica, em vez de *fagarro* diz-se «*ferrado*», segundo o dr. Cláudio Basto, — e aplicam-no como mênzina nas quebraduras (2).

Na freguesia de Lobão (Feira), quando o recém-nascido está em perigo por não expelir o mecónio (o *fagarro*), «*talha-se-lhe o bicho-ferrão*».

Corre por aqui a expressão: «aquele nasceu dentro dum fole» (=sem se romper o saco amniótico) indicando admiração pela felicidade desde o berço. Também em falas de Mogadouro se faz referência ao «m'nino do fol', que quer falar e não pode»; mas é referência a outra cousa: ao que não pode falar agasalham-no muito, metendo-o de preferência num fole, — para o curar, — e vão com êle, assim, pedir por portas; mas quem dá esmola não indaga a quem dá, não olha (3). Esta prática também se usa nestes sítios.

Muita vez a criança «corta-se» (=intertrigo): «deitam-se-lhe pós de goma».

(1) Na Beira diz-se: «a *envime*». Aquilino Ribeiro, *Via sinuosa*, pág. 29.

(2) Dr. Cláudio Basto, *A quebradura*, pág. 29.

(3) Trindade Coelho, *Meus amores*, ed. Aillaud, 1901, pág. 249.

A uma criança no berço não se chega a gente pelo lado da cabeça, «porque fá-la *trocar a vista*».

Também uma criança «nunca se *enguiça*, que a torna *anai-nha*». «Enguiçar» é salvar a criança de escanchar-perna, passar sobre e ao través do seu corpo. A fórmula é: «eu t'enguiço, meu derriço, para que não cresças mais do que isso».

Quando adultos vêem semelhante *perigo*, fazem que quem a enguiçou a *desenguiçe*, isto é, a avance em sentido contrário: fica desfeito o malefício. Se a criança está «*mortal*» e «não pega nas *chuchas* da mãe, é preciso procurar criança que mame bem, para *apoiar* o leite». Muito espalhado é o conceito da «manha que teem as cóbras de, ao cheiro do leite, buscarem a criança no berço e meterem-se-lhe pela bôca a beberem o leite que teem no estômago; e de irem, *sem se sentir*, para a cama de mães que durmam com crianças de leite: durante o sono das duas, mamam na mãe e metem o rabo na bôca da criança, para ela ir chuchando enganada» (4). Não fazem implicância os dentes da cobra, porque... «a cobra não tem dentes; *espetta com o ferrão*, que a cada passo lhe vêm encolher e estender, *comprido como a vista*» (é como chamam à língua).

Mãe que amamenta seu filho, «nunca bebe água nem vinho, nem deixa *erguer-a-Deus* na missa sem, no momento, tirar a criança do peito»; aliás «a criança vem a ter ataques de *gôta*» (=epilepsia). Se acaso o fez, há um remédio, a saber:

1.º Se bebeu água, sem, no instante, tirar do peito a criança, tem de «levá-la a mamar no peito de *duas mulheres*» que amamentem filhos, «*mas sendo as duas, uma mãe de outra*»;

(4) Criança de leite que «vá mingando, mirrada e *estalida*» faz logo aventar que seja mais um caso destes — «*tão acostumados!*» Ver... parece que ninguém viu; «mas, também, as *bichas* — «olha quem, as grandes *malhadas!* — não chamam ninguém p'ra testemunha!»

como não é muito trivial a coincidência, fazem-se viagens até muito longe.

2.º) Mas muito mais difícil é no caso de a mãe haver bebido vinho nas *terríveis* circunstâncias atrás ditas: então «é preciso levar a criança a mamar em mãe e filha, ambas com leite, *mas pretas*». Perto daqui, no Corvo (concelho de Gaia) — verificou-o o sr. dr. José Amorim — houve duas pretas, há anos, nas *preciosas* condições, isto é, aleitavam filhos, uma e outra ao mesmo tempo, — e de muito longe se acorria ao Corvo, para casos destes.

Não se pode deixar cair uma gota de leite no lume, — «porque isso fá-lo secar».

Quando duas mães amamentam filhos, e estão uma junto da outra, não podem beber as duas em sociedade, da mesma vasilha, sem meterem previamente uma terceira pessoa no meio, a qual bebe no intervalo das duas mães; se assim o não fizerem, «a segunda a beber — *bebe o leite à primeira*», ficando aquela com muito leite, e esta, isto é, a primeira, sem êle.

Maiorzinhas já, «as crianças lambareiras de doçuras são as mais *caríveis* (= atreitas) a *bichas* (= lombrigas), porque o açúcar faz *criar bichas*» (1). É geral o uso de as *talhar*; porém em Nogueira da Regedoura prevalece uma prática que o observador clínico sr. dr. José Amorim não encontra nas outras povoações em roda: é que «*cortam as cabeças às bichas nas costas da criança, com uma navalha de barba*». Processo: «Nas costas espalha-se *parrumeira* (= fuligem) da padieira do forno; mistura-se-lhe azeite; esfrega-se; e deixa-se secar»; os cabelinhos das costas da criança,

(1) Todavia na vizinha Grijó a falecida irmã dum antigo médico, dr. Dias, preconizava e popularizava, nos lugares próximos à sua casa, este remédio: «açúcar mascavado quanto a criança possa comer; por cima, água de boa fonte quanto a criança queira beber, que o muito açúcar faz segura». E diz-se que era eficaz o remédio.

primeiro empastados e acamados com a *parrumeira* e azeite, começam, em secando, a erguer-se: «*sam as cabeças das bichas!*» E, «com uma *barbeira*, rapam-se as costas, e lá ficam cortadas as cabeças das grandes bêbedas». No Minho, margens do rio Âncora, há a mesma prática, como no-lo descreveu o sr. Jacinto José Alves, dali natural.

Para que «as *bichas* não subam à cabeça, com riscos de *atafegar* (= asfixiar) a criança, põe-se *estrugido* (1) de azeite-e-alho nas fontes e moleira». Também se põe «debaixo da travesseira um ramo de hortelã-das-bichas».

Crê-se que «as *bichas* atacam mais bravas em certos *luados*, em certas *voltas da lua*».

Há crianças que «teem mesmo *doairo* (= *fácies*) de *bichas*».

Logo nos primeiros tempos «*enxertam-se* as *bexigas*» e «*pegam* melhor uns *enxertos* que outros». É usual buscar-se o *enxerto* de umas para outras crianças, a menos que só apareçam *enxertados* filhos de «gente com moléstias à vista», que nesses casos há o receio de «se apegar».

Quando a criança começa a querer *palrar* e se lhe nota dificuldade, «*leva-se a cortar a trava*» (2).

Nos primeiros tempos «a criança olha mas *não declina, não aparta*».

Quási infalíveis nas crianças — as *dôres-de-barriga*, — mas *barriga* chama também o povo ao estômago: — Unta-se o umbigo com azeite e alho, *estrugidos* (que já vimos aplicado nas fontes contra as *bichas*); mete-se a criança ao *cêsto* (= berço) e embana-se (embala-se) com violência, empinando-se muito o *cêsto*, ora a um lado, ora a outro, vascolejando o corpo do padecente.

(1) Azeite frígido com alho.

(2) Cremos que deve ser «trava», posto que o povo pronuncia «trave»; o mesmo povo diz: «língua *destravada*».

Também é raro falhar o *serampo* e *serampelho*, — em que se usa, com grande agasalho « para o mal sair cá fora » e « não ficar recolhido », a luz vermelha, bem como nas bexigas, quer *bravas*, quer *loucas*, — para que « as *marcas* (= cicatrizes) não fiquem grandes ». As baetas que as Mães compram para envolver as crianças são de *côr vermelha*.

A *esgana* trata-se levando a criança « para o *ar dos pinheiros*, e fazendo-a cheirar resina ». Criança que com a *esgana* « *estrepasse* e perca o fôl'go » (nos acessos da tosse) « liga-se, cinta-se — para não render ».

Ao caírem os *dentes do leite* (quando a criança « anda na *muda* »), deitam-se « êstes na fornalha (= lugar atrás da lareira, para o qual se vai arrumando a cinza), e, para que nasça outro, diz-se: « dente fora, outro na *cova* ».

Se os dentes veem sobrepostos, são « dentes *acavalados* » (1).

Meter sustos à criança « fá-la ficar gaga ou *tata* ».

Comer ou beber diante de criança sem a « *desougar* » é tão crua desumanidade, que mesmo o inimigo dos pais não deixa de lhe dar o « *desougo* ». Ao *ougado*, cuja *fácies* (2) é a « magreza, amarelidão, olhos grandes e *desconsolados* e, sobretudo, o cabelo *estacado* » (= que não acama), faz-se no borrarho o *bôlo-d'ougado*, a saber: um pequeno bôlo de farinha milha em cuja face se imprimem 5 covas, nas quais, cozida a massa, se lança um pouco de azeite. O *ougado* senta-se dentro duma rasa, atrás da porta de casa, e aí o come, deixando um resto, que é posto fora de portas »,

(1) Se os dentes são ralos, isto é, com intervalos grandes de um para outro, « é sinal de ser-se mentiroso »; os intervalos são « para passarem as mentiras ». Se são grandes, são « *tachas* ou *tachotas* »; se pequenos, « dentes-de-ratinho ».

(2) A palavra « *doairo* », como se aplica nestes sítios, é rigorosamente a « *fácies* ».

para que algum animal o aproveite; a *crístãos* não se dá! » Ou então fazem-se 7 bolinhos, com as competentes 5 covas em cada um, para o azeite; o *ougado* come, o máximo, 6; — « o 7.º é para o gato ».

« Ougamento em meninos é muito mais perigoso que em meninas, porque àqueles pode-lhes fazer cair o *madrigão* ». O *madrigão* (1), correspondendo no homem (para o povo) à madre das mulheres, é suposto órgão que deveríamos, antes, ter incluído nas « partes vergonhosas » pela localização que o vulgo aldeão lhe atribue — a próstata, e porque não ousa referir-se-lhe sem embaraço: (à mulher do povo de quem colhemos, primeiro, a nota do *perigo* de ougamento em meninos pela queda provável do *madrigão*, custou-lhe a declarar a palavra, e, como perguntássemos o que era, *côrou*, ficou cabisbaixa e disse « que não sabia », isto é, não era cousa para mulheres dizerem. Foi o sr. dr. José Amorim quem tudo aclarou (1). Também a pessoas adultas, e sobretudo às idosas, sem largas para comerem o que lhes apetece na 2.ª *meninice*, acontece cair o *madrigão* ou cair o *ventre* (que diz o mesmo). É quando essas pessoas velhas cubicaram alguma cousa de comer ou beber, e, não a alcançando, *se desconsolam*. « Endireita-se-lhes o *madrigão* » ou « o ventre » com um emplastro. Não é o mesmo que endireitar a espinhela.

Quando a criança anda triste, « com *morrinha* », e não se queixa, por não saber ou « ser encolhida e sem desembaraço », logo se desconfia que pessoa inimiga e « de má condição » lhe deitou « *olhado* » ou « *mau olhado* », ou « *má olhadura* » ou « *quebranto* », ou « a *tolheu* », ou lhe « fez *mandinga* » (2): nêsses tremendos casos, « *recorre-se ao benzedor...* »

(1) O termo « *esmadrigado* », (=deprimido) vem, ao certo, daí.

(2) Êstes malefícios são extensivos a adultos.

À criança fraquinha e «sem *nembros*» dá-se, para a fortalecer, um *banho numa dorna com o vinho a ferver*. Há o perigo de asfixia; mas pessoas há que tiram da dorna um caneco de vinho em fervura, e metem no caneco a criança, que fica com a cabeça de fora.

Vai a criança crescendo, e — ou «é *viva como azougue*, nunca tem parança, *tem bicho-carpinteiro*», ou sai «*morrinha*, sempre *engerida*» (= como com frio perene). Ou «*vai espigando*, promete ser *tirada das canelas*», ou «é *tarraca*, *atarracada*». Algumas, não sendo gordas, teem todavia «a *carne sucada*».

Nos grandes, «*pingarelho*» é indivíduo sôbre o esguio, e mal-seguro; em caso contrário está o que é «*uma trave*» ou «*homão*».

Criança que não é «de boa bôca» mas antes é «*debiqueira*» ou «*biqueira*» é ameaçada com «*queimarem-se-lhe os barbos*», com a colher de ferro.

Crianças que não «*medram* e teem *doairo* de sofrer são *pelêns*, *pangaios*, *tolhiços*, *melados*, *arenques*; teem sempre *fraqueira*, não teem *sustância* nem *'stúcia* (= alento), são *fanguieiros*» («*fanguieiros de si*»), («*fanguieiros do corpo*»).

Há os «*sometidos do peito*» (= de peito deprimido, enco-vado).

O que chora sempre é um «*enxalmo*» ou um «*crausto*» (= cáustico).

O muito inquieto e travêssô é um «*incrêu*»⁽¹⁾, um *rifenho*, um *judeu*».

Como «de pequenino se torce o pepino», às crianças «dá-se a criação» (educação) em certos ensinamentos, às vezes com san-

(1) Vem de *incrédulo* a palavra; e a transformação do significado, maior que a do som, seguiu o mesmo caminho que na palavra *judeu* e *rifenho*, que assim se chama também ao traquina *atravessado*.

ção religiosa, contendo preceitos higiênicos ou profiláticos, ou mêmramente preventivos contra perigos: «Não se deve *sujar* nos caminhos» porque fazê-lo «é *sujar* no regaço do Senhor!» — «Pão, ou outra comida, do chão não se leva à bôca, que faz ganhar alporcas»⁽¹⁾. «Não se calcam *escarros feios* (= ensanguentados ou muito purulentos), que isso faz pegar-se a moléstia». — «Não se pega em *gravêtos* ou moliço (= caruma de pinheiro) a arder, porque quem o fizer miça na cama — e é uma vergonha!» — «Não se chega a gente à beira dos poços, rios ou barrancos, que pode vir o Demónio e atentar-nos e empurrar-nos». — «Não se vai atrás de sapos a atirar pedras ou a bater-lhes, porque esguicham do rabo um *veneno* que cega os olhos de quem lhes faz mal». — «Não se come fruta verde, que *talha* os dentes». — «Deitar tremoços (*curados* com água e sal) dentro do chapéu ou boné, e pô-lo, sem lavar, na cabeça faz ganhar *tinha*».

Continuando com o *corpo* (= tronco): Na intersecção do «osso da espinha» ou «das costas» ou «do suão»⁽²⁾ com a linha da «cinta» estão as «*cruzes*», ou «*cadeiras*» ou «*reins*»⁽³⁾. A «*barriga*» tem latitude maior que «*ventre*», que é só «o de dentro da barriga», e abrange estômago⁽⁴⁾, figado, baço e rins ou riles, e as tripas, delgadas e grossas, *bexiga*, *redenho* «que está pelo meio

(1) Todavia ao pão que *adregou* cair ao chão, a primeira cousa que se faz é beijá-lo religiosamente: depois é que se esmigalha, para as aves ou outros «*fôlegos-vivos*», a parte que se sujou.

(2) Na Beira, pelo menos a respeito de alguns animais, em vez de «o suão», diz-se «*a suã*». (Conf. Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, passim).

(3) Evidentemente «as reins» é palavra que diz o mesmo que «rins», e o povo diz «as reins», como diz «a fim» — («pensou chegada a sua fim, estar-se na fim do mundo», etc.); porém «as reins» são também indicativas da *região* nomeada igualmente por «*cruzes*».

(4) Em calão «o fole das migas».

de tudo » (= mesentério), tendo o nome especial de « lenço » o grande epiploon. Também ao conjunto das tripas se chama o *fato*; assim como, vâgamente, aos órgãos de minúsculo tamanho que estão « lá p'ra o *int'rior* » chama-os o povo « *os miudos* ».

A expressão: « F. é duro da natureza » e « é cálido do sangue » quer dizer « é preso do ventre ». Em caso contrário « é sôlto ». — « Dá-lhe volta a natureza » ou « não se segura da natureza » aquele a quem se solta o ventre.

Diz-se: « F. esminhou-se, esfoeirou-se, esforricou-se » (= desfez-se em diarreia; mas o 1.º termo parece indicar também esgotamento por excesso venéreo).

Quem, por « lobaz no comer, atafulhou de mais e se empanzinou, precisa ir *esmoer a barrigada*; senão, pode morrer *entourido* (ou *empachado*), se a natureza não *desandar* ». E diz-se: « F. não há comer que o *abonde*, e não medra: tem bicho (ou mal) que o roi por dentro; o Senhor nos dê muito e sustente com pouco ».

É farta a sinonímia para indicar o « *traseiro* », contribuindo muito o calão: é o *assento*, o *través*, o *proio*, a *bunda* (do Brasil), o *sêso*, o *de-trás* (na Beira, o *ce-trás*; — Aq. Rib., *Terras do Demo*, passim), a *traseira*. Ao esfíncter, ou melhor, à prisão do esfíncter anal, chama-se « *as serralhas* »: (« F. já não tem serralhas », = não se segura, « deixa-se ir »). Indicando o prolapso do ânus, diz-se: « F. puxou até deitar o ovelho de fora ». Quando isso sucede às crianças, « mete-se-lhes para dentro, a *amor* (= devagarinho) com um trôço de couve, untado de azeite ». Há as « *bochechas* » (= nádegas). Há as « *franjas do c.* » ou simplesmente « *as franjas* ». Persiste a expressão: « fugir com o rabo à seringa ».

« Às *almoreimas* ou *alborródias* faz mal a azeitona, o café, peixe e carne reimosa — as *comidas quentes* » (não é referência à temperatura com que são servidas, mas à sua qualidade). Para as *almoreimas* « é bom banho de assento em água de malvas ».

O estômago é também « a moela »: (« F. tem moela capaz de

esmoer pedras »); e lá sente-se « um *roedouro* quando está a moer em sêco » (= muito tempo vazio). (Há a ideia de que a muita água no estômago é o que não deixa respirar e « *vir a si* » o que se ia afogando; e, assim, afligem-no ou acabam-no virando-o de cabeça para os pés — « a esvaziá-lo »).

« Erguer-se da cama para beber água e voltar logo *à deita* », ou, se é noite velha, « sem *acordar a água* (enxogalhando-a », isto é, agitando-a), « faz ganhar *tropesia* » (= hidropesia).

Feijão, frutos de caroço, etc., são « *comidas empidosas* » (= indigestas). Há a *bôca do estômago*, onde « as pancadas deixam a pessoa sem *fôlgo* e, depois, *enzampada* » (1). Há estômago *relaxado* e *derrancado*, — e êste mal vem, quâsi sempre, ou « de se *puxar pelo corpo sem comida que remedeie* », ou « *de não se comer a horas, umas vezes estando um rôr de tempo sem nada, outras comendo sem ter esmoído o que estava na moela* »; ou « *de não se ter regulamento com a bôca* », sobretudo a gente pobre e sôfrega, « *comendo umas vezes tudo, outras vezes nada, não guardando do tempo de-la-risa para o de-la-chora* ». Há os que sentem a « *comida encruada* no estômago », e os a quem « a comida se deposita no estômago ». Há os que « *teem azia* », e atalham-na « *comendo uma maçã ou outra fruta, ou um torrão de açúcar* »; há os que « *padecem de arrotos chocos* ». Há a ideia de que faz muito mal « o comer mal mastigado ». « *Com os arrancos vêem umas colras verdes* » (= cóleras, bîlis).

A *triz* (= icterícia) talha-se; mas « muito bom para isso é beber em jejum urina de menino ou menina virgem ».

« Os soluços fazem-se parar *metendo um susto* ao que soluça » e « tomando o *fôlgo* em si ».

(1) Na Beira « *enzampado* » é o « *tolhido* » por *indrôminas* ou *mandingas* de quem quer mal. (Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, pág. 115).

Ao fundo do estômago há a *espinhela*, «que cae» e que, nestes sítios, se endireita exactamente pelo mesmo processo minuciosamente exposto na monografia *Espinhela caída*, do dr. Cláudio Basto, com o respectivo *emplastro* e subsequente descanso e sobrealimentação, a que se chama «deitar uma juntoura ao corpo». Há uma comida que as pessoas idosas dizem ser, dantes, preferida: um carneiro assado no forno, de que se iam partindo, em dias sucessivos, grandes traços, a que se juntava a competente *molhadura* — de vinho.

Há indivíduos *enzombados* ou *enconcados* das costas, — que *enzombam*, que *enconcam* das costas, ou do *osso-da-espinha*. E há *encangados* (=presos) das costas (e «dos ossos» em geral), — o que vem quasi sempre de «secar roupa molhada no corpo» ou de «a gente se deitar de costas na erva verde ou no chão *lento*». Significa-se quasi a mesma coisa com a palavra *engampado* (que já vimos manter outra significação na Beira): porém, a causa do enzampamento é, antes «grande queda ou agüentar pesos *desconformes*». O mesmo diz «espalhado do corpo, das costas».

É na parte superior das costas que alguns teem *marrecas* ou *michas*.

Nas costas não se deve apanhar sol, parado (nem na cabeça; só nos pés). «Estar à torreira do sol até pode fazer ferver os miolos, e o sangue, — e não há salvação» (parece aludir-se vagamente à insolação). Para dar-se ideia de que uma pessoa está muito bem, é muito feliz, diz-se: «Está na neve com os pés ao sol». «Muito perigoso estar exposto, parado, ao *sol-cris*».

À *arca* do peito também se chama «*os tampos*», exemplo na expressão tão vulgar: «Meto-te os tampos dentro, arrombo-te!» Há a *tábua-do-peito* ou *osso-do-peito*.

Anda-se «encerrado do peito», nas constipações.

No peito se localiza a maldade: «aquele peito é um saco de

postêma (figurado)»; também se localiza nos ossos: «F. tem a malícia entranhada nos ossos»; ainda no fígado: «sujeito de maus fígados», «F. tem muito fel»; e no *coração*: «sujeito de má *colada*» e «nas entranhas»: «... é de más entranhas, de mau interior».

Há a *pulmonia* e a *queixa-de-peito*. Também se diz simplesmente: F. vai a queixa ⁽¹⁾, ou «a ético».

Corre êste aviso: «Constipação relaxada (=desprezada) leva, ou passa, a *queixa-de-peito*».

No peito estão os *bofes* (=pulmões): («F. de tanto que fuma, tem os bofes queimados»). Há a frase «deitar os bofes pela bôca».

Há pessoas «de coração apertado»: «F. tem apertada a arca do coração».

Diz-se: «passou-me uma *nuve* pelo coração que mo encobriu» e «senti um *trupeiro*, ou *batedouro* no coração, que parecia um cavalo».

O *sangue*, às vezes, «anda *malinado*»: «Ao F. malinou-se-lhe o sangue»; e pode a causa ser moral: «F. cozeu, recozeu em si o desgosto, a *sesénia* (=scisma amargurante) a pontos que malinou-se-lhe o sangue, e caiu doente». Localmente a expressão: «F. teve uma *malina*», é mais vaga e vasta do que «têve uma *febre malina*». Os ares também *malinam*, *andam malinados*: («Da grande sequeira pegada, andam os ares malinados»).

De um grande abalo súbito, e suas conseqüências, dá-se ideia assim: «Caiu-me a alma aos pés; fiquei sem pinta, ou sem pinga de sangue», ou «gelou-se-me, arrefeceu-me o sangue: se na ocasião me metessem uma faca, não deitava um quartilho».

(1) Queixa é também um padecimento vago, abrangendo mais que a ética. Na Beira há a mesma ampliação, e Aquilino Ribeiro, na *Via sinuosa*, traz uma descrição viva e acabada da «*queixa*» em que talvez se possa enquadrar mais de uma manifestação da «neurastenia»; é a págs. 205-207 da obra citada.

Há pessoas a quem *formiga*, ou *esformiga* o sangue». «Às vezes sente-se um formigueiro no sangue».

Filiam-se no «bom sangue,— em ter ou não sangue limpo» — o ter, ou não, certas «*borbulhadas*» e «*fogagens*», sendo contra-indicado que os padecentes «*apanhem o ar do lume*», sobretudo «*o ar do forno*».

Nas *fogagens* às vezes aparece uma «*aguadilha*».

Parece que é à *clorose* que se chama, nestes sítios, «*fraqueza de sangue*»: («F. traz o sangue fraco; padece de *fraqueza no sangue*»).

É muito viva a crença de que «a *sangria* por meio de *talho* ou *lanho*, ou por *bichas* (=sangue-sugas) é que *salva*; canté isto de *garrafadas*, *boticadas*...»

Permanecem dêstes ditos: «Escusado correr tanto: não é nenhuma *sangria desatada!*»; «F. está quási escoado: *desataram-se-lhe as veias*».

Velar o sangue em ferimento ou *lanho*,— se em casa, «é com *teias-de-aranha* e *açúcar*»; se fora de casa, exemplo, nos *pinhais*, «com *pêlo rapado do chapéu*».

A ideia que se faz das *veias* é compatível com o implicado nestes dizeres: «F. estava *agramaçado* (=com *calefrios*, *agramaços*), bebeu uma água de caldo bem quente (ou uma água de unto, ou de *pingue*, ou de *galinha*) e sentiu-a *correr-lhe as veias do corpo todo*». A mesma ideia transparece nesta expressão: «É perigoso deixar enterrar na carne uma *agulha*; é preciso *arrancá-la* antes que se *suma pelo corpo dentro*, porque tem *aço* e *corre o corpo*, e *atravessa as veias todas*».

Relativamente aos *éticos* há a ideia de contágio, pois «*aparta-se a louça*»,— porém sem constância e rigor— e sem *asepsia*. Há a convicção de que «*pelos suores é que se apega o mal*»; de modo que, morto o *ético*, «*queima-se a enxerga* e a roupa, que pode-as ter *estrepasado o suor*». Também à *queixa de peito* se chama

«*febre lenta*» — e é o que na literatura romântica, por exemplo nos romances de Camilo, se chama «*a consunção*», ou «*consunção lenta*» — preferida para heroínas simpáticas. Também se diz «*ir a pouco*».

A *constipação* — e também qualquer *andaço* — «*costuma arrumar* (=atacar, *caír*) para o *doi* que a pessoa tem,— que, por mal de pecados, todos teem o seu *doi*» (=mal crónico, ponto fraco).

Há pessoas «*sécas*, ou *fechadas dos humores*» (=que não costumam *escarrar*, e raro, ou nunca, se *assoam*); e há-as (as mais *cariveis* a *constipações*) que teem sempre o *grêlo* ou *môrno* do nariz, com tamanho *môrno* (ou *mormeira*) que deitam *postêmas* que precisam de uma *gabela* de mato para as cobrir e não dar *engulhos* ⁽¹⁾. Remédios, além do *suadouro* com a muita roupa, há as *emprastadas* de linhaça e mostarda e sobretudo, e inicialmente, o *escalda-pés* com cinza, em água muito quente, esfregando-se bem as *barrigas das pernas* com *baeta*, «*que é para puxar abaixo os humores*».

Nos fortemente *constipados*, quando com muito *môrno*, nota-se uma *gogueira* ou *pieira* ⁽²⁾ (=ruído de respiração muito árdua); mas, com *suadouros* «*a panela*» — que é o que produz a mesma *gogueira* ou *pieira* — «*coze*» e «*começa-se a botar para fora*». À *constipação demorada*, e sempre *carregada*, e da qual começa a *desconfiar-se*, dá-se também aqui o nome de *gapeira*, vocábulo que, no Minho, arredores de *Famalicão*, ouviu o sr. dr. J. A. Pires de Lima ⁽³⁾. Mas — ao menos aqui — crê-se que a *gapeira*

⁽¹⁾ Diz-se indiferentemente *môrno* e *mólmo*; o mesmo para *mormeira* e *molmeira*.

⁽²⁾ Parece vir de *gôgo*.

⁽³⁾ J. A. Pires de Lima, *Notas sobre a epidemia gripal*, pág. 7. Separata do *Portugal Médico*, 1918.

«se apega». «¿Tens mêdo de te chegar a mim?! Olha não vá pegar-te a *gapeira!*» (também no sentido figurado).

Nos mal lavados há, característico, o cheiro dos sovacos, quando há suores: «é o cheiro a *rapozinho*».

III

PESCOÇO

No pescoço, que começa pelo «*arco do pescoço*», há o *gargomil* e, nos homens somente, «o *carôço de Adão*», porque êste, ao engulir a *maçã* que Eva lhe deu, arrependeu-se e lançou ali a mão, quando lá passava o carôço. «Pancada no carôço pode dar morte». No pescoço há «a banda direita e esquerda»; e por trás o *cachaço*. Dentro há as *campainhas*, *goela*, *garganta* ⁽¹⁾, *canal do estômago* e *canais do ar* (=brônquios). «Cuidado com espirros ou risadas tendo o *bocado* na bôca; pode ir alguma migalha para a *estrada-velha* (ou *canais do ar*), e morre-se *entalado* (ou *esganado*)».

«Água de fonte fresca é boa, mas faz enrouquecer da garganta». Gente gorda tem na parte anterior do pescoço (=frente do pescoço) «*regueifas*, *rôscas*, *barbela*»; e, na parte posterior ou cachaço, tem «*caluga*». Gente descarnada e *encorrilhada* «tem *inchadas* ou *saídas* as *cordoveias* do pescoço»; e «tem a dançar as *pelancas*» (=pele flácida). Sobretudo gente velha «tem o pescoço *encorreado*» (e também as mãos e cara).

Os que teem *alporcas*, teem no pescoço os respectivos carços.

Da goela é advogado S. Brás: («¿S. Brás de Canelas te alargue as goelas!»)

(1) Também se diz *gorja* e *gasganête*.

IV

Cara e cabeça

No queixo (=mento) ou *barba* há, por vèzes, «a *cova do queixo* ou *da barba*» (e, nas caras bochechudas, pode haver as «*covas da cara*» ou «*covas do riso*» a meio das bochechas-da-cara) ⁽¹⁾.

Há as *maçãs* ou «*ossos da cara*». Na bôca, o «*beijo de cima*» e «*o de baixo*»; os *cantos da bôca* (=comissuras), sendo usual aplicarem, bem como nos *cantos dos olhos*, a palavra «*couce*» (evidentemente analogia com os engonços das antigas portas de gonzos, em que havia «o couce», e só até ali as portas abriam: diz-se «¿F. abriu, de espantado, a bôca até ao couce!»; «*abre-me êsses olhos até ao couce!*» (isto é, sê esperto!); dentro há o *céu-da-bôca*, a língua (em calão, «*sardana*») com sua *raiz*, *meio*, *ponta* e *freio*; os dentes (*da frente*, *agulhas*, *queixais* (ou *molares* ou *mós*) e o *dente-do-juízo*) nas respectivas covas, que são nas *engibas*; — e as engibas são nas *queixadas*, — notando-se que o povo chama queixada principalmente à inferior. As articulações chamam-se «*engonços*» da queixada ou da bôca.

Os dentes com dor «*talham-se*»; mas também se lhes «*deita aguardente*» e, ainda, «*uma pedrinha de incenso*», mas êste *remédio é perigoso porque, adiante, o dente parte-se*. A dor surda de dentes é «*moedouro*»; e «*à dor viva faltam só 2 graus para chegar à dor de danado*». Se «*a dor é nalgum queixal de riba, ao endireito dos olhos, não se tente arrancá-lo enquanto durar a inflamação, porque pode-se ficar cego*» ou «*subir o mal ao «celebre»*».

(1) Aparece «*barba*», sinónimo de «*queixo*», por ex., no ditado: «osso do suão, — barba untada, barriga em vão!»

Os abcessos na bôca são « a queixada ou a engibe que *colheu* ou *criou* ».

As môlhas costumam dar constipação que, muita vez, « *arruma* para os dentes ».

Nos beiços e nariz há, por vezes, o « *cieiro* », que se *talha* ⁽¹⁾.

No nariz há: *a raiz, cana, ponta e buracos*.

À parte saliente da cara (beiços, nariz) chamam, em calão, « *bitáculas, trombas, fungões, fuças* » ⁽²⁾.

Nos rapazes, antes de aparecer a barba, vem a *penugem* da cara e, na transição, aparecem as « *espinhas carnaís* ».

À rapariga com sardas chama-se, ou chamou-se, « *lentejosa* »: uma, cantando ao desafio, despicou-se assim quando o *cantador* lhe aludiu às sardas: « Vós chamais-me lentejosa, — Foi Deus servido eu tê-las; Também o céu é bonito, — E mais tem suas estrêlas! »

É pela cara, nariz, beiços que mais vezes se vê o cancro, ou *câncaro*, — que é tido como um ser vivo com individualidade sua, completamente independente da do paciente, roendo-o pela precisão fatal de « se alimentar a si mesmo »; e « para poupar-se o desgraçado que o tem, põe-se carne, adubo, na *bôca do cancro*, para o ir *entretendo* . . . » Assim como a grávida, ao alimentar-se, precisa « de ração para si e ração para o *anjinho* », também o cancerado tem de alimentar-se a si e ao cancro.

Pela idade ou pela doença, junto dos olhos formam-se « *dedos-de-galinha* » (= emmaranhado de rugas miudas). Há *olheiras* ou *olhos pisados* (= manchas azul-roxo aos cantos dos olhos, junto à cana do nariz), e veem da doença, *chôro*, excessos.

⁽¹⁾ Nas serras da Beira, a um certo vento chama-se « vento *cieiro* ». Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, passim. ¿O vento a que se atribui a produção do *cieiro* ?

⁽²⁾ Na Beira, « *fúcias* ». *Ibid.*, pág. 269.

Nos olhos há: a « *capela* » (= pálpebra) e *pestanas*; as « *bugalhas* » (ou *bugalhos*) e nestas « *o branco* » e « *as meninas* »; os « *cantos* » (= comissuras) que também chegam até ao couce ⁽¹⁾, e, por cima, as sobranceiras ou « *sofrancelhas* ». Ainda o povo tem ideia das *órbitas à parte dos olhos*, como se vê da expressão: « Filho desalmado, capaz de arrancar os olhos à Mãe e mijar-lhe nas *pôças* (ou *covos*) » ⁽²⁾. Purgação dos olhos é *ramela*.

Há o *terço* (= terçol) que se *talha*, — e há *belidas, névoas, cataratas, inflamação-d'olhos, gôta-serena* e « *unheiro* », — perturbação e dor « que dá de repente nos olhos, podendo fazer cegar »; o « *unheiro* » talha-se (posto que a palavra pareça antes implicar referência às unhas, é precisamente assim que por aqui se designa uma afecção dos olhos. Porque o sr. dr. José Amorim nunca ouviu que doentes seus lhe *nomeassem* tal mal, reverificamos interrogando mais de uma pessoa do povo: ignorando a qual padecimento se referem, explica-se que não vão ao médico visto que é « mal de se talhar »; e quem fôr evitará dizer *de que mal sofre*: isso vai êle saber).

Para doenças de olhos, em geral, é muito utilizado pelo povo o cozimento de flores de sabugueiro (ou « sempre-verde ») e o de rosas: há mesmo umas — chamadas « *rosas-dos-olhos* ». Algumas mulheres que cheiram rapé alegam fazê-lo « *por sofrerem dos olhos* »; e, como são *sêcas* (ou *tapadas*) dos humores (= isto é, « não deitam

⁽¹⁾ Conf. atrás, « o couce » da bôca.

⁽²⁾ Para o povo, os olhos são indicador da *indole* e também do *estado-de-saúde* e da *disposição* da pessoa: « Com a febre estão os olhos — *guichos* »; às vezes « como *carvões* »; por vezes — « *envinagrados* »; em transes — « estão em *alvo* ». Há indivíduos de « *vista baixa* », com « *olhar de porco* »; há-os de « *olhos vivos* », « *olhos quebrados* »; de vista « *trocada* » (estrbismo), « *cansada* » (presbi-tia), « *curta* » (miopia). É de conferir a expressão « *rabo do olho* » com o francês « *bout des yeux* ».

pelo nariz»), *precisam da pitada para descarregar, e aliviar das vistas* (1).

Reputa-se o olhar—conduto de malefícios: («F. deita uma *olhadura* que *aterrôa*»; «*deita quebranto*»; «*deita mau olhado*» ou simplesmente «*olhado*»).

Assim como há «*doairo de ougado, de bichas*», etc., também há «*olhos de ougado, de bichas*», etc.

No ouvido há: *orelha*, «*buraco*» do ouvido, «*bicho*» (ou «*bichinho*» do ouvido) no fundo do buraco; e há a região «*atrás da orelha*». Purgação do ouvido é «*cera*». Há ouvidos que «*materiaem*» quando «*criam*» ou «*colhem*». Há quem tenha «*zoeiras*» nos ouvidos.

A cabeça consta de: *caveira*, com os *miolos* dentro; *testa*; *meio da cabeça* (nas crianças, «*moleira*»); *coruto*; *nuca*, *cova-do-ladrão* e, lateralmente, as *fontes*,—onde a «*forte pancada é morte certa*».

A cabeça é a sede do «*juízo*» e do que se chama vâgamente «o génio, o natural da pessoa». Alguns «*tiveram grande doença em pequenos e ressentiram-se do celebre que nunca mais ficou escorreito*». Diz-se «F. é de génio *carniceiro*» e há as expressões quâsi equivalentes: «F. é *exaustinado*, tem *reboladas*, é *repentino*, está com a *onda*, ou com os *febres*, *encanzina-se* por um nada, *formiga* por êle acima não sei quê...». Também, contrariamente, há pessoas «*de bom moral*». Diz-se ainda: «F. anda *areado da cabeça*, dão-lhe *degouras* (= *desatinos*); F. anda ou ficou *apancado*» (= *azoratado*, *amalucado*). «*Não se faz barulho, nem se vai com partes ruins* (= *notícias*) a quem está com febre, que pode *bolir-lhe com o celebre*».

(1) Ao povo repugna dizer «*ólho*» no singular, desde que o calão deu um sentido diverso a essa palavra: diz «*uma vista*», tirar um «*trampo*» duma das *vistas*, etc.

«*Dar-lhe pela cabeça*» é o ataque apoplético, que também se designa pela só palavra «*ataque*» (para os de outra natureza é que é preciso especializar: de bichas, de gota, etc.). Também se diz: «*subiu-lhe o sangue ao clebre*»; mas o trivial é: «*embarrou-lhe um ramo ou raminho*», ou «*um ramo de estupôr*». Quando se diz: «*mal lhe empeçou* (ou *embarrou*) *raminho*» ou «*ponta ou sombra de raminho*», ou «*ameaço*», quer-se indicar ataque muito leve.

Difícil perceber onde o povo localiza o *flato*, *nervoso*, *bravuras*. «*Bravuras*» são quaisquer convulsões, e são também as extravagantes manifestações de doenças nervosas, histerismo... —e é aí a raia indecisa que separa os sobrenaturais malefícios do diabo (= «*mafarrico*», «*porco-sujo*», «*cão-tinhoso*»), das naturais doenças, aliás «*castigos que o Senhor dá*», mas simplesmente *deixando* que o corpo os padeça, *sem directo e acintoso milagre*,—admitido só em raros casos. Exemplificando:—Indivíduos a quem «o braço mirrou»—talvez porque alguns dêsse, algum dia, foi mau filho—mostram-no as Mães às crianças dizendo: «*mão ou braço que se levanta para Mãe ou Pai fica logo sequinho e hirtego: olha aquele espelho!*»

Relativamente amiúde, levantam-se novos casos a revigorar crenças destas, pela tendência popular a dar filiação extrahumana ao que saia do corriqueiro: Em Espinho, há poucos anos, estando a falar numa sessão festiva ou propagandista, Santos Pousada foi acometido de congestão cerebral e morreu de repente: A Nogueira chegou a notícia nesta versão: «*Estava um homem, à Ponte-d'Anta* (lugar *êrmo* perto daquela praia), *a falar contra o Senhor, mas ficou logo num carvão e caiu redondo*»: Debalde se lia no jornal e se dava a notícia verdadeira e natural. Debalde. Quâsi sempre o povo *dêsloca* o acontecimento para sítios *ínvios*; e «a pessoa» não tem nome, nem se lhe assina naturalidade: fica no vago.

E desastres acontecidos a quem «*não cumpre os preceitos*», são «castigos» directos «do Alto», que «com Deus não se brinca. Êle castiga sem pau nem pedra».

O povo, posto não conheça os *nervos* e dê tal nome, na carne que come, aos ligamentos, expressamente os nomeia: «a dor de dentes foi muito grande, que o mal chegou-lhe ao nervo; e: «dois homens possantes não seguram, nas *bravuras*, a rapariguinha — que, quando está *no seu sério*, não pode nada: *aquilo é força nervosa!*»

Além dos *nervos*, o povo, para estas cousas, mete na balha o estômago, a *madre* e seus *galhos*, «que sobem acima, a atafegar». Porém a grande, a usual causa é «o *bruxedo*», as *pragas* e «as *bruxarias* que nos fazem pessoas de quem menos se cuida!» Também, por isso, o que se faz usualmente é... «*procurar*»: (simplesmente assim se diz, — que há uma espécie de sigilo nestas coisas. Procurar é «ir à *benzedeira* ou *menino-bento* ou morada-aberta»).

Alucinações, sobretudo visuais, que o povo chama «vêr cousas, *sentulhos*» (e a que, com outro sentido mais *naturalista*, também nomeia «*strefigurações fantascas*»), «veem do signo em que a criatura nasce», e ainda «de faltarem palavras do baptismo».

As *pragas* «pegam melhor» quando «*rogadas entre a hóstia-e-o calix*, na missa», ou «*rogadas em hora-aberta*». Hora-aberta é «quando os planetas, no seu trabalho, dizem amen» (parece vaga e indistinta noção de acabamento de revoluções planetárias). Na hora-aberta (ao soar meio-dia, trindades, meia-noite) se se está em cima de árvores ou em sítios perigosos, desce-se, interrompendo o que se estava fazendo.

Diz-se: «F. anda com o *flato erguido*» e «dá-lhe para arrotar» ou «para tremer em varas verdes».

De algumas pessoas ainda não velhas, que tremem ou *abanam* das mãos, incapazes de segurar vasilha sem lhe entornarem

o conteúdo, diz-se irónicamente que «tem *tremelega*», — doença vulgar nos porcos.

Uma rapariga vizinha, de 20 anos, R. D. O., conta assim o comêço dos seus ataques (de carácter epileptiforme): «Dá-me por o dedo grande do pé, às vezes ainda eu na cama; vem aquela *breca* pela perna arriba, tenho de levantar-me, que começa a aflicção, um *trupeiro* no peito, *que não posso com a vida* e tenho de gritar...» — Efectivamente rompe campos fora e, em altas vozes, diz adeus ao pai e mãe, «*até ao dia-de-juízo*»; e, de faces esbrazeadas, foge, «*porque tem de ir*». Seguem-na a distância, pessoas de família, «não vá o *tentador* dar com ela nalgum poço ou *levada*». Termina por convulsões, «*perdidos os sentidos*», e com os dentes trinca a língua e lacera a mucosa das bochechas. Acabado isso, enorme depressão se lhe nota. Tem corrido (e os seus, *com roupas suas*) os benzedores e santos milagrosos de que teem notícia; há pouco em *Arcozelo*, Gaia, apareceu mais uma «*santa*, achada *inteira* na cova» e está-se com ela no auge da fé, — e lá teem ido ela e a família, com promessas (1). Anos se conservou secreto o *mal*, desta vizinha nossa, porque é humilhante um acha-

(1) As romagens à «santa de Arcozelo» teem despovoado freguesias em redor. Curioso — atestando a invencibilidade do pendor popular — é que, por exemplo, em Nogueira, o chefe da política que desde 1910 afecta hostilizar a religião lá foi com a família à *santa* — porque esta espécie de crença é que é a profunda, sobrelevando à política, e, mesmo, à *religião da igreja*; pois, sendo os padres contra estas práticas, o povo reage, como também continua a guardar jejuns e *votos*, dispensados ou proibidos. Há anos foram proibidos pelos bispos *os votos*, — procissões que, por certas festividades, convergiam a determinada capela, com suas bandeiras e cruces, e com o povo na capela respondendo em cântico às ladainhas entoadas pelo pároco. A relutância a essa proibição foi em proporção inversa com o adiantamento das populações. Em Nogueira, como o clero obedecesse aos superiores hierárquicos e não acompanhasse o povo, este formou, por muitos anos, só por si, a procissão completa — bandeiras, cruces, etc. — e, a entoar a ladainha por um ripanço, ia um trabalhador a quem chamavam «o Pad-João».

que dessa natureza, a que pelo menos se associa a *feiticeira*, a intervenção do diabo, quando não dêem essa intervenção por causa única. Aventa-se sèriamente «quem faria o feitiço». A medicina é a coisa mais desprezada em casos taes.

Um tio desta rapariga tinha também dêstes ataques. E aqui, na freguesia, pequena de área e população (cêrca de duas mil e trezentas almas), abundam pessoas loucas. Como no geral do concelho da Feira e nos limítrofes, sobretudo nos de beira-mar (observação do sr. dr. Aguiar Cardoso, da Feira) é muito o abuso do vinho; a hora predilecta da embriaguês é à noite; e muita concepção terá lugar estando ébrio um dos progenitores. Em Nogueira da Regedoura são constantes os casamentos entre parentes, quási todos primos uns dos outros, e ainda há pouco era muito notado, «reparado» que alguém da freguesia casasse com pessoa de fora... Vem isto do modo de vida desta gente; a sua geral ocupação é na indústria da serragem manual: afora meia dúzia de pequenos lavradores, que não abrem mão de suas terras, tudo são serradores. Começam em tenros anos a ajudar os pais ou irmãos mais velhos, «serrando à *gatêsma*», isto é, puxando à «*serra-grande*» junto com o pai ou irmão mais velho, colocando-se em frente dêste, e puxando não pela «*cabrita*» da serra, à qual não chegam, mas por uma guita que lhe é atada, e à qual se chama «*gatêsma*». Em maiorzinhos serram o *fasquio* à «*serra-pequena*», até terem fôrças (= *stúcia*) para pegar na «*harpa*» (= *serra-grande*) e ir para os pinhais com o «*companheiro*». Não saem daqui; só lidam uns com outros... Certo, porque às vezes há falha de «*obra*», e como só teem habilitações para serrar, vão muitíssimos para o Brasil, mas quási só «para a *roça*», trabalhar à serra; a sua convivência exclusiva é com gente de cá e com mulatos e negros, de um estado mental de gado. E, em geral, os que voltam, veem peor do que partiram. Através de tudo, é gente boa, de fundo humano e piedoso, apesar das aparências desabri-

das, não se registando, por gente de cá, uma morte, um fogo-pôsto, um acto denunciativo de perversidade. Barafusta-se de frente, de homem para homem, mas não se usa traição. Como em tôda a parte, há partidos. Quando há poucos anos aqui se implantou, uns dias, a chamada «Monarquia do Norte», não houve cá uma represália.

Parece que, recentemente, nas expressões usadas pelas «*moradas-abertas*», e por quem as frequenta, se vão usando têrmos tirados das práticas espiritas: dantes dizia-se: — «Na morada-aberta falou a alma do falecido F. ou C.», (alma que «anda metida» no paciente) (1); e ultimamente vai-se dizendo: — «o espírito veio e falou; o espírito desta vez não veio» (2).

Em certos dias, por exemplo da Semana Santa, «o espírito não vem, é escusado ir à morada-aberta».

A morada-aberta de Nogueira, ao cair (= «entrar em tranze» — dizem os espiritas) está sentada num banquinho baixo, junto da parede, e a mulher mete-lhe um lenço dobrado debaixo da cabeça... para êle não se magoar nem arrefecer a cabeça...; o ventre incha-lhe muito, e o pescoço também; e a voz (que é, então, a voz já não dêle, mas da alma ou espírito) é «voz *demudada*, que *aterroa*» — segundo o relato de vizinhos que assistiram, — que êle repugna a deixar assistir quem não seja do povo crente.

(1) «*Veem almas do outro mundo meter-se no interior dos vivos*» (e não temos expressão exacta como o francês *revenants*), e parece que isso se dá quando alguém, que faleceu, deixou não cumprida alguma promessa (religiosa) ou alguma restituição, ainda por «mudar marcos» que extremam leiras e por ter deixado «*rabos de palha*» (= ficar a dever a donzelia às a quem se desvirginizou prometendo-se-lhes casamento — não cumprido).

(2) Aquilino Ribeiro, na *Via Sinuosa*, pág. 70, faz a comparação atilada entre o têrmo *medium* e *corpo-aberto*.

Coexistindo com as expressões que parecem acusar modernas influências do espiritismo, há, mais antigas, as que adoptam termos de exorcismos: («F. traz alma penada; é preciso *requerê-la* = *esconjurá-la, expulsá-la*, a poder de rezas, para o *mar coalhado*!»).

V

Finalmente, tendo tocado em «achques» a propósito de partes do corpo em que o povo as localiza, deixamos para o cabo certos acidentes e padecimentos—como ferimentos, queimaduras, mordeduras, reumatismo, etc.,—que podem ser em qualquer sítio.

Na *pele*, a que o povo também chama «o couro»: («F. tem o *couro* calejado»), aparece uma inflamação que se chama *bicho*. Talha-se; mas, na benzedura, a *mèzinheira vai passando uma braza* por tôda a parte inflamada.

Na *mordedura de cobra* e na de *víbora* põe-se gordura («*adubo de porco*»); e, principalmente quando desconfiam que a *bicha*, por muito sarapinta, é em extremo «venenosa»—maneira vaga de indicarem a víbora—procuram logo uma *vêrga de carvalho* e apertam bem, interrompendo ali o giro do sangue «e a chegada do veneno ao coração». Entretanto vai-se buscar «a *pedra*...» Observa o sr. dr. José Amorim que essa prática, se seguida de imediata intervenção cirúrgica, é eficaz,—tendo-lhe acontecido, em S. João-de-Vêr (Feira) sangrar logo o sítio da mordedura, onde o sangue represara por aquele processo, saindo no sangue o veneno, e nada sofrendo o mordido. O peor é que, para o vulgo, não serve em casos tais qualquer ligadura, *mas só a de vêrga de carvalho*, e na sua procura gastam precioso tempo...

Para se *afugentar a cobra de junto das casas*, «*queimam-se couros*» (e ameaça-se fazer o mesmo contra «os sarnas», os maçadores).

Porém aqui, contra a mordedura de cobra ou víbora, o recurso mais preconizado e seguido é a aplicação da «*pedra*» à mordedura. O ferido limita-se a ir onde haja a *pedra*, longe que seja, e, lá, aplica-a ao sítio mordido: A «*pedra*» fixa-se por si, «*só despegando quando chupou tanto veneno que se encheu d'ele*; então cai, numa tijela de leite, onde *larga o veneno* (que bem se vê num *azulado do leite*)»—e torna-se a aplicar a *pedra*, a qual de novo adere... Crê o sr. dr. José Amorim, que as chamadas «*pedras*» são cálculos do estômago dum animal de África ou América. É certo que aderem ao sítio inflamado, um certo tempo, caíndo em seguida. A aderência será só enquanto há desigualdade de temperatura entre a «*pedra*» e a parte dorida, em que há febre? Quando a *pedra* cai ao leite, arrefece, e depois volta a aderir... Em Passos de Brandão (Feira) há, ou houve, uma *pedra*, que no inventário da casa foi partilhada, arbitrando-se-lhe (em tempos de moeda muito valorizada) o valor de 200\$00. Quando vinham pedir para a levar a algum mordido, depositavam *de penhor* um bom cordão de ouro. (Informes do sr. dr. José Amorim, que nessa freguesia faz clínica).

«Na mordedura da *vespa* ou *abelha*» aplica-se «o aço de qualquer ferramenta» que o tenha.

Na mordedura de cão danado ia-se, em geral, ao «*dente santo*»⁽¹⁾. Hoje vai entrando nos costumes a ida para o Instituto Pasteur, depois que no Pôrto êle se criou. Confira-se, na Beira, o uso de pôr o *ferro santo* «sobre animais e pastores mordidos de cão danado»,—sendo a apô-lo um padre (1), segundo relata Aquilino Ribeiro, no livro regionalista *Terras do Demo*, pág. 267.

(1) Veja J. A. Pires de Lima, *O dente-santo de Aboim da Nóbrega e a lenda de S. Frutuoso*. Pôrto, 1921.

Pròpriamente na vila da Feira há, desde há anos, a crença de que ministrando-se a animaes mordidos de cão danado uma *papa* de certa planta existente, pelo menos, no sítio «das guimbras» e no quintal do empregado de Finanças, sr. António Neves, os animais assim tratados ficam imunes da raiva. Há pessoas de categoria, com cursos superiores, que afirmam e perfilham essa crença.

A «*mordedura de centopeias e aranhões* faz pelo corpo *pulmões*».

Há um grande terror do *lacrau*, *lacrário* ou *lacrairo*, — que «morde com o rabo»: é, por certo, a ideia do lacrau que já aparece para o Minho, alturas de entre Guimarães-Braga, e que não há aqui, onde se dão êstes nomes às larvas das borboletas da vide.

Pelo corpo aparecem o que chamam «tumores», que dividem em «tumor branco», «tumor maligno».

Há também o «lobinho».

Erzipela e *erzipelão* são a mesma cousa, parece que de mor gravidade o *erzipelão*. Talha-se, deitando ao lume «água da fonte, azeite de *oliva*, *queiró* do monte e *lã* ⁽¹⁾ de *carneira viva*»; ardendo o quê, se diz:

Pedro e Paulo foi a Roma, — Nossa Senhora encontrou; — E Ela lhe perguntou: «Pedro e Paulo, que vai lá?» — «Morre por lá muita gente — De *erzip'la* em pô-la mão!» — Pedro e Paulo, torna lá — E deita-lhe água da fonte, — Azeite de *oliva*, — *Queiró* do monte, — *Lã* de *carneira viva*, etc. ⁽²⁾.

(1) É *lã* cortada na ocasião do animal vivo e lançada *sem lavar*.

(2) Esta versão colhemo-la de uma octogenária daqui «Ti-Antónia Bellinha», parteira sem carta, poço de tradições sôbre cousas destas. Porém, perto dêste concelho, em Carregoza, já pertencente a Oliveira de Azemeis, vive um indivíduo que se assina Paiva Couceiro — o qual faz vida de curandeiro — dan-

Com muito terror se fala da *morfeia*, — que se *talha*, mas, reconhecidamente, *sem eficácia*, pois é «mal que não cede a nada, só a terra o cura...»

Do «reumático» diz-se que é «*como um cão ferrado nos ossos*». É vulgar preconizar-se «a esfrega, na parte dorida, com aguardente e alcânfora».

Para a *sciática* ou *dor sciática*, ao presente, vai o povo daqui a Chão de Maçãs, muitas léguas distante — «a *queimar no ouvido o nêrvo da dor* (!)» O prodigioso curandeiro, com um ferro quente, faz uma queimadura na orelha; depois «*receita* pomada para curar a queimadura — e vinte dias de descanso, sem poder passear nem puxar pelo corpo». É muito chamado para fora da terra — e ainda há semanas veio para norte do Pôrto — leva 300\$00, e mais, e o povo avalia a preciosidade do *remédio* por essas quantias que reputa elevadas. Em casa levava, há meses, 20\$00 por cada... queimadura de orelha; mas só aos domingos se encontra lá. Os seus cartões — que fornece aos consultantes — dizem: «João António dos Santos — *Cura radicalmente as dores sciáticas* — Chão de Maçãs». Vimos um em mãos de Bernardino de Oliveira Carvalho, de Grijó, Gaia, o qual foi ao homem maravilhoso; e de S. Martinho de Argoncilhe (Feira) mais de uma pessoa lá foram.

Nas *escaldadelas* aplicam, aqui, manteiga sem sal, ou miolo de pão-milho mastigado.

A *bretoeja* talha-se.

«Negar bebida a preso pode fazê-lo *danar-se*».

Ferida aberta, crónica, «se a lambe um cão, *sara* ou melhora muito».

do-se de preferência à hidroterapia, tendo lido Kneipp, — e que usa superabundantes fórmulas místicas de «talhar» e «benzer». Formavam «um missal» as fórmulas dêle que um amigo nosso possui.

É da tradição que, ao aproximar o lobo, «estaca o cabelo à gente, que, também, *se toma da fala*»; e os outros animais que comosco fôrem, cavalos, ovelhas, etc., «*dão-nos senha* da sua vizinhança quando a alimária *rondar ao endireito de nós*». Pretende-se que o lobo se afugenta acendendo lume e fazendo ruído com metais. (Só pessoas velhas se referem a isto, porque teem desaparecido os lobos das proximidades destes sítios).

GLOZEL E ALVÃO

OS PORTUGUESES E A INVENÇÃO DO ALFABETO

PELO

Prof. A. A. MENDES CORRÊA

Director do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto

No último fascículo dos «Trabalhos» da Sociedade de Antropologia ocupou-se o sr. Humberto Pinto Lima das recentes descobertas de Glozel ⁽¹⁾, reservando prudentemente as suas conclusões sobre o assunto, embora não deixasse de exprimir as suas dúvidas de que no neolítico inicial pudessem existir mais do que alguns sinais precursores duma verdadeira escrita alfabética, aparecida mais tarde.

Estava essa nota já impressa, mas ainda não fôra o fascículo entregue à publicidade, e já novas notícias e novos juízos críticos apareciam na imprensa e nas revistas científicas sobre os achados de Glozel, os quais tiveram até o dom de interessar o grande público, não só em virtude da importância do problema das origens do alfabeto, importância que todo o mundo reconhece, mas ainda pela vivacidade das discussões estabelecidas sobre a matéria, pelas divergências profundas que se manifestaram e pela própria categoria científica e intelectual dos contendores.

(1) Humberto Pinto Lima, *As origens do alfabeto e as descobertas de Glozel*, «Trabalhos», vol. III, fasc. IV, Pôrto, 1926, pág. 49.

Julguei oportuno dar nas colunas do diário portuense «O Primeiro de Janeiro» uma sùmula dos aspectos successivos da questão, o que fiz num artigo que procurei tornar acessível aos leitores de reduzida cultura e em que acentuei o papel que os investigadores portugueses vinham, desde muito, desempenhando nas pesquisas das origens do alfabeto, visto que Leite de Vasconcelos e Salomon Reinach haviam encontrado certas afinidades entre as descobertas de Glozel e uns achados feitos muitos anos antes no território português, achados que, no meio dum geral scepticismo, foram interpretados por illustres compatriotas nossos como reveladores da existência dum primitivo alfabeto neolítico na Europa occidental.

Era, pois, de tãda a oportunidade salientar a prioridade e a importância das descobertas portuguesas em tão suggestivo domínio. Foi o que procurei fazer no seguinte artigo (1):

«Há poucas semanas aparecia na imprensa a notícia de que o illustre crítico e historiador de arte sr. dr. José de Figueiredo recebera uma carta do eminente arqueólogo francês sr. Salomon Reinach em que se acentuava, com elogio para os cientistas portugueses, o facto de terem as recentes descobertas francesas de Glozel vindo confirmar os resultados dos estudos de Estácio da Veiga e Ricardo Severo sôbre a existência, na Europa Occidental, dum primitivo alfabeto que remontaria à idade da pedra polida (ou período neolítico) e que seria portanto anterior às escritas fenícia, egêa e outras, as quais se tem afirmado constituírem as mais antigas representações alfabéticas.

A data e o local da invenção do formidável instrumento de progresso, que é o alfabeto, eram assim deslocados em muitos milênios e do Oriente para o Occidente. Recordemos que, se a linguagem falada cava um abismo entre a mentalidade humana e a mentalidade dos animais, a linguagem escrita não estabelece um

(1) «Primeiro de Janeiro», de 3 de Dezembro de 1926.

abismo menos fundo entre a cultura dos povos que tem escrita e a dos que a não possuem, porque a escrita é um meio de *transmissão do adquirido* incomparavelmente superior à transmissão oral. Recordemos ainda que verosimilmente as mais antigas escritas seriam *ideográficas*, isto é, a cada conceito corresponderiam as representações figuradas respectivas. Os hieroglifos estabeleceriam mais tarde uma transição para a escrita pròpriamente alfabética em que cada som elementar é representado por um sinal pròprio. O alfabeto tornou simples e fácil a expressão gráfica do pensamento, significando um inestimável progresso na cultura humana.

Ora, até há pouco, atribuía-se correntemente aos Fenícios a invenção do alfabeto e procurava-se filiar na escrita fenícia os outros alfabetos, especialmente os occidentais. Houve, é certo, quem considerasse um primitivo alfabeto egeu como anterior ao fenício, houve quem reclamasse para os Egípcios, Assírios e outros povos a prioridade vulgarmente concedida aos Fenícios, mas estes últimos continuaram disfrutando a maioria dos sufrágios. Por outro lado, embora houvesse quem pretendesse serem alfabéticos alguns sinais encontrados em objectos da idade da pedra, em especial as pinturas enigmáticas duns seixos descobertos em Mas-de-Azil, jazida preneolítica, raros eram os que admitiam ser a invenção do alfabeto anterior a um ou dois milênios antes da nossa era. A idade da pedra, precedendo esta muitos milênios, não teria assim sido coeva de tão extraordinária invenção.

*

Ora, há dois anos, em Glozel, perto de Vichy, começaram a aparecer, numa abundante estação arqueológica, a par de objectos de pedra, osso, chifre e argila (como lâmpadas, punções, figurinhas humanas e animais, vasos, etc.), uns tijolos em que estavam gravadas inscrições em sinais alfabéticos desconhecidos. O dr. Morlet, autor das principais escavações, publicou uma monografia e vários artigos, em que declarava tratar-se duma estação caracteristicamente neolítica e de inscrições alfabéticas da mesma data.

Calcula-se o rumor de curiosidade que se estabeleceu em

tôrno de tão transcendente achado. Não faltou logo quem duvidasse da autenticidade de tais peças, tão estranhas elas pareciam. Camille Jullian, o insigne autor da *Histoire de la Gaule*, membro da Academia Francesa, opoz dúvidas a algumas dessas peças e pronunciou-se por que mesmo o resto não era neolítico, mas muito posterior. Em bilhete que há muitos meses me escreveu, dizia supor tratar-se de inscrições de povos bárbaros com semelhanças com o alfabeto ibérico. Lembravam-lhe *litterae ephesiae*. Morlet insurgiu-se contra as dúvidas sôbre a autenticidade e insistiu na data neolítica dos achados. Sucessivamente desfilam então em Glozel figuras eminentes da arqueologia, da geologia e da etnografia. Vão lá Van Gennep, que publica os seus resultados concordantes com os do Morlet no *Mercure de France*, Depéret, o geólogo e paleontologista de Lyon, Espérandieu, Seymour de Ricci, o sábio Salomon Reinach, o nosso glorioso arqueólogo Leite de Vasconcelos, recentemente o grande prehistoriador Padre Breuil. Todos, a não ser Ricci, saem convencidos da autenticidade dos documentos, da sua antiguidade, do seu alto interêsse científico, da seriedade das pesquisas. Alguns, como Salomon Reinach, a princípio scépticos, acabam por aceitar a cronologia neolítica dos sinais alfabéticos, e a Academia das Inscrições e outras recebem comunicações nesse sentido.

Ora o interessante é que para a determinação de Reinach contribuíram dum modo decisivo descobertas do mesmo género feitas, em tempos, em Portugal e recordadas pelo dr. Leite de Vasconcelos na sua conversa com o dr. Morlet. São as descobertas realisadas há vinte anos em dolmens da província de Trás-os-Montes, os dolmens de Alvão, pelos Padres Brenha e Rafael Rodrigues e expostas por Brenha e Ricardo Severo nas páginas monumentais da «Portugália». Apareceram ali, além dos objectos vulgares do neolítico, umas pedras com sinais alfabetiformes gravados e com gravuras de animais (alguns bastante estranhos, como os de Glozel), de sóis, de figuras antropomorfas, de plantas, etc. Severo, a despeito de reconhecer que a colheita tinha sido um tanto tumultuária, emitiu a hipótese de se estar em presença de documentos da existência dum alfabeto neolítico no Ocidente da Europa, muito anteriormente à data dos alfabetos orientais. Êsses

documentos e tais conclusões foram quâsi geralmente postos em dúvida. Não faltou quem nêgasse a autenticidade dos extraordinários achados. Falou-se até em que os nossos arqueólogos tinham sido ludibriados por um mistificador. As descobertas de Glozel e as palavras de Salomon Reinach vinham, vinte anos depois, mostrar a injustiça feita e o ilustre conservador do Museu de Saint-Germain não hesitava em declarar: «Glozel e Alvão confirmam-se mutuamente. Duvidei até agora. Já não duvido. Tenho a certeza da cronologia neolítica das duas estações».

*

No meu regresso de Itália, um bilhete de Jullian pedia a minha humilde opinião sôbre as inscrições transmontanas. Ora nos «Povos primitivos da Lusitânia», em duas breves linhas, fundado no scepticismo geral e especialmente no que em tempos ouvira a um ilustre colaborador da «Portugália», já falecido, o dr. José Fortes, eu limitara-me a dar êsses achados como tendo duvidosa autenticidade. Em vista, porém, do que se passava e sabendo que Jullian atribuía às inscrições de Glozel uma data adiantada do período romano e considerava as letras como um cursivo latino usado em fórmulas mágicas de feitiçaria ou de encantamento, resolvi ir examinar os achados de Alvão à Póvoa de Varzim, onde o aluno da Universidade do Pôrto, sr. Ruy de Serpa Pinto me informara encontrarem-se tais objectos e o próprio sr. Abade Brenha, com quem gostaria de trocar impressões.

O exame e a conversa com o estudioso sacerdote permitiram-me dar uma longa resposta à pergunta do eminente arqueólogo francês, o qual me escreveu logo agradecendo a minha carta e dando generosamente a classificação de serviço à Sciência à desvaliosa informação que lhe enviei.

Em resumo, eu declarei ao insigne académico: que os objectos de Alvão me pareceram absolutamente autênticos; que só duas placas tinham inscrições dignas de serem supostas alfabéticas; que haviam sido encontradas ambas num só dolmen; que estavam, segundo as informações do sr. Padre Brenha, depostas sôbre um ladrilho de pedra que revestia o solo, envolvendo-as apenas alguma areia entrada pelos interstícios das paredes do dolmen; que, não

era possível estabelecer a sua contemporaneidade com o dolmen e com os objectos caracterizadamente neolíticos; que as figuras zoomórficas e antropomórficas tinham afinidades desconcertantes com representações de épocas as mais variadas desde o paleolítico até fases recentes, podendo ser atribuídas à fantasia, capricho ou imperícia dos artistas; que não tinha repugnância em atribuir a êsses objectos uma data muito posterior ao neolítico, os tempos protohistóricos, mesmo os tempos históricos; que o dolmen podia ter sido utilizado muito depois da sua construção como um recinto para fabrico de objectos votivos, mágicos ou cabalísticos; e que, emfim, me parecia, contra o ponto de vista de Reinach, que Alvão não servia para confirmar Glozel, isto é, que a cronologia neolítica de Glozel não podia basear-se nos achados de Alvão.

Há poucos dias fêz Camille Jullian duas sensacionais conferências na Academia das Inscrições, de Paris, e aí expoz luminosamente—segundo o seu costume e o testemunho unânime da imprensa parisiense—a sua tese definitiva sôbre Glozel. Tratar-se-ia duma *officina feralis*, do antro duma feiticeira, da época romana. Os objectos supostos neolíticos seriam *ex-voto* vulgares nos templos romanos, a cerâmica seria romana, as inscrições seriam fórmulas mágicas de feitiçaria, em latim, análogas às publicadas por Wunsch e Audollent. Lera-as sem dificuldade... O dolmen de Alvão teria sido utilizado para o mesmo fim, perto da época cristã.

Se tais pontos de vista se confirmam, lá se vai outra vez pela água abaixo o alfabeto neolítico do ocidente! Mas não acabaram as afirmações em sentido oposto. Breuil parece ter-se pronunciado pela data neolítica dos objectos. Elliot Smith também. Num artigo duma publicação hebdomadária de novidades científicas, Camille Jullian desenvolve, porém, de novo a sua tese e responde às objecções levantadas, as principais das quais são, a meu ver, a ausência de objectos de metal e de moedas e cerâmica caracterizadamente romanas. Isso não quere dizer nada—afirma Jullian. A louça *arretina*, por exemplo, já tinha desaparecido no século III da era cristã, data presumível da estação. E não será de admirar

que novas escavações forneçam objectos de cobre: assim m'o assegura o dr. Leite de Vasconcelos.

Mas, por outro lado, os sinais denotam uma evolução alfabética avançada, não correspondem a nada de semelhante ao que se conhecia no neolítico *indiscutível*, não são acompanhados de representações análogas nas paredes dos dolmens, etc.

O nome de Estácio da Veiga foi recordado por Salomon Reinach a propósito da sua afirmação no quarto volume das «Antiguidades monumentais do Algarve» em 1891, de que o alfabeto encontrado em monumentos epigráficos ibéricos viria desde a idade da pedra polida e seria de origem ocidental, não fenícia.

Esta suposição resultaria sobretudo da descoberta de Gongora, na caverna dos Morcegos, em Espanha, dum fragmento cerâmico com poucos sinais os quais pareciam análogos aos do alfabeto ibérico. Mas o próprio Gongora não deu tal significado ao achado, duvidando mesmo do carácter alfabético dos sinais, e, por outro lado, os achados da caverna não são neolíticos mas do princípio da era dos metais. Havia lá um objecto de ouro e a cerâmica e mais mobiliário são análogos aos tipos da cultura das cavernas do período calcolítico (idade do cobre) da Península. Quanto às inscrições ibéricas do Alentejo e do Algarve, que o nosso arqueólogo descobriu e estudou, são consideradas hoje da idade do ferro, mesmo talvez da segunda idade do ferro, isto é, posteriores ao século VI antes de Cristo.

Seja como fôr, a verdade é que os investigadores portugueses tomaram em tôda esta questão posições bem pessoais e alguns, de cujo número me excludo, forneceram elementos capitais para debate do assunto. Mesmo que, como é de presumir, se conclua pelo juízo de Camille Jullian sôbre a data e natureza das inscrições, nem porisso (na própria opinião do sábio académico) os achados feitos são de reduzido interêsse. Glozel seria para êle, uma *officina*, rica, completa, de feitiçaria. A meu ver, embora menos abundante no espólio dessa índole, o dolmen de Alvão oferece, em face de Glozel, a característica de constituir uma estação pré-histórica desviada, em data muito posterior à sua erecção, para outros fins votivos e mágicos.

Haveria ali uma curiosíssima sobreposição de intenções mis-

ticas, pois um culto, o dos mortos, teria sido o primitivo destino do monumento. Milhares de anos depois, seria êste convertido em recinto de misteriosas práticas de magia, diversas da sua função inicial».

*
* *
*

Ao artigo que publiquei no diário portuense, e que acabo de transcrever, julgo útil juntar alguns informes complementa-

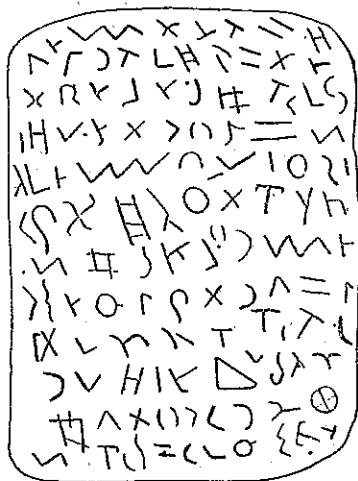


Fig. 1 — Inscricção de Glozel

res, que nêle não tinham fácil cabimento pela natureza muito especializada de tais detalhes ou que, na sucessão de publicações relativas a Glozel ⁽¹⁾, chegaram ao meu conhecimento depois da data do referido artigo.

⁽¹⁾ Quási tôdas insertas ou registadas no «*Mercure de France*». Vd. nesta revista: Dr. A. Morlet, *Invention et diffusion de l'Alphabet néolithique*, n.º 667, 1.ºr Avril 1926, pág. 35; Id., *L'Alphabet néolithique de Glozel et ses Ascendances*, n.º 673, 1.ºr Juillet 1926, pág. 79; A. Van Gennep, *Une visite à Glozel*, loc. cit., pág. 93; Dr. A. Morlet, *Station néolithique de Glozel. Idoles phalliques et bisexuées*,

Em primeiro lugar reproduzo textualmente a versão portuguesa da carta que enviei a Camille Jullian, em resposta a um bilhete seu. Dessa carta é dado apenas um extracto no artigo.

«Pôrto, 15 de Outubro de 1926 — Senhor e muito distinto colega: Regressando a minha casa, depois de ter assistido ao Congresso de Americanistas, encontro o seu bilhete postal relativo às inscrições de Alvão. Acabo de fazer na Póvoa do Varzim um seu exame atento, que informações pessoais do P.º Brenha (um dos investigadores que exploraram êsses dolmens) tornaram bastante concludente. Perfilho a opinião de que aqueles dolmens são do neolítico final. Mas, embora admitindo a antiguidade das inscrições e das gravuras zoomórficas e antropomórficas que o P.º Brenha e o seu companheiro ali descobriram, tenho as dúvidas mais justificadas sôbre a cronologia neolítica dêsses achados, ou, pelo menos, das pedras com inscrições, das quais apenas duas ou três ⁽¹⁾ podem ser consideradas como apresentando sinais alfabetiformes bem evidentes, ao passo que as restantes teem traços confusos, irregulares e diferentes — quer sob o ponto de vista da sua configuração e disposição, quer relativamente à técnica da incisão — dos das inscrições bem claras.

As inscrições nitidamente alfabetiformes proveem apenas dum dos numerosos dolmens que foram explorados na região. Além disso, estes objectos não estavam envolvidos na camada arqueológica neolítica, mas apenas depositos sôbre pedras que constituam o pavimento da câmara dolménica. Não estavam rodeados senão duma pequena porção de terra que se tinha infiltrado pelos interstícios das paredes do monumento.

n.º 678, 15 Septembre 1926, pág. 562; Id., *Les Journées mémorables de Glozel*, n.º 681, 1.ºr Novembre 1926, pág. 569; Id., *Op. cit.*, II, n.º 683, 1.ºr Décembre, 1926, pág. 314; J. Loth, *A M. le Docteur Morlet au sujet des fouilles de Glozel*. Ver também na mesma revista as crónicas de Prehistória dos n.ºs 676, 679, 681, 682 e 683. Outras citações são feitas no decurso dêste artigo.

⁽¹⁾ No resumo que dei no artigo, fixei duas, número que julgo exacto, não se contando uma figura animal com sinais.

O P.^o Brenha — que me forneceu, com a mais louvável probidade, estes informes sôbre as explorações realizadas — acredita na contemporaneidade, ou quasi contemporaneidade, dos dolmens e das inscrições (1). Eu não sou da sua opinião. A ausência dêstes documentos nos outros dolmens, a sua situação estratigráfica, a ausência de qualquer inscrição dêste gênero nas paredes do monumento (2), mesmo o seu carácter estranho, diferente do da arte conhecida como indiscutivelmente neolítica e a abundância de sinais que marcam já uma evolução alfabética muito avançada, são factos que se devem tomar em séria consideração e que nos sugerem reservas sôbre a data neolítica das inscrições, mesmo talvez sôbre a sua antiguidade *prehistórica*. Pode-se acreditar na utilização dêste dolmen como um santuário ou como um lugar de fabrico de objectos votivos, mágicos ou cabalísticos, numa época *posterior* ao neolítico, mesmo em tempos protohistóricos ou históricos. As representações animais e mesmo as figuras antropomórficas teem semelhanças muito desconcertantes com figurações das épocas mais diversas. Há representações com afinidades paleolíticas, outras semelhantes às figuras neolíticas. Algumas espécies animais que se pretendeu identificar, são quaternárias. Um relance de conjunto sôbre êstes documentos leva-nos entretanto a atribuir tais semelhanças a imperfeições técnicas ou à fantasia que existiram em artistas de todos os tempos.

Creio que há algumas pareanças entre os objectos portugueses em discussão e os de Glozel. Se a data neolítica dêstes está provada por achados característicos no local, poder-se há admitir a mesma cronologia para os documentos de Alvão. Se, pelo contrário, a data das inscrições de Glozel ainda não está

(1) No seu artigo da «Portugália» dava-as categoricamente como neolíticas (José Brenha, *Dolmens ou antas no concelho de Vila Pouca d'Aguiar*. «Portugália», t. I, fasc. IV, Porto, 1903, pág. 698: «todos os objectos encontrados são caracteristicamente e indubitavelmente da época neolítica»).

(2) Sem dúvida, êste argumento, por si só, não basta. Associado aos outros, tem valor, sobretudo se nos lembrarmos de que nos dolmens portugueses não faltam gravuras e pinturas parietais de índole bem diversa.

estabelecida, não se poderá invocar os objectos de Trás-os-Montes para confirmar a sua pretensa cronologia neolítica.

Queira aceitar, senhor e eminente colega, o testemunho da minha admiração.

Desejaria reproduzir a carta muito interessante com que Camille Jullian respondeu a esta minha explanação, mas no artigo do «Janeiro» dela me ocupo já e, por outro lado, os juízos que nela expende o sábio académico, estão, em grande parte, incluídos nas versões que em seguida ofereço aos leitores.

A primeira dessas versões é o resumo da comunicação que em 12 de Novembro de 1926 fêz à Academia das Inscrições o illustre arqueólogo, comunicação que êle iniciara na sessão de 5 do mesmo mês. Traduzo a notícia dada pelo «Excelsior», de 13, a qual é muito semelhante à do «Figaro» (1) e outros jornais parisienses:

Na Academia das Inscrições, hontem, perante uma assistência considerável de membros do Instituto e de sábios vindos de fora, M. Camille Jullian expôs luminosamente o que pensa das descobertas tão ruidosas de Glozel.

Disse em substância:

— *Bric-à-brac* de feiticeira, formulário mágico, eis o que contem as explorações de Glozel.

«Tudo isso é aliás muito interessante. Porque é a primeira vez que nos encontramos em presença duma jazida completa de feitiçaria.

«As de Alvão, em Portugal; de Baarburg, na Suíça; de Tell-Sandahana, na Palestina, não forneceram senão alguns grupos de objectos.

(1) O «Figaro» fazia ressaltar a origem francesa da solução da questão. Com todo o respeito pelos investigadores franceses, creio que seria justo reconhecer, como fêz Reinach, a importância da cooperação portuguesa no debate do assunto.

« Aqui, há tôda a equipagem mágica: os sílices de cabeças de machados pré-históricos em *ex-voto*, os desenhos de animais fantásticos (corça e pavão cornudos, o « animal terrificante » com o peito servindo de cabeça, tôdas essas figuras monstruosas que excitavam a cólera de S. Jerónimo); as bonecas de bruxaria (que mostram ainda o vestígio da agulha que as perfurou e fios de lã que as prenderam), e êsses rostos famosos, sem bôca, dos enfeitados — *envoûtés* — (donde proveiu a palavra *vultus*, significando face de *envoûtement*, em francês *envoûter*); depois tôda a cerâmica familiar às feiticeiras (ornada com essas figurações talismânicas, como os bronzes gregos de que estas vasilhas e grés são o equivalente vulgar: figuras da cabeça de gavião, da estrêla do mar, da planta de hipomanes, etc.); ainda, falos em estado de depressão, calhaus com iniciais de demónios, etc., etc.

« O conjunto é fácil de datar. É do tempo dos imperadores romanos e posterior a 250 da nossa era; ponhamos uns 300 depois de Cristo.

« Como provas, as seguintes:

« A letra *x* nas inscrições substituindo a letra *s*; a correspondência absoluta das fórmulas mágicas com as dos papiros (sobretudo os d'Oslo) e das placas do deus Setk; a ausência de cerâmica com verniz vermelho (que desaparece cêrca de 250); a forma particular de certas letras, o *B* e o *C*.

« A feiticeira de Glozel teria tido uma grande voga no tempo de Probo e Diocleciano, que marcou uma renovação na feitiçaria greco-romana. Mas duvido de que a voga do recinto tenha durado além de Constantino.

« Os objectos gravados são todos em cursivo latino, em escrita corrente. Não pode haver a menor dúvida. Basta, para nos convenceremos, comparar as 22 letras que fornecem os objectos de Glozel com os cursivos do *Manuel d'épigraphie latine*, publicado por M. Cagnât.

« Há duas categorias de objectos gravados: inscrições em calhaus que são abreviaturas de nomes de demónios ou exclamações, e sobretudo inscrições em tijolos, muito mais longas — todas, sem excepção, fórmulas mágicas, correspondentes aliás a fórmulas já conhecidas por placas de chumbo ou por papiros.

« Em suma, um meio muito vulgar ».

E M. Camille Jullian concluiu que não havia ali nada das primitivas civilizações — nada de alfabeto arcáico — e que Glozel se encontrava simplesmente « nos *bas-fonds* do paganismo romano na véspera da sua queda ».

« Não são Adão e Eva, os iniciadores dos tempos neolíticos, são Locustas e Canídias de baixa esfera ». Eis as palavras de

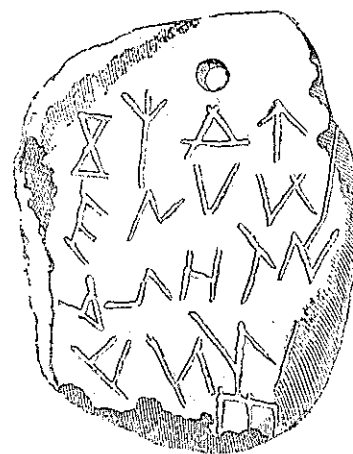


Fig. 2 — Inscrição de Alvão

remate que, segundo a transcrição do « *Mercur de France* » o « *Journal des Débats* » atribui a Camille Jullian, na notícia daquela comunicação. E o mesmo jornal resume do seguinte modo as objecções que na mesma sessão foram desenvolvidas por Salomon Reinach:

M. Salomon Reinach lamenta não poder de modo algum perfilhar a opinião de M. Camille Jullian. Para êle, a jazida de Glozel não remonta a 250 ou 300 anos depois de Cristo, mas a 3.500 anos *antes da nossa era*. « Que num meio do Baixo-Império, diz, se encontram de longe a longe, mas em pequeno número,

objectos prehistóricos conservados no estado de amuletos, como machados polidos, pontas de seta em pedra, ouriços fósseis, pedras brilhantes, isso é um facto. Mas que, num meio dessa época se não encontre nem um caco de cerâmica romana, nem uma moeda, nem um prego, isso é uma impossibilidade. Que se venha qualificar de meio romano um conjunto no qual falta qualquer indício romano, é um paradoxo não insustentável, porque foi brilhantemente sustentado, mas duma fragilidade que a reflexão, subtraída ao encanto da eloquência, depressa arruinará para sempre ».

A leitura que M. Camille Jullian deu das inscrições não convence M. Salomon Reinach.

« Seja qual fôr o engenho do intérprete, diz êle, não é possível a sério tratar-se de ler latim, mesmo de feiticeira, em textos nos quais os caracteres alfabéticos são três vezes mais numerosos do que em qualquer documento escrito ».

E M. Salomon Reinach termina por estas objecções: « Eu peço que me mostrem uma inscrição romana na qual estejam em contacto formas gregas arcaicas, fenícias e ibéricas, e em que a suástica seja empregada como letra.

« Peço que me mostrem um só exemplo, de data galo-romana, de silhuetas de animais gravadas grosseiramente em calhaus.

« Peço que me mostrem, na mesma época, um só exemplo de cerâmica tão grosseira como a das estações lacustres históricas.

« Peço que me mostrem, na época romana, um só destes animais insculturados em pedras duras que Déchelette collocava com razão no neolítico antigo.

« Não me mostrarão nada disso, porque não se suprimem trinta séculos de história; não seria capaz disso a própria arte duma feiticeira tessálica ».

Loth, o eminente celtista, declarou igualmente que Jullian não lograra convencê-lo, mas o autor da « Histoire de la Gaule » manteve a sua tese e defendeu-se das objecções formuladas.

Dias depois — em 20 de Novembro — *Les Nouvelles littéraires*

publicavam um belo artigo de Jullian sobre Glozel (1). Dêsse trabalho, que o autor teve a gentileza de me enviar, traduzo apenas a parte que diz respeito à leitura das inscrições e aquela que responde às objecções à tese exposta:

Em Glozel, as inscrições em calhaus não teem mais do que uma importância medíocre: nenhuma tem mais de dez letras, e não encerra, suponho eu, mais do que uma palavra, reduzida mesmo as mais das vezes às suas iniciais, como frequentemente succede nos textos mágicos. Trata-se sobretudo de nomes de demónios, desses demónios inumeráveis e de designações estranhas: *Bibirixi*, *Ereschigal*, *Bachachuc*, etc., cuja existência é talvez a principal curiosidade da superstição antiga; e trata-se também de fórmulas de imprecação, ou de ordem, ou de oração às divindades misteriosas ou aos seus devotos: *sta*, « pára! », *sali*, « salta! », etc., etc.

Muito mais longas, muito mais interessantes são as inscrições em tijolos. Nenhuma dificuldade quanto ao alfabeto, à escrita. É cursivo, no género do dos *graffiti* de Pompeia, mas com as particularidades de textos mais recentes: o C quadrado e não arredondado, o M de cinco ramos, o B sem curvaturas, etc. Tôdas as letras do alfabeto romano estão ali, excepto o K e o Z, porque estas letras foram sempre raras na Gália. Há, como muitas vezes no Baixo Império, alguns helenismos, por exemplo o X por CH. Quanto à língua, como é natural neste meio campestre, é uma linguagem muito vulgar: *oxum* por *ossum* (singular conhecido de *ossa*, « os »), *xali* por *sali*, « salta »; *oblatos* por *oblata*, « oferendas », etc.

As próprias inscrições são receitas ou fórmulas mágicas, análogas a tôdas aquelas que nos deram a conhecer as placas execratórias de chumbo ou os papiros diabólicos. Alguns exemplos: *movete oblatos*, « trazei as oferendas », fórmula que se encontra na magia romana desde Catão o antigo; *huc xali*, e, a par, a

(1) Camille Jullian — *Glozel*.

famosa escada de feiticeira, instrumento essencial da feitiçaria antiga, «salta a escada», fórmula que se encontra desde Aristófanes; *liga oxum*, «liga o osso», outra fórmula duma rara banalidade, com o nome do enfeitado (as mais das vezes gravado em letras invertidas, uso corrente em matéria de sortilégio).

A êste modo de expor os factos, os partidários do neolítico opuzeram as objecções seguintes:

1.º — Não há objectos de ferro. Mas o primeiro relatório das explorações assinalou-os. Além disso, nada mais natural em feitiçaria do que afastar o metal. Enfim, basta, por exemplo, estudar os machados com orifícios de suspensão para verificar que só o ferro pôde abri-las.

2.º — Ausência de cerâmica samiana, característica dos depósitos romanos. — Mas a cerâmica samiana desaparece desde o meio do século III.

3.º — A cerâmica é a da pedra polida. — É um êrro. Os vasos de Glozel, em argila recozida, espessa, modelada ao tórno, não teem nenhuma relação com a cerâmica neolítica.

4.º — Ausência de moedas. — Mas não só as moedas são muito mais raras nos depósitos do Baixo-Império, mas também há a notar que a escavação ainda não atingiu o santuário, onde podia estar o tesouro. Além disso, não se data uma jazida pelo que nela não há, mas pelo que nela há.

5.º — Não se gravava sôbre calhaus na época romana. — É um êrro. Examinai os relatórios de explorações e os papiros.

6.º — Não se gravavam animais fantásticos ou outros em pedras ou calhaus. — A mesma resposta.

7.º — A *suástica* exclui a época romana. — É um êrro. Precisamente a feitiçaria do século III adoptou-a, e ela conservou a sua voga até ao século V.

8.º — As letras são cretenses, gregas, arcáicas, fenícias. — Não, não vejo senão letras latinas, e, se considerardes a cruz inscrita num círculo como uma letra arcáica, eu responder-vos hei que é um sinal mágico muito conhecido e cujo sentido é indicado pelos livros de feitiçaria.

9.º — Só posso ler, disseram-me, letras isoladas. — É um êrro.

Leio tôdas as letras sem excepção. Leio tôdas as linhas sem excepção. Leio tôdas as fórmulas sem excepção. E essas fórmulas são tôdas conhecidas, inteiramente conhecidas, inteiramente conformes aos rituais publicados de feitiçaria romana.

No «Illustrated London News», de 23 de Outubro, Elliot Smith ocupava-se dos achados de Glozel (1) e afirmava que a



Fig. 3 — Ídolo feminino, ou boneca de bruxaria, de Alvão

questão tem girado em tórno da dificuldade em admitir o sincronismo entre objectos análogos aos madalenenses, outros de carácter neolítico e outros com afinidades cretenses. Mas, na sua opinião, tudo se explica adoptando-se o seu parecer de que o neolítico da Europa ocidental não tem início antes de 2000 a. C. O madalenense ter-se-ia prolongado até essa data e o cretense seria coevo do neolítico daquela região.

(1) Elliot Smith, *The riddle of the Glozel Alphabet*, loc. cit., pág. 782.

Nem as afinidades madalenenses em Glozel são bem nítidas (Depéret contestou que uma das gravuras representasse a rena, e Breuil afirma que os arpeus e as gravuras nada teem de comum com os arpeus e as gravuras madalenenses) nem as analogias cretenses são impressivas, nem é possível considerar estabelecida a cronologia de Elliot Smith, o qual defende, sôbre argumentos insuficientes, a tese da origem egípcia das civilizações orientais.

Na confusão de opiniões sôbre os achados de Glozel, a de Breuil, que consta duma carta a Van Genep, datada de 5 de Novembro e publicada pelo «*Mercure de France*» de 1 de Dezembro, vem acentuar o carácter estranho, invulgar, excepcional, dêsses achados:

«Nem madalenense, nem azilense, nem tardenoisense, nem campigniense, nem palafítico, nem megalítico (excepto um vaso decorado com *chevrons* e em forma de cálice, lembrando as Ilhas Britânicas); nem Cobre indígena, nem Bronze, nem Ferro; mas *exótico*, inclusivé um machado de pedra *com espigão* (lembrando talvez por acaso os da Indochina e da Birmânia): conjunto provavelmente neo-eneolítico tão estranho à civilização indígena como o seria um acampamento ou um cemitério de Espanhóis de Cortez no meio do império de Montezuma».

Para Breuil, no entanto, apenas uma flecha, aliás pouco trabalhada, se destaca, com as esquilulas de machados polidos, entre o amontoado de sílices talhados, reduzidos, segundo a autorizada opinião, «a detritos informes e inutilizáveis para o estudo».

Note-se bem: Antro de feiticeira, como afirma Jullian, ou colónia exótica, como quere Breuil—Glozel aparece-nos como uma jazida estranha, uma estação anómala e irreductível aos moldes da arqueologia vulgar, ao modo de ser habitual da época res-

pectiva na região. Lugar de extravagante magia ou ilhota de estrangeiros inconfundível com a massa indígena—é a mesma característica do espólio singular dum dolmen de Alvão perante a cultura megalítica do nosso país. Aberração exótica ou supersticiosa, ambiente de mistérios chocantes, em suma qualquer coisa de anormal perante os tipos comuns. Não são de surpreender as perplexidades e as contradições dos eruditos perante factos que se desenrolaram à margem da existência ordinária, talvez a ocul-

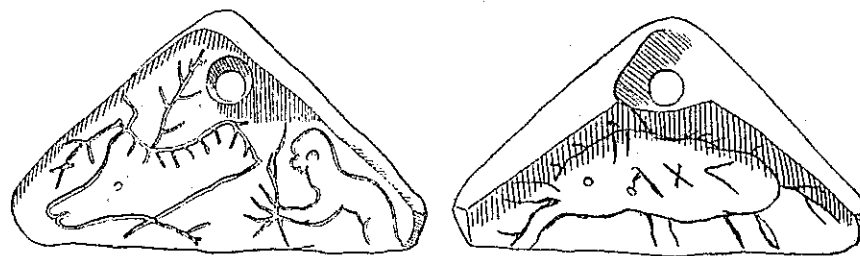


Fig. 4—Pedra gravada de Alvão, vista pelas duas faces

tas, na penumbra, pela calada da noite, na solidão, no temor do indígena ou do vulgo, no receio da vindicta pelos malefícios cometidos ou das violências dos não iniciados... O aspecto e o carácter amuletoforme de muitos objectos de Alvão tornam verosímil que o recinto fôsse especialmente destinado a práticas de magia.

*

* *

Se as inscrições de Glozel e Alvão fôsem neolíticas, teríamos de concluir que o alfabeto foi inventado duas vezes, ou que por duas vezes êle surgiu no ocidente, porque nesta área nada teria aparecido entre aquela data e a idade do ferro, a estabelecer a continuidade entre os documentos epigráficos neolíticos e os ibéricos. Entre o meio do terceiro milénio antes da nossa era—ao

qual, segundo as deduções cronológicas de Schmidt ⁽¹⁾, o eneolítico e portanto o neolítico são anteriores — e o primeiro milénio, data da idade do ferro e crivelmente das inscrições ibéricas, estabeleceu-se desse modo uma flagrante lacuna, uma funda solução de continuidade. Se recuarmos o suposto alfabeto neolítico ainda alguns milénios, é a própria concepção de Reinach que, segundo a sua expressão, aplicada à de Jullian, «suprimiria muitas dezenas de séculos de história».

No entanto, algumas objecções opostas à tese de Jullian não são inteiramente despidas de valor. Impressiona a falta de metal, duma moeda, duma peça de cerâmica romana, duma lucerna, do fundo duma ânfora, dum caco duma *ampulla* grafitada, duma *tegula*, em suma de qualquer objecto banal e característico da época romana. Exclusão propositada, ritual, dalguns dêles, é hipótese admissível — mas, em absoluto, a de todos?

Nem só a cerâmica samiana ou arretina caracteriza depósitos romanos. Ela falta, de facto, em muitos, mas há tantas outras peças documentais da época romana! Ora em Glozel as peças típicas da existência humana habitual desta época faltam completamente ou ainda não apareceram. A erudição e o talento de Jullian encontraram como explicação até certo ponto satisfatória: tratava-se dum recinto destinado a práticas extranhas, diversas das ocupações da vida corrente. E haveria, pelo menos, provas indirectas da existência de metais.

Ultimamente Franchet, firmado sobretudo na aparição dum afiador, na semelhança das figuras antropomorfas com tipos de La Tène de que seriam ainda uma evolução, e na existência, no local, dum forno de vidraria, que foi erroneamente suposto uma

⁽¹⁾ Hubert Schmidt — *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España*, Madrid, 1915.

sepultura neolítica, combate esta última cronologia e inclina-se para a tese de Jullian. O fabrico local do vidro não seria, na Gália, anterior a La Tène III e êsse fabrico pressupõe a intervenção de utensílios metálicos. O forno seria coevo das inscrições ⁽¹⁾, o que é aliás contestado pelo dr. Morlet.

O enigma subsiste. Não é da minha competência pronunciar-me sobre o aspecto filológico da questão. E, no entanto, é ahi, a meu vêr, que está, por enquanto, o nó do problema. Letras latinas, cursivo romano, fórmulas em latim dos *bas-fonds* pagãos — curvo-me perante a autoridade indiscutível de Jullian. Mas, a ser assim, a mentalidade caprichosa e extravagante dos feiticeiros infligiu a essas letras torturas e deformações que aos leigos na matéria tornam tal latim irreconhecível, embora tenham notícia da modificação profunda, dos tratos de polé, que nos primeiros séculos da era cristã o cursivo antigo faz sofrer aos caracteres garrafais da escrita capital ⁽²⁾.

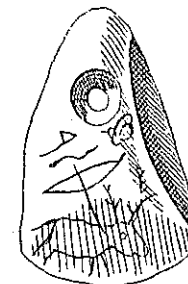


Fig. 5
Pedra gravada de Alvão

Comparei devagar as letras de Alvão com as de Glozel e com as do alfabeto ibérico. 14 caracteres de Alvão do quadro elaborado por Severo são comuns a Glozel, 8 são duma analogia menos nítida, 12 não se encontram na estação francesa, são primitivos de Alvão. Naturalmente das 100 (?) letras de Glozel faltam numerosíssimas nas inscrições de Trás-os-Montes: um dos sinais

⁽¹⁾ L. Franchet — *Les fouilles de Glozel (Allier)* — «Revue Scientifique», 13 Nov. 1926.

! Não podemos concordar com o ponto de vista de Franchet, segundo o qual não haveria objectos de pedra polida nem cerâmica no neolítico, mas só depois da utilização dos metais!

⁽²⁾ Cf., por exemplo: Maurice Prou — *Manuel de Paléographie latine et française* — 4.º édit. Paris, 1924, pág. 47 e seg.

de Glozel que falta nas inscrições portuguesas, é precisamente a suástica.

A meu vêr, as semelhanças do alfabeto de Alvão com o alfabeto ibérico são mais estreitas do que com o alfabeto de Glozel, são mesmo muito estreitas. As 22 letras ibéricas do quadro de Severo correspondem *todas* a caracteres de Alvão. As letras mais frequentes aqui não são as mais frequentes em Glozel; a não serem, porventura, os simples segmentos de recta.

Deixemos aos filólogos esta tarefa. No ponto de vista puramente arqueológico, Glozel e Alvão teem certas afinidades, não devem ser de cronologia muito diversa. Ora os objectos e as inscrições de Alvão, a meu vêr, são posteriores às primeiras fases da época megalítica. Não é, pois, verosímil que Glozel seja do neolítico, muito menos do neolítico antigo, como pretende o dr. Morlet. No entanto, é crível que seja anterior a Alvão, atendendo ao maior número de sinais alfabéticos que a estação francesa apresenta. Quanto menos sinais, quanto mais simples, mais perfeito é o alfabeto. No entanto, as inscrições e gravuras portuguesas parecem, na factura, forma e disposição, mais rudes e irregulares e, por outro lado, a maior abundância de letras em Glozel pode ser função da maior profusão de placas epigráficas na jazida gaulesa.

Dado o seu grau de evolução na representação gráfica, dadas as semelhanças com a epigrafia ibérica, as inscrições de Alvão e os objectos correspondentes não são por certo muito anteriores à idade do ferro, mesmo à segunda idade do ferro. É desta última época, do seu primeiro período (secs. V-III a. C.) que Bosch Gimpera data as inscrições ibéricas do Alentejo e do Algarve, descobertas por D. Fr. Manuel de Cenáculo, Estácio da Veiga e dr. Abel da Silva Ribeiro. Cabré relaciona, entre elas, as inscrições e as sepulturas de Bensafrim com as de estações espanholas, também da segunda idade do ferro, da provincia de Teruel. Isto é: nem

Bensafrim é por estes modernos autores espanhóis datada da primeira idade do ferro, como pretendia Estácio da Veiga, nem as

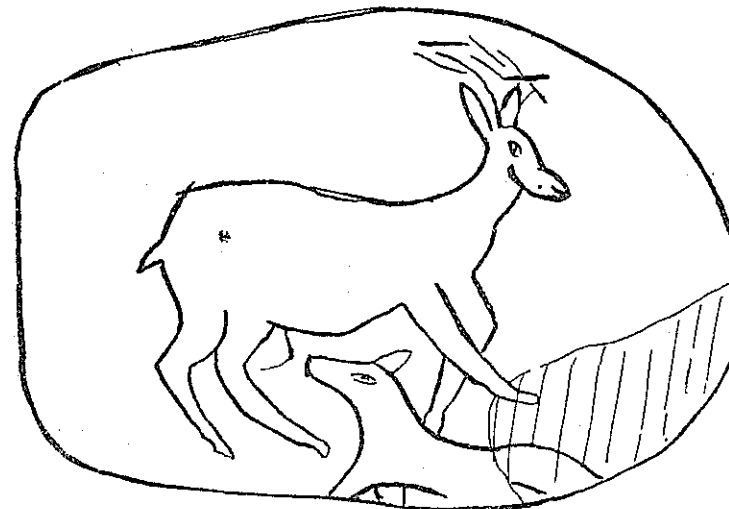


Fig. 6 — Gravura de Glozel

estações alentejanas com documentos epigráficos ibéricos são recuadas, como o nosso arqueólogo pretendia, para a idade do bronze (1).

Enfim, *com toda a probabilidade, o alfabeto de Alvão não é neolítico, mas quando muito — se abstrairmos da interpretação dada por Camille Jullian — será um pouco anterior à segunda idade do ferro, isto é, duma data que não se fixaria talvez muito antes de*

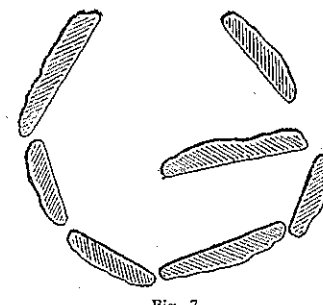


Fig. 7

Planta do dolmen de Chã das Arcas (Alvão) que forneceu as inscrições típicas

Concordo, porém, em que numa época determinada surgem frequentemente manifestações de culturas muito estranhas ou pri-

(1) Mendes Corrêa — *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924, págs. 265 e 266. Aí veem citados os trabalhos de Estácio da Veiga, Bosch e Cabré.

mitivas, que, examinadas isoladamente, podem conduzir a inexactidões cronológicas. Em plena Europa, em pleno século XX, não faltam recantos sertanejos em que sobrevivem velhos costumes ou se passa uma existência bem diversa da dos grandes centros. Bem heterogêneas culturas se desenrolam a poucos quilómetros de distância. Ora, numa data avançada da época romana, já quando o cristianismo alastrava dominadoramente sobre o império, quando, na velha Lusitânia, os últimos castros agonisavam e uma multidão de vilas e colónias floresciam, núcleos palpitantes de actividades novas, não era de admirar que uma bruxa rústica, substituindo ao abandonado culto dos velhos deuses o de demónios estranhos, depositasse documentos de extravagantes superstições pagãs numa esquecida câmara dolménica duma êrma serra trasmontana. Machados polidos, figuras recordando o ídolo feminino, não seriam de admirar ali, naquela paragem remota, como sobrevivências rudes de culturas anteriores.

Se as inscrições são latinas, em cursivo antigo, não me surpreende o seu aspecto, tão caprichoso era êsse cursivo. O que causa certo reparo é que fôsse dada preferência, em gravura lapidar, ao cursivo e não à escrita capital epigráfica. Mas o cursivo aparece também nas paredes de Pompeia ⁽¹⁾, e como poderão provocar-nos surpresa os caprichos ou a ignorância dos mágicos gravadores de Glozel ou Alvão?

Se, porém, temos de abandonar a leitura de Jullian e de recusar a latinidade das inscrições, não hesitarei em atribuir aos documentos de Alvão parentesco com as inscrições ibéricas ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Maurice Prou, *Op. cit.*

⁽²⁾ Estas linhas estavam escritas quando nos foi comunicado que o sr. major Santos Ferreira supõe ter decifrado a inscrição de Alvão, representada na fig. 2. Seria, na sua opinião, uma inscrição ibérica, na qual se falava dum pecador que se acolhera doente àquele abrigo.

O sr. major Santos Ferreira é autor dum trabalho em que se propôs de-

e em os colocar com grande probabilidade numa data intermédia entre a indicada por Salomon Reinach (3500 a. C.) e a fixada por Jullian (350 a 400 depois de Cristo), mas incomparavelmente mais

monstrar que o alfabeto ibérico é a antiga escrita hierática dos Hebreus, anterior à transcrição do texto bíblico em caracteres fonéticos por Esdras. Os antigos Iberos, na sua opinião, teriam tido origem numa migração judaica e as inscrições ibéricas são lidas pelo autor daquele trabalho, que diz consistirem em epítafios, orações, referências a acontecimentos históricos e a actos judiciais, tudo redigido em hebraico. Sobre êsses materiais tenta mesmo reconstituir a história duma pretensa comunidade judaica do sul de Portugal, muito remota. (Major J. L. Santos Ferreira — *A Escrita Hierática dos Hebreus, revelada pela interpretação das Inscrições Ibéricas.* — Pôrto, 1926).

Seguimos a curiosa exposição do autor e entendemos que, se é amplo o seu engenho e muito o seu saber, não são menores a sua imaginação e a sua fecundidade em conjecturas. Êle não se funda, por exemplo, no estudo comparado de inscrições bilingues, o que era mais seguro. De resto, a interpretação aventureira de ideogramas (essa escrita hierática seria quasi ideográfica) oferece maior terreno ao arbitrário e à fantasia do que a leitura de letras fonéticas de língua conhecida. E como se compreende que a recordação de tal remota comunidade judaica, a despeito da sua importância, não tenha sido conservada por tradições ou textos, que não sejam as inscrições ibéricas do Alentejo e Algarve, aliás tão duvidosamente hebraicas?

Não sabemos também como consegue o sr. Santos Ferreira relacionar os textos de Alvão com o singular espólio arqueológico do dolmen.

Estamos, porém, ambos plenamente de acôrdo no que respeita às analogias dos sinais de Alvão com os caracteres das legendas ibéricas do sul do país.

Segundo a opinião autorizada do sr. capitão Barros Basto, a transliteração feita pelo sr. Santos Ferreira dos caracteres ibéricos em letras hebraicas não está exacta. Além disso, não se prova que se trate duma escrita radical, como no livro se pretende.

Parece mais aceitável a hipótese do sr. Prof. Teixeira Rego, segundo a qual alguns caracteres de Alvão seriam esquematizações de animais e de scenas de caça. A magia venatória, a ajuizar por algumas gravuras (figs. 4 e 5), fazia parte das práticas executadas no dólmen trasmontano. Mas a outros caracteres não podemos atribuir a mesma origem, e, se não são ainda inteiramente alfabéticos, constituem ideogramas já muito deformados ou simplificados. Nem sequer serão hieroglifos.

A propósito da hipótese do Prof. Rego, vejamos os sinais gravados num osso da estação madalenense de Lorthet (n.º 14 de fig. 163 de J. de Morgan — *L'Humanité préhistorique*, Paris, 1921) e comparem-se com alguns sinais de Alvão, especialmente com um da base da fig. 2 d'êste artigo.

próxima desta última: o meio do primeiro milénio antes da era cristã, ou seja nos princípios da segunda idade do ferro, ou pouco antes.

O meu espírito encontra-se, pois, perante este dilema: ou a tese de Jullian ou a hipótese que acabo de enunciar. Em nenhum caso julgo provável a cronologia neolítica que às peças epigráficas de Alvão foi atribuída pelos investigadores portugueses Brenha e Ricardo Severo e ultimamente apoiada no estrangeiro por Salomon Reinach, Morlet e outros homens de ciência. A não ser que, saltando sobre os excelentes encadeamentos cronológicos de Schmidt, déssemos ao neolítico uma data muito recente, colocando-o no limiar da proto-história ou mesmo da história, o que é pouco provável.

A verdade é que estou longe de poder formular um juízo definitivo. Entre a probabilidade e a certeza há uma distância enorme. É perigoso confundí-las. A solução menos provável pode ser a verdadeira ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ As gravuras que acompanham este artigo, foram extraídas da «Portugália» e do «Mercure de France».

VÁRIA

Reivindicações da ciência geográfica portuguesa

Há quinhentos anos as concepções cosmogónicas e as ideias sobre a forma da Terra, suas dimensões, sua posição no espaço, distribuição dos continentes e dos mares, existência de antípodas, habitabilidade da zona tórrida, fenómenos físicos da superfície do globo, etc., etc., careciam em geral de uma base sólida, resultavam, na maior parte, de meras especulações filosóficas e, só em raros casos, de observações da realidade dos factos.

Os antigos Helenos encararam muitas questões de geografia física e matemática com notável intuição científica; os Arabes deixaram, sobre o assunto, trabalhos de real merecimento. Mas o que é verdade é que, enquanto se não realizaram os grandes descobrimentos geográficos dos séculos XV e XVI, a geografia geral não podia sair do campo das hipóteses, das conjecturas, da fantasia, na maioria dos seus problemas. As considerações com que Lactâncio, há 16 séculos, ridicularizara quantos acreditavam na existência dos antípodas, podiam ser repetidas, e foram-no certamente, no século XIV e no começo do século XV, por aqueles que partilhavam a opinião do referido escritor. Alguns dos sábios que no fim da Idade-Média defendiam a concepção da esfericidade da Terra, não admitiam a existência dos antípodas; sirva de exemplo o erudito Cardeal Pedro d'Ailly.

De resto, com raras excepções, o idealismo, o misticismo, a concepção da vida nos tempos medievais, desviaram as almas do estudo e, até, da simples admiração da natureza. Todos os pensamentos deviam ser dirigidos para Deus, a tódas as acções deviam presidir considerações de ordem religiosa, a filosofia era, na fórmula tantas vezes repetida de S. Tomás de Aquino, a serva da teologia.

Mas, volvido o último quartel do século XV, atinge a sua fase culminante um movimento de origem já longínqua e a que, bem ou mal, se convencionou chamar o Renascimento. A Idade-Média é olhada com desdém: na reacção que se lhe segue, os humanistas esquecem-se de que durante aquela época se elaborara moral, social e politicamente o mundo moderno. O Homem do

Renascimento, seduzido e estonteado pela novidade e pelo brilho real da cultura clássica, esforça-se por se libertar de tôdas as peias, de todos os incômodos preconceitos, renega o seu passado, despreza a tradição, revolta-se contra tôda a autoridade moral ou temporal e a todos os campos faz descer a crítica, o exame, a dúvida. Nasce o espírito científico, a atitude crítica da inteligência perante os factos.

E as velhas concepções relativas à Terra, os velhos dogmas geográficos ruem fragorosamente, porque já lhes não basta a autoridade dos Mestres para os fazer viver.

É em geral reconhecido que êsse belo movimento renovador de ideas e emancipador do espírito, deve a maior parte do seu brilho aos grandes descobrimentos geográficos portugueses e espanhóis; todavia o que no estrangeiro parece ainda não estar definitivamente admitido são a originalidade e as bases científicas das explorações geográficas portuguesas, embora já não seja de agora que os estudos do sr. Joaquim Bensaude começaram a banhar de luz nova e fecunda êsse glorioso capítulo da História de Portugal. Notam-se ainda em alguns livros da especialidade, de autores estrangeiros, umas certas reservas, uns significativos silêncios em tudo que se refere à sciência náutica portuguesa dos séculos XV e XVI, reservas e silêncios que hoje já não teem razão de ser.

Em Barcelona, a Editorial Labor vem publicando uma valiosa e utilíssima *Biblioteca de Iniciación Cultural*, que se compõe já de mais de oitenta pequenos volumes sôbre diversos assuntos de filologia, psicologia, educação, literatura, artes plásticas, música, história, geografia, direito, política, economia, matemáticas, física, química, sciências naturais, higiene. Êsses manuais, de leitura «breve, agradável e proveitosa», são da autoria dos mais afamados especialistas modernos; e, de acôrdo com o plano da *Colección*, apresentam belamente sistematizadas, com simplicidade, clareza e absoluto rigor científico, as ideas mais importantes sôbre tôdas as sciências e artes.

Temos presentes dois dêsses volumes, há poucos mêses publicados: *La época de los descubrimientos*, de Sigmund Günther, e a *Historia de la Geografía*, de Konrad Kretschmer. São trabalhos de reputação já feita e de autores há muito consagrados. A *Historia de Geografía*, que ainda recentemente Dantin Cereceda enalteceu com justiça, expõe por uma forma ampla mas concisa e clara, o «processo do desenvolvimento dos nossos conhecimentos científicos acêrca da Terra»; *La época de los descubrimientos* é o relato sucinto mas palpitante e tanto quanto possível completo da

conquista do globo pelo Europeu para o convívio da civilização. Traduziu os dois manuais o sr. Prof. L. Martín Echeverria, do Instituto de Segóvia.

A segunda edição alemã da obra de Kretschmer, que foi a que serviu de texto para esta tradução espanhola, data de 1912, ano em que também foi publicada em Berne a célebre monografia de Bensaude «*L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*». Não pode, pois, constituir motivo de estranheza o facto de se não encontrar naquele livro qualquer referência especial aos conhecimentos náuticos dos Portugueses, ou ao aspecto científico das nossas emprêsas marítimas. De resto, eram assuntos em que até então mal se falara, com os quais muitos se não preocuparam sequer, desconhecendo mesmo a preparação consciente e metódica do esforço marítimo português. Mas Kretschmer, como bom alemão, não deixa de enaltecer o saber cosmográfico dos seus compatriotas. Não repete de um modo claro e explícito a velha afirmação humboldtiana de que a arte náutica portuguesa se baseara nas obras de Regiomontano e nos conhecimentos científicos de Martin Behaim; contudo diz:

«Entre los compañeros de Cão (*Diogo*) se encontraba un joven aristocrata de Nürenberg, Martin Behaim... al que se supone que instruyó el célebre Regiomontanus... en los trabajos matematicos y cosmográficos. El rey D. Juan II habia instituido una «Junta dos mathematicos» y Behaim fué llamado para formar parte de ella y dedicarse a los estudios que parecían mas aplicables a la navegación» (1).

Kretschmer foi prudente; exceptuando as duas afirmações de que Behaim acompanhou Diogo Cão na sua viagem à costa africana e de que houve uma instituição chamada *Junta de Matemáticos*, problemas que teem constituído objecto de animadas discussões, nada escreveu que legitimamente se possa contestar.

Simplesmente é pena que o eminente geógrafo germânico não tenha juntado neste ponto uma breve nota, mostrando qual o verdadeiro mérito de Behaim segundo os modernos estudos e segundo a sua própria opinião. Bastaria, por exemplo, que transcrevesse a seguinte passagem duma crítica sua, publicada em 1910, ao livro célebre de Ravenstein sôbre Martín de Behaim:

«Se o espírito de Behaim voltasse a êste mundo como o do pai de Hamlet, e pudesse ter percorrido a sua cidade natal de Nuremberg, em Maio de 1907, quando os geógrafos alemães ali se encontravam reunidos, ter-se-ia petrificado de espanto ao vêr o monumento erigido em sua honra» (2).

(1) *Ob. cit.*, pág. 67.

(2) Kretschmer, *Geographische Zeitschrift*, Heidelberg, 1910, pág. 525, cit. por Joaquim Bensaude, *Les légendes allemandes*, Genève, 1917-1920, pág. 57.

É assim o próprio Kretschmer que numa data intermédia à 1.^a e 2.^a edição do seu livro, reconhece que ao cosmógrafo de Nüremberg não cabe o papel tão lato que alguns compatriotas lhe vinham atribuindo. ¿Porque é, pois, a 2.^a edição tão omissa? ¿Porque não reparou o seu tradutor peninsular a omissão numa breve nota anexa ao texto?

Pena é também que o sr. Prof. Echeverria tenha deixado passar sem uma ligeira observação a frase de pág. 70 — ... *occurrió que Cabral, arrastrado por la corriente Sur-ecuatorial*... — versão que em 1892 foi contestada de maneira probante pelo sr. Baldaque da Silva. E lamentamos, sobretudo, que não tenha feito os aditamentos necessários no cap. 12, intitulado — *Cosmografía científica en la época de los descubrimientos*. Escrito em 1912, falta aí o resultado dos estudos posteriores, e foi justamente a partir daquela data que uma modificação profunda se começou a operar na apreciação da ciência cosmográfica daquele período.

Desde que em 1918 o Prof. Hermann Wagner publicou o seu trabalho — *Die Entwicklung der wissenschaftlichen Nautik im Beginn des Zeitalters der Entdeckungen nach neueren Anschauungen*, — abriu-se a era de justiça para o saber náutico português.

Não se pode considerar actualizado, nem perfeito, um livro sobre história da geografia que não dedique umas páginas, ou pelo menos uma nota, à originalidade dos Portugueses na matéria. Em nosso entender e sob o ponto de vista que nos ocupa, é esse o único senão do valioso manual da *Colección Labor*, a que me tenho referido. O Prof. sr. Echeverria tinha actualizado o trabalho de Kretschmer e prestado uma homenagem à verdade e à justiça se fizesse salientar por qualquer forma, em notas ou em prólogo, a parte que cabe a Portugal e ao seu próprio país, à Espanha, mais do que a quaisquer outros povos, nos progressos da geografia, e conseqüentemente nos progressos da civilização em geral. Não se poderá objectar que essas notas ou esse prólogo destoariam do plano da colecção, porque em muitos dos manuais de que ela se compõe — *Etnografía* de Haberlandt, *Cultura del Renacimiento* de Arnold, etc., — os tradutores fizeram acompanhar o texto de numerosas notas da sua autoria.

La época de los descubrimientos, traduzida da 4.^a edição alemã, publicada, salvo êrro, em 1918, indica uma extensa e valiosa bibliografia; mas, exceptuando as *Décadas da Asia* e a *História geral do Brasil* de Varnhagen, não cita um único trabalho em português. De notar é este facto, pois Günther, que estava a par de todos os estudos importantes publicados sobre os descobrimentos, conhecia de sobra as monografias recentes sobre as reivindicações da ciência náutica portuguesa. ¿Porque não citou o livro já hoje

clássico de Joaquim Bensaúde? Não é crível que a omissão fôsse involuntária...

A pág. 33 do texto, Günther, falando dos progressos da arte de navegar dos Portugueses, escreve:

«—Hasta qué punto trajo estas mejoras la acción directa de Don Enrique, o si llegaron mediante extrañas influencias, no consta con seguridad. El astrónomo Jaime de Mallorca, que acaso sea el judío Jahuda Cresques (?), convertido al Cristianismo, debió ser llamado por el príncipe a su corte de Sagres».

Convimos em que a *História da Ciência Náutica Portuguesa*, cujo estudo, em bases sólidas, só há alguns anos se começou a fazer, ainda se encontra envolta em muitas obscuridades. Todavia está apurado que os progressos dos Portugueses foram devidos à acção pertinaz e metódica do Infante de Sagres, ao processo por êle inaugurado, da colaboração do sábio e do marinheiro; está também suficientemente demonstrado que a base científica das viagens marítimas portuguesas foram os trabalhos astronómicos peninsulares da baixa Idade-Média, na maior parte de autores judeus.

O sábio Professor alemão pode ter sido levado, talvez por um excesso de criticismo, a não aceitar a veracidade destas conclusões; podia mesmo aceitá-las e não as querer referir. Não lhe discutimos esse direito. O que lamentamos é que tenha deixado escapar a oportunidade de exarar a opinião de que o saber dos navegantes portugueses não teve origem alemã, opinião já esboçada em 1915, na crítica de *L'astronomie nautique* ⁽¹⁾, quando declara que os Portugueses não conheceram as *Efemérides* de Regiomontano nem utilizaram a balestilha introduzida por Behaim, senão relativamente tarde.

Günther repararia assim, generosa e nobremente, um agravo antigo...

¿Quanto tempo decorrerá ainda antes que no estrangeiro se faça inteira justiça à obra geográfica dos Portugueses!

A. DE MAGALHÃES BASTO.

(1) *Mitteilung zur Geschichte der Medizin u. d. Naturwissenschaften*, 1915, Band 14, n.º 1, cit. por Bensaude, *Les légendes*, etc., cit. pág. 12.

Prémio Godard

Quando olhamos em roda de nós e vemos a diminuta consideração que em Portugal quasi todos ligam àqueles que devotadamente se entregam ao trabalho científico, chegando-se mesmo a não ligar a devida importância aos Institutos de Investigação e por conseguinte a não conceder as mínimas regalias a quem nêles trabalha, somos forçados a concluir também que neste canto da Europa uma de três coisas nos basta:

«Tocar viola,
Fumar cachimbo ou dormir».

Raimundo Correia.

Todavia, felizmente, de outra maneira se pensa para lá das fronteiras: aprecia-se e galardoa-se o trabalho sério dos homens de ciência, que recebem o necessário estímulo vendo premiado o seu esforço. E, neste caso, os portugueses não são despresados, nem esquecidos. Valha-nos isto, ao menos!

Ainda há pouco, no dia 2 de Dezembro, em sua sessão solene anual, a *Société d'Anthropologie de Paris*, decidiu, por unanimidade, conferir o PRÉMIO GODARD ao Sr. Prof. J. A. Pires de Lima, director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, que tinha concorrido com o conjunto dos seus trabalhos e especialmente com uma memória inédita sobre os «Movimentos anormais dos dedos».

Ernesto Godard, um dos membros fundadores daquela célebre associação científica francesa, falecido em 1862, legou 5.000 francos para se instituir um prémio de 500 francos a conferir de dois em dois anos «à melhor memória sobre um assunto relativo à antropologia».

Este prémio foi dado pela primeira vez em 1865. E agora, sendo com êle contemplado um professor nosso, foi assim ao mesmo tempo altamente honrada a ciência portuguesa, facto que registamos nas páginas desta Revista com o maior desvanecimento.

H. M.

XXII Congresso Internacional dos Americanistas

Como fôra estabelecido, realizou-se em Roma de 23 a 30 de Setembro de 1926 o vigésimo segundo Congresso Internacional

de Americanistas. Do programa constavam numerosas comunicações e conferências sobre assuntos variados de Antropologia, Arqueologia, Etnologia, Linguística, História e Geografia americanas. Alguns desses trabalhos eram da maior importância e novidade, tendo suscitado discussões deveras interessantes. Estavam representados oficialmente 33 Estados e mais de cem Universidades e corporações científicas e inscreveram-se perto de 400 congressistas, entre os quais numerosas individualidades das mais ilustres naquelas sciências.

Foi eleito presidente do Congresso o presidente da Comissão Organizadora, Prof. Amedeo Giannini, e foram eleitos vice-presidentes: Profs. Capitan e Rivet (França); Profs. Karl Sapper e Albrecht Penck (Alemanha); Profs. Salvatore de Benedetti e Vedia y Mitre (Argentina); H. de Goeje (Holanda); rev. Thalbitzer (Dinamarca); Prof. Waldemar Bogoras (Rússia); Prof. Jane Cecil (Inglaterra); general Altolaguirre (Espanha); Prof. Mendes Corrêa (Portugal); rev. W. Schmidt (Áustria); Prof. Martino Gusinde (Chile); Prof. Herbert Spinder (Estados- Unidos); Profs. Giuseppe Sergi, Aldo Trombetti, Roberto Almagià, Raffaele Pettazzoni e Aldobrandino Mochi (Itália). Para secretário geral foi designado o Professor Guido Valeriano Callegari.

A sessão inaugural realizou-se, com a assistência das autoridades e Corpo Diplomático, (depois duma sessão preparatória dos delegados) na *Sala Massima* do Capitólio, sob a presidência do chefe do governo italiano, Benito Mussolini, que proferiu um discurso, falando também o Presidente do Congresso, o Governador de Roma, o Ministro da Instrução Pública e representantes das várias nações. Os outros trabalhos efectuaram-se nas salas do Palácio Corsini, onde se encontra instalada a Academia Real dos Linceus.

Do programa, que era excelente, fizeram parte visitas ao Museu Pigorini, dirigido pelo Prof. Antonielli, à bela necrópole etrusca de Caere, onde foi servido um almôço, ao velho castelo Orsini, de Bracciano, a Tivoli, etc. Houve recepções esplêndidas no Capitólio, pelo Governador de Roma, na Vila Adriana pelo Ministro da Instrução, na Sociedade Geográfica Italiana, e por fim no Palácio Sciarza pelo presidente do Instituto de Seguros Sociais. Houve também um magnífico banquete de gala, de mais de trezentos talheres, no *Grand Hôtel de Russie*.

No dia 30 efectuou-se a sessão de encerramento do Congresso, tendo-se resolvido que o próximo se realizasse em 1928 em Nova-York, em vista dum compromisso tomado no Congresso anterior e duma disposição regulamentar segundo a qual os Congressos devem ter alternadamente as suas sedes na Europa e na América.

Consignou-se, porém, o voto de que o Congresso seguinte, o de 1930, se efectue em Portugal, onde até agora se não realizara nenhum, o que é estranhável, dado o papel fundamental que os Portugueses desempenharam no descobrimento e conhecimento da América. Ao enunciar um tal voto, o Presidente Giannini declarou que essa deliberação representava «um dever e uma homenagem para com Portugal».

No dia 1 de Outubro partiram muitos congressistas em excursão a Nápoles e em 4 de Outubro reuniam-se de novo os membros do Congresso em Florença, onde houve recepção oficial no Município, inauguração solene no Museu de Antropologia e Etnologia dum busto a Paulo Mantegazza, cujo elogio académico foi feito pelo Prof. Aldobrandino Mochi, visita ao Instituto Geográfico Militar, espectáculo de gala, e uma recepção magnífica, com almôço, na encantadora Vila «Loggia» do Conde Constantini, sócio honorário da Sociedade Italiana de Antropologia e Etnologia. Em Florença, o Prof. Puccioni, actualmente catedrático de Antropologia na Universidade de Pavia, e sua esposa, ofereceram, em sua casa, um elegante *tea* a alguns antropólogos congressistas e às esposas destes que os acompanhavam.

O Congresso finalizou em Génova, onde os congressistas foram recebidos oficialmente no dia 7.

Portugal esteve representado oficialmente nos trabalhos e festas da importante assembleia científica pelos delegados do governo, dr. Jaime Cortezão, director da Biblioteca Nacional de Lisboa, e Prof. Mendes Corrêa, que representava também a Faculdade de Ciências do Porto, e pelo sr. Francisco de Almeida Moreira, director do Museu Grão Vasco, de Viseu. O dr. Jaime Cortezão além do seu discurso na sessão inaugural, fez uma patriótica comunicação, na secção de História, sobre o «Tratado de Tordesilhas e a descoberta da América», na qual defendeu largamente a tese de que a atitude dos portugueses nas negociações relativas ao tratado significava um seu conhecimento da América antes das viagens de Colombo. O Prof. Mendes Corrêa, em conferência, com projecções, perante todas as secções reunidas, no Salão Real do Palácio Corsini, expôs e fundamentou a sua «Nova hipótese sobre o povoamento primitivo da América do Sul» pela via Austrália-Tasmânia-Macquarie-Antártida-Ilhas Shetland do Sul-Terra do Fogo. O mesmo professor tomou parte nas discussões dos trabalhos do Prof. Trombetti, de Bolonha, e do Prof. Rivet, de Paris, o último dos quais adoptou a sua hipótese, ao passo que o primeiro dela divergiu, manifestando-se, a seu turno, Rivet e o professor português em oposição ao exclusivismo da tese de Trombetti da origem asiática dos indígenas americanos.

A participação oficial do nosso país nos trabalhos do Congresso foi oportuna e conveniente. Não se compreende que a Pátria de Pacheco Pereira, Álvares Cabral, Lavrador, Cortes-Reais, Solis, etc., e fundadora da grande nação brasileira, se tenha desinteressado de quasi todos os Congressos de Americanistas. Os jornais de Roma «Tribuna» e «Corriere de Italia» publicaram entrevistas com os nossos delegados, que foram também procurados por um representante da imprensa judaica da América.

São para registar dum modo especial o apoio valioso e as gentis deferências que os delegados portugueses receberam do sr. dr. Augusto de Castro, illustre ministro plenipotenciário de Portugal junto do Vaticano. O eminente diplomata ofereceu no Grand Hôtel de Russie um elegante banquete a várias personalidades italianas, espanholas e portuguesas que intervieram no Congresso, e ofereceu em sua casa outro banquete aos delegados portugueses.

Humberto de Passos Freitas

O ciclone que no dia 15 de Dezembro tantos estragos causou na ilha da Madeira, fez dar à costa no Funchal um hiate, o «Physália», de que era proprietário o sr. Humberto de Passos Freitas, capitalista madeirense, o qual, com todos os tripulantes, à excepção dum, pereceu no sinistro. O facto merece lutooso registo nas páginas desta revista, porque o sr. Passos Freitas dirigira-se em tempos aos srs. Prof. Ruy Teles Palhinha e dr. Magalhães Ramalho, de Lisboa, ao autor destas linhas e a outros especialistas em variados ramos da história natural, convidando-os para tomarem parte numa expedição científica que êle tencionava fazer em 1926 e 1927 nos mares tropicais a bordo do «Physália» e para a qual contava já com o apoio das Sociedades de Geografia de Londres e Lisboa e doutras entidades oficiais.

O sr. Humberto de Passos Freitas estava verdadeiramente empenhado na realização desta iniciativa, na verdade muito interessante e reveladora duma nobre curiosidade científica. Não faltavam ao malogrado madeirense energia e espírito de aventura que êle revelara, por exemplo, proporcionando uma arriscada fuga por via marítima a alguns presos políticos que se encontravam nas ilhas.

Infelizmente, a sua morte trágica veio impedi-lo de realizar a viagem científica projectada, mas ainda deu a medida das suas altas qualidades. Durante o temporal, quando o navio garrara,

uma senhora de origem inglesa fôra projectada ao mar. Passos Freitas lançou-se logo à água para efectuar o seu salvamento. Ainda houve quem o visse lutando, por momentos, desesperadamente com os vagalhões. Por fim desapareceu. Nem êle nem a senhora referida escaparam. Uma testemunha presencial que procurara salvá-lo, ainda esteve a dois metros de distância do infeliz naufrago, sem lhe poder valer.

O «Physália» tinha 100 toneladas e possuía as características dum dos navios de Amundsen para as suas expedições polares. A viagem projectada por Passos Freitas seria muito longa. Iniciar-se-ia por uma travessia do Atlântico, com paragens em vários pontos da África e da América do Sul, seguindo-se uma travessia do Pacífico, com visitas a grande número de ilhas da Polinésia e outros pontos, um percurso do Índico, com escala por várias regiões, e por fim o regresso, pelo Mediterrâneo, a Portugal.

M. C.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

G. H. LUQUET — *Les origines de l'Art figuré* — Entr. de «Ipek», Leipzig, 1926, 28 págs. e 30 figs. (est. 1-8).

Já no número anterior dos «Trabalhos» assinalámos a actividade científica do sr. G. H. Luquet no domínio tão sugestivo das origens da arte e das relações da arte dos primitivos com a arte infantil. Ocupamo-nos, nesse fascículo, do recente volume do autor sobre a arte e a religião dos homens fósseis. A importante memória de que damos agora notícia, versa um dos aspectos do tema daquele livro.

Para M. Luquet, o problema da arte figurada paleolítica consiste, antes de mais nada, em determinar quais teriam sido as actividades que naquela época puderam originar figuras sem tal intenção. Seguidamente, cabe averiguar como um indivíduo que produziu essas figuras fortuitas, passou a creá-las intencionalmente.

Não houve imitação de artistas anteriores — pois, por definição, não os havia ainda — mas apenas auto-imitação, ou seja a repetição intencional por um indivíduo duma actividade manual que êle exercera antes e tivera como consequência, sem que tal fôsse o propósito, a produção de figuras.

Não havia uma intenção decorativa, não se tratava de artistas decoradores. Também não foram crianças, mas adultos, os creadores da arte figurada. No aurignacense, o processo do desenho mecânico estendeu-se progressivamente, de tãda a mão, às partes da mão, aos dedos separados. Muitos traçados digitais, fortuitos, teriam sido o ponto de partida de figurações intencionais.

Para estas figurações utilizaram-se evidentemente com frequência disposições naturais em que o homem acentuava ou modificava alguns detalhes, no desígnio de conseguir semelhanças com o objecto da representação.

O valioso artigo é largamente documentado com exemplos, alguns dos quais reproduzidos em excelentes estampas.

MENDES CORRÊA.

ALFREDO CASTELLANOS — Descripción de um tubo caudal de *Sclerocalyptus Matthewi* — N. sp. descubierto en el pampeano inferior de Valle de los Reartes (Sierras de Córdoba) — « Rev. de la Universidad Nacional de Córdoba », ano XII, n.ºs 10-12, Outubro a Dezembro de 1925, 54 págs., est. 12 — Córdoba.

Na introdução o Prof. A. Castellanos descreve o local e os terrenos em que foram encontrados anteriormente e agora restos fósseis, por Burmeister, Moreno, Ameghino, Doering e pelo autor. Refere-se igualmente aos objectos achados na região.

O *Sclerocalyptus* é um género pampeano e o fóssil que é objecto dêste estudo representa mais precisamente o gen. *Eosclerocalyptus*, mais próprio da formação araucana, como foi demonstrado por Carlos Ameghino.

Neste trabalho, o Prof. A. Castellanos faz a descrição da porção caudal fóssil da espécie de *Sclerocalyptus* que reputa diferente das já conhecidas e à qual poz o nome de Matthew e compara-a num largo trabalho de confronto com aquelas, empregando o método cuidadoso, exemplificado em outros exames paleontológicos pelo mesmo autor.

Trata também da definição estratigráfica que a nova espécie descrita esclarece e das relações entre ela e as anteriormente determinadas, principalmente com o *S. ornatus*, *S. pseudornatus* e *S. perfectus*, o que permite considerar os sedimentos continentais da *S. Matthewi* como equivalentes do *ensenadense* culminante litoral.

BETHENCOURT FERREIRA.

ALFREDO CASTELLANOS — Contribucion al estudio de la paleoantropologia argentina — « Rev. de la Universidad Nacional de Córdoba », ano XI, n.ºs 10, 11 e 12 1924.

O estudo tem 34 páginas e 12 estampas, — uma importante documentação, que auxilia bastante a compreensão do texto, no qual o autor descreve e procura identificar um resto fossilizado, que se encontrou no *ensenadense* desnudado e foi atribuído ao *Homo pampaeus* Ameghino, juntamente com outros restos animais fósseis da lagoa Melincué. O objecto a que êste trabalho se refere é um fragmento da abóbada craniana parietal muito pequeno e portanto difícil de interpretar antropológicamente, mas em que o autor achou aliás bastantes caracteres para a determinação científica. O exame minucioso da peça ofereceu assunto ao Prof. Cas-

tellanos para a exposição dum método antropológico comparativo, que é realmente interessante e concludente, pelo número e qualidade de pormenores que salienta.

São também interessantes as notas à margem que enriquecem o opúsculo. Em particular, é digno de nota o estudo da sutura ou sinostose que o fragmento ósseo apresenta, bem como as considerações por êste sugeridas ao autor no seu confronto com outros restos humanos fósseis de diferentes localidades e raças prehistóricas.

B. F.

J. LEITE DE VASCONCELOS — Medicina dos Lusitanos — 1 broch. de 63 págs. e 29 figs. — Lisboa, 1925.

Por ocasião das festas comemorativas do primeiro centenário da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa o eminente professor da Faculdade de Letras daquela cidade realizou na Faculdade de Medicina da capital uma conferência, de veras erudita e documentada, sôbre a Medicina das populações da Lusitânia até ao período germânico inclusivê.

Afirmando a nossa ignorância sôbre a Medicina do período paleolítico e do dos *kiokkenmøddinger* ribatejanos, regista que só no período que chama neolítico final e calcolítico, se descortinam ideias mágicas em amuletos a que talvez estivessem ligadas várias doenças, e aparece uma verdadeira cirurgia com a prática da trepanação, da qual menciona um novo documento, a saber um crânio da Gruta da Galinha, próxima de Alcanena. De passagem, cabe referir que desta mesma gruta provém um ídolo-placa de schisto, que se encontra no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto. Entende o autor que talvez certas laminazinhas de quartzo e sílex que teem sido descobertas em antas portuguesas, possuíssem uma aplicação cirúrgica. Alude ainda à tatuagem, pelo menos no calcolítico.

Quanto à medicina proto-histórica, faz menção do texto de Estrabão, segundo o qual vários montanheseos da Ibéria, como os Caláicos, expunham nas ruas os doentes para receberem os conselhos dos transeuntes que tivessem sofrido das mesmas doenças, e demonstra que o uso da hidroterapia deveria remontar entre os Lusitanos a datas muito afastadas, o que é atestado por numerosos vestígios. Fala do Deus Bormânico, de Vizela, do famoso Endovélico, a respeito do qual reproduz a interessantíssima escultura do paralítico, e de várias inscrições e objectos relacionados com doenças e terapêutica. Dêstes últimos objectos menciona três

vasos de barro, descritos pelo malogrado Dr. Costa Ferreira e existentes no Museu Etnológico Português, os quais serviriam de mamadeiras e para administração de líquidos a doentes. O sinatário desta notícia bibliográfica descreveu em tempos (*Arqueólogo Português*, XXI, 1916, pág. 5 da separata) três vasos (figs. 5, 6 e 7 do artigo) de sepulturas pre-romanas de Alpiarça, que supoz *biberons* ou —um dêles— *ascos*. Hoje acha possível que um ou dois dêles fôsem lâmpadas muito primitivas e simples.

A Medicina luso-romana é sobretudo rica no domínio da hidroterapia, o que é perfeitamente testemunhado por numerosos documentos arqueológicos e epigráficos. A epigrafia luso-romana também se refere a vários médicos, e registam-se enfim diversos achados de instrumentos cirúrgicos e farmacopólicos do período romano, todos ou quasi todos arquivados no Museu de Belém.

A Medicina do período germânico é reconstituída pelo autor sobre uma inscrição de Mérida, que fala dum médico, um *canon* de S. Martinho relativo a ervas medicinais, a narração dum milagre na Galiza e sobretudo certas disposições do Código Visigótico.

Em aditamento à sua conferência magistral, publica o sr. Prof. Leite de Vasconcelos algumas objecções à nossa hipótese sobre a leitura de *lucis* no poema de Avieno *Ora Maritima*, uma extensa bibliografia da tatuagem, várias inscrições e textos, etc.

Das objecções referidas tencionamos ocupar-nos em breve numa pequena nota especial, sem receio, ao contrário do que o sábio professor escreve, de que duma discussão cortez e amiga possam resultar quaisquer «desgostos mútuos». Antes estamos convencidos de que, a-pesar da grande autoridade do sr. dr. Leite de Vasconcelos, que tanto respeito nos merece, se não deve dar definitivamente como «insustentável» e como dissipadora dum tempo precioso a conjectura que ousámos formular sobre um problema paleográfico o mais sugestivo possível para todos os Portugueses que se preocupam com as origens remotas do nome dos Lusitanos. Diremos apenas a nossa surpresa pelo facto do sr. dr. Leite de Vasconcelos considerar luminosíssima e sensata a interpretação de Schrader que imagina uma troca de letras por negligência do copista, e se recusar, pelo contrário, a admitir no autor dum poema, em que há versos errados e em que não era difícil surgirem nomes geográficos e étnicos mais ou menos alterados, um lapso de métrica e a deturpação dum dêesses nomes. Mas, por agora, ponhamos de parte esta questão.

A propósito da tatuagem, entre cujas referências bibliográficas o sr. dr. Leite de Vasconcelos incluí o estudo do sr. dr. Joaquim Fontes sobre a tatuagem facial em alguns ídolos gentílicos e pre-históricos, desejamos exprimir o parecer de que *algumas* incisões

e traços na face dêesses ídolos talvez não sejam sugestões das verdadeiras tatuagens, mas representações de rugas, mais ou menos estilizadas e mais ou menos inexactas.

Vimos na galeria dos *Uffizii* de Florença um quadro de Lorenzetti Ambrogio (século XIV), *A Apresentação de Jesus no Templo*, no qual algumas figuras parecem tatuadas no rosto, quando se trata certamente de rugas. Concordamos, porém, em que em grande número dos ídolos mencionados, se trata de tatuagem facial, dadas a disposição e a forma dos traços.

Desculpe-nos o autor esta digressão ligeira que, aliás, uma parte do seu trabalho nos sugeriu, mas julgámo-la cabida e digna de registo.

Quanto à conferência do sr. Prof. Leite de Vasconcelos, não é necessário acentuar de novo o seu merecimento real, que é, de resto, também o de todo o vasto e fecundo labor de tantos anos, realizado por um sábio autêntico, que é uma legítima glória da ciência portuguesa.

M. C.

LIDIO CIPRIANI — *Un' ipotesi sulle cause di variabilità degli «Hominidæ»* — «Archivio per l'Antrop. e la Etnol.», LIV (1924), Firenze, 1926, 78 págs.; *Comportaments animaux inexplicés, influences inconnues du milieu, variation des espèces* — «Revue Métaphychique», Paris, 1926, 31 págs.

O nóvel e activo antropologista italiano, dr. Lidio Cipriani, assistente no Museu Antropológico da Universidade de Florença, é já autor de valiosos trabalhos da especialidade, nalguns dos quais trata da rótula humana, das suas diferenças sexuais, etárias, étnicas e entre os dois lados do corpo, e da sua significação morfológica, nêles manifestando divergências em relação às conclusões de Berta De Vriese, segundo a qual aquele osso seria um osso típico em via de regressão e não um sesamoides.

Interessam, porém, mais vivamente a questões transcendentales de antropologia geral as duas memórias de que nos vamos ocupar nesta breve nota bibliográfica.

Na primeira dessas memórias, o dr. Cipriani, que se baseia em factos numerosos de biologia experimental e de biogeografia, entre os quais figuram importantes observações originaes, começa por demonstrar que, se os indivíduos podem comportar-se sem alterações sensíveis perante mudanças de condições exteriores, estas frequentemente se accusam sobre as células germinales, ou pela esterilização ou pela geração de indivíduos com caracteres

somáticos diferentes dos progenitores. As recentes experiências de ionólise, de Pirovano, revelam que certas influências electromagnéticas sobre o pólen de diversas plantas dão causa à aparição de indivíduos extraordinariamente diferentes dos tipos originais, sem perda e antes com aumento de vitalidade. « Depositárias fieis dos caracteres da espécie » as células germinais são, entretanto, acessíveis a causas externas de variação, podendo dar origem a constituições novas, tão harmónicas e equilibradas como a da forma originária.

Ocupando-se da determinação do sexo, inclina-se para a hipótese progâmica em vista de várias constatações que tem efectuado, e nesses factos, como nos de telegonia, encontra a comprovação das diversas e fundamentais propriedades das células germinais.

Sobre larga documentação afirma o poder de influências mesológicas sobre caracteres germinais e somáticos das espécies e as relações tantas vezes maravilhosas entre certos ritmos vitais, como a vigília e o sono, e a sucessão dos estados do ambiente, demonstrando que, no entanto, ritmos biológicos milenários podem ser abandonados, em virtude de mudanças de alimentação e temperatura por exemplo.

Algumas experiências de física e observações médicas são recordadas para generalizar aos seres vivos a lei da acção e reacção, da qual as leis de Mendel não são, segundo o autor, mais do que a expressão incompleta dum caso particular, nas linhas gerais da sua *exterioridade*. O mendelismo, escreve Cipriani, não é senão uma das muitas manifestações da luta dos organismos contra as variações. Em grande parte, essa luta tem como agentes as secreções internas.

A natureza esquivava-se às variações. Esta lei explica as migrações e outros fenómenos atribuídos ao misterioso dom do instinto. Mas é também, paradoxalmente, a explicação de todas as mutações das formas vivas. « Tudo tende no Universo a um estado fixo de equilíbrio; onde quer que excepcionais influências externas alcançam, em certo momento, alterar este equilíbrio, êle tende a restabelecer-se o mais depressa possível, ou em idênticas condições do anterior ou em condições que, embora diversas, serão sempre uma derivação, as mais das vezes aperfeiçoada e adaptada às novas circunstâncias, das precedentes ».

O Homem não se subtrai a estas regras, embora tenha uma maneira típica de reagir, que não envolve diferenças substanciais em relação aos outros seres. Há casos de fixidez de caracteres humanos — mesmo, conquanto excepcionalmente, coincidindo com variações de meio. Mas é grande a facilidade com que uma forma,

depois duma invariabilidade de muitas gerações, se pode alterar. O Homem, ocupando zonas climáticas tão diversas e não se tendo confinado (como, em geral, as outras formas mais elevadas) em áreas muito restritas, encontrou-se naturalmente mais sujeito do que qualquer outro grupo biológico, a causas de variação. A variabilidade não aumentou nem diminuiu, na realidade. « Submetido a novas influências de meio, um organismo fica invariável, extingue-se ou varia, segundo a sua sensibilidade para com elas e o poder de reacção das suas células germinais. O Homem parece estar, pelo que respeita ao maior número dos seus tipos, no terceiro caso.

A sua aclimatabilidade actual é, não um dote inato da espécie, mas uma propriedade adquirida, graças a uma preparação das suas células germinais para afrontar qualquer condição de existência na superfície do globo. As suas qualidades permitem-lhe resistir, apenas com pequenas modificações somáticas, a mudanças mesológicas que para qualquer outra espécie seriam causa de esterilidade.

O autor, dentro dos seus pontos de vista, procura explicar a extinção das espécies, os factos de convergência e outros fenómenos da história dos seres vivos, para que teem sido dadas várias explicações mais ou menos arbitrarias e, em geral, não satisfatórias. Assim, a convergência, a aparição de formas afins em linhas filéticas diversas, como, por exemplo, no grupo das Amonites, resulta, a seu ver, de que « qualquer coisa de fixo, capaz de, sem limites, desafiar o tempo deve ter persistido » em todos os grupos, « para dar em certo momento um mesmo efeito ». Essa « qualquer coisa » está « nas propriedades fundamentais do plasma germinal, propriedades cuja origem se confunde com a própria origem da vida ».

Enfim, para Cipriani, não há inevitáveis forças internas que estabeleçam à evolução um sentido predeterminado e que actuem, sejam quais forem as condições externas: As variações resultam da acção conjugada destas duas ordens de factores. É a *sinergia* de que temos falado em vários trabalhos nossos, nalguns dos quais fizemos também a crítica do mendelismo no grupo humano, das influências do meio geográfico na raça, da importância das secreções internas na evolução, etc., com orientações gerais que não julgamos, em substância, muito diversas das manifestadas pelo dr. Cipriani.

Desejamos, porém, fazer ainda umas breves reflexões sobre alguns pontos do seu trabalho.

Dando o tipo de Cro-Magnon como um excelente exemplo de persistência de caracteres no meio de grandes variações mesoló-

gicas desde o quaternário à actualidade, fala das suas pretensas migrações através da Espanha e do norte de África até às Canárias. De facto, os tipos quaternários mostram uma persistência notável em confronto com a variabilidade de quasi todos os tipos humanos actuais. Mas, depois dos estudos recentes sobre as populações do Mediterrâneo ocidental e sobre os *Guanches* das Canárias, pode reeditar-se, sem reservas, a hipótese de Verneau daquelas migrações do Cro-Magnon?

O autor combate, pelo contrário, a asserção, que diz «ridícula» e infundamentada, de que o Homem é um animal doméstico (Bonarelli, Fischer e Giuffrida Ruggeri), não querendo vêr que tal frase não é senão um feliz «modo de dizer», a expressão incisiva e sumária dum facto que êle mesmo não deixará de reconhecer: a equivalência, a semelhança, quanto às suas causas e ao seu mecanismo, entre a pluralidade dos tipos humanos actuais e a variabilidade dos animais domésticos. O paralelismo é sugestivo; simplesmente, tanto no caso dos animais domésticos como no do Homem, êste último é sempre a causa inicial do fenómeno.

Negando «innaturali influenze plasmative» na variação dos animais domésticos e do Homem (pág. 62 do extr.), o autor, poucas linhas depois (pág. 63), fala dos *artifícios* que o Homem utiliza para tornar possível a vida mesmo onde ela menos pareceria possível. Duas páginas adiante, afirmando as semelhanças entre o Homem e os animais domésticos, diz que a variação humana não significa «nada de excepcional» na natureza, para, outras duas páginas à frente, reconhecer a capacidade exclusiva do Homem para, por um «princípio psíquico» que *só nele* existe, se esquivar às restrições de hábitat.

Claro está que faço justiça ao pensamento do autor, e sei perfeitamente que as contradições são apenas aparentes, porque, atribuindo ao Homem faculdades especiais, êle dá-o como submetido, bem como tais faculdades, às normas naturais de variação. Simplesmente eu quis pôr em evidência que as interpretações literais de expressões desta ordem facilmente revelam nelas contradições e porventura inexactidões, que estão longe de constituir substancialmente o pensamento dos autores. Foi um processo crítico dessa natureza que o dr. Cipriani applicou à asserção de que o Homem é um animal doméstico, não hesitando até em a dizer... ridícula.

Numa das notas finais da memória, o autor pretende também que há contradição na designação de «monogenismo polifilético» dada por Giuffrida-Ruggeri à sua concepção sobre a origem do Homem. Na sua opinião, dizer polifiletismo é o mesmo que dizer poligenismo. Lá estamos no puro domínio das confusões verbais!

Se a doutrina de Giuffrida não é monogenismo, muito menos é poligenismo, como os de Sergi, de Sera ou de Kjaatsch. Tinha o falecido antropólogo italiano hesitações na applicação da palavra «polifilético» ao seu neo-monogenismo, porque ela seria, como foi, entendida em diverso sentido do que era seu pensamento. Aos termos scientificos correspondem conceitos até certo ponto convencionais, embora não de todo arbitrários.

Giuffrida quis exprimir a ideia de que a humanidade actual derivava imediatamente duma só espécie de *Pro-hominidae*. Admitir, dentro do grupo humano, diferentes linhas genealógicas, partindo daquela origem comum—isto não é monogenismo? A origem do grupo humano é uma—o que é isto senão monogenismo? Dêsse ponto de partida comum saiem vários ramos genealógicos—não é isto polifiletismo? O poligenismo só existiria se êsses ramos estivessem separados fora do âmbito humano. Não é o mesmo que toda a humanidade actual provenha duma só espécie de *Pro-hominidae* ou que a cada raça humana pertença um diferente antepassado pre-humano.

Procurando explicar a extinção das espécies, o autor diz que, quando certas circunstâncias exerçam uma «acção subtil» na faculdade de reprodução, a forma se extinguirá por suspensão de nascimentos. Fiel à sua ideia de localizar nos elementos germinais o teatro da acção das influências mesológicas como factores da evolução, explica dêste modo aquele fenómeno acusado pela paleontologia, contestando as concepções de Naegeli e Rosa duma limitação progressiva de variabilidade. Mas não há opposição formal entre o seu ponto de vista e uma limitação da evolução, porque o próprio autor escreve que, sob influências novas, o organismo ou não varia, ou varia (as mais das vezes) ou se extingue. Ora, esta última hipótese não se daria se o organismo, tendo de abandonar a sua forma, fôsse susceptível de ser conduzido, pela sua variação, que é a regra, a um novo equilibrio. Há, pois, limites nas possibilidades de variação.

Seria injusto imaginar que o dr. Cipriani, a despeito dos factos acumulados e da límpida clareza das hipóteses apresentadas, não tem a consciência das obscuridades que as soluções verbais encobrem a respeito de muitos dos problemas postos em equação na sua memória de inegável merecimento. Foi, com certeza, essa noção que o levou a escolher as páginas da «Revue Métapsychique» para reeditar grande parte da explanação biológica que constitui a sua memória anterior. É certo que, como diz o prefaciador dêsse artigo, o espiritualista E. Osty, êle não vai além das «causas próximas», das influências do meio em que se desenrola a vida orgânica, das influências fisico-químicas. Mas presente-se

no seu espírito ainda um ponto de interrogação, se bem que às explicações já propostas e quasi tôdas abandonadas o dr. Cipriani junte as novas, baseadas na endocrinologia, nas reacções dos seres às ondas electro-magnéticas, nas experiências de Cazzamalli e de Lazaref demonstrativas da emissão de energias electro-magnéticas ou rádio-eléctricas pelos organismos — particularmente pelo Homem —, etc.

A-pesar das divergências indicadas, não quero deixar de exprimir de novo a minha concordância com muitos dos pontos de vista do autor, que se revela um espírito penetrante, esclarecido e culto, que à Antropologia continuará dando, sem dúvida, um labor dos mais brilhantes e dos mais fecundos.

M. C.

DR. L. DUBREUIL-CHAMBARDEL (de Tours) — *Les variations du corps humain* — 1 vol. de 250 pág., com 104 figs. no texto. Paris, Ernest Flammarion, éditeur.

O ilustre professor francês dr. Dubreuil-Chambardel, ex-presidente da Sociedade de Antropologia de Paris, que em Março de 1924 esteve no Pôrto, onde realizou duas brilhantes conferências, uma na Faculdade de Medicina sobre as variações anatómicas do raquis e suas manifestações clínicas, e outra na Sociedade de Antropologia acêrca da «Touraine, Jardim de França» publicou, há pouco tempo, um curioso livro, profusamente ilustrado, subordinado ao título «Les Variations du Corps Humain».

A obra é dedicada pelo sábio anatómico ao distinto Prof. dr. J. A. Pires de Lima, devotado director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto.

A dedicatória é feita nestes expressivos termos, muito honrosos não só para o anatomista portuense e para a Faculdade em que professa, mas ainda para a ciência médica nacional: — «Dedico esta obra ao meu excelente colega o Prof. J. A. Pires de Lima, professor de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto. — Tours, 30 de Junho de 1924».

Grande número das figuras que ilustram o livro, são reproduções de casos portuenses de curiosas anomalias já registadas em revistas nacionais e estrangeiras e algumas das quais se arquivam no Museu do Instituto de Anatomia.

Para se vêr em que distinta conta são tidos lá fora os trabalhos do Prof. Pires de Lima, transcreverei um passo da introdução

com que abre o livro do Prof. Chambardel: «Escrevemos êste livro utilizando materiais que reunimos no Instituto de Anatomia da Escola de Medicina de Tours. Servimo-nos também dos numerosos documentos que nos foram comunicados por diversos anatómicos franceses e estrangeiros... Demos amplo cabimento às investigações realizadas na Faculdade de Medicina do Pôrto pelo Prof. Pires de Lima. E êste distinto anatómico recolheu, com os seus alunos, considerável número de factos curiosos, todos observados em Portugal, prestando assim contribuição importantíssima aos nossos conhecimentos acêrca das variações. Pareceu-nos necessário trazer ao conhecimento do público francês êste grande esforço científico, realizado na joven Universidade lusitana».

O Prof. Chambardel no seu livro, que não é, como êle próprio diz, *um Tratado de Variações*, quiz simplesmente assinalar as principais disposições irregulares do corpo humano que se apresentam com mais freqüência à atenção do médico. Efectivamente, há um interêsse nítidamente prático em conhecer as diversas dimorfias somáticas, de cujo estudo resultou estabelecerem-se, nestes últimos anos, variados sindromas morfológicos ou clínicos.

Considerando o problema sob êste ponto de vista, o Prof. Dubreuil-Chambardel poz de lado tôdas as monstruosidades que são incompatíveis, em geral, com a vida, bem como a maior parte das variações que podem apresentar os órgãos internos.

Restringindo assim o âmbito do seu trabalho, o autor não se limita, contudo, à descrição das variações de que trata, mas estuda também a sua origem e evolução.

A obra, que todos os médicos lerão com interêsse e proveito, divide-se em sete capítulos, versando os seguintes pontos: as variações gerais do corpo; as variações do tronco, da cabeça, dos membros (com um capítulo especial para as variações das mãos e dos pés), as variações genitais e de tegumento, terminando com algumas curiosas conclusões.

Em suma, é mais uma obra útil a juntar àquelas que se devem ao ilustre professor de Tours, tão justamente considerado nos meios cultos pelos seus numerosos estudos sobre anatomia, antropologia, teratologia e prehistória.

HERNANI MONTEIRO.

EGON VON EICKSTEDT — *Eine Studie über menschliche Körperproportionen und die Ursachen ihrer Variabilität* — Extr. de «*Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*», 1926.

Este estudo é baseado sobre observações feitas em treze índios. As observações são comparadas umas com as outras, duas a duas, examinando-se o modo como os indivíduos se agrupam em cada quadro assim formado e concluindo o autor que, relativamente umas às outras, nas dimensões do corpo humano e das suas regiões entram factores que podem ser positivos ou negativos segundo as suas acções recíprocas são concordantes ou discordantes. Dêste modo construe o que chama fórmulas de proporção, que nos indicam imediatamente os factores positivos ou negativos que entram em cada carácter e aos quais chama determinantes. Enquanto que o determinante principal duma parte do corpo, nestas fórmulas, aparece no princípio, verifica-se que os outros podem ser calculados pela teoria do valor dos índices que diz: Quando se toma uma medida em percentagem de outra, isto é, quando se construe um índice, notam-se tôdas as diferenças duma relativamente à outra, mas os factos que actuam sobre ambas no mesmo sentido, quer dizer os determinantes comuns, são eliminados por êsse processo.

Apoiando-se nestes princípios, estuda o autor vários determinantes e a sua influência no desenvolvimento de algumas partes do corpo, verifica a teoria das proporções expressas pelas fórmulas, e explica o predomínio de alguns caracteres na hereditariedade.

A. ATHAYDE.

J. BETHENCOURT FERREIRA — *Notas craniológicas sobre alguns crânios indianos* — «*Arquivo de Anatomia e Antropologia*», X, Lisboa, 1926.

Sobre 7 crânios de Satary (Índia Portuguesa), alguns dos quais incompletos e todos sem mandíbula, existentes na secção de Antropologia do Museu Bocage, de Lisboa, o sr. dr. J. Bethencourt Ferreira realizou interessantes observações, na sua maior parte utilizando o método descritivo de Sergi.

Entre as conclusões do seu estudo, que formula com reservas, dado o facto de se tratar duma série craniológica pequena e incompleta, figura a de que os indígenas de Satary resultam, com predomínio de elementos *ário-dravídicos*, duma mistura de várias

formas étnicas, o que está de acôrdo com o que verificaram Fonseca Cardoso em observações no vivo e Constâncio Mascarenhas e o sinatório desta análise em estudos noutras séries craniológicas da mesma proveniência, entre as quais a de 6 crânios de Satary — alguns com mandíbulas — existente no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto.

Na opinião do sr. dr. Bethencourt Ferreira, os satarienses são representantes duma sub-variedade dravídica ou indo-irânica do *Notanthropus eurafricanus mediterraneus* de Sergi, mas há evidentes misturas, denotadas nas diferenças, entre si, dos exemplares estudados.

As médias dalguns índices, que o autor fornece, seria preferível a menção dos valores individuais, em vista do pequeno número de casos. Assim procedemos no nosso estudo descritivo e métrico sobre os 6 exemplares do Museu do Pôrto. Notemos entretanto as prudentes cautelas que põe nas suas conclusões o sr. dr. Bethencourt Ferreira, cuja actividade antropológica se afigura incessante e digna de vivo louvor.

M. C.

MICHAEL REICHER — *Croissance des membres de l'homme avant la naissance* — Wilno, 1925.

Baseado sobre observações colhidas em 533 fetos normais desde a 9.^a semana da vida intra-uterina e 97 recém-nascidos, o autor estuda o crescimento das diferentes partes do corpo humano antes do nascimento. Tratando as várias medidas pelo método estatístico, servindo-se de seriações, gráficos, etc., nota que o crescimento absoluto aumenta progressivamente, atingindo o seu máximo cêrca do fim da primeira metade da vida intra-uterina e diminuindo em seguida duma maneira acentuada. Depois vai sendo cada vez mais fraco. O parto não introduz nenhuma modificação essencial no curso da rapidez do crescimento. Os membros superiores crescem mais rapidamente do que os inferiores, e o tronco duma maneira mais uniforme do que os membros.

Do mesmo modo são estudados diferentes índices, como o humero-radial, intermembral, humero-femural, rádio-tibial, da mão, etc., comparando os resultados colhidos com alguns já observados em antropóides, o que permite concluir que as proporções do homem adulto que se manifestam tarde no desenvolvimento individual, indicam períodos avançados da evolução, enquanto que as modificações embrionárias e as primeiras fetais se referem a períodos remotos do desenvolvimento filogenético.

A. A.

M. DA SILVA LEAL. — *O Bicipite braquial* — Tese de doutoramento — Pôrto, 1926 — 1 vol. de 130 págs., com 15 figs. no texto.

Escrevia, há tempos, o Prof. Pires de Lima, numa das suas «Crónicas Científicas», publicadas no *Commercio do Porto*, as seguintes palavras: «Não são apenas professores e assistentes que hoje em Portugal se dedicam devotadamente às investigações de laboratório. Grupos de alunos acompanham os seus mestres com entusiasmo, e já não é raro vêr, ao lado do nome conhecido dum professor, um seu discípulo assinar memórias científicas».

Um destes discípulos é o autor da tese «O bicipite braquial», trabalho de investigação, que o júri premiou com a classificação máxima de 20 valores, e ao qual o distinto anatómico lisbonense Prof. Henrique de Vilhena vai dar a honra de reeditar no seu magnífico «Arquivo de Anatomia».

O dr. Silva Leal expõe, no prefácio, o plano da sua obra. Porisso, vamos dêle transcrever algumas passagens:

«O trabalho que apresento para o meu acto de doutoramento é o produto das observações que efectuei no Teatro Anatómico do Pôrto durante êstes últimos anos e logo do início orientadas para o estudo sistematizado dos feixes supranumerários do bicipite braquial... Possui a Faculdade de Medicina do Pôrto justas e honrosas tradições anatómicas, criadas pelo trabalho persistente e exaustivo, que desde a fundação da Régia Escola de Cirurgia emprenderam os seus mestres. Nestes últimos anos, porém, o Instituto de Anatomia do Pôrto tem estado em plena actividade, contribuindo incessantemente para a valorização do ensino superior nesta cidade e para a expansão da ciência portuguesa nos meios especializados estrangeiros.

Quando entrei para a Faculdade, notei o labor desenvolvido na secção de Anatomia e, influenciado pelo exemplo, comecei pouco depois a investigar os feixes adicionais do longo flexor do antebraço».

O valioso trabalho do Dr. Silva Leal divide-se em 3 partes: Na primeira, o autor descreve sucintamente «O bicipite normal»; na segunda, menciona «As variações dos feixes normais» e na terceira, a mais extensa de tôdas, estuda pormenorizadamente os feixes supranumerários daquele músculo.

Na série de 300 cadáveres observados, encontrou 43 com um ou mais feixes supranumerários de bicipite. Estes feixes adicionais apareceram com mais frequência no membro esquerdo e em indivíduos do sexo masculino (30 ♂ e 13 ♀).

A anomalia era bilateral em 12 cadáveres (8 ♂ e 4 ♀); só à direita em 11 (8 ♂ e 3 ♀) e só à esquerda em 20 (14 ♂ e 6 ♀).

O autor encontrou bicipites com 1 feixe adicional em 32 cadáveres; com 2 feixes em 9, com 3 feixes em 1, com 5 feixes também só em 1 cadáver.

A tese do dr. Silva Leal, ilustrada com 15 figuras, reproduzindo belos desenhos do assistente do Instituto de Anatomia dr. Alberto de Sousa e do aluno sr. Luís de Pina, termina com dois elucidativos quadros, no primeiro dos quais se mencionam as XXXV observações de feixes adicionais de bicipite registadas em Portugal até 1924, e no segundo se resumem as variantes que o autor encontrou em 43 cadáveres dos 300 que dissecou. Merece especial menção o caso, talvez único, de bicipite braquial com cinco feixes supranumerários, curiosa anomalia que constituiu o assunto duma comunicação apresentada à «Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais» e depois publicada no *Boletim* daquela colectividade.

Como se vê, a tese de doutoramento do dr. Silva Leal é uma obra que não só revela as apreciáveis qualidades de trabalho do autor, mas honra a ciência médica portuguesa.

H. M.

J. DE ESPREGUEIRA MENDES — *O músculo palmar delgado* — Tese de Doutoramento — Pôrto, 1926, 1 vol. de 240 págs., com 16 figs. no texto.

Êste trabalho, (diz o próprio autor no Prefácio), «não representa necessariamente senão uma parcela mínima do muito que há ainda por elaborar no vasto campo da Anatomia humana». E acrescenta: «Só nestes últimos anos se começou a arquivar cuidadosamente algumas particularidades encontradas na anatomia dos portugueses, e, desde então para cá, tão grande tem sido o incremento que êsse ramo da Ciência tem tomado entre nós que pode registar-se com muito orgulho que, sob o ponto de vista das investigações anatómicas, Portugal caminha hoje na vanguarda dos países mais cultos. Muitas lacunas há, no entanto, ainda por preencher no estudo da morfologia dos portugueses e uma delas é exactamente a pesquisa sistemática das suas variações musculares. Alguns trabalhos tem sido já elaborados sob êste ponto de vista, e muito me apraz constatar que uma grande parte dêles pertencem à Faculdade de Medicina do Pôrto. Mas sobre o músculo palmar delgado, um dos mais variáveis, senão o mais variável dos músculos do corpo humano, não havia em Portugal nada feito, a não ser a descrição duma ou outra variedade encontrada casual-

mente nas salas de dissecação, enquanto que a sua investigação sistemática tinha sido já elaborada em vários povos estrangeiros, como Chineses, Franceses, Índios da América, Ingleses, Japoneses, Russos e até nos Negros, com o fim de investigar mais um carácter étnico».

E, na convicção de que, de algum modo, ia contribuir para um futuro estudo sintético sobre a miologia do nosso povo, o autor desde Março de 1922, quando ainda era aluno de Anatomia, até Junho de 1926, dissecou os antebraços de 180 cadáveres, (em que se incluem 30 fetos monstruosos), «verificando em cada um deles a ausência ou presença do músculo palmar delgado, estudando cuidadosamente a forma, inserções e relações de cada um dos exemplares encontrados e tomando também as medidas com que este músculo, normal ou anormalmente, se apresentava nos cadáveres de indivíduos adultos».

Além disso, investigou ainda a frequência daquele músculo numa série de 550 indivíduos vivos, na sua quasi totalidade doentes internados no Hospital de Santo António, e é curioso notar que o resultado a que chegou, pelo que respeita à agenesia de músculo, coincide aproximadamente com o que obteve no cadáver.

Em 150 cadáveres dissecados pelo autor, o palmar delgado faltava ou era anómalo em 86. A anomalia era bilateral em 53, unilateral direita em 14 e unilateral esquerda em 19.

Encontrou o autor a ausência do músculo em 42 cadáveres (28 %), sendo em 11 à direita, em 13 à esquerda e em 18 de ambos os lados. Verificou ainda que esta anomalia é mais frequente no sexo feminino, que as ausências unilaterais são mais frequentes do que as bilaterais e que a percentagem da agenesia do músculo é maior à esquerda do que à direita.

A bibliografia com que fecha o livro, compreende 147 números.

Analogamente ao que fizera o Dr. Silva Leal para o «Bicipite braquial», o Dr. Espregueira Mendes inclui no seu consciencioso trabalho dois quadros finais, em que se resumem tôdas as observações portuguesas sobre o músculo palmar delgado.

A tese é ainda valorizada com um quadro de percentagens de ausência daquele músculo nos diversos povos, quadro especialmente cedido pelo Prof. Loth, de Varsóvia, e que faz parte dum trabalho ainda inédito daquele notável anatomista acerca da antropologia das partes moles. Por informações do Prof. Loth, sabe-se que neste seu trabalho serão aproveitadas as conclusões a que chegou o Dr. Espregueira Mendes.

Na tese, a que estamos aludindo, cita-se o que em Portugal tem sido feito com o fim de investigar sistematicamente algumas variações musculares. Êsses trabalhos são, além da tese do

dr. Silva Leal, os seguintes: O estudo sobre *O músculo extensor comum dos dedos do pé do Homem*, feito em Lisboa pelo anatómico espanhol Sánchez Guisande em 1918; a tese do Dr. Amândio Tavares sobre as *Variações musculares do torax*, em 1924; e os trabalhos de Sousa Soares, P. Fernandes e Cardia Pires respectivamente sobre o músculo epitrocleo-olecraneano, arco axilar muscular e manioso.

A tese de doutoramento do dr. Espregueira Mendes, premiada também com 20 valores, é, pois, mais um trabalho que, honrando o autor, honra também o Instituto de Anatomia do Pôrto, superiormente dirigido pelo distinto professor sr. dr. J. A. Pires de Lima.

H. M.

G. H. LUQUET — *L'Art Néo-Calédonien* — 1 vol. de 159 pág., com 241 figs. e 20 ests. — Paris, 1926.

O Instituto de Etnologia da Universidade de Paris, que é dirigido pelo eminente sociólogo e etnógrafo, M. Lévy-Bruhl, vem manifestando a sua útil actividade com publicações sucessivas de trabalhos do maior interesse científico. É um desses trabalhos o belo volume que M. Luquet, de quem temos registado nesta revista várias outras publicações, acaba de escrever sobre a arte dos indígenas da Nova Caledónia, baseando-se, sobretudo, nos numerosos documentos ali recolhidos por Mário Archimbault.

Como muito bem acentua no prefácio M. Lévy-Bruhl, o autor poz ao serviço do seu estudo a experiência e o saber de psicólogo e esteta. Conhecedor, como poucos, da arte prehistórica e da arte das crianças. M. Luquet applicou à interpretação da arte novicaledónia as leis e as regras que recolheu das suas longas e brilhantes investigações naqueles domínios. E a verdade é que, com lúcida intuição e perfeito espírito crítico, chega a conclusões que raros conseguiriam descortinar numa aturada pesquisa sobre a origem e significação de tais documentos.

Ornatos corporais, como colares, braceletes, pentes, deformações físicas, tatuagens e pinturas corporais, máscaras, etc., constituem o assunto do primeiro capítulo. Vêm, em seguida, as esculturas em madeira, e entre elas figuram *tabús*, alguns dos quais, embora como tais designados, são hoje desprovidos, pelo menos aparentemente, de qualquer virtude mágica ou destino religioso. Pertencem a êsse número objectos que decoram o exterior das

cabanas, em especial os que se encontram no extremo superior do pilar central das habitações.

Variadíssimas e particularmente interessantes são as gravuras em bambús, de cuja significação, como documentos ou relatos históricos, porventura mesmo como recordações de viagem, o autor duvida, pelo menos na maior parte dos casos. As explicações dos indígenas para êsses e outros objectos são crivelmente fantasistas e até absurdas.

Muitas gravuras testemunham o *realismo intelectual* que, segundo o autor, possui a tendência a representar, não o que se vê (*realismo visual*), mas o que se sabe existir, embora num plano encoberto à vista no próprio interior do ser ou objecto. A transparência é um dos corolários do realismo intelectual: o desenho duma casa mostra através das paredes as pessoas que estão lá dentro. Tal característica é comum a documentos do desenho primitivo.

Outro facto que se observa no desenho novi-caledónio é o *rebatimento*. Os objectos, as pessoas, os animais, que estão ao lado uns dos outros, são rebatidos, isto é, desenhados como se estivessem deitados no chão e opostos por uma das suas extremidades, geralmente a inferior.

Importante é também o capítulo sobre os numerosos petroglifos da ilha, à primeira vista ininteligíveis no seu aspecto geralmente geométrico, mas cujos motivos e significado uma análise penetrante do autor consegue desvendar, bem como os das outras manifestações de arte, que ele relaciona hábilmente umas com as outras, como, por exemplo, as tatuagens, as gravuras em bambús e os petroglifos. As interpretações dos indígenas relativamente a êstes últimos valem tanto ou menos do que as que o seu aspecto pode sugerir a Europeus, porque, sendo antigos êsses documentos, se perdeu a tradição local da sua significação e até alguns se modificaram sob a acção do tempo.

A tese de Archimbault de que os petroglifos seriam obra dum povo que teria vindo, por mar, de muito longe, em época muito remota, e depois teria desaparecido, sem deixar outros vestígios, é justificadamente contestada por Luquet, que nêles não vê os pretensos sinais alfabéticos.

As noções de sinonímia gráfica (idêntica significação de desenhos de aspecto diferente), *homonímia gráfica* (idêntico aspecto de desenhos de significação diversa), de *calembour gráfico* (utilização e intensificação da homonímia gráfica para confusão) e da degenerescência (esquematização e estilização) das figuras naturalistas, servem ao autor para uma análise feliz dos documentos da arte novi-caledónia, que o leva a concluir pela significação antro-

mórfica (em especial esquemas estilizados do rosto humano) da maior parte dêsses documentos. Existem ainda — embora menos — os motivos plectogêneos, e, em número reduzido, aparecem desenhos cuja interpretação é impossível ou aventurosa.

A tendência naturalista manifesta-se sobretudo nas gravuras em bambús, embora dentro do realismo intelectual. Mas nos petroglifos, como naquelas gravuras, há a associação de desenhos geométricos, o gosto pelas próprias linhas.

Não existe um paralelismo rigoroso entre o estilo e as condições de existência, como não existe a oposição, pretendida por Verworn, entre o estilo fisioplástico e o estilo ideoplástico. No mesmo bambú aparecem gravuras dum e doutro estilos.

M. C.

ALFREDO NICEFORO — *La mortalité par cancer de l'uterus et du sein en Italie pendant la période 1919-1921 d'après les données fournies par les déclarations de décès.*

Baseado nos dados fornecidos pelas declarações de óbito no reino de Itália, o Prof. Niceforo estuda a mortalidade do cancro durante o período de 1919 a 1921.

Agrupando os dados por sexos, idades, estados civis, localizações da doença, regiões da Itália, etc., chega o autor a conclusões muito interessantes, entre as quais mencionaremos as seguintes:

Na Itália, ao contrário do que sucede noutros países, a mortalidade pelo cancro é maior nas mulheres do que nos homens.

Relativamente às mulheres, os homens têm uma mortalidade mais elevada pelo cancro da boca, lábios, língua, palatino, laringe, garganta, traquéa, estômago e esófago, enquanto que nas mulheres a mortalidade é maior pelo cancro doutros órgãos.

A maior proporção em mulheres que morrem vitimadas pelo cancro, é a daquelas em que a doença se localiza no estômago e esófago, vindo imediatamente depois os casos de cancro do útero e anexos. A frequência do cancro do seio aparece em quinto lugar. As viúvas jovens (30 a 45 anos) e as celibatárias de 45 anos e mais são as mais atingidas pelo cancro do seio, enquanto que estas mesmas viúvas e as casadas de 55 a 80 anos são as mais atacadas pelo cancro do útero.

Relativamente à idade e à profissão, a maior percentagem de cancerosos encontra-se nos homens que se dedicam à administração pública e particular e às profissões liberais e nas mulheres domésticas, isto é, que se ocupam nas labutas da sua casa.

A correlação entre a mortalidade e a natalidade é negativa ou inversa, quer dizer, aumenta a natalidade quando a mortalidade pelo cancro diminui. Infelizmente, como os erros prováveis são grandes, nada se pode concluir a respeito do valor dos coeficientes de correlação, calculados por idades.

É este um trabalho importante e que mostra o grande auxílio que o método estatístico, quando seja bem manejado e os seus resultados bem interpretados, pode prestar a todos os ramos da Biologia.

A. A.

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Séde:—Rua de Santa Catarina, 261-1.º

PORTO

Sumário deste fascículo:

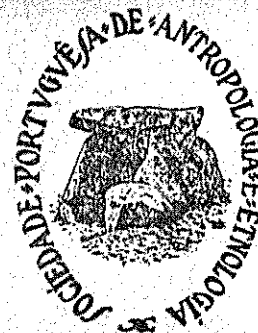
PROP. A. A. MENDES CORRÊA:
Antropologia aplicada. (Pág. 5).

HUMBERTO PINTO LIMA:
As origens do alfabeto e as descobertas de Glozel (49).

Vária:—Arte pré-histórica no distrito do Porto (MENDES CORRÊA); Explorações arqueológicas em Alcácer do Sal (M. C.); Subsídio para as publicações da Sociedade; Museu Antropológico do Porto; Curso de Antropologia Criminal; A Antropologia física no Congresso de Coimbra (55).

Revista bibliográfica:—OBERMAIER (63); LUQUET (64); BÉGOUEN (66 e 67); ATHAYDE (67 e 75); CASTELLANOS (67 a 70 e 74); SCHLAGINHAUPEN (71); MENDES CORRÊA (71 e 77); SALOMON REINACH (72); SCHULTEN (73); EICKSTEDT (75); HILDEN (75 e 76); PIRES DE LIMA e MASCARENHAS (78); PIT-TARD (79); KEHL (81); BETHENCOURT FERREIRA (82); HIPPOLYTO RAPOSO (82); CASTRO e PEREIRA CARDOSO (84); XAVIER DA SILVA (85); MARIN (85); HABERLANDT (86).

Instituições em intercâmbio com a Sociedade de Antropologia (87).



TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguêsa

DE

Antropologia e Etnologia

VOL. III—FASC. III

PORTO

IMPRENSA PORTUGUESA

116—Rua Formosa—116

1927

BOLIVIA

Contribucion al estudio de la paleoantropologia argentina

Apuntes sobre el *Homo chapadmalensis* n. sp. ⁽¹⁾

FOR EL

Dr. ALFREDO CASTELLANOS

Del Museo de Hist. Nat. de Buenos Aires
Prof. de la Universidad del Litoral

En Julio de 1917 fuí invitado por el Sr. Carlos Ameghino para formar parte de una comisión compuesta por este naturalista y los doctores Juan José Nágera y Guido Bonarelli y el Sr. Augusto Tapia, con el objeto de hacer estudios geológicos de las barrancas de Miramar (Prov. de Buenos Aires). Fué en esa ocasión que recorrí la costa atlántica, desde Miramar hasta el arroyo de las Brusquitas, situado al Norte del balneario de aquel mismo nombre.

En Febrero de 1920 tuve oportunidad de visitar nuevamente la región en compañía de los Sres. Carlos Ameghino y Lucas

(1) CASTELLANOS ALFREDO — «Bibliografía: Estudio sobre los *Mylodontidae*. Descripción comparada del género *Pleurolestodon* Rov. por Lucas Kraglievich, en «Anales del Museo Nac. de Hist. Nat. de Bs. As.», t. XXXI, págs. 118», en «Anales de la Sociedad Científica Argentina», t. XCII, págs. 258-261, Bs. As. Octubre.-Diciembre de 1921.

CASTELLANOS ALFREDO — «La limite plio-pléistocène et le problème de l'homme tertiaire dans la République Argentine», en «Revista de la Universidad de Córdoba», año X, n.ºs 1-3, págs. 110-122, Marzo-Mayo de 1923, y en «Revue Anthropologique» (organe de l'Institut International d'Anthropologie), año XXXIII, n.ºs 7-8, págs. 259-270. Paris, Julio-Agosto de 1923.

CASTELLANOS ALFREDO — «Contribución al estudio de la Paleoantropología Argentina. Restos en el arroyo Cufulú (Prov. de Santa Fé)», en «Revista de la Universidad de Córdoba», año XL, n.ºs 7-9, págs. 82, Julio-Septiembre de 1924.

Kraglievich. Con este último recorrimos también, al Sud de Miramar, hasta el arroyo de La Tigra ⁽¹⁾. Es entonces cuando se extrajeron dos molares humanos, objeto de estos primeros apuntes. El señor Ameghino, Director entonces del Museo de Historia Natural de Buenos Aires, me pidió los estudiase, por cuanto tenía en esa institución el cargo de Jefe Honorario de la Sección de Antropología. Llegado a Buenos Aires tomé las presentes anotaciones que han permanecido inéditas a la espera de nuevos materiales mas completos, pero como han pasado seis años y nada nuevo se ha descubierto al respecto, entrego estas breves líneas a las columnas de nuestra acreditada revista.

Desde que Florentino Ameghino describió el horizonte *Chapadmalense*, hasta los actuales momentos aún se discute la edad de ese piso. Para él y para el Dr. Santiago Roth es de edad miocena superior; Cayetano Rovereto lo considera plioceno superior y otros pleistoceno inferior. No es este el momento más apropiado para discurrir la edad de tales sedimentos porque necesitaríamos mucho espacio dado que se trata de un problema muy complejo ya tratado en parte por nosotros en otros artículos. Aparte de que es necesario intensificar los estudios estratigráficos, no es posible descuidar las condiciones climatéricas y meteorológicas de aquél ambiente, los caracteres de evolución de los mamíferos y en especial la migración de las faunas entre Sud y Norte América.

(1) En esta excursión insistió el Sr. Carlos Ameghino sobre lo que con mucha anterioridad había manifestado en el Museo, es decir, que según sus observaciones que databan de tiempo atrás, la parte loésica de la barranca de Monte Hermoso presenta dos horizontes y no uno como se lo consideraba. El más superior, de coloración más clara, corresponde al *Chapadmalense* que asienta en discordancia estratigráfica sobre el más inferior más oscuro (*Hermosense*). Además la fosilización de las piezas paleontológicas extraídas están acordes con lo anteriormente expuesto. Cinco años después apareció publicada esta opinión en «Physis», t. VIII, n.º 28, págs. 126-127. Buenos Aires, 1925.

Teniendo en cuenta las consideraciones anotadas anteriormente pensamos que el *Chapadmalense* es plioceno medio o mejor no más moderno que plioceno superior. La migración de los mamíferos no permite colocarlo en el pleistoceno. Se argüirá que la técnica desarrollada por los vetustos moradores que dejaron testimonios de su existencia en el citado horizonte es tan avanzada que es imposible pensar que ella existiese en sedimentos pliocenos, a lo que responderé que será menester buscar otra explicación dado que no se deben torcer o negar hechos geológicos y paleontológicos porque no armonicen con nuestras ideas. Si no se hubiesen descubierto restos humanos y vestigios de su industria la edad del *Montehermosense*, del *Chapadmalense* y del *Ensenadense* no sería discutida y los investigadores estarían de acuerdo con respecto a ello.

Por esto he manifestado que el problema de la existencia del hombre fósil en Sud América es muy complicado. No se puede aceptar el árbol filogenético de Ameghino ni la edad tan remota que asigna a los sedimentos, pero tampoco es posible sostener la idea de sus opositores, es decir, que no hay nada *in situ*, que los restos no son fósiles o pertenecen a los indígenas de los tiempos protohistóricos o que todas las capas son pleistocénicas.

Veamos este hecho significativo: El sabio paleontológico Boyle, al estudiar los fósiles de Tarija expresa ⁽¹⁾ que «de que les dépôts de Tarija sont aujourd'hui assez profondément ravinés plaide au contraire en faveur d'une plus grande antiquité. Nous sommes amenés ainsi à supposer que les couches fossilifères remontent au Pliocène supérieur ou au Pléistocène inférieur». Luego agrega que «La faune fossile de Tarija est une faune assez archaïque, car presque tous les genres qui la composent sont

(1) «Les mammifères fossiles de Tarija».

entièrement éteints... etc.», y termina el párrafo expresando que «à peu près au même stade d'évolution que les animaux du Pliocène supérieur d'Europe».

Para nosotros, de acuerdo a la migración de las faunas y a las fluctuaciones climáticas, los depósitos verdosos de Tarija son pleistoceno inferior y los loésicos pleistoceno medio, los primeros pertenecen al *Belgranense* y los segundos al *Bonaerense*.

Creo un error de Ameghino considerar a los depósitos verdosos como *Puelchense*. En la estratigrafía argentina éste no es un horizonte sino una *facies*.

Pertenecen al *Belgranense* los depósitos anteriormente citados, los sedimentos arenosos de «Playa del Barco» (Prov. de Buenos Aires), los también arenosos que se encuentran en la parte superior de la barranca de Monte Hermoso, los estudiados por mí en las márgenes del río Salado del Norte y Arroyo Cululú⁽¹⁾, etc., etc.

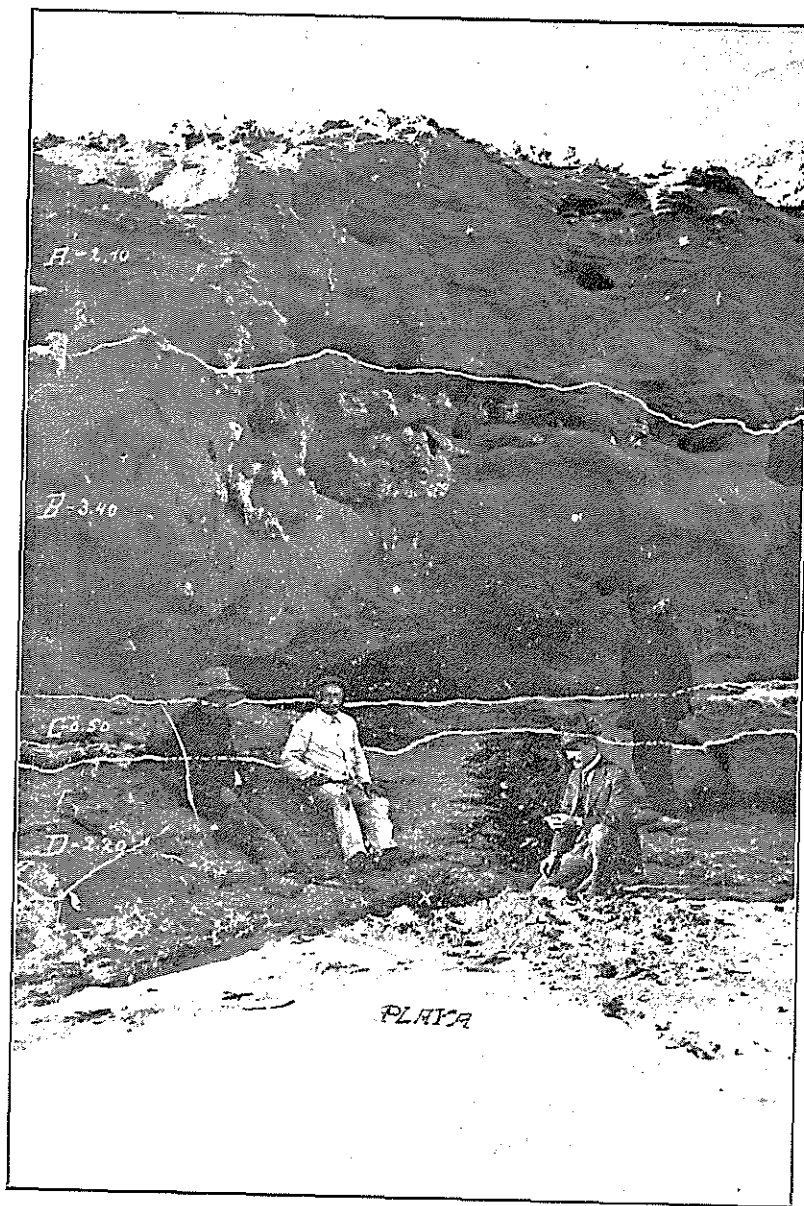
Además la fauna del *Belgranense* tiene una gran semejanza con la de las capas más antiguas de las cavernas del Brasil. (Todos estos hechos los dará a conocer en forma detallada en otra publicación).

Boule, por su parte, arriba a las mismas conclusiones⁽²⁾ al manifestar que la fauna de Tarija es pampeana y no araucana (*Puelchense*) como lo sostenía Ameghino; es la que se encuentra en las cavernas de Lagoa Santa (Brasil).

La consecuencia lógica de estas observaciones es que pisos más antiguos que los sedimentos de Tarija, como el *Ensenadense*, *Chapadmalense* y *Montehermosense*, deben ser terciarios.

(1) CASTELLANOS, ALFREDO—«Contribución al estudio de la Paleontología Argentina. Restos en el arroyo Cululú», etc.

(2) «Las mammifères fossiles de Tarija».



Si los sedimentos verdosos de Tarija hubiesen contenido restos del hombre o de su industria, indiscutiblemente se los habría considerado pleistoceno más superior.

*

* *

En el paraje denominado «Baliza Chica», entre los arroyos del Durazno y de las Brusquitas (Cfr. croquis topográfico) se descubrió al pié de la barranca y por consiguiente en pleno horizonte *Chapadmalense*, los dos molares objeto de estas líneas.

Del lugar del hallazgo he tomado la fotografía que acompaño y levanté el siguiente perfil geológico-vertical:

La parte superior de la barranca, el suelo de la región, está formada por el *Ensenadense*, debido a los efectos de deflación y sólo tierra adentro se encuentra cubierto por arena de los médanos o por pisos pampeano superior y post-pampeano. El plano superior del *Ensenadense* está inclinado de E. a W.

Arriba, la barranca se halla constituida por 2,10 metros de un *loess* amarillo oscuro, compacto y duro, con nódulos de tosca (A) y que corresponde al *Ensenadense*. Asentado en discordancia se encuentra otro horizonte loésico (B-C-D) de 6,10 m. de espesor, de color amarillo pardo, algo rojizo, poco calcáreo y contiene en su masa restos de cenizas volcánicas verdes, muy transformadas; es el *Chapadmalense*, constituido por un estrato (B) de *loess* de 3,40 m. de espesor, situado en la parte más superior, con tosca geódica; le sucede un estrato (C) de 0,50 m. de tosca tabular, y constituyendo la parte basal de la barranca hay una capa (D) de 1,80 m. de *loess* surcada por tabiques de tosca. De la parte inferior de esta capa fueron exhumadas las dos muelas que describimos.

Material—Dos molares (N.º 5420, col. de Paleontología del

lar se inclina atrás y un poco adentro, no es por lo tanto, paralela a la lingual. Estas caras se acercan más a nivel del cuello del diente, que en la superficie oclusal.

La configuración de la corona del molar que nos ocupa

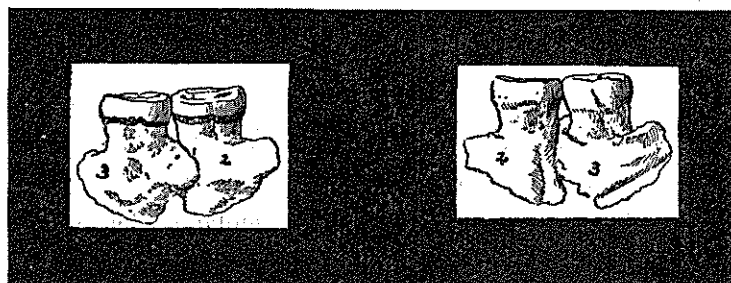


Fig. 1
Vista vestibular (externa) m. 2 y m. 3

Fig. 2
Vista lingual (interna) m. 2 y m. 3

recuerda más bien la que ofrece la del hombre y no la de los antropomorfos a pesar de la existencia del *hypoconulid*.

Número de tubérculos—No obstante el gran desgaste de la cara triturante pueden apreciarse 5 tubérculos señalados por cua-

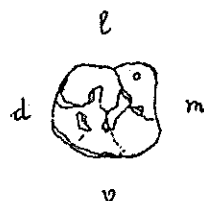


Fig. 3
Cara triturante del m. 3

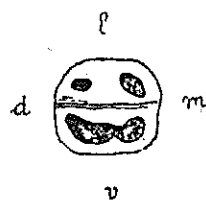


Fig. 4
Cara triturante del m. 3

tro depresiones de color negro; la más grande corresponde a dos tubérculos (Fig. 4) (1).

Sobre la cara lingual han existido dos tubérculos, uno el

(1) Apuntes del autor.

metaconid al que corresponde un hundimiento más o menos profundo, en forma de pozo y atrás de éste una superficie plana con una pequeña depresión que pertenece al *entoconid*.

Sobre la cara vestibular debieron hallarse tres tubérculos, el antero-vestibular (*protoconid*) en cuyo lugar quedó una depresión, atrás de ésta otra mayor semilunar que pertenece al *hypoconid* y en el ángulo disto-vestibular a un pequeño tubérculo (*hypoconulid*) que no ocupa como en los antropomorfos una posición mediodistal.

La situación de los 5 tubérculos en este molar es análoga a la que ofrece al m. 1 del hombre actual, lo que indica un grado de menor evolución. Este carácter del m. 2 en *Homo chapadmalensis* es más bien de arcaicidad que pitecódico.

Según el cuadro II de Topinard lo común para el m. 2 (63,2 %) es la quadri-tuberculia; menos frecuente (24,6 %) la penta-tuberculia y muy rara (1,3 %) la de seis. Los que presentan con más frecuencia cinco tubérculos en el molar que estudiamos, son los japoneses, chinos y tonkineses (37,9 %); en menor grado los melanesios (33 %), después los malaios (29 %), polinesios (22 %), etc.

Los australianos y tasmanianos ofrecen 5 tubérculos. Los indígenas de América 4.

Para Hamy sobre 50 m. 2 40 son cuadrícúspides y 10 pentacúspides.

En los restos fósiles del hombre, descubiertos en la Argentina, el m. 2 posee 4 tubérculos; en los hallados en Europa tiene 5 denticulas, como los de Piltown, Mauer (1) Krapina, Clichy N.º 1, Negroide de Grimaldi, etc.

(1) Para Siffre al m. 2 derecho de este maxilar no tiene 5 cúspides netas y los surcos intercúspides son más bien cruciales, lo que indica un carácter evidentemente humano.

El mismo molar en los monos antropomorfos tiene por lo común 5 denticulas, pudiendo poseer hasta 6, como en el orangután, gorila y chimpancé. Entre los *Cynomorpha* o Pithécidos, el *Cynocephalus* tiene 5 y el *Macacus* 4.

El m.₂ de algunos monos fósiles posee 5 tubérculos como en el *Propliopithecus Haeckeli* Schlosser, *Parapithecus* Schlosser, *Pliopithecus antiquus*, *Dryopithecus Fontani* Lartet, *Dryopithecus frickae*, *Dryopithecus cautleyi*, etc.

Dimensiones:

Diámetro mesio-distal	12,5 m.m. (1)
Diámetro linguo-vestibular	11,3 m.m. (2)
Índice ant. post. transv.	90,40

Estas medidas indican que la corona del m.₂ es de gran tamaño, muy superior a la del hombre civilizado, a la de los indígenas sudamericanos, a la de los restos del hombre fósil de la Argentina y de Europa, y comparable a la de los australianos, neo-caledoneos, etc.

En el *Homo sapiens recens*, según Black, los diámetros son de: 10,7 m. m. para el mesio-distal y de 10,1 m. m. o 10,6, según otros, para el linguo-vestibular, lo que da un índice antero-posterior-transverso de 94,39 o 99,06 según la última cifra. Esto indica que el contorno de la corona del citado molar se halla muy próximo a un cuadrado, pues sus diámetros son casi iguales.

En los indígenas sudamericanos se nota para este molar que el diámetro mesio-distal aventaja al linguo-vestibular.

(1) La corona, en la parte media y superior de su cara mesial presenta una superficie de desgaste, producida por el frote con el m.₁

(2) Esta dimensión ha sido tomada sobre un plano paralelo al de desgaste, en cambio sobre una normal al eje es de 11 m. m.

En los australianos se observan mayores dimensiones que las correspondientes en el molar del *H. chapadmalensis*, así tenemos:

Diámetro mesio-distal	12,2 m.m.
Diámetro linguo-vestibular	11,8 m.m.
Índice ant.-post.-transv.	96,72

En los tasmanianos se encuentran estas otras:

Diámetro mesio-distal	11,2 m.m.
Diámetro linguo-vestibular	11 m.m.
Índice ant.-post.-transv.	98,21

Entre los hombres fósiles de la Argentina se registran:

H. de Baradero (seg. Martín)	Diámetro mesio-distal	12 m.m. (der.) 12 m.m. (izq.)
	Diámetro linguo-vestibular	11 m.m. (der.) 11,5 m.m. (izq.)
	Índice ant.-post.-transv.	91,66 (der.) y 95,83 (izq.)
H. del A. ^o Cululú (seg. Castella- nos)	Diámetro mesio-distal	11,5 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	11,2 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	97,39

De Lincoln (Prov. de Buenos Aires) me ha remitido el señor Aristides Fumagalli, en Agosto del presente año, la mitad derecha de una mandíbula humana completamente fosilizada que por sus caracteres morfológicos puede agruparse con los restos del Arroyo Cululú y Río Salado del Norte, como también por su antigüedad (*Bonaerense?*) (pleistoceno sup.).

El m.₂ de la última pieza citada mide:

Diámetro mesio-distal	11,1 m.m.
Diámetro linguo-vestibular	10,8 m.m.
Índice ant.-post.-transv.	97,29

La mandíbula subfósil del A.^o Cululú (del Post-pampeano, holoceno) presenta en su molar $\frac{2}{3}$ (seg. Castellanos):

Diámetro mesio-distal	10 m.m. (der.) 10,3 m.m. (izq.)
Diámetro linguo-vestibular	10,3 m.m. (der.) 10,4 m.m. (izq.)
Índice ant.-post.-transv.	103 (der.) y 100,97 (izq.)

El diámetro mesio-distal es el mayor de los conocidos para los restos sudamericanos del hombre fósil, pero el linguo-vestibular es común, habiendo casos de mayor dimensión.

De los restos fósiles del hombre descubiertos en Europa se tiene para el m. $\frac{2}{3}$:

H. de Piltdown	Diámetro mesio-distal	12 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	10 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	83,33
Heidelberg	Diámetro mesio-distal	12,5 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	11 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	88
Krapina (seg. G.-K.)	Diámetro mesio-distal	12,19 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	11 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	92,69
La Naulette (seg. Hamy)	Diámetro mesio-distal	11 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	10,5 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	95,45
Chancelade (seg. Testut)	Diámetro mesio-distal	9,5 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	12 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	126,31
Malta (seg. Keith)	Diámetro mesio-distal	12 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	12 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	100
Cro-Magnon n.º 4	Diámetro mesio-distal	11 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	13 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	118,18

En el m. $\frac{2}{3}$ del *Homo chapadmalensis* el diámetro mesio-distal es mayor que el que ofrece en el mismo diente los hombres fósiles de Europa, pero el linguo-vestibular, aunque grande, es igual al de Krapina y inferior al de Chancelade.

Entre algunos antropomorfos las medidas son mayores, así el mismo molar tiene:

Orangután	Diámetro mesio-distal	14,8 m.m. o 14 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	13,5 m.m. o 12,3 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	91,21 o 87,85
Gorila	Diámetro mesio-distal	17 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	13,5 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	79,41

En otros son menores:

Chimpancé	Diámetro mesio-distal	10,5 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	10 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	95,32

Cara triturante (Fig. 4).—Esta cara presenta un contorno trapezoidal. La superficie de desgaste no forma un solo plano, sino dos a distinto nivel, más elevado el que se encuentra hacia la cara lingual, comprende el *metaconid* y *entoconid*, está inclinado un poco abajo y afuera, tiene un ancho de 5,4 m.m. y termina en un pequeño reborde muy romo que corresponde al surco mesio-distal. Hacia afuera le sucede el segundo plano más inclinado abajo y afuera que el anterior y abajo el *protoconid*, *hypoconid* y el *hypoconulid*.

Mirando este molar por su cara externa se nota que la parte vestibular de la cara triturante está excavada de adelante e atrás, mientras la lingual es casi plana.

La superficie mastocatoria, dispuesta en un plano inclinado hacia afuera (vestibular), debe considerarse como producida por

un tipo especial de alimentación (Baudouin) y no como verdadero carácter pitecóideo. Esta particularidad, en su forma general, presenta el m.₂ del *Homo chapadmalensis*, pero con la diferencia que en lugar de serlo en un plano lo es en dos, ofreciendo así un tipo particular de desgaste. La mitad externa es más gastada que la interna (1).

En el hombre del A.^o Culuí (N.^o 7016, Col. del Mus. Nac. de Bs. As.) (*Homo sapiens*, Lin.) el m.₁ y el m.₂ ofrecen un plano de desgaste hacia abajo y afuera, razón por la cual lo he tomado como carácter arcaico y no pitecóideo. También se observa en algunos indígenas de la Argentina.

El tubérculo más gastado del m.₂ del *Homo chapadmalensis* es el *protoconid*, sigue el *hypoconid* de los tres vestibulares. De los dos linguales el más gastado es el *metaconid*.

Por lo avanzado de su desgaste corresponde al N.^o 2,5 de Broca y al cuarto de Topinard, cuando el máfil puesto al descubierto forma una gran mancha cerca de la cara vestibular y otra en la lingual y no se puede apreciar el número de tubérculos del diente.

Sobre la mitad vestibular de la cara triturante ha quedado un reborde de esmalte, empieza fino en la parte media del borde mesial (en la carena) y se engrosa hacia el vestibular llegando a su máximo en el surco que separa el *protoconid* del *hypoconid*, pasa luego al distal describiendo una curva paralela al contorno de la corona, se adelgaza y termina en la carena media de la cara que corresponde al surco mesio-distal.

Sobre la cara lingual el reborde de esmalte no es claro, en especial en el *entoconid*.

(1) Se ha observado un tipo semejante de desgaste en niños geófagos (Maupetit).

Debido al desgaste no pueden apreciarse los surcos. El mesio-distal corresponde a la carena ya mencionada cuya parte más elevada es su tercio mesial. Del surco linguo-vestibular no han quedado rastros, como tampoco del disto-vestibular que separa el *hypoconid* del *hypoconulid*.

La *cara vestibular* (Fig. 1) ha quedado muy reducida por el desgaste, es poco convexa de arriba a abajo y en sentido mesio-distal; está inclinada convergentemente al eje del diente, es decir abajo y adentro.

En su parte superior hasta llegar al borde trituro-vestibular presenta una pequeña escotadura, resto del *sulcus vestibularis* que separa una porción anterior menor (*protoconid*) de otra posterior mayor (*hypoconid* y *hypoconulid*).

En la parte inferior de la cara se presenta un carácter de importancia, es un pequeño *cingulum* no muy pronunciado, pero evidente. Parte del comienzo de la mitad vestibular de la cara mesial en forma poco precisa, notándose aunque no marcadamente un suave reborde en la cara vestibular donde describe dos curvas muy suaves de concavidad superior y unidas al nivel de la línea de separación de las raíces del diente. Pasa después a la cara distal, donde se adelgaza, terminando en su mitad vestibular.

Es sabido que este carácter no se observa en el hombre actual, ni en el fósil y que es constante en los antropomorfos.

La *cara lingual* (Fig. 2) es convexa como la vestibular, pero un poco más alta y dirigida abajo y afuera. En su parte superior deja ver los vestigios del *sulcus lingualis*.

Cara mesial: Esta cara es también convexa transversalmente y de abajo a arriba con inclinación abajo y atrás. En la parte superior se nota una superficie plana y lisa producida por el contacto con el m.₁.

La cara distal ofrece en su parte superior una pequeña superficie de desgaste con el m.₃.

TERCER MOLAR: (Figs. 1 y 2). — Este diente también presenta la corona reducida debido al desgaste, pero un poco menos que la del molar anterior. Su altura es de 5 m.m. tomada esta medida sobre cada una de las caras vestibular, lingual y mesial y de 5,1 en la distal, la reducción de la altura de la corona por el desgaste es más o menos de un tercio.

Forma: El contorno de la corona ofrece cierta semejanza con el correspondiente de gorila.

Número de tubérculos (Fig. 3). — Este molar tiene perfectamente visibles 5 tubérculos, porque el desgaste es mucho menor que en el anterior siendo, por consiguiente, más fácilmente individualizables.

Según el cuadro II de Topinard se tiene que el m.₃ ofrece una penta-tuberculia en un 46,2 % y una cuadri-tuberculia en un 31,1 %. Más raro es el caso de 3 tubérculos (4,2 %) y mas todavía el de 6 (3,3 %). Los que con más frecuencia presentan en el mismo molar la penta-tuberculia son los melanesios (57,5 %), siguen los malayos (52,3 %), los japoneses, chinos y tonkineses (52,2 %), negros del Africa (49 %), semitas, bereberes y egipcios (37 %) y los europeos (30 %).

La penta-tuberculia se observa en el m.₃ de los restos fósiles del hombre, tanto de la Argentina como de Europa y es constante en los antropomorfos a excepción del chimpancé negro que tiene cuatro.

Entre los Pitécidos (*Cynocephalus*, *Macacus*, *Semopithecus* y *Pithecus*) el mismo molar tiene 5 cúspides.

Dimensiones: El m.₃ que describimos tiene:

Diámetro mesio-distal	12,2 m.m.
Diámetro linguo-vestibular	10,8 m.m.
Índice ant.-post.-transv.	88,52

En el *Homo sapiens recens*, según Black, para este molar las medidas son las siguientes:

Diámetro mesio-distal	10,7 m.m.
Diámetro linguo-vestibular	11 m.m.
Índice ant.-post.-transv.	109,18

En los indígenas de la Argentina también el diámetro mesio-distal aventaja al linguo-vestibular.

La diferencia de tamaño en el m.₂ y el m.₃ de *Homo chapadmalensis* es comparable a la que ofrecen algunos australianos.

El m.₃ del cráneo N.º 33 del Museo Broca perteneciente a un neo-caledonio de Kanala, citado por Manouvrier, da dimensiones mucho mayores:

Diámetro mesio-distal	15 m.m.
Diámetro linguo-vestibular	12 m.m.
Índice ant.-post.-transv.	80

Entre los australianos se registra:

Diámetro mesio-distal	12 m.m.
Diámetro linguo-vestibular	11,2 m.m.
Índice ant.-post.-transv.	92,35

En los tasmanianos:

Diámetro mesio-distal	12 m.m.
Diámetro linguo-vestibular	11,1 m.m.
Índice ant.-post.-transv.	92,5

En los hombres fósiles de la Argentina tienen:

H. de Baradero (seg. Martin)	{	Diámetro mesio-distal	10 m.m. (der.) 9,5 m.m. (izq.)
		Diámetro linguo-vestibular	11 m.m. (der.) 10,5 m.m. (izq.)
		Índice ant.-post.-transv.	110 (der.) 110,52 (izq.)

H. fósil del A. ^o Cululú (seg. Castellanos)	Diámetro mesio-distal	11,8 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	11 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	93,22
Restos de Lin- coln	Diámetro mesio-distal	10,5 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	10,4 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	99,04
Restos subfósiles del A. ^o Cululú (Post-pampea- no) (seg. Cas- tellanos)	Diámetro mesio-distal	12 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	11,2 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	93,33

Los restos del hombre fósil de Europa que presentan en este molar el diámetro mesio-distal mayor que el linguo-vestibular son:

Krapina (seg. G.-K.)	Diámetro mesio-distal	11,65 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	11,2 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	96,13
Heidelberg	Diámetro mesio-distal	12,3 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	10,9 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	88,61

Restos que presentan el diámetro linguo-vestibular mayor:

Malta (seg. Keith)	Diámetro mesio-distal	10,7 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	12,5 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	116,82

En los siguientes diámetros son iguales:

La Naulette (seg. Hamy)	Diámetro mesio-distal	12,5 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	12,5 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	100
Chancelade (seg. Testut)	Diámetro mesio-distal	12 m.m. (izq.) 11 m.m. (der.)
	Diámetro linguo-vestibular	12 m.m. (izq.) 11,25 m.m. (der.)
	Índice ant.-post.-transv.	100 (izq.) 102 (der.)

En los antropomorfos:

Orangután	Diámetro mesio-distal	14,6 m.m. — 14,8 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	13 m.m. — 12,8 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	89,04 — 86,48
Gorila	Diámetro mesio-distal	17,3 m.m. — 17 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	14,4 m.m. — 14 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	83,29 — 82,35
Chimpancé	Diámetro mesio-distal	11 m.m.
	Diámetro linguo-vestibular	9,6 m.m.
	Índice ant.-post.-transv.	87,27

Cara triturante: (Fig. 3) — El contorno de esta cara es el de un trapecoide. Como el desgaste no ha sido tan intenso se dejan ver algunos pliegues de esmalte en el centro de la cara con sus surcos correspondientes.

El *protoconid* es el más desgastado produciéndose un plano dirigido abajo, adentro y adelante, le sigue el *hypoconid*, el *metaconid*, el *hypoconulid* y el *entoconid*.

La superficie de desgaste es un plano inclinado afuera y abajo y en su porción linguo-mesial se inclina también un poco hacia adelante. Este proceso de desgaste es menos avanzado que en el m.₂, pero en vías de realizarse en la misma forma.

La usura del m.₃ del *Homo chapadmalensis* corresponde al N.º 1 de Broca y N.º 2 de Topinard, puesto que el marfil no está en descubierto. Con ello se puede apreciar que el molar estaba en completa función.

También el grado de desgaste indica que la diferencia entre la aparición del m.₂ y del m.₃ no era tan distante como en la época actual, lo que está de acuerdo con el tamaño de este último diente.

La parte central de la cara se halla ocupada por una depresión irregular, con pozos y canaliculos que dan el aspecto de

criptas. De allí parten los surcos, el más visible es el distal que separa el *entoconid* del *hypoconulid*, después son el lingual, el mesial (borrado en gran parte, sobre todo la porción exterior), el vestibular (casi todo desaparecido) y el disto-vestibular.

Cara vestibular: (Fig. 1) — Esta cara es convexa y por efectos del desgaste se halla más reducida que la lingual. Está inclinada abajo y adentro.

En la parte superior de la cara se deja ver un vestigio del *sulcus vestibularis* y en la inferior y muy vagamente un *cingulum* que solo es perceptible en su mitad posterior.

La *cara lingual:* es convexa y no paralela a la vestibular; al llegar al cuello del diente no desciende paulatinamente como sucede en el caso anterior sino que se incurva hacia afuera y describe una convexidad interna.

La *cara mesial* presenta una pequeña superficie de desgaste en su parte superior que corresponde a la de contacto con el m_2 .

La *cara distal* es convexa y menor que la anterior.

b) CUELLO — SEGUNDO MOLAR. — No se observa estrangulamiento marcado y se nota el paso de la corona a la raíz por la dirección que tienen estas dos partes del diente. En el tercer molar el cuello es más marcado que en el anterior.

El m_2 tiene a nivel del cuello un diámetro mesio-distal de 11,1 m.m. y el m_3 11 m.m. Los dientes de Malta tienen a este mismo nivel 9,1 m.m. para el segundo y 9 para el tercero.

c) RAÍCES — LONGITUD — Las correspondientes al m_2 miden sobre la cara lingual 11,6 m.m. y las del m_3 sobre la mesial 15 m.m. En el hombre actual para el m_2 es de 12,9 m.m.

Robustez — Las raíces de los dos molares son robustas, sobre todo la del m_3 . En cada molar las dos raíces unidas miden en sentido mesio-distal y en las proximidades del cuello un diámetro máximo de 11 m.m. tomado éste sobre la cara lingual.

En la parte media las raíces del m_2 miden 10,3 m.m. y 9,8 las del m_3 . Cerca del *apex* las primeras tienen 7,5 m.m. y las segundas 10,1 y en el *apex* 6,6 m.m. y 10,4 m.m. respectivamente.

Dirección: Las raíces del m_2 vistas de la cara lingual poseen en su mitad superior una dirección casi vertical, después la raíz mesial en su mitade inferior se incurva hacia atrás, sobre todo en el *apex*, mientras la distal continúa aproximadamente vertical.

La dirección de las raíces de este molar ocuparía una posición intermedia entre los m_2 de Krapina y de Heidelberg y por lo tanto difiere completamente de la dirección del correspondiente en el hombre moderno en que las raíces son inclinadas atrás.

Las raíces del m_3 , vistas por la cara vestibular se incurvan algo hacia atrás, sobre todo en la mitad inferior y más la raíz mesial que la distal. La inclinación es análoga a la del m_3 de Heidelberg, pero en éste la mas incurvada es la distal.

Conformación: Las raíces de ambos molares, por su morfología y separación, son perfectamente humanas. En el m_2 las raíces son de forma prismática, aplanadas en sentido mesio-distal, (visto aquí por su cara lingual); además son anchas, largas y de *apex* medianamente romo. En su tercio superior las dos raíces están casi fusionadas, mientras en su parte inferior la separación en forma de hendidura es pequeña. Difiere del m_1 de Taubach en el que son divergentes y las del m_2 de Heidelberg que son más separadas.

El *apex* de la raíz distal es un poco más largo que el de la mesial.

Las raíces del m_3 son diferentes a las anteriores, son menos comprimidas en sentido mesio-distal y con *apex* más romo. En la raíz distal y en este último se ha desarrollado un proceso de cementosis.

La raíz mesial, un poco más larga que la distal y de *apex* más agudo, tiene más convexo el borde vestibular que el lingual y su eje es casi perpendicular cuando se la mira por su cara mesial e inclinado atrás cuando se la observa por la vestibular.

La raíz distal presenta, a partir de la unión del tercio superior con el tercio medio, un ensanchamiento que abarca todo el tercio medio y el inferior terminando en el *apex* en forma globosa. Esta conformación es debida a la presencia de un cementoma, no raro en el mismo molar del hombre moderno. Como no he podido observar o la pieza con los rayos X no me es posible dar mayores detalles sobre esta neoformación. El eje de la última raíz se halla desviado hacia afuera, mirada ésta por su cara distal y hacia atrás por la vestibular.

Observando el diente por su cara mesial se puede notar el contorno vestibular de la raíz distal, mientras la raíz mesial oculta el lingual.

Las dos raíces están separadas por una estrecha hendidura, difieren por consiguiente de las correspondientes de Heidelberg que son muy abiertas.

En el hombre actual predomina el tipo de raíz única, con incurvación exagerada hacia atrás.

Dirección del eje de implantación de los molares. — En el m.₂ el eje es casi vertical, asemejándose al que ofrece el mismo molar de Krapina y diferenciando, por lo tanto, del de Heidelberg, Piltdown, etc., y mucho más del hombre actual que es muy inclinado atrás.

El eje de implantación del m.₃ del *Homo chapadmelensis* no es vertical, es algo inclinado atrás como el que presenta el mismo molar de Heidelberg y menos inclinado que en el hombre actual.

Debido a que aún no he sacado una imagen radiográfica no me es posible señalar los caracteres que presenta la cavidad

pulparia de los dos molares, tanto de su cámara pulparia como de sus canales radiculares.

LÍNEA MYLOHYOIDEA (Fig. 2). — La pequeña porción que se conserva de esta línea demuestra que ha sido robusta, semejante a la que presentan los indígenas de la Argentina, tasmánicos, etc. Se inicia a la altura de la raíz distal del m.₃ y a una distancia de 11,1 m.m. del cuello de este diente.

El desarrollo de la línea que estudiamos es comparable al que presentan los indígenas de la Argentina y algunos restos del hombre fósil (Fontezuelas, La Tigra, Baradero) y de las mandíbulas del *Homo neanderthalensis* (La Chapelle-aux-Saints, La Nauvette, etc.).

La misma línea falta en la mandíbula de Piltdown y de Weimar o de Ehrigsdorf y poco marcada en la del Mauer y en la Arcy-sur-Cure y también no muy señalada en la raza de Cro-Magnon.

*

* *

Los caracteres que nos ofrecen estos dos molares estudiados son de tal importancia que a pesar de la insuficiencia del material permite separarlos de los homólogos de los hombres fósiles de Europa, de los indígenas de la Argentina y de los hombres actuales, tanto civilizados como salvajes.

Los dientes de los restos del Mauer han sido considerados como humanos, en cambio los caracteres de la mandíbula son simiescos. Estos restos fueron atribuidos por algunos autores al género *Homo*, mientras que Bonarelli, primero, y después Ameghino, Sergi y otros, los consideraron de un género diferente (*Palaeoanthropus*).

Consideraciones análogas pueden hacerse con la mandíbula de Piltdown.

Los molares cuyo estudio ha sido objeto de estos apuntes presentan caracteres diferenciales que no se observan en los de Heidelberg ni en los de Piltdown; entre aquéllos mencionaremos algunas analogías con los de los antropomorfos, por cuya causa he creído posible la existencia de una nueva especie (*H. chapadmalensis*) del *Homo* fósil, creada con mayores fundamentos que las de Ameghino.

Rosario de S.^{ta} Fé (Argentina), Diciembre 11 de 1926.

OS ALFABETOS DE ALVÃO E GLOZEL

POR

JOSÉ TEIXEIRA REGO

Professor da Faculdade de Letras do Pôrto

A batalha travada à volta dos estupendos achados de Glozel, está longe de ter atingido o seu termo. Tem fases — avanços e recuos. Umás vezes, um sábio de grande renome vem enfileirar-se ao lado do heróico dr. Morlet, dando-lhe o seu apoio; outras, um sábio também de fama mundial vem aumentar a coorte dos adversários de Glozel; e o debate prossegue nem sempre com aquela calma, aquela dignidade e, diremos mesmo, aquela lógica que deveriam presidir a controvérsias desta ordem.

O leitor português está suficientemente informado das principais alternativas desta luta, por magníficos artigos publicados em revistas e jornais por vários cientistas portugueses. Não vamos, pois, historiar suas peripécias: apenas queremos insistir em alguns pontos que não teem sido, afigura-se-nos, suficientemente esclarecidos.

*

* * *

O caso de Glozel liga-se com o de Alvão. Ora eu nunca duvidei das descobertas dos Padres Brenha e Rodrigues. Rocha Peixoto, o indefesso redactor da «Portugália» e meu dedicado amigo, assegurava-me a proibidade dêsses ilustrados sacerdotes.

De resto, que prodigiosa técnica não seria necessário possuir para imitar objectos de tão remota antigüidade, a ponto de iludir homens do valor de Ribeiro Fortes, Rocha Peixoto, Ricardo Severo e tantos outros!

Freqüentes vezes, em lições professadas na Faculdade de Letras do Pôrto, falando da origem do alfabeto, afirmei que era necessário contar com o testemunho de Alvão, e o desdem manifestado em congressos por sábios ilustres, a propósito desta estação portuguesa, atribuía-o eu a um simples caso de ignorância do assunto.

Pensando assim, os achados de Glozel não representaram para mim uma surpresa. As primeiras notícias que deles tive, encontraram em mim uma expectativa benévola, que se transformou em certeza depois de ler os depoimentos de Leite de Vasconcelos, Reinach, Van Gennep, Loth, etc. Surgiu a polémica. Li tudo ou quasi tudo que se publicou pró e contra, e tenho a convicção de que os negadores, com Jullian à frente, virão a ficar na situação daquele académico francês que, ouvindo pela primeira vez um fonógrafo, negara a realidade do invento de Edison, alegando tratar-se dum caso de ventriloquia!

Já vão ficando para o domínio das coisas tristes que fazem rir, aquela tórva caverna de feiticeiro, a deliciosa tradução dos caracteres de Glozel, etc. Voltaram agora ao tema da fraude... O bom senso irá dominando, e creio bem que um dia chegará em que estarão dissipadas tôdas as dúvidas.

Últimamente os partidários da autenticidade de Glozel adquiriram um importante elemento. Trata-se do meu querido colega e ilustre sábio dr. Mendes Corrêa que, depois de atento exame no próprio local, se declarou convencido da impossibilidade da fraude e da alta antigüidade desses achados.

O dr. Mendes Corrêa, porém, supõe que a nossa estação de Alvão é muito mais recente que a da Glozel. Julga-a con-

temporânea ou quasi contemporânea das inscrições ibéricas. Direi mais adiante por que motivo o não acompanho nesta sua opinião.

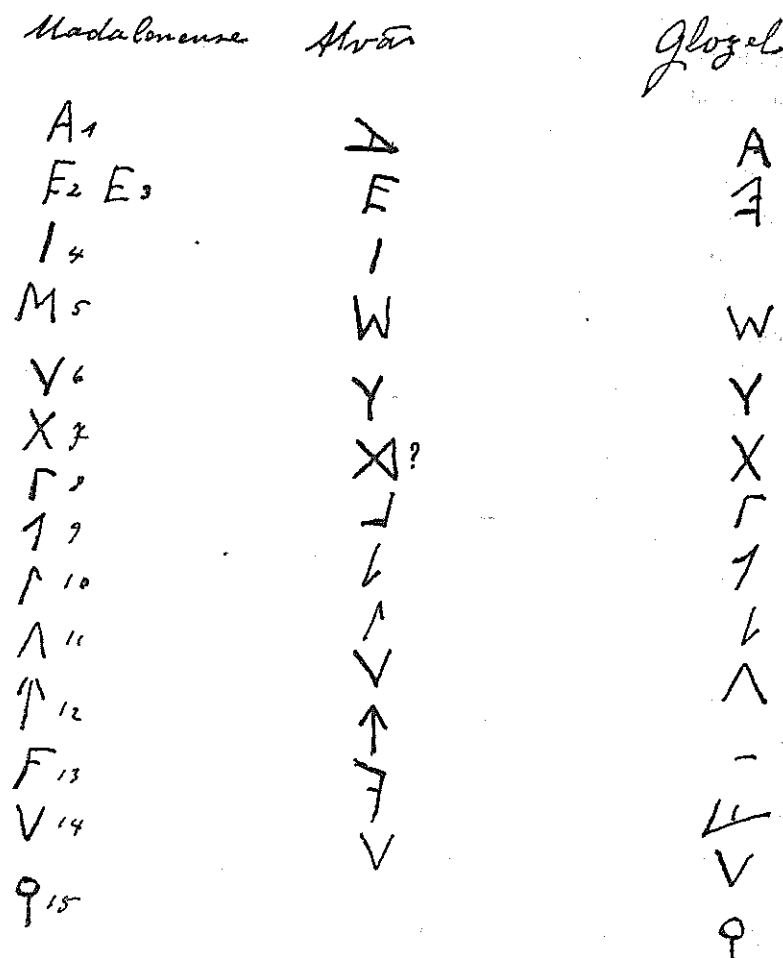


Fig. 1.—Caracteres madalenses em confronto com os de Alvão e Glozel

1—Gourdon, Haute-Garonne e Mas d'Azil; 2—Rochebertier; 3—Mas d'Azil; 4—Castillo; 5—Mas d'Azil; 6—Rochebertier; 7—Rochebertier e Castillo; 8 a 12—La Madeleine; 13 e 14—Altamira; 15—Gourdon. Podíamos acrescentar mais letras madalenses, como por exemplo, o S (Gourdon), etc. O n.º 5 é azilense.

*
* *
*

Não nos deve causar estranheza que na época neolítica apareçam caracteres alfabetiformes. Segundo a cronologia de Osborn, que Capitan adopta, o neolítico antigo na Europa começaria por 10000 anos a. C.; o pleno neolítico, na Europa, por 7000; o neolítico recente e o cobre, na Europa, por 3000 a 2000. Ora Flinders Petrie, o eminente egiptólogo, num artigo publicado na «Scientia», informa-nos do seguinte:

«Há 40 anos, pouco mais ou menos, notaram-se diversos sinais no reverso de telhas provenientes do palácio de Ramsés III, em Tell Yehudiyeh, datando de cerca de 1200 anos a. C. Compreendiam as letras A, E, I, O, C, X, T, Λ, M, não sob as formas cursivas fenícias, mas como letras capitais, como os alfabetos grego e romano. Nenhuma das teorias do alfabeto derivado das origens hieráticas ou cretenses, tentou explicar êste problema.

«Depois disto, continua Petrie, há cerca de 30 anos, eu encontrei várias letras análogas, gravadas em peças de cerâmica, datando de 1400 ou 1200 anos a. C. Conhecem-se, ao todo, mais de 30 letras ou sinais dêste período. Depois encontrei muitas na cerâmica primitiva da XII dinastia, 3300 anos a. C.. E emfim, muitas apareceram da 1.^a dinastia, de 5500 anos antes de Cristo e do longo período pré-histórico precedente» (1).

A importância destas afirmações não terá passado despercebida ao leitor. Era já certo antes das descobertas de Glozel, que aí por 5500 anos a. C., existiam sinais alfabetiformes. Di-lo uma

(1) «Scientia», 1-XII-1918, págs. 430-31, *The Origin of the Alphabet*, by Fl. Petrie. Também neste artigo Petrie responde aos seus contraditores.

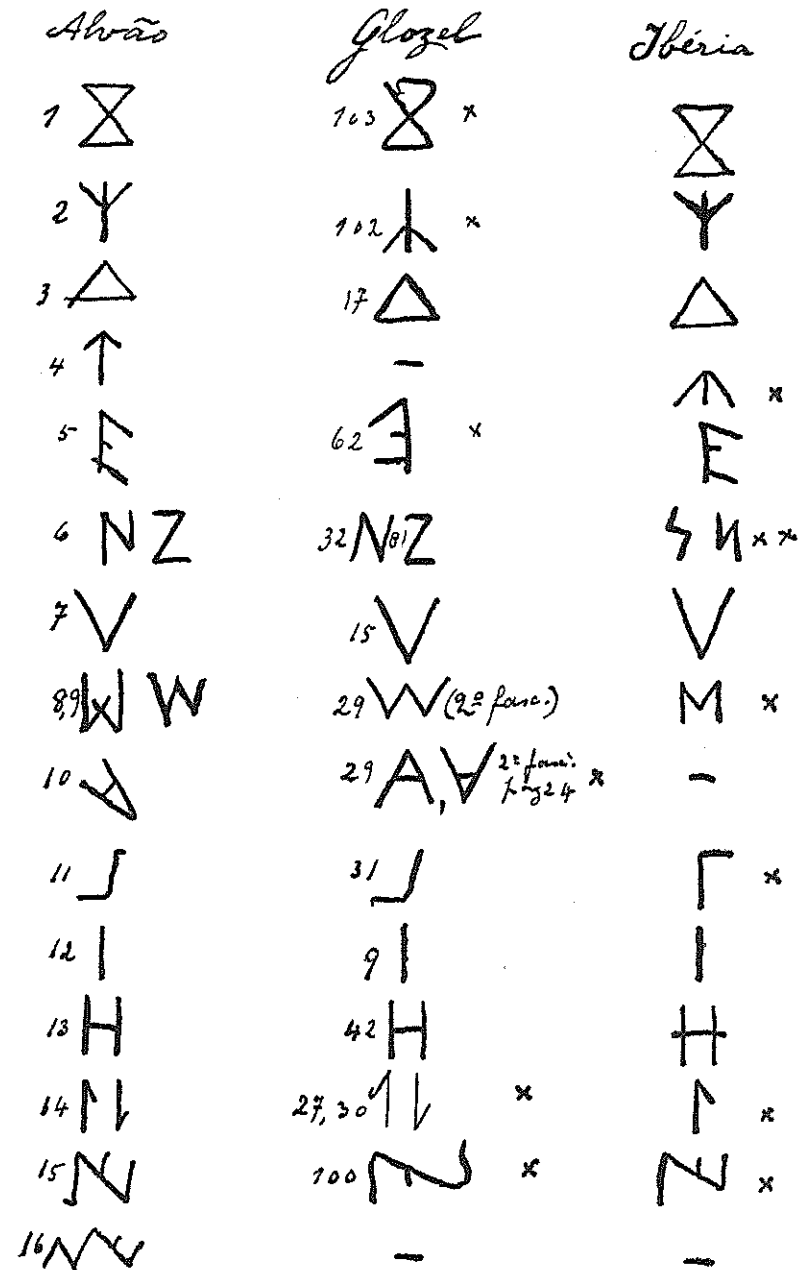


Fig. 2—Paralelo entre o alfabeto de Alvão e os de Glozel e ibérico

das maiores autoridades na matéria, Flinders Petrie. É certo que o ilustre egiptólogo exprime dúvidas sobre o seu uso primitivo, pois que diz: «estes sinais foram indubitavelmente empregados como escritos nos fins do período 1500 a 1200 a. C.» (1). Mas os caracteres existiam, eis o que é certo, muito antes deste período. «Três quartas partes deles são conhecidos anteriormente aos hieroglifos do Egipto» (2). Já vimos, mesmo, que antes da 1.ª dinastia eles apareceram.

Assentemos, pois, que os primeiros sinais alfabetiformes do Egipto foram lineares, contrariamente ao que ainda hoje se ensina, e, reconhecendo que a data da 1.ª dinastia ainda cabe dentro do neolítico da Europa, mesmo adoptando a cronologia de Meyer, não nos surpreenderá que em Glozel, estação neolítica, apareçam caracteres alfabetiformes.

Mas há mais. Conhecidos pelo menos desde a 1.ª dinastia egípcia esses caracteres egípcios, idênticos aos de Alvão e Glozel, como veremos, são nos primeiros tempos dum uso um tanto duvidoso.

Aparecem sinais isolados, e as inscrições seriam tão raras, que não tem aparecido. Em Alvão e Glozel, tal uso não é duvidoso. Aparecem alinhados, como verdadeira escrita. Que concluir então? Que o alfabeto, já corrente no neolítico, no ocidente da Europa, ia fazendo a sua entrada no Egipto, letra após letra; que o alfabeto egípcio deriva, pois, do alfabeto do ocidente da Europa, que nesse tempo já o manejava com segurança, ao passo que os Egípcios só o dominaram ou, pelo menos, lhe deram mais largo emprêgo, por alturas de 1500 a 1200 antes de Cristo.

Estamos, assim, em plena tese ocidental. O neolito ocidental tem um alfabeto, um instrumento sério de comunicação de pensa-

(1) «Scientia», id., id., pág. 442.

(2) Id., pág. 441.

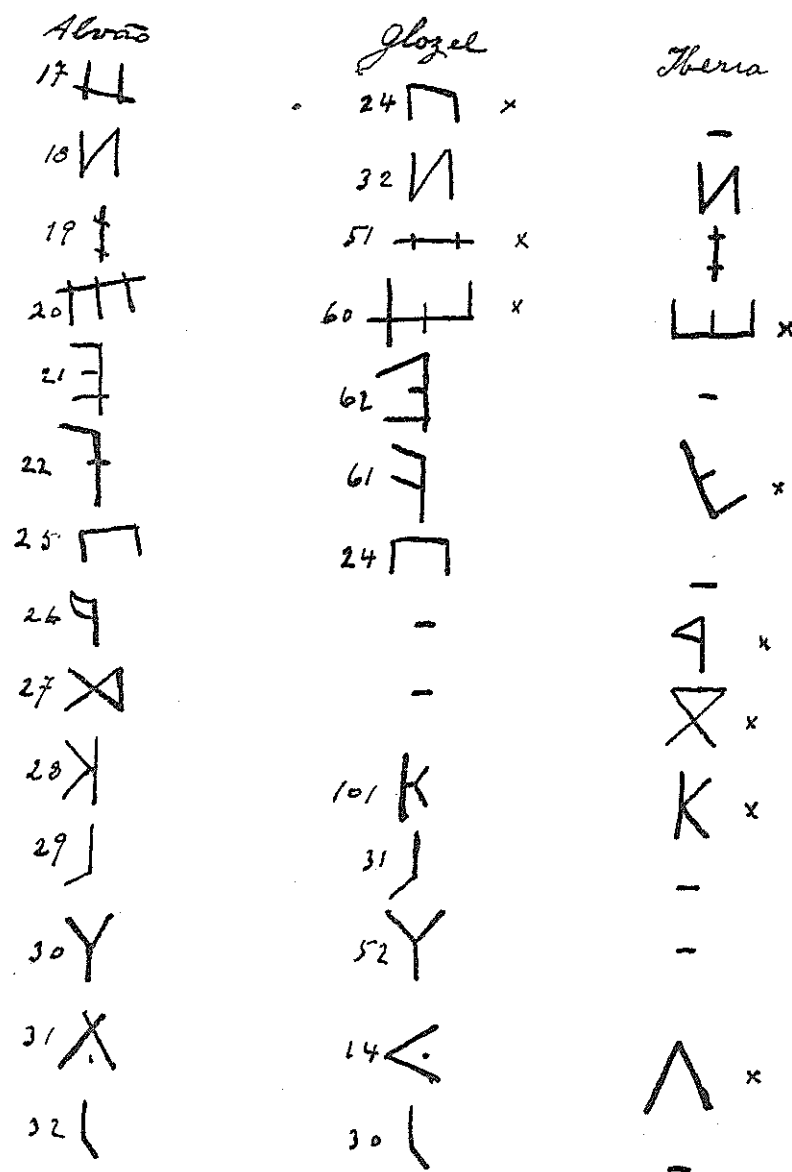


Fig. 3—Paralelo entre o alfabeto de Alvão e os de Glozel e ibérico (conclusão)

mento. Nessa época, em nenhuma outra região aparecem sequer

sombras de alfabetos. Só no ocidente europeu. As estações de Glozel e de Alvão, ambas com tão singulares ressaibos madalenses, eis os elos que faltavam para filiar os caracteres lineares egípcios e todos os outros alfabetos lineares—mesmo o das inscrições de Ahiram (1); mesmo o do fragmento de Ouro, chinês, da colecção de Hopkins (2); mesmo alguns caracteres proto-elamitas (3), sem falar em todos os outros que habitualmente se comparam com o hierático e o fenício (4).

E Alvão? Neolítico? da 2.ª idade de ferro? fraude do Padre Brenha? Nem fraude, nem idade de ferro, 1.ª ou 2.ª. As mesmas razões que fazem classificar Glozel no neolítico actuam para que idênticamente se classifique Alvão: indústria neolítica, ausência de objectos metálicos, etc. Mas o alfabeto? Diz o meu prezadíssimo colega dr. Mendes Corrêa que as suas analogias com o alfabeto ibérico são maiores do que com o de Glozel, e que, portanto, as idades dos dois coincidirão aproximadamente.

Com efeito, o meu ilustre amigo fez a comparação desses alfabetos quando ainda não estava publicado o 4.º fascículo da publicação do dr. Morlet (5), onde se dá o alfabeto de Glozel completo até à data, o que representa um grande número de caracteres a mais.

A comparação em face da lista actualizada de Morlet levá-lo-ia a outras conclusões, provavelmente. É fácil mostrar que as analogias entre Glozel e Alvão são pelo menos tantas como entre

(1) R. Dussaud, *Les inscriptions phéniciennes du tombeau de Ahiram*, Syria, v, 1924; Contenau, *La Civilisation phénicienne*, 1926.

(2) «Scientia», 1-1-1920, pág. 28, *L'Écriture dans l'ancienne Chine*, pour L. C. Hopkins, trad. de Henry de Varigny.

(3) Jacques de Morgan, *L'Humanité Préhistorique*, Nouvelle ed. 1924, págs. 278 e 279.

(4) V. p. ex. Lenormant, *Essai sur la propagation de l'Alphabet Phénicien*, 2 vol. de 1873 a 1875.

(5) Dr. Morlet et Fradin, *Nouvelle Station Neolithique*, 4.º fascicule, 1927.

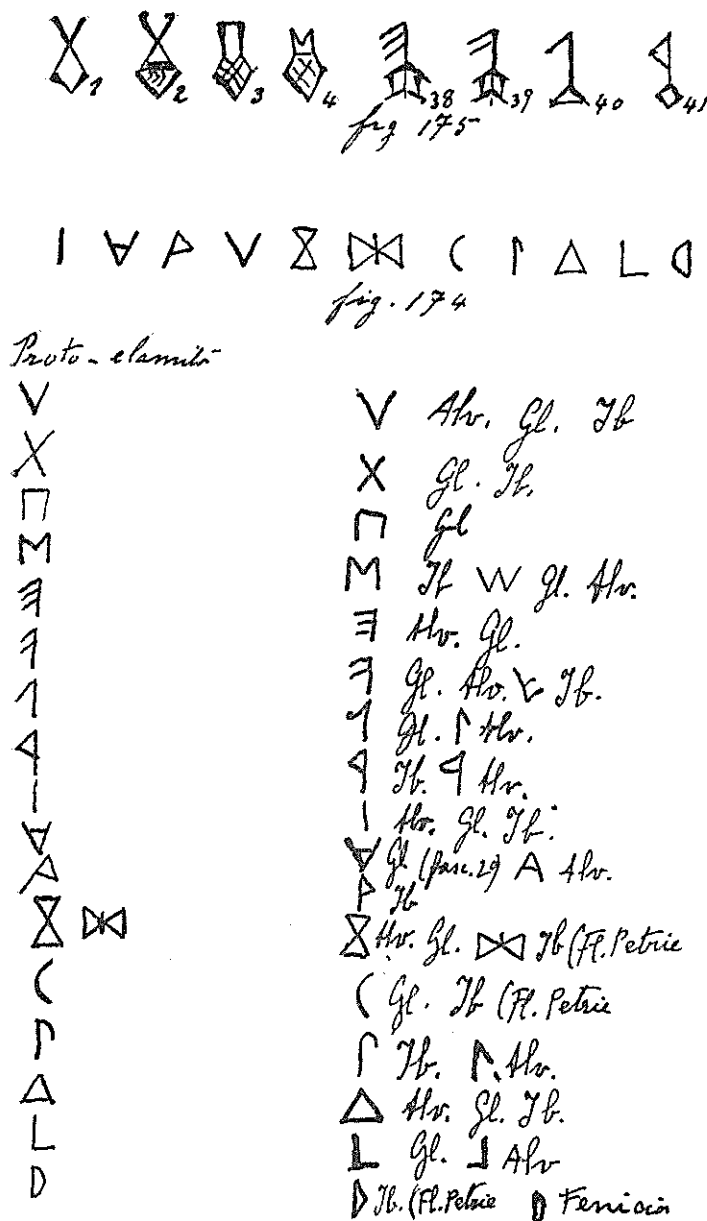


Fig. 4—Alfabeto proto-elamita em confronto com os alfabetos de Alvão, de Glozel e ibérico

Alvão e o alfabeto ibérico, do quadro de Ricardo Severo (aliás incompleto). Tudo isso veremos em breve.

Flinders Petrie sugere no seu já citado artigo que «desde a época dos homens das cavernas e desde a época da Rena se empregaram muitas vezes caracteres, alguns dos quais são formas muito vizinhas das que apresentam as letras mais recentes. Estes sinais, continua, eram empregados na civilização pre-histórica do Egipto para marcar a propriedade pessoal, porque se encontra o mesmo sinal repetido muitas vezes na cerâmica dum túmulo» (1). Isso não prova que só serviu para êsse fim. Flinders Petrie marca certamente a sua roupa com um F e um P, e no entanto estas letras teem outros usos. É o que se diz dos caracteres egípcios, diz-se dos madalenenses. A tese de Piette parece-me que deve ser retomada. Os madalenenses tinham sinais alfabetiformes idênticos aos dos diferentes alfabetos lineares. Como é que modestísimas marcas dos misérrimos paleolitas tomaram um tão excepcional valor, a ponto de serem a origem do alfabeto que só milénios depois apareceria? Que prodigiosa incubação! E como se explicam como marcas as inscrições de Rochebertier (Charente) ou a da Madalena, comuna de Tursac (Dordogne), com caracteres em fila?

Seriam simples marcas na sua origem, no Madalenense, mas ainda dentro do Madalenense se teriam tornado em sinais alfabetiformes, em alfabeto mesmo. Se não, marcas destacadas, perdendo a actualidade com a morte do possuidor dos objectos marcados, morreriam sem descendência. Só valorizadas em alfabeto se poderiam impor e ter o glorioso futuro que tiveram.

As analogias do alfabeto madalenense com os sinais alfabeticos das diferentes escritas, mormente com os de Glozel e Alvão, são na verdade extraordinárias (fig. 1).

(1) Petrie, «Scientia», id., pág. 443.

Comparando nas figs. 2 e 3 os caracteres de Alvão, de Glozel e ibérico, notaremos que o número das ausências no ibérico é maior do que em Glozel, e que as simples variações (assimetrias,

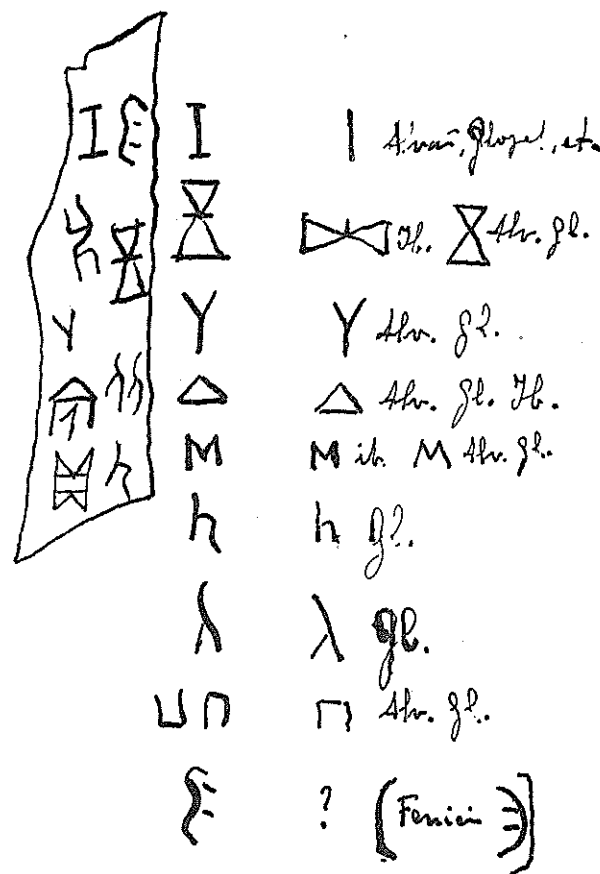


Fig. 5 — Caracteres chineses arcaicos em confronto com os alfabetos mediterrâneos

inversões, etc.) são igualmente maiores nos ibéricos. O quadro de Severo, que seguimos, é talvez incompleto no que diz respeito aos caracteres ibéricos, mas também o alfabeto de Glozel se vai enriquecendo. Haverá compensação.

Devo acrescentar, porém, que, fôsse a analogia do alfabeto de Alvão com o ibérico maior do que com o de Glozel, ainda assim eu não abandonava a minha tese. Essa hipotética maior analogia, explicá-la-ia por se ter desenvolvido o alfabeto ibérico no mesmo solo que o de Alvão, e sabe-se quanto, mesmo a distâncias enormes, no tempo e no espaço, persistem as formas gráficas, a ponto de nós ainda hoje nos servirmos de letras que os remotos madalenenses criaram e no extremo oriente se encontrarem sinais alfabéticos também do madalenense.

O que nos deve interessar é o conjunto. Em Alvão aparecem objectos que deram a Ricardo Severo a impressão dum madalenense degenerado; em Glozel, também Loth e outros notaram logo de princípio influências madalenenses. Em Alvão não aparecem metais; também não aparecem em Glozel. Juntamente com os estranhos objectos de Alvão aparecem letras, o que é um verdadeiro *escândalo* (a ponto de se ter suspeitado de fraude); também em Glozel aparece, associado com objectos vários, um alfabeto com fortes analogias com o de Alvão, o que é outro escândalo, que desencadeou... uma nova questão Dreyfus. Que concluir? Que êsses conjuntos, o de Alvão e o de Glozel, são independentes? Não o creio. Liga-os a filiação comum no madalenense. E se uma estação é anterior à outra, deve ser a de Alvão, que representa uma degenerescência pura e simples do madalenense, ao passo que Glozel, ao lado duma degenerescência, acentua também uma evolução própria, mas isso será objecto doutro estudo.

Nota— Falei na filiação dos caracteres proto-elamitas e chineses arcaicos, no alfabeto ocidental. Com efeito, no quadro que dá Morgan ⁽¹⁾ dos primeiros, aparecem (fig. 174 de Morgan) alguns

⁽¹⁾ Morgan, *L'Humanité Préhistorique*, 1924, págs. 278 a 279.

caracteres idênticos aos de Alvão, etc.; e na fig. 175, se suprimirmos a base poligonal a alguns caracteres, ficam sinais dos nossos alfabetos (fig. 4). Não se trata de hieroglifos.

Quanto aos caracteres chineses arcaicos, a supressão no fragmento que reproduzo (fig. 5), da colecção de Hopkins ⁽¹⁾, das bases de dois dos caracteres, tornam-nos identificáveis ao alfabeto ocidental. Os restantes também o são.

RÉSUMÉ

Glozel est une acquisition indiscutablement authentique, ayant des rapports étroits avec Alvão, dont l'auteur n'a jamais non plus mis en doute l'authenticité. Il croit par contre à l'importance de toutes ces découvertes pour la solution du problème des origines de l'alphabet. L'auteur conteste la thèse de Mendes Corrêa, d'après laquelle l'alphabet d'Alvão ressemble plus étroitement à l'alphabet ibérique qu'à celui de Glozel. L'ancienneté néolithique de l'écriture alphabétique est vraisemblable; on peut même admettre son apparition dans le magdalénien. Des signes gravés du magdalénien seraient peut-être des marques de propriété mais ils sont aussi de vrais caractères alphabétiques. Les signes linéaires trouvés par Flinders Petrie en Egypte depuis la 1.^{ère} dynastie, quelques caractères proto-élamites (leur base géométrique étant supprimée), même les caractères chinois archaïques auraient, d'après l'auteur, leur origine dans les alphabets néolithiques occidentaux de Glozel et d'Alvão. Ceux-ci auraient une origine commune, les signes magdaléniens. Il faut remarquer les réminiscences magdaléniennes de beaucoup de pièces de Glozel et Alvão.

⁽¹⁾ «Scientia», 1-1-1920, pág. 28.

VÁRIA

Congresso d'Amsterdam

A terceira sessão plenária do Instituto Internacional de Antropologia realizou-se, de 21 a 29 de Setembro último, em Amsterdam.

Foi um Congresso da mais alta importância não só pelo número das comunicações (cêrca de 200) e pelo valor de muitas delas, mas também pela afluência considerável de congressistas, cêrca de 250, representando vinte e cinco nações. As sessões realizaram-se no magnífico edificio do Instituto Colonial e, ainda algumas, nos Institutos de Anatomia e de Higiene tropical. Os trabalhos repartiram-se por seis secções: Antropologia morfológica e funcional; Prehistória; Etnologia; Sociologia; Hereditariedade e Eugenia; Folk-lore. Os relatórios de Van Loon e Papillault sôbre os métodos psicológicos e psiquiátricos para estudar as aptidões das raças humanas e de Pittard sôbre o modo de organizar e estimular o ensino da Antropologia nas Universidades e escolas superiores foram apresentados perante tôdas as secções reunidas. Na manhã de 22 de Setembro as secções de Antropologia morfológica e de Hereditariedade funcionaram conjuntamente com a Federação Internacional das Organizações Eugénicas.

É impossível fazer em poucas linhas a menção dos assuntos versados no Congresso, mas alguns, como, por exemplo, os grupos sanguíneos, constituíram o objecto de várias comunicações.

A contribuição portuguesa consistiu nos seguintes trabalhos:

Secção de Prehistória—Dr. Barros e Cunha (Coimbra): Algumas novas observações sôbre os crânios prehistóricos da gruta de Cascais. Prof. Mendes Corrêa (Pôrto): Novas investigações sôbre o homem terciário em Portugal; novos documentos de arte prehistórica em Portugal.

Secção de Antropologia morfológica e funcional—Prof. Mendes Corrêa (Pôrto): Diferenças sexuais no esqueleto dos Portugueses e o problema da hierarquia dos sexos.

Secção de Folk-lore—Almeida Moreira (Viseu): Arte popular da Beira (Portugal).

Pelo seu interêsse para o nosso país deve mencionar-se a magnífica comunicação que o Prof. Bosch Gimpera, de Barcelona,

realizou sobre «O eneolítico na Europa ocidental e o problema da cronologia», cujo resumo será publicado nesta revista.

Os delegados portugueses intervieram na discussão das algumas comunicações, nomeadamente do excelente relatório do Prof. Pittard sobre o ensino universitário da Antropologia.

A sessão inaugural, que se realizou no dia 20, às onze e meia da manhã, no esplêndido anfiteatro do Instituto Colonial, foi presidida pelo sr. Louis Marin, membro do governo francês e presidente do Instituto Internacional de Antropologia, que era ladeado pelo representante do governo holandês, pelo Prof. Kleiweg de Zwaan, presidente da secção holandesa do Instituto, e outras personalidades. Pronunciaram saudações calorosas o Prof. Kleiweg de Zwaan, os representantes dos vários países e o Presidente.

Em nome dos aderentes portugueses ao Congresso usou da palavra o director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e vice-presidente da nossa Sociedade, que pronunciou a seguinte alocução:

«EXCELLENCES,
MESDAMES ET MESSIEURS,

Au nom des corporations et des anthropologistes portugais ayant donné leur adhésion à ce Congrès, je salue les organisateurs de cette session, spécialement le président de l'Office Hollandais, le Prof. Kleiweg de Zwaan, dont les efforts seront sans doute couronnés de succès. Je salue aussi les confrères de toutes les nations qui se sont rendus à Amsterdam en cette occasion, dans le but de poursuivre l'action si utile que l'Institut International d'Anthropologie a réalisée depuis 1920.

Le Portugal s'intéresse de plus en plus aux questions concernant le passé lointain, le présent complexe et l'avenir mystérieux de l'homme. Mas il y a des raisons spéciales pour qu'il collabore avec enthousiasme à cette initiative de l'Office Hollandais. Ce sont des raisons que nous pouvons dire ethniques et historiques et que quelques différends appartenant au passé n'ont pas détruites.

Des colons hollandais ont pris part dans le peuplement du territoire portugais. Des pèlerins, des navigateurs, des marchands, des soldats des Pays-Bas ont, dans le moyen-âge, fréquemment visité mon pays et beaucoup d'entre eux y ont même constitué des colonies stables. Des croisés frisons ont, dans le XII.^{ème} siècle, aidé les chevaliers chrétiens dans leurs combats contre les Musulmans. Nos rois ont concédé aux colonisateurs hollandais des privilèges dont des documents du XV.^{ème} siècle font mention spéciale. L'art

portugais a reçu des influences importantes de l'art flamand et hollandais. Des artistes portugais ont visité les Pays-Bas et, de même, nous avons eu chez nous François de Hollande, Christophe d'Utrecht, etc. Les Juifs persécutés en Portugal et Espagne pendant le XV.^{ème} et le XVI.^{ème} siècles ont eu chez vous un accueil bienveillant. Le médecin Abraão Zacuto, le révolté Uriel da Costa et le grand Spinoza avaient une origine portugaise.

Ce serait encore aujourd'hui avantageux que les investigateurs hollandais et les investigateurs portugais étudiasent en collaboration féconde quelques problèmes scientifiques concernant l'île de Timor.

Messieurs: Un écrivain portugais, Ramalho Ortigão, a écrit il y a un demi-siècle un livre qui est un chef-d'œuvre de la littérature portugaise moderne. Ce livre s'appelle *La Hollande* et il est une description admirable de cette nation et de la vie hollandaise. Aucun Portugais cultivé n'ignore aujourd'hui les vertus domestiques et nationales de ce grand peuple. Je rends donc hommage à ses vertus, en remerciant cordialement nos aimables hôtes de l'accueil si gentil qu'ils veulent bien nous accorder».

O mesmo delegado português, depois d'expor na secção de Prehistória a primeira comunicação que anunciara e na qual aludia à suposta descoberta de esqueletos humanos terciários em Ota, verificando, porém, tratar-se apenas duma sepultura do neolítico antigo, referiu-se à debatida questão de Glozel, segundo consta do «Mercur de France», de 15 de Outubro:

«Parlant d'une station néolithique que l'on avait indûment supposée une sensationnelle sépulture de l'homme tertiaire, je profite de cette occasion où je suis d'user de la parole, pour vous dire que j'ai apporté au Congrès quelques moulages, que vous pouvez examiner, des objets si discutés d'Alvão, découverts il y a trente ans dans un dolmen et que beaucoup de préhistoriens ont dit faux jusqu'au jour où les trouvailles françaises de Glozel les ont, par leurs affinités par rapport à eux, rendus plus vraisemblables qu'avant.

Je ne m'en occuperai pas en détail, puisque je n'ai pas annoncé une communication sur ce sujet. Je dirai seulement que je ne doute point de leur authenticité, mais j'ai des raisons pour supposer qu'ils sont postérieurs à l'érection du dolmen où ils ont été trouvés, et peut-être un peu antérieurs à la date des inscriptions ibériques trouvées dans le Sud du Portugal et en Espagne. L'alphabet d'Alvão présente, selon moi, plus d'affinités avec l'alphabet dit ibérique qu'avec les signes des inscriptions de Glozel.

Je dois ajouter que j'ai visité Glozel il y a quelques jours et que j'y ai fait avec notre distingué confrère, M. Lucien Mayet, des fouilles dans des conditions qui nous ont permis d'établir d'une façon sûre l'authenticité de ce que nous y avons découvert en terrain vierge, dont nous avons librement choisi l'emplacement. J'ai été frappé, comme certainement vous tous, par l'aspect étrange et—par rapport à nos connaissances de Préhistoire—très contradictoire des objets de Glozel. Je penchais pour les vues de l'éminent auteur de *l'Histoire de la Gaule*, M. Jullian, mais, depuis ma visite à Glozel, je ne peux plus pencher, malgré mes doutes au sujet de la chronologie absolue de ces trouvailles, pour la thèse de la sorcellerie gallo-romaine. *Glozel est, d'après mon opinion, absolument authentique* et il présente, au point de vue cultural, un ensemble néo-énéolithique aberrant, atypique, dont cependant je ne sais pas donner la chronologie absolue, puisque j'admets la possibilité de survivances lointaines de cultures très archaïques.

Mais je suis en dehors du sujet de ma communication et je n'ai qu'à terminer en exprimant le vœu que tous les préhistoriens se rendent sur le champ de Glozel, avant d'émettre des doutes sur l'authenticité de ces trouvailles, si étranges qu'elles nous semblent, parce que je crois que l'histoire d'Alvão, qui a été combattu pendant trente ans, se répète avec Glozel—peut-être sa devancière au point de vue de la chronologie préhistorique».

Estabeleceu-se imediatamente discussão, não sobre os achados de Ota, nem sobre os da serra de Alvão, cuja autenticidade Breuil declarou aceitar considerando-os também «ibéricos», mas sobre Glozel, cuja autenticidade arqueológica foi posta em dúvida ou mesmo contestada pelos srs. Capitan, Bégouen e Breuil, que se manifestaram pela necessidade de cautelosas pesquisas no terreno. Alvitrou o sr. conde Bégouen a conveniência de se constituir uma comissão internacional de inquérito, o que iria de encontro ao desejo expresso pelo delegado português. Este fez salientar quanto havia de apaixonado e pessoal nos debates em torno de Glozel, afirmando que não se preocupava com a discussão de pessoas mas com os factos. Ora ninguém lhe apresentara qualquer prova objectiva da fraude. Só se inclinaria diante de provas concretas de que fôra iludido, o que, de resto, teria então sucedido também a Salomon Reinach, Leite de Vasconcelos, Déperet, Mayet, Björn e tantos outros que visitaram Glozel e se convenceram da genuinidade dos achados.

Numa das sessões subsequentes da secção de Prehistória foi apresentada a seguinte proposta, assinada pelo sr. conde Bégouen e pelo mesmo delegado português:

«L'I. I. A., en présence de l'intérêt éveillé dans le monde savant par les fouilles de Glozel, regrettant l'acuité de la controverse, ne mettant en doute la bonne foi d'aucun des contradicteurs, estimant qu'une étude intégrale du gisement et des objets mis à jour peut seule mettre tout le monde d'accord; émet le vœu:

«Qu'une commission internationale soit mise à même d'examiner impartialement tous les éléments qu'elle jugera nécessaires pour arriver à un résultat».

Esta moção foi adoptada por unanimidade, sendo também adoptada unânimemente na sessão de encerramento do Congresso. Quando foi apresentada pelo conde Bégouen na secção de Prehistória, o seu segundo signatário acrescentou que não necessitava dessa comissão para concluir pela autenticidade de Glozel, mas que reconhecia naturalmente aos seus colegas o direito de procurarem resolver as suas dúvidas.

O professor Krom, de Leyde, realizou, na noite de 20, com projecções, uma conferência sobre arte indo-javanesa, que foi seguida da exhibição de interessantíssimas danças javanesas. O sr. van der Ven, de Oosterbeek, apresentou na noite de 21 um sugestivo film de *folk-lore* holandês. Em Haarlem, aonde em 22 se realizou uma excursão para ver os restos do «Pithecanthropus», fêz o dr. Eugène Dubois uma conferência sobre estes fósseis de Java, resumindo as ideias que sobre o assunto tem já expellido em vários trabalhos. O rev. Breuil realizou, na noite de 23, no grande salão do Instituto Colonial uma conferência sobre arte pré-histórica, que foi acompanhada de numerosas projecções. Em Volendam, no fim do almoço, por ocasião da excursão do dia 25 à ilha de Marken, o sr. J. A. J. Barge, de Leyde, fêz uma interessante conferência sobre a deformação artificial do crânio nos habitantes da referida ilha.

Além das sessões de trabalhos, realizaram-se, durante o Congresso e findo este, numerosas festas e belas excursões, não se perdendo nunca de vista o objectivo do Congresso. Houve: uma recepção pela Municipalidade; um chá no Instituto Colonial; um esplêndido concerto oferecido pela Municipalidade no grande salão do Concertgebouw, sendo magistralmente executada a nona sinfonia de Beethoven com os coros, e sendo pela direcção da Sociedade de Concertos oferecida uma amistosa taça de champagne a alguns delegados estrangeiros; um luzido banquete de cerca de 400 talheres no hotel Krasnapolsky, sob a presidência de S. A. o príncipe consorte da Holanda; uma excursão a Volendam e à ilha de Marken; excursões a Groningue, Assen, Paterswolde, Arnhem,

etc., com recepções, banquetes, demonstrações de folk-lore, visitas a monumentos, etc.

Em suma, um soberbo programa, executado à risca, num ambiente da mais elegante e carinhosa hospitalidade.

A questão de Glozel

Depois da publicação, no fascículo anterior desta revista, do artigo «Glozel e Alvão», a controvérsia a respeito daquela importante jazida prehistórica tomou novos aspectos, alguns dos quais de extraordinária violência, e as escavações realizadas no local por vários cientistas levaram muitos destes a tomar atitudes que independentemente da inserção de novos trabalhos como o do sr. Prof. Teixeira Rego, convém fixar nestas páginas, tanto mais que a interferência dos investigadores portugueses no assunto se acentuou vivamente, como pode ajuizar-se, por exemplo, do relato que noutro lugar fazemos do que se passou no recente Congresso Internacional de Antropologia de Amsterdam, relato para o qual remetemos o leitor, dispensando-nos de o reproduzir aqui em detalhe.

O fascículo X da «Lvsitania» publicou ultimamente um estudo de Salomon Reinach sobre Glozel, no qual se faz referência às investigações de Estácio da Veiga, Ricardo Severo e P.^{es} Brenha e Rodrigues, em Portugal, e um extenso artigo intitulado «Os portugueses e a questão de Glozel», e redigido antes da visita do seu autor à estação francesa. Esse artigo resume uma grande parte do estudo «Glozel e Alvão» aqui publicado, mas acrescenta novos pormenores, como os referentes a uma visita a Alvão:

«Um eminente zoólogo norueguês, o Dr. Brinckmann, habituado a ver em abundância renas vivas, não hesitou em dar a Loth a opinião de que, sem a menor dúvida, a rena era um dos animais representados pelos gravadores glozelianos. Sobreviveu, pois, a rena em França aos últimos tempos quaternários? E até quando? Intrincado problema!

O conde Bégouen veio a Portugal há poucas semanas fazer conferências sobre a arte quaternária francesa, documentando-as com numerosas projecções, muitas das quais relativas a importantes descobertas suas. Ocupou-se também dos achados de Glozel, definindo novamente uma atitude favorável à tese de Jullian. O conferente, como dias depois o seu ilustre compatriota Pierre Paris, teve ocasião de examinar no Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, (onde foram depositados pelo rev. Brenha), os objectos de Alvão que se encontravam na Póvoa de Varzim. Confirmou na sua conferência a minha opinião de que esses objectos são certamente post-megalíticos, e mostrou-se disposto a ocupar-se deles numa comunicação à Sociedade Prehistórica de França.

Durante a visita do conde Bégouen a Portugal, saiu no «Mercure de France» uma carta sua em resposta a umas críticas ali feitas às suas conferências de Toulouse, e ultimamente na mesma revista foram insertas cartas de Loth, Espérandieu, Morlet e Audollent replicando a algumas considerações do seu compatriota.

Entretantes, Camille Jullian teve a bondade de me enviar as *Notas galo-romanas* que sobre «O campo mágico de Glozel» vem publicando na «Revue des Etudes Anciennes». Ali procura decifrar algumas inscrições, dando-as como escritas num cursivo latino, e trata igualmente de interpretar os diferentes objectos encontrados em Glozel, dentro da sua concepção de que pertencem ao espólio dum feiticeiro galo-romano. É grande a erudição revelada nessa interpretação, sendo para notar que não é fácil pôr limites ao capricho ou à fantasia de feiticeiros.

Num dos números da mesma revista o eminente académico ocupa-se do nosso folheto sobre «Glozel e Alvão», com cujos pontos de vista relativamente à independência das inscrições de Alvão e dos dólmen, concorda, declarando igualmente que as inscrições parecem simples variedades, deformadas num semi-cursivo, dos alfabetos ibéricos. Afasta-se, porém, da minha opinião sobre a data, que, para ele, é muito vizinha da era cristã e dos tempos romanos. Quanto às gravuras, diz serem imagens mais ou menos fantasistas de que usavam e abusavam os feiticeiros dos tempos clássicos e procura interpretar algumas, dentro dessa orientação.

Quasi simultaneamente, Van Gennepe ocupava-se também do meu artigo no «Mercure de France», resumindo as suas conclusões, discordando apenas dos argumentos opostos à tese do «neolitismo» de Glozel, que, de resto, regista serem anteriores a certos «factos novos», como a identificação da rena, que modificaram alguns elementos do problema. Manifesta extranheza pela importância que liguei às interpretações de Jullian, importância aliás devida, por quem, como eu, não é epigraísta nem especialista em assuntos de magia galo-romana, nem estudou *in loco* o espólio e a estação de Glozel, a um membro ilustre da Academia Francesa, autor da «Histoire de la Gaule» e director da «Revue des Etudes Anciennes», publicada por várias Universidades francesas. E, embora Jullian não tivesse visitado Glozel, não lhe faltariam elementos de informação.

Van Gennepe transcreve uma carta que lhe dirigi em 11 de Abril de 1927, na qual resumo as minhas opiniões, nessa data, sobre Alvão: diferença do alfabeto de Alvão relativamente ao de Glozel; sua analogia com o alfabeto ibérico; *terminus post quem* para a cronologia das inscrições de Alvão — a época megalítica; *terminus ante quem* ainda não determinado; enfim (como as inscrições ibéricas são em geral atribuídas à segunda idade do ferro), talvez as de Alvão sejam um pouco anteriores a essa época, quere dizer da época de transição da primeira para a segunda idade do ferro (cerca de 500 a. C.).

O eminente etnógrafo conclui que, se Alvão não constitui assim um argumento em favor da cronologia de Glozel, não pode também ser utilizada em favor da tese de Jullian, pois entre Alvão dum lado e Glozel datada por Jullian, haveria uma diferença de 800 a 1000 anos. Van Gennepe também não encontrou afinidades estreitas entre o alfabeto de Glozel e os sinais ibéricos e celtibéricos publicados por Tylor e outros, e por outro lado com os sinais tírios. O mais acertado, escreve por fim, é esperar o termo das escavações e a publicação integral dos achados.

Escrevi de novo a Van Gennepe, com data de 20 de Junho, e da minha carta extráio os seguintes períodos:

«O dr. Morlet teve a amabilidade de me enviar todas as suas publicações sobre Glozel (entre as quais figura um 4.º fascículo muito recente) e disse-me a respeito de Alvão que, em seu parecer, não poderá auxiliar-nos a datar Glozel. A precisão que procurei dar à cronologia dos objectos da estação portuguesa é

apenas provisória. Fundei-a sobre a data que tem sido atribuída às inscrições ibéricas do sul de Portugal. Tudo o que se pode dizer de positivo é que o terminus post quem para os objectos é a época megalítica...

«Não tenho uma opinião definitiva sobre a cronologia e os objectos de Glozel... O que me impressiona ali vivamente é a profusão, a abundância de inscrições. Se não é uma *officina feralis*, seria uma verdadeira biblioteca, ou melhor um verdadeiro arquivo. Mas que diremos dos objectos evidentemente voituos?»

«Conheceis bem a raridade das inscrições egípcias antes da época fínica. A escrita ordenada, regular (contendo muitos sinais dispostos sucessivamente em inscrições mais ou menos extensas) não aparece no Egito senão tardiamente. Em Glozel nós não vemos somente sinais isolados ou em pequeno número, inscrições curtas como as da escrita linear muito antiga do Egito, da qual nos fala Flinders Petrie. Temos ali longas inscrições, seguidas, ordenadas, que até hoje ainda se não encontraram em nenhuma outra estação tipicamente neolítica (e estas são inúmeras...).

«Primeiro afastei absolutamente a hipótese de Elliot Smith que rejuvenescia o madalenense e o neolítico da Europa ocidental... Dais firmemente a rena como um dos animais figurados nos calhaus de Glozel. Esse facto e os caracteres arcaicos de muitos objectos dessa estação levam-me, assim, a pensar em *sobrevivências*, em épocas relativamente pouco antigas, não só de tipos animais que até agora se consideravam do quaternário da região, mas também de culturas muito antigas poupadas pela distância ou pelo isolamento geográfico às influências civilizadoras exteriores. Seria um fenómeno de *segregação* biológica e cultural...»

Já no meu artigo citado (v. p. 24) falava eu da hipótese dessas sobrevivências.

Mas, poucos dias depois, a imprensa parisiense e uma nova carta do dr. Morlet anunciavam-me a abertura, em Glozel, de duas sepulturas que continham um abundante mobiliário do género do encontrado nas escavações anteriores: vasos de argila com máscara, calhaus com gravuras animais e inscrições alfabéticas, arpeus de osso, tijolos com inscrições, ídolos bisexuados, etc. Espérandieu comunicou estes resultados à Academia das Inscrições.

Aguardemos a publicação dos relatos dos novos achados.

Mas, não aparecendo ali os ritos funerários banais da época romana e não se descobrindo nenhum objecto de metal ou de cerâmica tipicamente romana, poderá manter-se a interpretação de Jullian?

Em vista da falta do metal, em vista da presença de cerâmica grosseira, em que avulta a chamada máscara neolítica, em vista das gravuras animais, entre as quais a da rena (como declara Brinckmann), em vista, em suma, da fisionomia dum arcaísmo remoto, com que sob o aspecto tipológico (inscrições aparte) nos aparece Glozel, será a cronologia absoluta desta estação igualmente remota, será ela, como diz Morlet, dum *neolítico antigo*?

Ou, enfim, devemos admitir, como avengei, *sobrevivências* de tipos e formas arcaicas, em épocas relativamente pouco remotas, comquanto anteriores à época romana?

Van Gennep tem razão em aconselhar que se espere. A verdade é que estamos numa hora crítica da história desta ciência. Glozel e Alvão aparecem fora dos quadros comuns. Teremos porventura de refundir classificações e cronologias cujo estabelecimento tantos e tão porfiados esforços requereu.

Seremos forçados talvez a admitir para o início do alfabeto ibérico, como do alfabeto em geral, datas muito anteriores às que usualmente se admitiam. Isso implicará, entretanto, uma duração extremamente longa do alfabeto ibérico, e dum modo geral dos alfabetos primitivos, ou a sua aparição em duas épocas separadas por muitos séculos de esquecimento e abandono.

São problemas que temos de deixar em suspenso. Registemos apenas a interferência dos investigadores portugueses neste debate. Van Gennep faz precisamente notar, nas suas considerações sobre o meu artigo, que as descobertas de Alvão tiveram por consequência que o problema de Glozel interessasse mais directamente aos nossos compatriotas do que aos estudiosos doutros países.

A. A. MENDES CORRÊA.

Em 10 e 11 de Setembro, de passagem para o Congresso de Amsterdam, o autor do artigo de que transcrevemos as linhas acima, visitou Glozel (onde dias antes estivera também com o dr. Morlet o nosso consócio, dr. Castelo Branco e Castro), e fez aí escavações na companhia do ilustre professor Mayet, do dr. Morlet e de Émile Fradin. O relatório respectivo foi apresentado por Salomon Reinach à Academia das Inscrições na mesma sessão memorável em que Dussaud fez a sua violentíssima diatribe contra a autenticidade de Glozel. Segue o texto desse relatório:

Rapport officiel des fouilles exécutées au gisement de Glozel par les professeurs A. Mendes-Corrêa, de l'Université de Porto et Lucien Mayet, de l'Université de Lyon, le 11 Septembre 1927.

Arrivés au gisement de Glozel, nous avons, d'un commun accord, désigné à MM. le Dr. Morlet et E. Fradin l'emplacement sur lequel devait être faite la fouille. Il était à un mètre à l'est de l'extrémité est de la tranchée, dite «tranchée ouest» du champ de Glozel, à cinq mètres environ de distance des fils de fer entourant celui-ci au sud.

Végétation très drue et très ancienne.

D'autre part, une bande de terrain également vierge isolait notre fouille de la tranchée ouest, tout en permettant à l'œil de raccorder les niveaux.

La couche de terre végétale a été abrasée. Elle mesurait une épaisseur moyenne de vingt centimètres. A mi-hauteur de cette terre végétale, a été trouvé un morceau de poterie épaisse, à contexture de grès, identique à d'autres tessons, que nous avons vus dans le musée et qui avaient été également trouvés superficiellement.

Au-dessous de cette première couche de coloration foncée, gris noirâtre, s'est montrée une couche de terre argileuse, de teinte jaune clair, absolument pas remaniée, avec trajets noirs de vieilles racines décomposées.

Résistance moyenne aux outils. Vingt à trente centimètres d'épaisseur suivant les endroits.

Au-dessous, une couche de terre jaune identique, mais beaucoup plus dure et consistante que la précédente. Il nous semble que ce niveau représente un ancien sol.

A la ligne de contact de ces deux couches profondes, ont été mis au jour:

1.º Un petit disque circulaire en schiste, de quelques millimètres d'épaisseur. Sur une de ses faces, neuf signes alphabétiques, de même type que ceux des tablettes antérieurement découvertes;

2.º Un petit morceau d'ocre rouge;

3.º Un caillou anguleux, non roulé, prismatique, présentant deux encoches d'emmanchement.

Ensuite nous avons voulu vérifier le raccordement des couches entre l'extrémité de la «tranchée Ouest» et notre propre tranchée.

En ce faisant, toujours dans la couche archéologique, nous avons trouvé:

1.º Un petit poinçon en os, assez accéré à l'une de ses extrémités, terminé à l'autre par une petite encoche basilare;

2.º Un autre poinçon en os, moins appointé et terminé par un élargissement basilare aplati;

3.º Un tout petit galet en roche noire, présentant trois signes alphabétiques.

La pluie s'étant mis à tomber avec violence, nous avons dû abandonner le champ de fouilles après une heure et demie de travail.

Il est pour nous d'une *évidence absolue* que:

1.º Le sol archéologique de Glozel, dans toute l'étendue que nous avons étudiée, n'a subi aucun remaniement;

2.º C'est une certitude non moins formelle que les objets que nous avons découverts se trouvaient parfaitement « en place » et non mobilisés depuis l'époque préhistorique où ils ont été abandonnés;

3.º Dans les quelque deux mètres cubes de terre que nous avons déblayés et par l'examen très attentif que nous avons fait de la surface des fouilles antérieures, nous n'avons vu aucun débris pouvant être attribué à une époque plus récente.

En un mot et pour conclure, nous affirmons formellement l'authenticité de l'ancienneté préhistorique de tout ce que nous avons constaté.

Glozel, le 11 Septembre 1927.

A. A. MENDES CORRÊA
L. MAYET.

Em estampa junta reproduzem-se as principais peças arqueológicas que foram encontradas na escavação de 11 de Setembro. O relatório que inserimos acima, foi publicado na íntegra pela «Comœdia», diário parisiense, pelo «Mercure de France» e pelo jornal de Vichy «La Dépêche», entre outros, dando também o Prof. Mayet uma larga entrevista ao diário lionês «Le Salut Public» sôbre as escavações realizadas.

O mesmo jornal de Lyon inseria no seu n.º de 26 de Outubro o seguinte importante relato sôbre as constatações que o eminente geólogo Prof. Depéret fêz no campo de Glozel:

«Alors que tant d'incompétences s'agitent autour du gisement préhistorique de Glozel, d'autant plus bruyantes qu'elles sont moins à même d'éclairer les passionnants problèmes de préhistoire soulevés par les recherches du Dr. Morlet, il est réconfortant de voir des savants hautement qualifiés — faut-il citer MM. Salomon Reinach, Ch. Depéret, Loth, Espérandieu, Audollent, Mendes Corrêa, Mayet, Bjorn, van Gennep, Arcelin, Solignac, etc.? — exprimer leur conviction faite uniquement de science et de conscience.

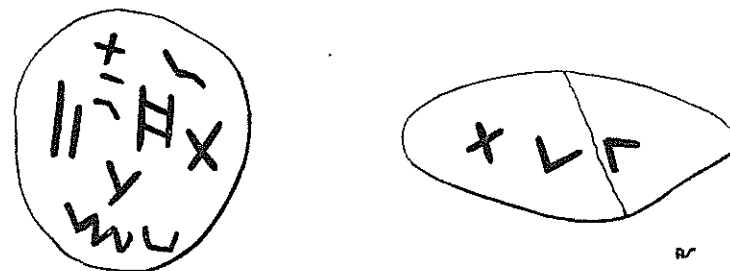
Il est réconfortant de voir notre école lyonnaise, avec M. le doyen Depéret et le Dr. Mayet, de la Faculté des Sciences, s'élever au-dessus des misérables questions de personnes qui sont venues enténébrer Glozel.

Dans la communication qu'il a faite avant-hier lundi, à l'Académie des Sciences, M. Depéret a exposé les résultats de recherches récentes à Glozel, envisageant plus spécialement l'authenticité du gisement et l'âge de celui-ci.

A questão de Glozel



Achados das escavações de 11 de Setembro em Glozel:
no centro um ídolo fálico (que foi encontrado depois da elaboração do relatório),
aos lados duas punções de osso e dois calhaus com inscrições alfabéticas



As inscrições dos calhaus da fotografura supra.

A inscrição da direita é muito semelhante à do animal dum amuleto de Alvão
(Vid. fig. 4 do artigo «Glozel e Alvão», do fascículo anterior)

En voici les principaux passages :

1.^o *Authenticité du gisement.* — On a prétendu que les objets composant le riche outillage de Glozel avaient été fabriqués de toutes pièces et introduits frauduleusement dans la couche argileuse archéologique. Afin de répondre à l'accusation d'une introduction latérale des objets par tunnel pratiqué sur les parois des tranchées, nous avons choisi nous-même un carré de terrain placé à 3 mètres de distance minima de la tranchée la plus voisine, ce qui rendait matériellement impossible la manœuvre en question. Le sol était rempli de tiges et de racines d'herbes et d'arbustes intacts et en place. Après avoir enlevé avec soin la terre végétale de 0 m. 30 d'épaisseur, nous avons fouillé d'argile jaune d'abord assez molle qui, sur 0 m. 40 d'épaisseur moyenne, contient la couche archéologique. Cette couche passe, en bas, à une argile jaune plus compacte qui devait constituer le sol de l'époque. Dans ces conditions et grâce aux radicelles et racines qui traversaient le terrain et entouraient les objets archéologiques, aucune supercherie n'était possible, ni aucune introduction d'objets par côté, ni par dessus. Fouillant nous-même au couteau, nous avons chacun, le Dr. Arcelin et moi, recueilli plusieurs pièces préhistoriques : un galet avec gravure d'une tête de petit bœuf, un morceau d'ocre rouge, une pendeloque de pierre, un poinçon en os incisé de traits parallèles. Très près et à droite de notre terrain, j'ai recueilli moi-même un galet de roche dure, métamorphique, avec des lettres gravées de l'alphabet de Glozel, surmontées d'un ornement en zig-zag.

Quelques semaines plus tard, mon collaborateur, le Dr. Mayet, en compagnie du professeur portugais Mendes Corrêa, faisait une fouille dans les mêmes conditions sévères. Ils découvraient eux-mêmes un galet de schiste avec 9 lettres, deux poinçons en os et une statuette phallique.

Plus récemment encore, M. Solignac, géologue de Tunis, accompagné de M. Peyrony, des Eyzies, du professeur Tafrali, de Jassy, et de M. Vergne, du Musée de Villeneuve-sur-Lot, dans une fouille semblable, recueillaient : un disque de schiste percé d'un trou biconique, une pendeloque en schiste, un poinçon en os, un anneau de schiste avec lettres gravées, une statuette phallique, un hameçon en os — les objets en os étaient, disent-ils, parfaitement fossilisés.

Tous les savants précités apportent, comme moi-même, leur témoignage formel en faveur de l'authenticité des pièces trouvées par eux, tant pour les objets en pierre et en os que pour l'écriture.

Il est une autre preuve d'authenticité comme aussi d'ancienneté de l'écriture de Glozel : c'est l'existence de cet alphabet dans d'autres stations de France et de l'étranger. Je rappellerai d'abord la découverte, par Ricardo Severo, dans le dolmen d'Alvão (Portugal), de deux plaquettes de roche portant des signes alphabétiques, sans doute un peu plus récents que les tablettes de Glozel, mais offrant un grand nombre de signes identiques. Elles leur sont, en conséquence, très apparentées.

En France, il existe, dans l'Allier, plusieurs stations néolithiques, caractérisées par des haches polies, qui contiennent des anneaux en schiste, pendeloques plutôt que bracelets. Pérot, en 1917, a figuré un disque central — déchet de fabrication d'un anneau — trouvé à Sorbier par M. Clément et portant quatre signes de l'alphabet glozélien. M. Clément, directeur d'école à Chantelle, nous a montré dans sa collection et a bien voulu permettre de mouler deux autres de ces disques : l'un du gisement des Berthelots près les Mines de Bert — dit à tort gisement de Montcombroux — porte le V à branche droite rabattue en bas, caractéristique de l'alphabet de Glozel ; l'autre, de Blénieres, porte un décor en zig-zag glozélien avec lettres de Glozel sur le côté.

Enfin, preuve encore plus convaincante, on connaît depuis plus ou moins longtemps des rudiments ancestraux du même alphabet qui datent de l'époque magdalénienne et proviennent de différentes grottes : gravures pariétales à Montspan-Ganties (M. Cazedessus) et sur os, à Courdan (Haute-Garonne) ; sur os

ou bois de renne à la Madeleine (Dordogne), à Lacave (Lot), à Rochebertier (Charente).

La multiplicité des stations où l'écriture de Glozel est maintenant connue, rend impossible de penser que cette écriture ait été imaginée à Glozel pour les besoins de la cause.

2.º *Age du gisement.* — Il n'a pas été moins discuté que l'authenticité. On connaît l'opinion de l'éminent historien, M. Camille Jullian, qui lit sur les tablettes de Glozel, une écriture latine cursive, due à une sorcière gallo-romaine établie en ce point. Je me garderai d'aborder le terrain de l'épigraphie qui m'est totalement étranger. Je dois cependant rappeler que d'autres épigraphistes non moins éminents, MM. Audollent, Espérandieu, Loth, Salomon Reinach, etc., n'acceptent nullement l'interprétation de M. Jullian. Je ferai ressortir aussi la haute invraisemblance de l'hypothèse d'une sorcière romaine collectionnant un outillage néolithique très spécial, inconnu ailleurs dans la région et même en France — cela, sans laisser dans la station la moindre trace d'objets romains. A l'heure actuelle, M. Jullian est sans doute le seul historien qui reste attaché à cette hypothèse.

En 1926, un peu freiné par l'idée de trop vieillir l'usage de l'écriture, j'avais adopté pour Glozel un âge néolithique, mais plutôt de la fin de cette période. Les découvertes récentes m'amènent maintenant à reculer cet âge jusqu'au début du Néolithique, près du Paléolithique final. Les raisons sont surtout d'ordre paléontologique. L'an dernier, je n'avais déterminé, d'après les dents trouvées dans le terrain qu'une faune récente comprenant le Sanglier, le Cheval, le Bœuf, la Chèvre, le Daim, — ce dernier toutefois disparu de la contrée — et je me refusais à reconnaître le Renne dans un dessin sur gulet, animal dont le bois me paraît se rapprocher plutôt de celui d'un jeune Elan. Depuis, la présence de l'Elan a été confirmée par deux dessins de très jeunes sujets au muille très allongé et recourbé en bas. Mais un autre dessin sur plaque de grès schisteux, plus récemment trouvé, appartient sans conteste au Renne, avec son andouiller basilair déjeté en avant au-dessus du nez et terminé par une empaumure trifurquée. Or le Renne a disparu de nos contrées à la fin du Paléolithique, sauf dans quelques rares gisements aziliens, tels que la grotte de la Tourasse.

La présence indiscutable, quoique sans doute très rare, d'un Renne figuré à Glozel, s'ajoute à d'autres réminiscences magdaléniennes de l'outillage pour m'amener maintenant à admettre que le gisement de Glozel se rapproche du Paléolithique final avec lequel il s'apparente à la fois par la faune, par l'outillage et aussi, comme il a été dit plus haut, par l'écriture.

De son exposé, l'éminent académicien a dégagé les conclusions suivantes:

1.º Le gisement de Glozel est un cimetière datant de l'extrême début du Néolithique.

2.º Les Glozéliens pratiquaient le culte des morts en déposant dans leurs tombes (dont trois ont été découvertes jusqu'ici) de nombreux objets votifs: outils en pierre et en os, poteries, dessins d'animaux, plaquettes d'écriture. Ces objets abandonnés sur le sol de l'époque, et non pas enfouis comme on l'a dit, ont été recouverts ensuite au cours des siècles par le ruissellement continu d'argile kaolinique sur la pente.

3.º Parmi ces objets votifs, il faut mentionner spécialement les vases renflés à tête de mort, rappelant de loin ceux d'Hissarlik, vases que leur ouverture très étroite empêche d'avoir pu être utilisés pour un usage domestique quelconque. Ce sont, à mon avis, des urnes funéraires, où l'on a déposé des cendres que mon collègue de Lyon, M. le professeur Couturier, a bien voulu analyser et qu'il a reconnues nettement pour des cendres d'os. J'en conclus à l'usage de la crémation des cadavres — hypothèse qui justifie la grande rareté des ossements humains dans les tombes et, je crois aussi, la fosse ovale aux parois légèrement vitrifiées que l'on a prise à tort pour un four de verrier.

4.º Ainsi le gisement de Glozel se révèle comme une découverte de premier ordre, en raison surtout de l'existence insoupçonnée en Europe d'une écriture très complète à une époque fort antérieure à celle de toutes les écritures de l'Orient.

F. N. ».

O « *Mercur de France* » de 1 de Novembro, além de muitos outros documentos importantes, publicava uma « *Revue de la presse* », da autoria do dr. Van Gennep, que concluía pelos seguintes períodos:

« Dans le *Primeiro de Janeiro* des 5, 7, 9 et 11 octobre, le professeur Mendès-Corrêa décrit son séjour et ses fouilles à Glozel, puis les séances et l'attitude à l'égard de Glozel du Congrès d'Anthropologie d'Amsterdam. Il eut à lutter contre une véritable conspiration.

Un éminent préhistorien français, célèbre par ses études sur l'art préhistorique en Espagne et en France, me déclara — dit-il — d'une manière catégorique, incisive: c'est un bateau coulé.

Quel est ce préhistorien? La suite du compte rendu nous apprend qu'après avoir fait admettre l'authenticité des objets d'Alvão, M. Mendès-Corrêa se vit en butte, pour Glozel, aux objections de Bégouen, Capitan et Breuil, qui, ce jour-là, fit, paraît-il, complètement volte-face et nia l'authenticité de Glozel. Il ajoute que le trio ne lui en voulut pas de « la franchise avec laquelle il manifesta sa divergence de vue ». Parbleu; s'il avait été Français!

La série des 4 articles se termine ainsi:

Glozel triomphera. C'est toujours la vérité qui triomphe!

A. VAN GENNEP ».

No mesmo dia, 1 de Novembro, o « *Primeiro de Janeiro* » inseria este novo artigo, que « *A Voz* », de Lisboa, transcreveu em parte, como alguns dos anteriores, tendo também transcrito um do dr. Bayet num jornal de Bruxelas — artigo também favorável a Glozel — e uma entrevista, desfavorável a Glozel, do sr. conde Bégouen no « *Echo de Paris* »:

« Continua acesa — a maior parte das vezes em torno de episódios e factos sem importância efectiva — a controvérsia sobre a autenticidade dos achados de Glozel.

Muitos comprazem-se em desacreditar aquela estação prehistórica baseada no facto de não saberem explicar, em face dos conhecimentos anteriores, um conjunto tão singular e inesperado, e sem que apresentem quaisquer provas concretas de mistificação. Tantos investigadores experientes foram já a Glozel e nenhum viu os fantásticos « tuneis » para introdução dos objectos na camada arqueológica, tuneis que um prehistoriador-coleccionador, o sr. Vayson de Pradenne, afirma não terem escapado à sua vista apurada e sagaz. Nenhuma análise pericial veio ainda demonstrar a existência de falsificação.

Nós, os que, perante os factos, passamos a acreditar em Glozel, somos por eles considerados vítimas duma sugestão mística, pobres « sujeitos » da palavra mágica do « *Espirito de Glozel* » (sic), desse famoso e diabólico falsário que se

não contentaria em, com prodigiosa imaginação, alguma ciência e admirável técnica, fabricar objectos tão variados e inventar todo um alfabeto, mas levaria ainda as suas incomparáveis habilidades ao ponto de, subtilmente, sem deixar vestígios, por um artificio misterioso que a engenharia dificilmente concebe, «preparar» para as escavações algumas centenas de metros quadrados de terreno em que não vi sinais de remeximento e em que as peças arqueológicas estão isoladas da superfície por duas camadas dispostas uniforme e regularmente, uma das quais, a terra humosa, serve de inserção a uma vegetação densa e não recente...

Nós é que somos os místicos, os suggestionados, os cegos, os que perdemos as faculdades críticas no ambiente mágico de Glozel. Eles que não foram lá, que nada viram ou que imaginam vagos espíritos-falsários dotados do mais estranho conjunto de poderosas qualidades intelectuais e técnicas, são os que estão no terreno positivo, no domínio da realidade objectiva, na inteira posse do seu discernimento crítico.

Mas o futuro julgará uns e outros, e a sua sentença não oferece dúvidas a quem perante os factos não é facioso e obstinado. Lembremo-nos de que os objectos portugueses de Alvão foram considerados falsos durante trinta anos e, afinal, quando mostrei os seus moldes no Congresso de Amsterdam, já ninguém surgiu a contestar a sua autenticidade. O mesmo há-de suceder a Glozel — em mais curto prazo. O progresso científico opera-se frequentemente após resistências de muitos dos que tinham o mais imperioso dever de o facilitar. Custa-lhes a subir uns degraus... mas acabam por subí-los, com vontade ou sem ela. A arte prehistórica das cavernas franco-cantábricas encontrou o mesmo misonismo, mas de que valeu essa opposição perante a força esmagadora dos factos?

Eu confesso que, a princípio, lendo as notícias dos achados de Glozel, também duvidei. Duvidei até em Glozel, diante dalguns sílices não patinados, da conservação e nitidez extremas dalgumas inscrições de muitos objectos atípicos ou estranhos, da profusão extraordinária dos achados, da associação contraditória dalgumas peças em face do que se sabia até agora. Mas acabei por aceitar a evidência, e a minha convicção tornou-se definitiva quando na camada arqueológica, virgem de qualquer remeximento aparente, vi surgirem, sem prestidigitações nem ilusionismos possíveis, duas punções de osso, um idolo fático, duas pedras com os famosos sinais alfabetiformes, uma pedra com entalhes, um pedaço de ocre. Ainda que um mistificador tivesse a triste ideia de introduzir no «Museu de Glozel» meia dúzia de peças falsas, estas não aniquilariam a autenticidade das descobertas arqueológicas já ali feitas em condições de absoluta confiança, o valor do conjunto, o significado dos documentos novos, a conclusão rigorosamente científica de que existiu um alfabeto primitivo ocidental, associado a uma cultura prehistórica de feição muito arcaica.

Os inimigos de Glozel dizem-nos sob o poder de influências místicas. Mas, pelo contrário, são eles que se encontram influenciados por factores psicológicos que estão longe de ser convenientes para a pesquisa científica. A' força de se sentirem chocados pelo que há de inédito e estranho em Glozel, à força de ouvirem e emitirem dúvidas e reservas, julgarem-se no direito de — sem provas — passar das reservas às suspeitas e destas às mais graves acusações, à medida que a sua paixão sectária ia aumentando perante as vivas réplicas do dr. Morlet e dos defensores da estação francesa. Isso não é científico e lamento que tal espectáculo tenha como teatro o país duma tão bela tradição de claridade intelectual que é a França.

Mas o objectivo destas linhas não é responder aos detractores de Glozel. Apenas quero repelir a afirmação de que os cientistas que visitaram esta jazida e «viram» objectos indiscutivelmente «en place», são vítimas duma sugestão. Ninguém apontou até hoje «provas objectivas» da suposta fraude. Os adversários de Glozel, como o sr. Dussaud, limitaram-se a erigir a sua acusação sobre

o que havia de estranho nos objectos, e... sobre hipóteses ou simples ditos de tantos que parecem ter um mórbido prazer em anular uma das mais importantes descobertas da arqueologia francesa.

Quanto ao sr. Vayson de Pradenne, ninguém confirmou as suas «constatações», e o jóven Fradin acusa-o de lhe ter anunciado a sua atitude, logo que elle recusou vender-lhe a colecção por um preço ínfimo. Em «Le Journal», de 12 do corrente, o sr. de Pradenne vem declarar que efectivamente propôs a Fradin comprar-lhe a sua colecção... mas como uma colecção de objectos falsos! E' uma «confissão útil». Singular empenho num prehistoriador, coleccionador de objectos verdadeiros!...

A Sociedade Prehistórica de França não hesitou em reclamar que o dr. Morlet fôsse afastado das futuras escavações, afrontoso procedimento contrário aos mais respeitáveis direitos de prioridade científica e da propriedade intelectual e que denota a lamentável perturbação em que se encontra a colectividade que mais serena devia mostrar-se perante uma descoberta francesa de tão transcendente interesse científico.

A seu turno, «La Dépêche», de Vichy, alude, justamente inquieta, ao propósito que certas atitudes indicariam de se destruir ou saquear Glozel, com o objectivo de se fazerem desaparecer os documentos para um juízo sereno e exacto sobre a actual controvérsia. Recusamo-nos a crer que a tal se chegue! A luminosa terra da França não admitiria tão vergonhoso atentado ao património científico não só daquele país mas do mundo inteiro.

Dito o que um dever de consciência me impõe, registarei as palavras de agradável solidariedade com que o nosso eminente compatriota, dr. Leite de Vasconcelos, cuja autoridade no assunto é indiscutível, inicia uma carta que dele recebi, ontem mesmo, acêrca do relato da minha visita à discutida estação: «Eu nunca duvidei da autenticidade de Glozel!» E' que o sr. dr. Leite de Vasconcelos também lá esteve, também viu... e também foi, como eu, tocado pela varinha mágica do Espírito-falsário.

Só nos faltava esta: cairmos na triste condição de prosélitos ingenuos duma nova seita! Não verão os inimigos de Glozel que ninguém pode tomar a sério esta tentativa inverosímil de explicação «mística» duma atitude puramente científica que lhes devia merecer maior respeito? Esperemos que uma tal cegueira faciosa seja — para seu bem e geral satisfação — apenas transitória.

No dia 25 do corrente, o eminente geólogo M. Dépéret, decano da Faculdade de Ciências de Lyon, fez uma comunicação à Academia das Ciências de Paris, confirmando, após nova visita a Glozel, as suas conclusões anteriores sobre a perfeita autenticidade e a antiguidade prehistórica daquela estação. A verdade acabará por se impôr a todos, e, longe do que supõe o sr. conde Béngouen, a comissão internacional constituída depois do Congresso de Amsterdam, não poderá senão ratificar, pelas suas observações «in loco», as conclusões de tantos investigadores favoráveis à genuinidade dos achados feitos na margem da ribeira de Varenille.

O sr. C. Chassé publicou no «Figaro» um artigo em que alude às «razões» apresentadas pelos «anti-glozelistas», mas assevera que muitas delas não são formuladas em público pelos seus autores, pelo receio que estes temem de ser processados por difamação.

Que «verdade científica» é essa que não subsiste, ativa e indestrutível, perante o Código Penal? Porque tem ela tanto medo dos tribunais comuns?

MENDES CORRÊA.

A comissão internacional designada após o Congresso de Amsterdam pelo *bureau* do Instituto Internacional de Antropologia

ficou composta pelos srs. Forrer, Favret e Peyrony (França), Bosch Gimpera (Espanha), Pittard (Suíça), Absolon (Tcheco-Slováquia), Hamal-Nandrin (Bélgica) e miss Garrod (Inglaterra).

Essa comissão iniciou em 5 de Novembro as suas pesquisas em Glozel. Ao encerrarmos esta resenha, toda a imprensa parisiense anuncia que a comissão fez descobertas absolutamente demonstrativas da autenticidade de Glozel. Afinal o desenlace estava mais próximo do que se supunha.

Museu Antropológico do Pôrto

O Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto tem ultimamente recebido as seguintes ofertas:

Do sr. José S. M. Carvalho Guimarães, por intermédio do sr. Ruy de Serpa Pinto, uma *aulula* de S. Pedro Fins do Torno (Louzada).

Do Rev. Eugène Jalhay, oito instrumentos da estação paleolítica de Camposancos (Galiza).

Do Rev. José Brenha, em depósito, quinze moldes em gesso e vinte objectos de pedra de Carrazedo de Alvão e Capeludos (Vila Pouca de Aguiar).

Do Rev. J. Menendez, um *pic* asturiense, fragmentos de cerâmica, calhaus rolados e amostras de brecha conchífera da Cueva de Cordoveganes, Vidiago (Astúrias).

Do sr. J. Alves dos Reis Júnior, uma machadinha de Angola, jarras antigas, azulejos e uma fechadura antiga.

Do sr. José Domingues de Almeida, uma lucerna, vasos e pratos da necrópole luso-romana de incineração do Monte Sameiro (Valadares).

Do sr. dr. Simeão Pinto de Mesquita, fragmentos cerâmicos, dois pesos de barro e outro de pedra da Bouça da Seara, Vila Verde (Cahide).

Do sr. Prof. Mayet, molde dum calhau com inscrição, de Glozel (França), recolhido nas escavações realizadas por aquele professor e pelo Prof. Mendes Corrêa.

Do sr. Alberto da Costa Maia, machado polido de sílex agatôide do lugar das Bicas, V. N. da Telha (Maia).

Da sr.^a D. Ana da Silva Moreira, (tendo pertencido ao sr. Joaquim Domingues da Silva) por intermédio do sr. Alberto da Costa Maia, vasos, pratos e fragmentos cerâmicos da necrópole luso-romana de V. N. da Telha (Maia).

Do sr. Ruy de Serpa Pinto, fragmentos de cerâmica luso-romana da Retorta, Lavra, Guifões e Alvarelhos.

Do sr. tenente-coronel Gaspar C. Ribeiro Vilas, um fragmento de mandíbula humana e objectos prehistóricos das grutas de Cezareda.

Sociedade Portuguesa de Biologia

(Secção do Pôrto)

Instalou-se, tendo tido já duas reuniões científicas, a Secção do Pôrto da Sociedade Portuguesa de Biologia, filial da Société de Biologie de Paris.

A sua direcção é assim constituída:

Presidente — Prof. Alberto de Aguiar.

Secretário — Prof. J. A. Pires de Lima.

Tesoureiro — Prof. Hernâni Monteiro.

Secretário-adjunto — Dr. Elísio Milheiro.

Antropologia das partes moles das raças de côr

Por proposta do Prof. Loth, de Varsóvia, o Congresso mixto das Associações dos Anatômicos de França e de Inglaterra, o qual reuniu em Londres em Abril último, nomeou uma comissão encarregada de proceder a um inquérito a propósito da investigação sistemática da antropologia das partes moles nas raças cõradas.

Essa comissão ficou assim organizada:

Inglaterra — Keith, Elliot Smith, Bryce.

França — Anthony, Vallois.

Bélgica — Leboucq.

Itália — Livini.

Holanda — Van der Broek.

Portugal — J. A. Pires de Lima.

Polónia — Loth.

Estados Unidos — Todd, Bardeen, Hubert, Cowdry.

Japão — Adachi, Kudo.

China — Nakano, Davidson, Black, Shellshear, Kubo.

Colónias holandesas — Mysberg, Stovia

Novas revistas

O sábio prehistoriador e glaciologista Prof. Hugo Obermaier dirige uma nova revista mensal, de grande actualidade científica, *Investigación y Progreso*, que no ano corrente começou a publicar-se em Madrid (administração: Fortuny, 15—Madrid, 4). A assinatura para Espanha e Portugal custa 6 pesetas anuais.

O Museu Etnográfico Real de Ljubljana (Jugo-Slavia) iniciou a publicação duma revista, *Etnolog*, cuja direcção pertence ao dr. Niko Zupanic, ilustre etnógrafo jugo-slavo. O primeiro número contém artigos dos drs. K. Ostir, Nik Zega, Stanko Vurnik, Sima Trojanovic e Niko Zupanic e uma crónica e revista bibliográfica.

O Instituto Psiconeurológico Ukrâniano começou a publicar vários trabalhos sobre a Antropologia da Ucrânia, sob a direcção proficiente do dr. Léon Nicolæff. O vol. I, que saiu em 1926, refere-se às crianças em idade escolar e o vol. II, publicado no mesmo ano, trata das diferenças nacionais e sociais nos caracteres físicos da população da Ucrânia.

Já num fascículo anterior da nossa revista aludimos a um trabalho do Prof. Schlaginhauffen, publicado no boletim da nova Sociedade Suíça de Antropologia e Etnologia, que foi instalada em Zurich (Plattenstrasse 9, Zurich 7).

A esta jóven Sociedade congénere da nossa e às novas revistas antes mencionadas dirige a comissão de redacção destes «Trabalhos», a mais cordeal saudação de boas vindas, desejando-lhes longa vida e o melhor êxito.

Prof. Dubreuil-Chambardel

«Estou há alguns dias na aldeia, perto de Tours, onde gozo algum repouso» — dizia-me Dubreuil-Chambardel numa carta que me escreveu, a 31 de Julho passado.

«Vou dar o último retoque ao meu livro sobre as variações do rachis e os seus sintomas clínicos. E ao mesmo tempo completo o meu livro sobre a assistência aos doentes no século XI. Já vê que me não falta trabalho para as férias...» acrescentava o grande anatómico turonense.

Pouco tempo depois, uma infecção misteriosa vitimou-o em 48 horas, roubando-o à ciência e à afeição da sua família e dos seus amigos.

Não é possível, nestas curtas linhas, dar ideia da prodigiosa actividade de Dubreuil-Chambardel, que foi igualmente repartida pela anatomia, pela arqueologia, pela teratologia e pela história da medicina.

O meu pensamento é tristemente levado neste momento para o laboratório de anatomia da Escola de Medicina de Tours, onde aprendi o seu método de trabalho, e em cuja biblioteca vi, carinhosamente arquivados à parte, os trabalhos dos anatómicos e antropologistas portugueses, que êle tão bem conhecia e tanto estimava; penso com infinita saúde no acolhimento fraternal que êle me fez na sua linda casinha da rue Jeanne-d'Arc, onde tive nas mãos os seus manuscritos inéditos; lembro-me comovidamente da última vez que lhe apertei a mão, no mês de Abril passado, na estação de Austerlitz, da última vez que ouvi a sua palavra tão acolhedora.

Em plena actividade científica, com 48 anos de idade apenas, desapareceu um dos mais originaes e mais laboriosos anatómicos da actualidade.

Foi presidente da Société d'Anthropologie de Paris e professor de Anatomia da Escola de Medicina de Tours. Era sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia, onde fez uma conferência em 1924.

Perdeu a França um mestre brilhante e os morfologistas portugueses perderam um camarada que estava sempre pronto a divulgar no estrangeiro, com inteira lealdade e com amiga benevolência, o esforço científico que aqui se vai penosamente realizando.

Cheio de amargura, aqui deixo estas singelas frases em homenagem à memória de um dos cientistas mais bondosos, mais modestos e mais generosos que tenho conhecido.

P. L.

Coronel Alexandre José Sarsfield

Quem escreve estas linhas deve à memória do distinto amigo e consócio, que uma doença implacável roubou ao nosso convívio em 28 de Dezembro findo, sentidas palavras de homenagem e de saúde. Se a sua excelente amizade foi pródiga em gentilezas e

bondades comigo, não darei, porém, a essas palavras o significado dum testemunho de gratidão ou estima pessoal, porque a nossa convivência foi essencialmente motivada pelo comum interesse pelos trabalhos e pelo êxito da Sociedade de Antropologia, à qual o coronel Alexandre Sarsfield, como sócio, como colaborador científico e como tesoureiro, prestou os mais valiosos e dedicados serviços. Estas notas visam à tradução do sentimento de saudade, de reconhecimento e do apreço que todos nós, sócios desta colectividade científica, temos o dever de exprimir para com o amigo e cooperador devotado que desgraçadamente perdemos.

O coronel Sarsfield fôra dos primeiros a alistar-se entre os poucos que, nesta era de comodismo utilitário e de estonteamento colectivo, nos consagramos à propaganda e ao estudo duma sciência que mais do que nenhuma outra devia interessar a humanidade. Seguiu os trabalhos da Sociedade com verdadeiro entusiasmo, propunha novos sócios, cuidava, como tesoureiro modelar, da administração económica desta corporação. Algumas vezes, da sua bolsa particular acudiu magnânimamente à freqüente penúria do cofre social. Além disso, tomava parte importante nos trabalhos científicos, estando ainda na memória de todos nós a conferência que realizou há anos na Sociedade sobre o valor social dos negros africanos, ilustrada especialmente pelo seu conhecimento directo dos povos de Moçambique e a qual provocou uma interessantíssima discussão sobre variados pontos da maior actualidade, focados pelo ilustre conferente.

Eis algumas notas biográficas que coligimos sobre o nosso saúdoso amigo:

Nascido no Funchal a 17 de Setembro de 1856, assentou praça em 1874 em caçadores 5. Tendo-se oferecido para fazer parte da expedição a Moçambique em 1894, para combater os landins revoltados, foi-lhe entregue o comando da 4.ª companhia de caçadores 3. A revista «A Guerra», dos combatentes da grande guerra, relata no seu n.º 13, de Janeiro findo, o que foi a acção notável do ilustrado e bravo militar no desempenho dessas funções. A um tempo carinhoso e disciplinador para com os seus subordinados, vigilante e hábil na organização, valente e serêno perante o inimigo, êle bem mereceu a dedicação dos que combateram sob as suas ordens, e a gratidão da Pátria, que tão valorosamente serviu nos combates de Coolela e Manjacaze e que o recompensou com um honroso prémio, o colar da Ordem da Torre e Espada.

Não foi esta a única distinção que em sua vida recebeu o ilustre oficial. Muitas outras medalhas e condecorações foram no



Coronel Alexandre José Sarsfield

país conferidas com tóda a justiça a Sarsfield, quer pelos seus serviços militares e coloniais, quer pelo seu mérito científico (como o oficialato de S. Tiago). De fora de Portugal, recebera as comendas da Legião de Honra e do Mérito Militar de Espanha e a grã-cruz de Isabel a Católica.

Foi durante largos anos promotor nos Conselhos de guerra de Lisboa, em que revelara vastos conhecimentos de criminologia e direito. Exercen o cargo de chefe de gabinete do Ministro da Guerra conselheiro Pimentel Pinto e foi deputado em várias legislaturas, destacando-se pela interferência que teve no debate de assuntos militares. Foi ainda enviado extraordinário às grandes manobras do sul da França em 1903.

Fundou a «Revista de Infantaria», onde, como na «Revista Militar» mostrou em vários artigos a sua proficiência em questões militares. Colaborou também em vários jornais diários, especialmente na «Revolução de Setembro», «Diário de Lisboa» e «Diário da Madeira». Tendo sido um dos fundadores do Instituto Portuense de Estudos e Conferências, nêle realizou algumas conferências muito apreciadas sôbre assuntos coloniais. Deixou, entre outras publicações suas e numerosos artigos sôbre arte, música, antropologia, etc., um livro *Leitura para meus filhos* e outros livros educativos, em que se manifestava um temperamento de pedagogo e moralista, já evidenciado quando, exercendo funções de comando, procurava fazer dos seus soldados servidores prestantes e heróicos de Portugal.

As suas excelentes qualidades afirmavam-se ainda como exemplar chefe de família. O soldado, o cidadão, o educador, era, na intimidade sagrada do lar, a personificação das mais puras virtudes domésticas.

Juntando estas breves notas biográficas ao testemunho público da gratidão e do apreço da nossa Sociedade para com a sua memória, não damos seguramente uma ideia perfeita do alto valor moral e cívico do nosso querido consócio. Mas a sua figura heróica e bem portuguesa, que pertence a essa falange gloriosa de militares e de coloniais, de cujo número fizeram parte Galhardo, Eduardo Costa, Mousinho, Sousa Machado, Aires de Ornelas e outros, não precisa de novas consagrações.

Ainda neste momento estou evocando a sua entrada triunfal no Pôrto, no regresso das campanhas de África. Criança embora, fixei então na memória o retrato do bravo militar. E não senti surpresa quando, um quarto de século mais tarde, o vi entre os minguados combatentes desta cruzada da Sociedade de Antropologia. Os problemas nacionais, científicos e morais, por cuja solu-

ção a nossa Sociedade propugna, não podiam deixar de atrair quem ao serviço da Pátria e de ideais nobres se consagrara desde sempre. A sua adesão estava na lógica da sua vida exemplar; o seu entusiasmo, que nem à idade nem a doença lograram enfraquecer, durou até aos seus últimos dias.

Se nestas linhas não fica, pois, a consagração que merecia, elas exprimem, porém, enternecidamente, tóda a gratidão, tóda a estima e tóda a saúde que os seus consócios dedicam à sua memória de tão nobre relêvo.

M. C.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

EUGENIO RIGNANO — *Qu'est-ce que la vie? Nouveaux essais de synthèse biologique* — «Bibliothèque de Philosophie Contemporaine» — 1 vol. de 208 págs. — Alcan ed., Paris, 1926.

O ilustre director da revista «Scientia», com as suas poderosas faculdades simultaneamente de crítica e de síntese e com a sua grande erudição científica, expõe neste excelente volume a sua teoria energética e finalista de interpretação dos fenómenos biológicos.

Nos fenómenos fisiológicos mais elementares, na assimilação — que é uma escolha —, na auto-reconstrução espontânea da substância viva por meio dessa assimilação, no metabolismo que se apresenta como «um processo em estado de equilíbrio estacionário», no impulso dado pela própria desassimilação à assimilação subsequente, na tendência da substância viva à auto-conservação, o autor vê características exclusivas da vida, explicáveis por uma energia sintetisadora *sui-generis*, que êle identifica com a energia nervosa, atribuindo-a aos «nervions», análogos aos «electrons» da energia eléctrica, mas específicos.

Demonstra em seguida o finalismo dos fenómenos de geração e dos de regeneração. O desenvolvimento embriológico visa necessariamente um objectivo. Há uma espécie de «previsão» das necessidades futuras, pois não se compreende doutro modo o desenvolvimento de órgãos complicados que só «mais tarde» *servem para alguma coisa*. Os factos de regeneração também apresentam um finalismo, que se revela «na tendência do organismo a completar-se na sua forma normal». Em vez de recorrer a enteléquias, ou outras entidades metafísicas ou místicas, que significam, segundo o autor, a renúncia a qualquer explicação científica causal, o Prof. Rignano relembra a sua hipótese *centro-epigénica*, segundo a qual a acção morfogenética irradiaria, durante a ontogénese, duma zona central, constituída pela substância germinal e localizada sempre no mesmo ponto do organismo, na qual se acumulariam, durante a filogénese, os estímulos específicos da actividade biológica e seriam mesmo elaborados estímulos novos. Essas acumulações seriam, de acôrdo com o já acima exposto, de natureza nervosa. A energia nervosa, específica, é própria dos seres

vivos e está assim *na base da vida*. É para notar a analogia encontrada entre os fenómenos do desenvolvimento e os fenómenos mnemónicos propriamente ditos, analogia que o autor estudou noutros trabalhos seus.

Em sucessivos capítulos, o Prof. Rignano ocupa-se: do finalismo dos factos de adaptação pre-estabelecida; da necessidade de se admitir a hereditariedade dos caracteres adquiridos; do finalismo dos fenómenos de adaptação nova; da falta de sentido, no mundo inorgânico, de conceitos como o de «veneno» e de fenómenos como a doença e a febre; da *reação activa* dos organismos inferiores, pelas suas forças internas, às influências exteriores; do finalismo dos reflexos, dos instintos, das tendências afectivas, etc. A própria actividade mental e as actividades sociais aparecem ao autor como exprimindo um evidente finalismo, e ele aborda os problemas da justiça e da moral com esse critério, afirmando que à luta pela vida tende o homem a substituir a harmonia da vida, como o fim último e supremo da porção biológica, finalista, do Universo, separada do mundo inorgânico, não finalista, por um abismo.

O Prof. Rignano toma assim uma atitude intermédia entre o mecanicismo e o vitalismo animista, o primeiro dos quais exclui do campo de investigações os aspectos fundamentais da vida e o segundo renuncia de facto a toda e qualquer explicação. A sua explicação vitalístico-energética, pelo facto de ser finalista, não deixa de ser causal e determinista. A «marca psíquica» dos fenómenos vitais é, diz ele, uma marca mnemónica. A objecção de que ninguém viu a «energia nervosa» não vale nada: também ninguém viu o éter de Fresnel e, no entanto, ninguém pôde negar o seu valor para explicação da transmissão da luz.

Sem dúvida, a sugestiva teoria de Rignano não dá uma solução detalhada de todos os fenómenos da vida, mas sensatamente orienta no sentido de pesquisar o que nêles há de específico e finalista. Essa especificidade e esse finalismo são negados absurdamente pelos mecanicistas que afinal contestam a própria essência da vida. Pelo contrário, são considerados o único aspecto da vida ou integrados em concepções sem qualquer base objectiva, pelos vitalistas-animistas. Rignano inteligentemente se coloca numa atitude intermédia, e por mais que haja de recorrer por vezes a explicações verbais, as suas ideias e a sua linguagem teem um cunho essencialmente científico. As deduções morais e sociais do seu «idealismo positivo» (expressão sua) são as mais vagas e teóricas, mas nem por isso deixam de representar, como o resto do seu livro, um esforço original e lúcido do seu alto espírito de filósofo e de sábio.

MENDES CORRÊA.

G. SERGI—*I Mammiferi, Origine ed evoluzione, nuova interpretazione*—1 vol. de 360 págs., Torino, Fratelli Bocca editori, 1923.

A tese principal do eminente antropologista italiano resume-se nestas palavras: «Os Mamíferos de todas as famílias aparecem em diferentes períodos geológicos e bruscamente, sem precursores que anunciassem a sua origem; e o mesmo sucede com os Reptís, as Aves, os Anfíbios, os Peixes, entre os vertebrados, e com todos os invertebrados. O facto da aparição brusca dos Mamíferos tem muita semelhança com a aparição dos primeiros animais marinhos no câmbrico... Um ser vivo que tem caracteres definidos que constituem o seu tipo, não pode transformar-se noutro tipo diferente».

Começando pelo estudo dos *Eotérios*, isto é, dos Mamíferos mais arcaicos, que apareceram no triádico, viveram no juráico e se extinguiram, *sem sucessores*, no cretácico ou no paleoceno, combate a teoria da sua origem reptiliana, particularmente a sua derivação dos Cinodontes. Entende, por exemplo, que, para admitir, como Osborn e Gregory, a filiação dos trituberculados nos triconodontes, seria necessário que os primeiros se encontrassem num período posterior aos segundos. Ora, nem sempre é assim. O *Amphiterium* é contemporâneo dos triconodontes e oferece em relação a estes muitas diferenças. Mas, a nosso ver, se este último facto permite crer na sua derivação dum teriomorfo diverso, a contemporaneidade geológica não implica necessariamente impossibilidade de relações filéticas directas. A verdade é que o autor reconhece a escassez de formas e de documentos paleontológicos de Mamíferos no triádico superior. Mas a falta de intermediários não será mais aparente do que real? Por outro lado, ele aponta nos Cinodontes numerosos caracteres citados por Gregory, que aproximam aqueles dos Mamíferos e, não obstante, insiste em que se trata de estruturas *absolutamente* diferentes. E, depois de equiparar a *senilidade* de espécies à de indivíduos, o autor afirma que os Mamíferos mesozóicos, os *Eotérios*, desapareceram, como muitos outros grupos animais, sem descendência, por esgotamento senil.

O estudo dos Mamíferos que chama *Archeotheria* (que começaram a aparecer no paleoceno e se extinguiram no oligoceno) é feito em seguida, com exclusão dos da América do Sul, cujas relações com os tipos norte-americanos e europeus são ainda problemáticas. Passa o autor em revista os Proboscídeos primitivos e os *Hyracoidea* de Faium, os *Paleoipiddi*, *Suidi* eocénicos, *Anthracotheriidae*, vários Artiodáctilos, etc., da Europa, *Anaptomorphidae* e muitos outros grupos da América do Norte, e afirma

que todos êsses tipos desapareceram sem descendência, afirmação cujo carácter demasiado absoluto, em face da escassez de documentos, não é necessário acentuar.

Um capítulo interessante é aquele em que o autor trata de demonstrar a impossibilidade de ser a Ásia a pátria dos Mamíferos arqueotéricos e neotéricos, em vista das suas condições fisiográficas e geológicas. A fauna mamológica arqueotérica teria, na sua opinião, origem num centro de produção *européu* e a mio-pliocénica ou neotérica num centro *mediterrâneo*. Cada tipo teria uma origem directa, separada. O homem teria tido possivelmente origem na fauna europeia-mediterrânea, o que está de acôrdo com o parecer de Hrdlicka e difere das anteriores concepções do próprio autor sôbre o assunto.

A despeito das nossas divergências de pontos de vista, temos vivo prazer em verificar mais uma vez, através dêste trabalho tão erudito e actual, a frescura de espírito e a energia sempre moça do venerando e eminente professor.

M. C.

MENDES CORRÊA — *Homo* (Os modernos estudos sôbre a origem do homem) — 2.^a ed., vol. de 160×240 mm., 302 págs. e 52 figs. «Atlantida», Livraria Editora, Coimbra, 1926.

Publicada a primeira edição desta obra em 1921, saíu a lume a segunda em 1926, inteiramente refundida. Tal facto, se é prova do interesse que em Portugal vão tendo os estudos antropológicos e prehistóricos, não o é menos da competência com que os trata o distinto Director do Instituto de Antropologia do Pôrto, já bem conhecido entre nós e fora do país, pelos seus notáveis trabalhos sôbre êste ramo da sciência. Nos estreitos limites duma nota bibliográfica apenas me fica espaço para uma referência muito sintética desta obra que tanto vem honrar a sciência portuguesa. Que me releve o erudito Professor!

Analiza o A. no capítulo I as diferentes opiniões emitidas até hoje acêrca da origem animal do Homem, e é notável o conhecimento que revela da bibliografia publicada sôbre tal assunto. Estuda nêle minuciosamente as semelhanças e as diferenças que o Homem apresenta com o Símio, chegando à conclusão de que «não sendo mais do que um Primata mais ou menos especializado, o Homem tem como os Símios superiores um parentesco evidenciado por dados numerosos, extraídos da anatomia comparada, da embriologia, da teratologia, da paleontologia, das próprias fisiologia, patologia e psicologia comparadas, etc. Mas, se

estes dados permitem crer nesse parentesco, afirma-se que nenhum dos macacos actuais se pode considerar o antepassado humano» (págs. 13-14). ¿Qual será pois o precursor do Homem? «Se a simples análise da morfologia dos Primatas superiores e as razões sumariamente expostas bastam para arredar a doutrina poligenista do campo das hipóteses aceitáveis, o problema da origem humana não pode resolver-se pelo simples estudo da caracterização das formas actuais dos Primatas. Requer-se, como o entendem todos os antropólogos, o concurso indispensável da paleontologia» (páginas 33-34). Ora, «tantos anos mais tarde, não sabemos ainda ao certo quem foi êsse precursor. E, no entanto, o pecúlio de aquisições paleontológicas aumentou sensivelmente até hoje» (pág. 34).

Depois duma breve exposição das diferentes hipóteses cosmogónicas, dá o A. no segundo capítulo um resumo da cronologia prehistórica, apresentando no fim alguns quadros esquemáticos. No da era quaternária segue o A. aproximadamente e opinião tão brilhantemente defendida pelo meu mestre e amigo Professor Obermaier, da Universidade de Madrid, introduzindo nessa era os quatro grandes períodos glaciários, contra o parecer de Boule, Schlosser e Soergel; não vejo contudo razão para fazer corresponder o prechelense (fauna cálida) ao terceiro período glaciário (Rissense). Bem diz o A. que neste ponto se devem tomar ainda com certa reserva essas correspondências.

Ao passar em revista as modernas «Doutrinas da evolução» (cap. III), não se desdenha o A. de afirmar que, ao perfilhá-las, «fica ainda aos ortodoxos em matéria religiosa vasto terreno para afirmação de pontos de vista criacionistas. O transformismo não desvenda os mistérios da aparição da vida, da própria essência da vida, e misterioso permanece até o mecanismo íntimo das variações» (pág. 61).

E' realmente digno de nota o estudo crítico que faz das diferentes causas de evolução propostas por Darwin, Lamarck, Sergi, Rosa, Weissmann, De Vries, Cope, etc. Detém-se mais demoradamente na descrição dos Símios fósseis e na do tão falado *Pithecanthropus erectus*. Com respeito aos restos atribuídos a êste último, emquanto Dubois tem para si que «o crânio requiere exactamente tal fémur e não outro», o A. afirma sem rodeios e com razão que se «a calote é nitidamente mais simiana do que humana, diferindo apenas das dos Símios na capacidade, o fémur é atribuível sem hesitações a um indivíduo do género *Homo*» (pág. 124). «O *Pithecanthropus erectus* não pode considerar-se estabelecido, sob os pontos de vista da morfologia e da paleontologia, sôbre a calote, os molares e o fémur associados» (pág. 127).

A resenha dos esqueletos ou restos humanos fósseis é feita

com esmêro e exactidão, e nela são já mencionados os principais descobrimentos realizados recentemente (Tabgha, Broken-Hill, Wadjak, etc.). O tipo do nosso dolicocefalo tardenoisense de Mugem (*Homo afer taganus*) pode ser incluído com o protoetiópico aurinhacense de Combe-Capelle e o adolescente negróide de Grimaldi no grupo das raças equatoriais: não é lícito introduzir estes dois últimos no tipo de Cro-Magnon, «do qual diferem por caracteres antropológicos importantes, como o índice nasal, a altura do crânio, o próprio índice cefálico, etc.» (pág. 144).

Ao discutir no capítulo VII e seguintes as diferentes árvores genealógicas da Humanidade, propostas por Dubois, Pilgrim, Keith, etc., o A. mostra-se francamente monogenista. «A hipótese poligenista, em vez de partir do homogêneo para o heterogêneo, pretende antes peregrinamente explicar o mais simples pelo mais complexo» (pág. 191). E mais adiante afirma que as passagens da sua obra «referentes aos Antropóides e Hominídeos fósseis mostram bem quanto o poligenismo é audacioso em traçar numerosas linhas genealógicas pre-humanas, quando ainda nem sequer para o filum primordial único que os monogenistas admitem, foi já descoberto o Pro-hominídeo, o antepassado de que o *H. sapiens* provém» (pág. 218).

Quando trata das primeiras migrações humanas (cap. IX), devemos salientar a opinião pessoal do A. sobre o povoamento primitivo da América pela via Austrália-Tasmânia-Antártida-América do Sul, hipótese que tem encontrado adesões tão importantes como a de Rivet, e que o A. desenvolveu mais demoradamente numa tese apresentada ao último Congresso dos Americanistas em Roma (1926).

«Homo» é indiscutivelmente uma obra de valor que pode colocar-se a par das estrangeiras de Obermaier, Boule, Osborn, Mac-Curdy e Giuffrida-Ruggeri.

Para um católico, poderão talvez ser tidas como menos exactas certas expressões do A.; mas a elas não terei dúvida de aplicar, fazendo-as minhas, as palavras de P. Teilhard de Chardin, ao analisar na revista «Études» (Março de 1921) a obra clássica de M. Boule: «*Veillent les philosophes et les théologiens qui rencontreront ces phrases contestables ne pas se laisser impressionner par les mots, mais chercher à transposer dans un langage orthodoxe un enseignement dont les grandes lignes, sous un voile encore épais de conjectures et d'hypothèses, paraissent conformes à la réalité*».

E. J. (1)

(1) Rev. Eugène Jalhay («Brotéria», fasc. IV, vol. V, Caminha, 1927, pág. 242).

PROF. DR. EUGEN FISCHER — *Die Anfänge der Anthropologie an der Universität Freiburg* — Extr. de «*Anthropologischer Anzeiger*», Jahrg. III, Heft 2., Stuttgart, 1926.

Nesta conferência feita na «*Gesellschaft für Physische Anthropologie*» a quando da sua primeira reunião em Freiburg, narra o ilustre antropólogo, o comêço e o desenvolvimento dos estudos antropológicos na Universidade de Freiburg. Foi seu iniciador o professor de anatomia Alexander Ecker, que começou a organizar a colecção antropológica, logo que tomou conta da cadeira em 1857, sendo assim essa uma das primeiras colecções que apareceram.

Descreve-nos o autor a actividade prodigiosa do Prof. Ecker neste ramo da ciência; êle fez intensivas excavações em sepulturas franco-alemãs e foi por sua iniciativa que se realizou a reunião de Francfort, em que se criou o plano de orientação *orbito-auricular*, mais conhecido por «plano de Francfort». Na primeira reunião da «*Deutschen Anthropologischen Gesellschaft*», representou o Prof. Ecker a «*Freiburger Anthropologischen Gesellschaft*», fundada por sua iniciativa, e que nessa data contava 80 membros. Estabeleceu também o tipo do *Reihengraber* que, como diz o Prof. Fischer, é o primeiro passo para a definição da raça nórdica. Até 1881 êle fez de Freiburg o primeiro centro antropológico na Alemanha e, se até à sua morte em 1887 a sua actividade diminuiu, foi isso devido ao seu precário estado de saúde.

Com alguns dos seus sucessores, como Widersheim, continuou o Instituto da Universidade de Freiburg o seu desenvolvimento até ao ano de 1917, em que possuía ainda uma instalação modelar. Nesse ano uma bomba lançada dum aeroplano provocou um incêndio que tudo destruiu.

Na reconstrução do edificio, o Prof. Fischer incluiu uma secção de Antropologia, instalada segundo as exigências modernas da técnica desta ciência.

A. ATAIDE.

GEORGES HERVÉ & L. DE QUATREFAGES — *Armand de Quatrefages de Bréau, médecin, zoologiste, anthropologue (1810-1892)* — Extr. do «*Bulletin de la Soc. Franç. d'Hist. de la Médecine*», tt. XX e XXI, Paris, 1926 e 1927.

Bela e pormenorizada biografia em que se evocam a admirável personalidade do grande naturalista francês, campeão do monogenismo, as suas ideias, os seus nobres sentimentos, as suas via-

gens, a sua vida de família, de médico e de professor, as suas virtudes cívicas, a sua actividade magnífica no domínio da zoologia dos animais marinhos inferiores, da antropologia e da prehistória. Não faltam a este trabalho, que não é de modo algum uma ligeira notícia — conta nada menos de 71 páginas — notas enternecedoras e passagens eloquentes, que não excluem a justiça, antes a representam, para com tão gloriosa individualidade da ciência francesa. Particularmente interessantes a exposição das suas relações com Darwin, a sua atitude durante o cerco de Paris e durante a Comuna, defendendo as colecções do Museu de História Natural, a sua defesa da obra de Boucher de Perthes contra o misoneísmo oficial, etc.

M. C.

OTTO AICHEL — *Diskussionsbemerkung zu dem Vortrage des Herrn Prof. Dr. Westenhöfer über «Der Mensch», das älteste Säugetier* — Extr. «Sitzungsberichte der Anthropologischen Gesellschaft in Wien». Jahrg. 1926-1927.

O ilustre professor da Universidade de Kiel apresenta algumas objecções às afirmações feitas pelo Prof. Westenhöfer, muito principalmente à de que o homem é o mamífero mais antigo, o que ele rebate com sérios argumentos.

Mostra o autor a falta de base de tão estranha tese, que o Prof. Westenhöfer construiu não sobre dados novos, mas sobre factos já há muito conhecidos, provando-se pois que a não ser a referida afirmação, que carece de fundamento, nada de novo nos apresentou aquele Professor.

A. A.

LUCIEN MAYET ET HENRI CHOSSEGROS — *Les hommes fossiles de La Denise* — Extr. do «Boletim da Sociedade Académica do Puy e do Alto-Loire», t. XI, 1926.

Em 1844 foram descobertos, isolados ou incluídos na rocha argilo-gresosa da vertente sud-occidental do vulcão de Denise, perto do Puy (Alto-Loire), alguns ossos humanos fossilizados que se encontram hoje no Museu Crozatier, do Puy. Estes ossos foram objecto de estudos vários, sendo quasi unânime a sua atribuição a uma fase remota do quaternário, mas não se tendo podido, por falta de elementos de referência, precisar a sua data com o desejado rigor.

Recentemente, o eminente geólogo de Lyon, o Prof. Depéret, empreendeu novas pesquisas no terreno e, comparando as camadas encontradas com os materiais litológicos que acompanham os ossos conservados no Museu do Puy, verificou que «as camadas quaternárias que forneceram aqueles fósseis, estão assentes sobre brechas basálticas alteradas, de idade pliocena, e consistem em camadas finamente estratificadas de psamites siliciosas e micáceas, que alternam com camadas de argilas duras, brancas ou amarelas, com elementos cineríticos. Na base e no alto da formação, observam-se camadas mais compactas de grés siliciosos com numerosos fragmentos de escórias basálticas remexidas». Essas camadas quaternárias correspondem a um período calmo de sedimentação aquosa, intercalado entre duas fases de actividade vulcânica. As camadas greso-argilosas foram por Depéret reconhecidas nos blocos que contem os fósseis e se encontram no Museu. Estes restos humanos não teriam pertencido a victimas de explosões vulcânicas mas a indivíduos transportados pela água dum ribeira que iria desaguar num antigo lago-cratera, no fundo do qual se teriam depositado sedimentos «provenientes das brechas vulcânicas ou das areias com Mastodontes pliocenos, que afloram na visinhança». A idade geológica dos ossos fósseis corresponde ao momento de depósito dos sedimentos, muito provavelmente ao termo do depósito que começou com a fase de actividade vulcânica do plioceno e terminou com a destruição dum grande parte do fundo do lago pela renovação das erupções no quaternário. Ora a última fase activa do vulcão é monastirense ou pre-monastirense, pois no sopé da lava basáltica correspondente existe um terraço aluvial que contém uma abundante fauna de tipo aurignacense, muitos cavalos, bisonte ou boi, rinoceronte lanudo, mamute, camurça, hiena, urso das cavernas, etc. Assim, os homens fósseis de La Denise são provavelmente mais antigos do que os Mustierenses do tipo de Neanderthal. Mayet intercála-os com verosimilhança entre o *Euanthropus Dawsoni*, tirreniense, e o *Homo neanderthalensis*, monastirense.

Os seus ossos, estudados por Mayet no Museu Crozatier, constituem dois lotes, um adquirido por Aymard, outro por Pichot-Dumazel, os quais deram sucessivamente entrada no Museu. Serão de três indivíduos diferentes, dois homens, um dos quais relativamente novo e outro no limiar da velhice, e uma jóven mulher. São indivíduos de baixa estatura (1^m,56 a 1^m,60), dolicocefalos, do ramo filético do *Homo sapiens*, talvez uma sua mutação ou *étape*. Um frontal do bloco Aymard foi indevidamente atribuído outrora ao *Homo neanderthalensis*, atribuição que Mayet contestou fundadamente numa comunicação à Academia das Ciências de

Paris em sessão de 12 de Julho de 1926. Mas, pelo seu desenvolvimento da glabella e dos arcos supraciliares, aproxima-se do tipo actual dos Australianos.

O «frontal Pichot», que contém na sua concavidade um depósito de limonite, pelo que foi chamado *frontal-limonite*, é duma mulher jóven, com glabella apenas indicada, sem proeminência supraorbitária, com bossas frontais nítidas, bela curva ascendente, etc. É bem do *H. sapiens*.

O interesse páleo-antropológico destas investigações sobre os restos de La Denise é enorme. Mais uma vez se verifica a remota antiguidade do *H. sapiens*, que de modo algum aparece, ao contrário do que vários antropólogos supuzeram, como um sucessor do tipo neandertalense.

Citando êstes valiosos estudos do dr. Mayet, cabe recordar os seus importantes trabalhos sobre os restos humanos fósseis de Solutré, as notáveis escavações do abrigo prehistórico de La Colombière, perto de Poncein (Ain), o estudo sobre os achados da gruta de Four-de-la-Baume (Brancion, Saona e Loire), o minucioso trabalho sobre o ossuário neolítico de Montouliers, etc.

M. C.

EGON VON EICKSTEDT — *Eine Ergänzung der Weichteile auf Schädel und Oberkörperskelett eines Neanderthalers* — Extr. «Zeitschrift für Anatomie und Entwicklungsgeschichte». 77 Band, Heft 3/4. Berlim, 1925.

Descreve-nos o autor com tóda a minúcia, o modo como realizou a reconstituição do busto do homem de Neanderthal, servindo-se dos estudos feitos sobre os restos desta raça paleolítica e de trabalhos de anatomia comparada, realizados no homem e nos antropoides.

Fornece-nos gravuras com algumas fases do trabalho de reconstituição e acaba por nos apresentar os dois projectos executados. O primeiro foi abandonado, conservando-se o segundo, que nos dá a ideia do aspecto que devia ter o homem mustierense.

O trabalho de E. Eickstedt é meticuloso e fundado num sério estudo do assunto.

A. A.

K. SALLER — *Die Rassen der jüngeren Steinezeit in den Mittelmeerländern* — Extr. «Butlletí de la Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistoria». Barcelona, 1926.

É um estudo comparado, muito minucioso, das raças prehistóricas da Península Ibérica. O autor analisa os diferentes caracteres dos crânios achados nesta parte ocidental da Europa e compara-os entre si. Encontra algumas semelhanças com a raça de Cromagnon, mas não tão grandes que se não possam distinguir nitidamente as duas raças. E descreve do seguinte modo o tipo fundamental dos povos neolíticos da Península: dolico-mesocrânio, tapeino-metricrânio, metriometópico até eurimetópico, de occipital de largura média, face variando de baixa até alta e estreita, órbitas baixas ou médias, e nariz que vai desde o médio ao platirínio; por fim estatura mediana. Considera o tipo de Mugem, o *Homo afer taganus* de Mendes Corrêa, como uma variedade da forma anterior da qual declara ser impossível separá-la.

É um trabalho muito interessante, cujas conclusões seriam inteiramente aceitáveis se o autor não fivesse utilizado o método de Czekanowski, que, como mostrou Stolywo, não é de modo algum aceitável, visto implicar a determinação de *médias* de grandes heterogéneas. Além disso, os espécimes dos *hökhemmöddings* portugueses, do neolítico, de Almeria, etc., são englobados naquele estudo como se pertencessem a uma mesma fase prehistórica, o que se não dá.

No entanto, o autor conseguiu reunir elementos úteis para uma sistematização do assunto.

A. A.

MORITZ HOERNES — *Prehistoria. III — La edad del hierro* — Biblioteca de Iniciación Cultural, colección Labor — Barcelona, 1927.

Traduzido em castelhano pelo sr. Alberto del Castillo, aparece agora na excelente coleção Labor, de Barcelona, o terceiro volume da *Prehistória*, de Hoernes. Refere-se êste volume à idade do ferro, sendo nêle dado um especial desenvolvimento ao problema da introdução do uso do ferro no Oriente, na Europa e nas outras partes do mundo, e bem assim às questões relativas à idade do ferro e às colonizações prehistóricas na Península Ibérica. No estudo da idade do ferro na Península são mencionados os resultados importantes das investigações de Bosch Gimpera.

A exposição é clara, minuciosa e bem sistematizada. A docu-

mentação é abundante. Ilustram o texto 62 figuras e no final publicam-se 16 belas estampas exclusivamente referentes a achados peninsulares. Uma boa bibliografia e um útil índice alfabético completam este livro.

M. C.

NEIL M. JUDD — *Archeological observations north of the Rio Colorado* — «Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology», bull, 62, 1 vol. de 171 págs., 61 ests. e 46 figs. Washington, 1926.

É a exposição dos resultados de diversas explorações arqueológicas realizadas pelo autor em numerosos *mounds* e outras ruínas e jazidas pré-históricas do Utah ocidental e do NO. de Arizona nos anos de 1915 a 1920 inclusivè. Foram estudadas as habitações e o mobiliário de antigas populações, que se verificou serem sedentárias, agrícolas e pacíficas e apresentarem diversidades locais na cerâmica e noutras manifestações de cultura. As ruínas junto do Rio Colorado e a leste do *canhão* Kanab indicam um grau de cultura relativamente mais elevado do que as dos vales Beaver e Parowan.

Estas investigações arqueológicas ao norte do Rio Colorado revelam uma extensão para norte e oeste da área conhecida como tendo sido habitada pelos antigos povos Pueblos, cujas culturas estavam já representadas por outras ruínas pré-históricas do norte de Arizona, do Novo México e do Colorado.

São interessantes e variadas as pictografias rupestres do *canhão* do Hieroglifo ou «The Gap» sito entre o pequeno lago Salgado e o vale Parowan. Algumas dessas pictografias são muito antigas, outras porém são de origem shoshoneana. É curioso que algumas teem afinidades com as nossas pinturas rupestres peninsulares, mas trata-se sem dúvida de convergência acidental, dada a simplicidade dos desenhos. Pictografias análogas foram registadas no *canhão* Cottonwood, predominando aí, porém, a figura humana.

A excelente factura material dêste trabalho documentado e consciencioso não faz excepção às normas das belas publicações do Instituto Smithsonian.

M. C.

E. ROQUETTE PINTO — *Seixos rolados (Estudos brasileiros)* — 1 vol. de 336 págs. — Rio de Janeiro, 1927.

O ilustre director do Museu Nacional do Rio de Janeiro, sr. Prof. Roquette Pinto, publicou em volume vários artigos e estudos, que são mais um testemunho dos seus altos méritos de escritor e de naturalista.

Alguns dos capítulos do seu livro teem um carácter de vulgarização e propaganda científica, como, por exemplo, a bela exposição das leis de Eugenia e o sugestivo artigo sobre o ensino da História Natural às crianças. Outros são notícias de documentos, como a mesa com o curioso mapa sinótico de Boulanger, obra prima de micro-caligrafia, ou o manto do rei Rio-Rio, ou Tamehameha II, do Havai. Outros ainda são de índole biográfica, como os estudos primorosos sobre Martius, Euclides da Cunha naturalista e o poeta Vicente de Carvalho.

Mas, nalguns desses capítulos e mais nitidamente noutros — como o «Segrêdo das Uiáras» discurso de recepção no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, «O Brasil e a Antropogeografia» e as suas conferências de 1913 sobre «Aborígenes e etnógrafos» — êle trata magistralmente de questões de antropologia e etnografia brasileiras, com larga copia de informações pessoais e grande originalidade de pontos de vista. Os *sambaquis* pré-históricos, as viagens de Alexandre Rodrigues Ferreira e Martius, os tipos antropológicos aborígenes, a organização da família tupi, a religião e a arte dos Índios, são, entre outros, os temas admiravelmente focados pelo sábio naturalista brasileiro.

O depoimento do Prof. Roquette Pinto sobre estes variados assuntos de etnologia brasileira tem, além de tudo o mais, o valor da reconhecida competência especial do autor, uma das figuras mais proeminentes da ciência do seu país. E não faltam à sua exposição a fluência sugestiva e o relêvo literário dum escritor brilhante.

M. C.

K. SALLER — *Die Entstehung der «Nordischen Rasse»* — J. F. Bergmann, Munich, e Julius Springer, Berlim, 1927.

O autor pretende investigar as origens da raça nórdica, estudando os caracteres de algumas raças pré-históricas, muito principalmente daquelas que habitaram as regiões onde hoje vivem os povos considerados dessa raça, e inicia o seu estudo pelas seguintes palavras: «A existência duma raça nórdica está hoje muito

divulgada em publicações populares. Infelizmente o problema, como sucede em tôdas as questões científicas logo que se tornam populares, foi trazido para um nível inferior e é objecto das mais estranhas especulações, não só no domínio psicológico, como também no político».

No momento em que vemos aparecerem na América do Norte e na Alemanha livros — alguns dos quais firmados por cientistas de indiscutível mérito — em que se exaltam as qualidades da raça nórdica de modo tal, que os seus representantes nos aparecem quasi como sôbre-humanos, é-nos grato verificar que dêsses mesmos lados ainda surge alguém que pretende subtrair-se à sugestão geral e examinar os factos com tôda a imparcialidade.

O autor serve-se do método de Czëkanowski, tentando corrigir-lhe os defeitos que tem sido apontados por vários investigadores, e que tem impedido uma sua mais larga aplicação.

Conclue por afirmar que a raça nórdica não deriva directamente de nenhuma das raças prehistóricas conhecidas, e que só existe pela combinação feita com caracteres extremos, e portanto de fácil observação, mas que de facto carece de base, por se desprezarem os tipos médios ao arranjar-se semelhantes agrupamentos. Diz ser justamente no tipo médio das raças prehistóricas que nós devemos procurar as origens não só dos dolicocefalos como dos braquicefalos. Em todo o caso acentua que com o material prehistórico de que dispomos actualmente, não podemos ainda sair do domínio das hipóteses.

A. A.

A. A. MENDES CORRÊA — *Sur les prétendues races sérologiques* — Extr. de «L'Anthropologie», t. XXXVI. Paris, 1926.

Trata-se dum estudo crítico da pretensa caracterização das raças pelo exame sorológico, isto é, por intervenção da análise química, para a diferenciação das raças, em vez do critério morfológico, cuja aplicação torna difícil a definição delas. Trabalho de penetrante análise e profundo estudo, êste estudo conduz-nos a uma concepção racial muito diversa da que classicamente se impõe. Reconhece o autor as dificuldades e o atraso da ciência na aplicação de semelhante método.

A distinção *bio-química* das raças é ainda um assunto a estudar. É certo porém que o sangue apresenta nas diferentes raças qualidades diferentes, por exemplo, a capacidade aglutinadora do sôro e dos glóbulos vermelhos. Seria ir longe seguir o autor em tôdas as considerações a respeito dêste novo critério sorológico.

As de ordem estatística são, porém, muito para ter em vista e constitui a excelência do presente trabalho do sr. Prof. Mendes Corrêa. A documentação bibliográfica é também instrutiva e rica a êste respeito e prova a muita erudição e competência do autor. Êste refere-se particularmente ao estudo feito por L. Snyder sôbre a mesma via hematológica. É aqui que a aplicação do método estatístico feita pelo autor é mais original e interessante. As suas conclusões contrariam o estabelecimento da dicotomia de Hirschfeld — aglutinação ou não-aglutinação. Os métodos sorológicos para a classificação das raças carecem ainda dum aperfeiçoamento que lhes permita substituir ou auxiliar eficazmente a taxonomia baseada na caracterização morfológica.

BETENCOURT FERREIRA.

The racial characters of the Swedish Nation: Anthropologia suecica MCMXXVI — Publicação do Instituto Nacional Sueco de Biologia da Raça, com a colaboração de vários cientistas e editada pelo Prof. H. Lundborg e dr. F. J. Linders, director e sub-director do Instituto — 1 grande vol. de 182 + 108 págs., 44 est. e numerosas figuras, mapas e gráficos — Upsal, 1926.

Encontramo-nos em presença dum trabalho científico que não honra apenas o Instituto que o organizou, e os investigadores que o elaboraram, mas o país ilustre em que é possível levar a efeito uma tal iniciativa que não é exagêro classificar de monumental.

Trata-se essencialmente da exposição dos resultados valiosos dos estudos antropológicos realizados em 47.387 recrutas e soldados suecos, de idades compreendidas entre 20 e 22 anos e de diferentes proveniências geográficas e sociais. Foram, em todos, observados numerosos caracteres descritivos e métricos, aplicando-se em seguida a todos êsses caracteres os métodos estatísticos adequados para a destrição dos tipos antropológicos e estudo das variações. As conclusões apresentam dêsse modo o mais alto valor científico.

A raça *nórdica* é claramente predominante, podendo dizer-se que na Suécia, ou mais especialmente, segundo De Geer, na parte central e mais larga da Península Escandinava (*The Kernel area of the nordic race*) é onde ela se encontra mais pura, relativamente aos países da Europa septentrional. Em proporção mais reduzida aparece a raça braquicefala chamada *báltica oriental*, que, segundo Nordenstreng, não é, como alguns supuzeram, o resultado do

cruzamento dos dolicocefalos nórdicos com os braquicefalos alpinos, mas uma raça bem individualizada. No norte da Suécia des-cortinam-se influência de elementos morenos (Lapões).

São interessantes algumas correlações de caracteres e as diferenças morfológicas constatadas nalgumas classes e profissões. Capítulos especiais são consagrados à origem dos Indo-europeus (por Gunnar Ekholm), aos primeiros habitantes da Suécia (por Folke Hansen), à geografia daquele país (por Sten de Geer), à sua demografia, à população de Stockolmo, à raça de Cro-Magnon da qual se pretendeu derivar a raça nórdica, e a muitos outros assuntos, cuja simples menção nos levaria longe.

Sob o ponto de vista material, êste magnífico volume apresenta-se com um brilho digno do seu grande valor documental e científico. A Pátria de Retzius pode orgulhar-se do esforço admirável, realizado pelos seus antropologistas, com tenacidade, ciência, minúcia e ponderação, dignas do mais rasgado elogio.

Quanto seria para desejar que tal exemplo fôsse seguido por outras nações!

M. C.

ANTONIO JOÃO DA CUNHA — *Notas de camptometria nos crânios portugueses* — Tese de doutoramento, Pôrto, 1926.

Ê um estudo cuidadoso, levado a efeito no Instituto de Antropologia do Pôrto, sôbre a curva sagital e a circunferência horizontal em 153 crânios portugueses dos Museus de Antropologia e Anatomia desta cidade. Alude o autor aos trabalhos já efectuados sôbre as referidas curvas, especialmente no nosso país, e ao interêsse anatómico e etnológico da determinação desses caracteres métricos.

Tendo decomposto a curva sagital nos seus três segmentos — naso-bregmático, bregmo-lambdático e lambda-opistíaco —, estudou também o desenvolvimento relativo dêsses três segmentos nos dois sexos, e, em seguida, aplicando bons processos matemáticos, determinou nas suas séries as correlações das várias curvas e segmentos com o índice cefálico e a da curva sagital com a circunferência horizontal.

As conclusões principais do autor são as seguintes: a média da curva sagital nos crânios femininos portugueses é superior à de todos os povos europeus indicados na lista de Martín, com excepção apenas dos suecos; a média da circunferência horizontal é, relativamente a um grande número de povos europeus, baixa no homem e elevada na mulher; há muitas diferenças sexuais nas

curvas estudadas, evidenciando-se um relativo desenvolvimento parietal na mulher e uma frontalização e occipitalização no homem; a capacidade relativamente grande do crânio português resulta do desenvolvimento em altura, como se verifica pela curva sagital e pela relação vértico-modular; há algumas correlações sensíveis, não sendo, porém, tôdas no mesmo sentido nos dois sexos; as curvas crânicas, sobretudo a sagital, são, em geral, mais variáveis na mulher do que no homem.

M. C.

ANTÓNIO A. TEMIDO — *Un nouveau détail morphologique de l'humérus. Le trou marginal ou perforation osseuse sus-epitrochléenne* — Sep. de «Folia Anatomica Univ. Conimbrigensis», I, 1926.

O autor examinou os húmeros pertencentes às colecções do Instituto de Antropologia da U. de Coimbra e reparou que alguns dêles apresentavam uma particularidade que chamou a sua atenção e da qual não encontrou referência nos livros. Trata-se pois como facto novamente achado. Ê um pequeno orifício aberto no bordo interno do osso, acima do bordo inferior da epitroclea e de que fornece os documentos figurados. Esta espécie de anomalia, se assim se pode chamar, apresenta a freqüência de 0,75 %, pois foi encontrada em 13 húmeros masculinos, entre 1.741 exemplares (614 ♂ e 235 ♀ direitos + 616 ♂ e 276 ♀ esquerdos). Uma vez o orifício é completamente fechado, doutras a perfuração é imperfeita, pela falha do rebordo cubital, nesse ponto. Neste último caso estão 20 húmeros, o que perfaz a soma de 33 e leva a concluir que o facto anatómico se encontra em 1,9 % dos exemplares estudados. Encontra-se em 2,44 % dos húmeros ♂ e em 0,59 % dos ♀. Existe também em muitos dêles uma pequena goteira, com a mesma orientação. O autor chamou a esta disposição, até aqui desconhecida ou mal notada, *buraco marginal ou perfuração ósea supra-epitroclear*. A situação dêste orifício bem como da goteira que com êle se relaciona leva a crer que se trata da passagem de um vaso, possivelmente dum ramo da artéria colateral interna inferior.

B. F.

PROF. J. A. PIRES DE LIMA — *As anomalias dos membros nos Portugueses* — Araújo & Sobrinho, Sucrs. Pôrto, 1927.

Dedicado ao insigne anatómico turonense, Prof. dr. L. Dubreuil-Chambardel, deu à estampa o sr. Prof. Pires de Lima, director muito illustre do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto um curioso livro, redigido a convite do Prof. Marck Athias, devotado secretário da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, para ser incluído no número dos volumes da «Colecção Natura».

Não admira que o Prof. Pires de Lima escolhesse para assunto da obra «As anomalias dos membros nos Portugueses», campo em que tem colhido desde 1914 material copioso. É assim, aproveitando os casos já por êle publicados e outros novos que a êsses acrescentou, conseguiu reunir uma série riquíssima, de que justamente se pode orgulhar.

Consultando a Bibliografia com que fecha o volume, verificamos que de 61 trabalhos de autores portugueses sobre variações dos membros, 32 pertencem ao Prof. Pires de Lima.

O livro está dividido em seis capítulos, no primeiro dos quais o autor resume o que encontrou citado na nossa literatura a propósito de tais anomalias, arquivando ao mesmo tempo as crenças populares que coligiu referentes às suas pretendidas causas.

No segundo capítulo occupa-se dos movimentos anormais dos dedos, tema pouco versado e que o Prof. Pires de Lima reputa de singular importância. Preconisa a educação dos dedos, demonstrando que é à cultura da mão que deve principalmente visar a educação física. Esta parte do livro é, com poucas alterações, constituída por uma comunicação apresentada já à *Société d'Anthropologie de Paris*, que, apreciando-a, conferiu ao autor o Prémio Godard, facto que muito honra a ciência portuguesa e ao qual aludimos no número anterior desta Revista.

No capítulo seguinte o Prof. Pires de Lima trata da classificação e nomenclatura das variações dos membros, e no capítulo quarto faz a crítica das doutrinas mais correntes sobre a sua etiologia, emitindo, sempre baseado em observações numerosas, opiniões pessoais.

Nos dois últimos capítulos figuram, resumidas, as observações de todos os casos registados em Portugal, a maior parte dos quais — e alguns muito raros — se devem, como já acentuei, ao próprio autor.

O livro, belamente editado, apresenta uma iconografia de-veras rica, e, tanto pelo número e valor dos documentos utilizados para a sua elaboração, como pelo método e clareza com que os assun-

tos são tratados e expostos, demonstra quanto é justa a opinião já assente em Portugal e no estrangeiro sobre os méritos do autor — um dos mais categorizados professores universitários da nossa terra, a quem a ciência nacional já muito deve, mas espera muito mais dever ainda.

H. MONTEIRO.

DR. D. J. WOLFEL — *Die Trepanation* — Extr. da «*Anthropos*», tomo XX, 1925.

Estuda o autor as trepanações feitas pelos povos selvagens da Melanésia e da América. Serve-se para isso dos crânios que pôde observar e das narrativas dos viajantes que percorreram essas regiões. Estabelece depois a ligação entre o aparecimento da prática da trepanação e o uso de algumas armas de ataque, e verifica que tanto na Melanésia como na América essa coincidência se dá, o que portanto deve servir de explicação ao emprêgo, feito por êstes povos, de tal operação cirúrgica, com uma percentagem de êxitos, que faz inveja aos nossos melhores cirurgiões europeus.

É um trabalho de conjunto cuja falta se sentia; e só podemos desejar que o novo estudo sobre as trepanações dos crânios prehistóricos, que o autor nos anuncia, se não faça esperar.

A. A.

DAVID I. BUSHNELL, JR. — *Burials of the Algonquian, Siouan and Caddoan Tribes West of the Mississippi* — «*Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, bull. 83*», 1 vol. de 103 págs., 37 ests., e 3 figs., Washington, 1927.

É um documentado estudo sobre ritos funerários e tipos de sepulturas de várias tribus de Índios da região a ocidente do Mississippi, até às Montanhas Rochosas a leste e, para o norte, até ao vale do Rio Vermelho, nas possessões britânicas. Essas tribus pertencem às três grandes famílias linguísticas dos Algonquinos, dos Sioux e Caddoan. Alguns dos tipos de disposição dos cadáveres são extremamente curiosos, variando consideravelmente de tribo para tribo e sendo, segundo o autor, influenciados os diferentes ritos funerários pelas condições do meio físico e pelo modo de vida das respectivas populações, factores que interveem do mesmo modo na forma das habitações dos vivos.

Algumas tribus conservaram os antigos costumes funerários durante largo tempo. Alguns depósitos túnebres, numerosos « mounds » por exemplo, pertencem a tribus que os Europeus encontraram ao visitarem pela primeira vez o território. Mas há-os muito mais antigos, ignorando-se a identidade dos povos que os edificaram.

É um interessante trabalho, com a ilustração e o excelente aspecto material das outras publicações do Instituto Smithsonian.

M. C.

A. VAN GENNEP — *Le cycle des douze jours (Nöel-Premier de l'An-Rois) dans les coutumes et croyances populaires de la Savoie* — Extr. da « *Revue de l'Institut de Sociologie* », 7.º ano. Bruxelas, 1927.

As investigações folk-lóricas comparadas, referentes ao ciclo ou à árvore do Natal nos países eslavos e germânicos, demonstraram a alta antiguidade, pre-cristã, dêste ciclo de cerimónias de inverno, que existia a par dum ciclo de cerimónias de Primavera e de outro de cerimónias do meio do Verão, mais tarde o ciclo do S. João. Esta divisão do ano em três partes não é atribuível a um determinado povo, nem comum a todos os povos europeus, pois não existe no sul e no extremo-norte da Europa.

O ciclo dos doze-dias, ou, segundo outros, das doze noites começa em 24 de Dezembro e acaba no dia 6 de Janeiro, isto é engloba as cerimónias que nos países cristãos vão do Natal aos Reis, inclusivè.

O eminente etnógrafo Van Gennep estuda pormenorizada-mente as variantes e a distribuição geográfica dos costumes e crenças populares dêste ciclo no território francês da Sabóia. Encontram-se na sua interessantíssima descrição alguns factos etnográficos comuns a regiões distantes daquela, como o nosso país por exemplo. O *Père Chalande* corresponde, entre nós, ao Menino Jesus que, nalguns meios, tráz na noite de Natal os brinquedos às crianças que tiveram o cuidado de deixar os sapatos no fogoão. Também nós temos doces característicos do Natal, as *rabauadas*, os *mexidos*, os *cuscareis*, os *bilharacos*, os *sonhos*. Do Ano-Bom aos Reis o bolo-rei com a fava clássica é talvez uma importação urbana. A matança do porco também por vezes se faz nesta época e é acompanhada de festanças típicas. A prática horoscópica das donzelas saboianas de deitar na água chumbo derretido para das formas do metal subitamente arrefecido inferirem a data

ou probabilidade do seu casamento e as qualidades do futuro esposo, não é essencialmente diversa da das raparigas de algumas terras portuguesas deitando na noite do S. João uma clara de ovo ou um papel enrolado num copo de água e examinando de manhã a figura formada pela clara de ovo ou o desenrolamento do papel.

Tantos factos dêste género! Como seria interessante fazer no nosso território um inquérito etnográfico análogo ao realizado por Van Gennep na Sabóia, tratando de averiguar quais os costumes e crenças de raízes muito profundas no tempo e no país e quais os que resultam de infiltrações estrangeiras mais ou menos recentes, como porventura alguns dos que citámos!

O valioso trabalho de Van Gennep, publicado pelo Instituto Solvay, de Bruxelas, conclui por uma carta geográfica da distribuição na Sabóia do costume da fogueira do Natal, da fórmula do *Père Chalande* e das designações *Riaume* e *Riame* dadas ao bolo-rei. Esta monografia vem juntar-se ao número já elevado de trabalhos etnográficos importantes com que o seu autor conquistou um alto renome científico.

M. C.

J. LEITE DE VASCONCELOS — *A figa* — Conferência lida na Faculdade de Medicina do Pôrto, por ocasião do I Centenário da Régia Escola de Cirurgia do Pôrto—24 est. com 67 fig.— Pôrto, 1925.

Numas considerações preambulares o A. recorda os Mestres do seu tempo, quando aluno da Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto, e explica a razão de ser da conferência, sensibilizado pelo convite da Direcção da Faculdade.

O capítulo de introdução *Do sobrenatural na medicina popular portuguesa*, é de-veras curioso, e nêle o A. expõe a maneira como o povo diagnostica as doenças de que é alvo, e relata as razões variáveis a que as atribue, variando com essa atribuição o tratamento, quasi sempre feito à custa de práticas arcaicas extravagantes, acompanhadas geralmente de ensalmos curativos curiosíssimos.

Entre os agentes curativos de carácter mágico gozam de grande importância os ensalmos mencionados a que correspondem na religião os exorcismos: uns e outros teem por protótipos fórmulas antigas conservadas em textos epigráficos e literários, romanos, gregos e orientais.

Nas práticas curativas, são agentes terapêuticos valiosos a

saliva, água benta, azeite das lâmpadas, alhos, a pedra de ara, o cálice, certas relíquias, e quantas outras coisas absurdas, como terra de sete cemitérios, dentes, chifres, defumadouros, etc., etc.

Só uma crassa ignorância e uma extraordinária religiosidade dum povo católico e crente como o nosso podem fazer com que existam e prosperem o curandeiro ou curão, o mezinheiro, o charlatão, o dentista de feira, o endireita, o soldador, a benzedeira, o menino virtuoso e outras personagens não menos ridículas.

Relata-se em dada altura uma série de crenças, em que os fantasmas, as moiras encantadas, o diabo transformado em cabrito, os lobisomens, as encruzilhadas, etc., se baralham entre si, reforçando-se mutuamente.

Tudo isto, que é do domínio geral, aquece a imaginação do povo, já por si ardente e inventiva, levando-o a supor a existência de doenças sobrenaturais.

Merece especial menção ao A. a *fascinação* que é modernamente conhecida por vários nomes como *quebranto*, *olhadura*, *mau olhar*, etc. Com a história, definição e etiologia, diagnóstico e tratamento dêste mal fecha o A. a introdução.

Faz em seguida o estudo da figa debaixo de diferentes aspectos. Começa por estudar a figa em Portugal, fazendo em capítulo à parte o seu estudo fora do nosso país. A figa na antiguidade, a propagação histórica da figa e a sua significação primordial são outros tantos capítulos, em que o estudo dêste singular amuleto é realizado duma maneira brilhante, minuciosa e documentada.

Ao iniciar o estudo da figa em Portugal, o A. começa por a definir, distinguindo a figa-gesto da figa-amuleto e estas da figa meramente vocábulo, com funções diferentes. São muitas as quadras populares e outras composições poéticas que o A. transcreve e através das quais se manifesta e define bem claramente a acção da figa contra o quebranto e contra outros males e perigos.

A figa toma por vezes uma expressão de desprezo que a seguinte quadra alentejana bem sintetisa:

Minha avó quando morreu
Ficou com um olho aberto
E deixou em testamento
Uma figa para o neto.

A figa é tomada como praga, e muitas vezes, com o intuito de rebaixar uma pessoa, faz-se ou dá-se uma figa. Dando-lhe esta acepção as composições poéticas e a veia popular tornam-se um manancial inexgotável.

A figa tem uma vasta acção protectora, que atinge os animais e as coisas, como casas, barcos, etc.

O seu engaste é muitas vezes rico e artístico. Há quem a use na corrente, nas pulseiras e ao pescoço.

Mas não é só em Portugal que a superstição da figa criou raízes. Além fronteiras também esta superstição é vivaz. Na Espanha encontra-se muito arraigada, pelo menos em algumas regiões que o A. observou directamente.

Na França e Suíça, como amuleto, parece gozar de pouca importância, sendo usada apenas como enfeite.

É na Itália que ela floresce por excelência, pois ali a crença no mau olhar dos *jettatori* é profundíssima.

Segundo o A. não sofre comparação a crença portuguesa na figa com a italiana, sobretudo com a napolitana, que excede todos os limites:

«Nem o Papa Pio IX escapava à fama de *jettatore*: quando os fieis lhe pediam a bênção, faziam-lhe figas ocultamente, e uma vez que êle havia de ir a uma praça de Roma, onde andavam operários trabalhando, êstes recusaram continuar o trabalho com medo do mau olhar que êle, como em geral os *jettatori*, involuntariamente deitava».

Noutras nações como na Grécia, na Alemanha, na Rússia, na Ruménia e na Noruega conhece-se e usa-se a figa com sentidos vários.

SANTOS JÚNIOR.

JAIME LOPES DIAS — *Etnografia da Beira* — Vol. I. Um vol. de 176 págs., Lisboa, 1926.

O sr. dr. Jaime Lopes Dias fez no distrito de Castelo Branco uma larga colheita de factos etnográficos, e dá publicidade neste livro a uma parte dos materiais que obteve. Começa pela reprodução de várias lendas populares da região, ao que se segue a descrição de vários costumes, usanças, crenças e superstições. Alguns factos apresentados são comuns a outros lugares do país, com maiores ou menores variantes. As «mouras da Serra d'Opa», por exemplo, aparecem, como o autor faz notar, em muitas outras regiões. O mesmo sucede com a crença de que tardarão em falar as crianças de peito que se levarem ao espelho, com a de que comer muito queijo tira a memória, com a de que, quando troveja, está Deus a ralhar, e com muitas outras crenças e superstições. Certos costumes descritos não são também privativos da Beira Baixa, mas nem por isso deixa de ser necessário dar conta deles

num trabalho dêste género, ainda quando não ofereçam variantes sensíveis em relação a outros pontos.

Os enigmáticos sinais insculpidos num penedo da margem do Erges, de que o autor se ocupa, na secção das lendas, sob a epígrafe « A pedra do gato », teem um carácter diverso das gravuras rupestres dos tempos prehistóricos. Embora, como o povo de Segura supõe, pareçam referir-se a pretensos tesouros mouriscos, é de crer que se trate duma charada ali gravada em data muito recente por alguém que quis divertir-se ou estimular noutrem a ânsia de descobrir tesouros ocultos. Ocorreu-nos que houvesse alguma relação entre a tesoura gravada no penedo do Erges e a dança das tesouras da romaria da Senhora dos Altos Céus da Louza, mas a descrição desta dança não nos fornece a menor base para tal suposição que puzemos de parte.

O livro do sr. Lopes Dias, escrito de modo agradável e correcto, representa um esforço meritório que devia ser imitado noutras regiões de Portugal. O património valioso, constituído pelas tradições e pelos documentos *folk-lóricos* em que se espelha, em toda a sua ingenuidade e pureza, a psicologia dum povo, desaparecerá de-prensa sob a destruidora influência da civilização e dos meios de transporte fácil. Se não é possível conservá-lo na alma popular, archive-se ao menos essa riqueza em livros como o que publicou o sr. Lopes Dias.

M. C.

1511
BIBLIOTECA

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Sede:—Rua de Santa Catarina, 261-1.º

PORTO

Sumário deste fascículo:

DR. ALFREDO CASTELLANOS:

Contribucion al estudio de la paleoantropologia argentina. (Pág. 193).

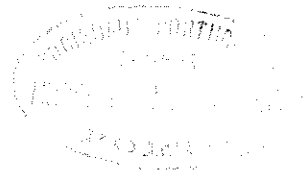
PROF. JOSÉ TEIXEIRA REGO:

Os alfabetos de Alvão e Glozel (217).

Vária:—Congresso d'Amsterdã; A questão de Glozel; Museu Antropológico do Porto; Sociedade Portuguesa de Biologia; Antropologia das partes moles das raças de cor; Novas revistas; Prof. Dubreuil-Chambardel (P. L.); Coronel Alexandre José Sarsfield (M. C.). (231).

Revista bibliográfica:—RIGNANO (253); SERGI (255); MENDES CORRÊA (256 e 266); FISCHER (259); HERVÉ & QUATREPAGE (259); AICHEL (260); MAYET & CHOSSEGROS (260); EICKSTEDT (262); SALLER (263 e 265); HOERNES (263); JUDD (264); ROQUETTE PINTO (265); ANTHROPOLOGIA SUECICA (267); JOÃO DA CUNHA (268); TEMIDO (269); PIRES DE LIMA (270); WOLFEL (271); BUSHNELL (271); VAN GENNEP (272); LEITE DE VASCONCELOS (273); LOPES DIAS (275).





◊ NEO-ENEOLÍTICO NA EUROPA OCIDENTAL E O PROBLEMA DA SUA CRONOLOGIA

POR

P. BOSCH-GIMPERA

No estado actual das investigações preistóricas que dizem respeito ao neo-eneolítico e mesmo ao princípio da idade do bronze na Europa ocidental, pode-se chegar a estabelecer um sistema cronológico duma forte consistência, que permite ligar o fim do paleolítico e o epipaleolítico aos períodos avançados da idade do bronze, preenchendo uma lacuna cronológica e geográfica enorme e permitindo colocar numa base sólida todos os importantes problemas que na Preistória geral se referem aos nossos territórios.

Parece-nos que é o momento de pôr o problema e tentar a sua resolução, pelo menos dando um primeiro esboço que poderá ser mais ou menos modificado no futuro, mas cujas linhas fundamentais nos parecem suficientemente precisas.

Não é aqui que se podem reunir todos os materiais e respectivas documentação e bibliografia. Podem ser encontrados noutros lugares, noutros trabalhos nossos e nos doutros autores que serão citados na devida altura. Entretanto, seja-nos permitido resumir os resultados.

Nas nossas investigações sôbre o neo-eneolítico da Península ibérica, acabámos por verificar a existência de diferentes civilizações evolucionando e movendo-se geograficamente em territórios bem delimitados:

1) A civilização portuguesa de sepulturas megalíticas, que começa no neolítico final, e depois de atravessar o eneolítico inicial (Monte Abraão, etc.) e pleno (Palmela) continua até uma fase bastante avançada do primeiro período da idade do bronze (Bronze I a-b, necrópole de Alcalar).

2) A civilização central ou das grutas de cerâmica ornada de relevos ou de incisões, evoluindo na metade setentrional da Espanha até à Catalunha, desde o neolítico final ao pleno eneolítico e constituindo-se nela, no vale do Guadalquivir, a civilização do vaso caliciforme que influencia fortemente todas as outras culturas peninsulares do pleno eneolítico (necrópole dos Alcores em Carmona, e outras).

3) A civilização d'Almería, de aldeias fortificadas, cerâmica indígena, sem decoração, pontas de flecha em losango ou triangulares com pedúnculo, contrapondo-se às de Portugal (de base côncava) e contrastando com a ausência de pontas de flecha de sílex da civilização central. Muito cedo, desenvolve-se aí a metalurgia do cobre através destes períodos, começando com o neolítico final de El-Garcel, continuando com o eneolítico inicial de La Gerundia, chegando a um período de apogeu caracterizado por Los Millares do pleno eneolítico e continuando-se na idade do bronze na cultura de El Argar. Pode-se admitir que o nível considerado até agora como somente eneolítico, de Los Millares, continue paralelamente à fase portuguesa de Alcalar na idade do bronze I a-b, o que faria colocar a transição para a cultura de El-Argar (Lugarico Viejo e Fonte Bermeja) no fim do primeiro período do bronze (I) e datar El Argar do período II.

4) A civilização pirenaica, que se espalha do país basco à Catalunha (zona N) e de que só é conhecido o período das sepulturas megalíticas do tipo português, de pontas de setas almerienses e a cerâmica na qual se misturam o tipo indígena sem decoração e o vaso caliciforme.

Apesar da lacuna entre o epipaleolítico e o neolítico final estar apenas representada pelo protoneolítico «asturiense» do Norte e pela evolução da arte rupestre que se esquematiza cada vez mais para chegar aos tipos completamente esquemáticos que se encontram nas gravuras megalíticas e nas incisões da cerâmica eneolítica, podia-se crer que nas duas civilizações do paleolítico superior espanhol se devem procurar as origens das populações que teriam desenvolvido mais tarde as civilizações neo-eneolíticas; o povo franco-cantábrico seria o antepassado das populações pirenaicas e o povo capsense desdobrado sê-lo-ia para os povos das civilizações portuguesa e central, ao passo que a de Almería representa a entrada, talvez no começo do neolítico, de novas populações, as quais, segundo a direcção da expansão almeriense, deviam ter vindo da África.

Ora, no Norte da África, pode-se supôr uma evolução paralela e concordante com a da Península Ibérica.

Depois do paleolítico superior a civilização capsense ter-se-ia convertido, como em Espanha, numa civilização de grutas com cerâmica ornamentada (o neolítico das grutas de Pallary) reduzida à zona montanhosa da África Menor pela expansão do «neolítico saareense», civilização que se espalha pelos oasis do Saará, toca nos bordos meridionais do Atlas, se mistura no sul da Tunísia com o «neolítico das grutas» (Grutas de Redeyef) e se torna equivalente ao neolítico, ainda mal conhecido, da Líbia (oasis de Siwa e de Kharga) e mesmo ao fundo mais antigo e nitidamente africano da civilização pré-dinástica egípcia (Fayum, El-Badari). Mas pode-se ainda supôr, segundo a correspondência dos seus territórios, que o «neolítico saareense» é devido ao mesmo povo que erigiu os chamados dolmens, na realidade *cistas* não megalíticas, evolução dos túmulos de pedra cobrindo fossas e que em El-Begri continham pontas de flecha saareenses.

Mas, assim como a arte rupestre do Norte da África, dando

tipos esquemáticos semelhantes aos de Espanha que se encontram no mesmo território dos chamados «dolmens» e do neolítico saarense, tendo começado por fases naturalistas provavelmente quaternárias muito diferentes da arte capsense do leste de Espanha, representaria uma civilização que se espalhara em todo o Saará habitável no quaternário, e era devida a povos que seriam a origem dos saarenses neolíticos e com eles povos aparentados que atingiriam mesmo o Egito, os saarenses do paleolítico superior seriam também, talvez, os herdeiros dos antigos sbaikienses e aterienses do fim do paleolítico inferior e, se esta hipótese é plausível, a semelhança tipológica das pontas de flecha neolíticas saarenses com as fôlhas pedunculadas aterienses (consideradas como «neolítico berbere» e variante do verdadeiro «saarense neolítico» por Pallary) estaria explorada.

Depois do que acabamos de dizer, já não admirará que o neolítico das cavernas africano esteja no fundo da mesma cultura das grutas de Espanha e tenham saído ambos das populações capsenses, havendo numerosos paralelos a unirem a civilização de Almeria com o saarense africano e mesmo com o Fayum onde Miss Caton Thomson descobriu cerâmica de formas semelhantes às almerienses. Os almerienses de Espanha seriam a guarda avançada dos saarenses perdida no princípio do neolítico no Atlas argélico e chegada a Espanha através do mar, partindo da costa de Oran, em face de Almeria.

Poder-se-ia mesmo procurar nas mudanças climatéricas do fim do quaternário e dos princípios do neolítico, a origem dos movimentos dos povos que teriam levado os almerienses a Espanha; a secagem progressiva do Saará teria impellido os seus habitantes para o Atlas, como os impelia para leste, para o Egito, exactamente como o empobrecimento das espécies animais empurradas pelos paleolíticos espanhóis, conduziu ao empobrecimento dos povos e da civilização do Norte de Espanha, obrigan-

do-os a alimentarem-se de ostras (asturiense) da mesma maneira que os capsenses de leste, emigrados em parte para o Norte e espalhados pela França e por outros países (tardenoisense).

Os capsenses do Sul da França desenvolveram por sua vez uma civilização de grutas de cerâmica ornamentada paralela à de Espanha e espalhada até aos Alpes. Os antigos franco-cantábricos reduzidos aos Pireneus espanhóis e ao oeste dos Pireneus franceses pelo movimento capsense, depois da assimilação das influências das outras culturas vizinhas do eneolítico, foram o povo da cultura pirenaica, que oferece um grupo autónomo no SW. da França e que partindo da Catalunha apaga, pouco a pouco, no SE. a civilização das grutas.

A expansão pirenaica no eneolítico é o traço de união entre o Sul da França, na realidade um apêndice cultural da península ibérica, e as regiões mais setentrionais que teem um aspecto muito diferente.

Na França pôde-se verificar também a existência de diferentes civilizações com personalidade arqueológica e geográfica bem marcada: no Sul o grupo pirenaico do SW. e a sudeste a civilização das grutas do neolítico final apagada no eneolítico pela civilização pirenaica procedente do grupo catalão. A cultura pirenaica persiste com grupos evolutidos, até ao começo da idade do bronze. Então se observa que ela avança do N. da Garona em direcção NW. chegando até Charente onde se cruza com as influências bretãs da mesma época (grupos avançados do começo da idade do bronze) ao mesmo tempo que através do vale do Ródano parece estabelecer contactos com as palafitas do Jura. Mais para diante, ainda no eneolítico, a civilização pirenaica do tipo catalão do SE. da França deve ter influenciado fortemente todos os grupos do N. da Provença. As pontas de flecha espalham-se nos campos entrincheirados do E. da França (Lorena, Franco-Condado) e poder-se-ia crer que é através desta civilização do E. da França,

ainda tão mal conhecida, que o vaso caliciforme se espalhou pelo Reno e Europa central. Mas, mais ao N. nos vales do Marne, do Oise e do Sena, a cultura do sílex recebe, em virtude de influências pirenaicas, as galerias cobertas e as pontas de flecha de sílex do tipo almeriense (com pedúnculo ou em fôlha). Não é para admirar que depois de ter sido possível verificar nos «long barrows» ingleses uma civilização semelhante à do sílex da França (T. D. Kendrick) aí se encontrem também os dois tipos de pontas de flecha almerienses, recebidos com os megalíticos através da civilização pirenaica e contrastando em França com as pontas de gume transversal, tão abundantes e tão típicos na cultura do sílex. É assim que no N. da França as relações pirenaicas vão complicar o aspecto duma civilização descendente do campigniense, com as possíveis sobrevivências tardenoisenses (Aoberg, Octobon) com a qual está unida pela fase intermediária representada por alguns campos fortificados (Campo de Catenoy).

Não se pode seguir de perto a sorte da cultura do sílex no princípio da idade do bronze, mas pode-se admitir a hipótese da sua sobrevivência até um certo momento bastante avançado da nova idade. A falta de estações dos primeiros períodos desta e a persistência das civilizações eneolíticas em todos os territórios vizinhos serão indícios de tal facto no Reno; é preciso talvez crer numa certa persistência da civilização dos vasos caliciformes misturados com a da cerâmica cordada, mistura da qual saiu o «Schnurzonbecher» e até ao fim do primeiro período do bronze encontram-se ainda no grupo de Adlerberg sobrevivências misturadas a outras culturas que se tinham espalhado antes no mesmo território (Michelsberg, cerâmica listrada). Na Holanda a cerâmica dos vasos caliciformes, também misturada com a cerâmica cordada e com o tipo misto dos «Schnurzonbecher» bem parece ser do começo da idade do bronze (I a-b) e algumas vezes tipos de pontas de flecha de azas e pedúnculos muito evolucionados como

os do O. da França e da Bretanha do começo da idade do bronze, encontram-se aí associados aos *tranchets* evolucionados e polidos que na França se descobriram no Campo de Chassey, estação onde se misturam as influências da cultura de sílex com as das civilizações do S. da França numa data que se suporia bastante tardia e já do começo da idade do bronze. Na Inglaterra, no princípio desta idade, uma invasão vinda da Holanda levou o vaso caliciforme (beaker folk) com os túmulos circulares, «round barrows», semelhantes aos da Holanda, e nós sabemos agora, depois dos estudos de Kendrick, que ao lado da nova civilização subsiste a dos «long-barrows», influenciando-se mutuamente e saindo da sua mistura a plena idade do bronze inglesa em tempos muito avançados.

Uma outra província é constituída pela Bretanha e pela Irlanda. Antes do pleno eneolítico estes territórios são bastante mal conhecidos. Pretendeu-se mesmo que a Bretanha não era povoada (Franchet). Em todo o caso, no eneolítico aparece uma civilização bretã fortemente influenciada por Portugal (sepulturas de câmara circular e grande galeria, sepulturas de cúpula, vasos caliciformes do tipo mais ou menos português) pôsto que em estreitas relações com outras civilizações. Não se pode confundir com a do sílex porque a maior parte dos fenómenos desta última faltam na Bretanha. Mesmo as galerias cobertas, tão frequentes na Bretanha, poderiam não ser tomadas na cultura do sílex, mas na civilização pirenaica do SW. da França, com a qual teve contactos. Em todo o caso, a Bretanha é o centro e o intermediário de relações muito vastas entre Portugal (vaso caliciforme, ouro) duma parte, e as culturas nórdicas («Kragenflaschen», machados, martelos, âmbar) de outra, e muito cedo será o centro do comércio de calaita e do âmbar que chegam ao seu ponto culminante no grupo mais tardio (Bronze I a-b) caracterizado pela progressiva desapareção das grandes sepulturas megalíticas, substituídas pouco

a pouco por pequenas cistas (pôsto que ainda muitas vezes de-
baixo de grandes túmulos) e por machados de jadeíte, etc. (Mané-
-er-R'hoeck) e acabando a evolução no grupo das cistas de pedras
sêcas (Bronze I c) com profusão de objectos de metal e com
as pontas de asas e pedúnculo, muito evolutidas, dos tipos do
comêço da idade do bronze do S. da França (pirenaicas) chama-
das «pontas de flecha armoricanas». Depois uma funda decadên-
cia torna mal conhecida a civilização bretã.

Esta parece ter penetrado muito cedo na Irlanda. Do eneolí-
tico conhecem-se nesta região os fragmentos de vasos calicifor-
mes do tipo bretão de Moytirra e depois começa a grande civili-
zação megalítica irlandesa, com megálitos que continuam as for-
mas bretãs, sobretudo as sepulturas de cúpula com relação com
o grupo bretão do Mané-er-R'hoeck, mas também com os mate-
riais novos (Mount Field, Lough Crew) que não podem provir
senão de Portugal, da civilização de Alcálar (pontas de flechas de
base côncava muito evolutidas). Relações íntimas com a Península
Ibérica são denunciadas pelas gravuras das lages sepulcrais mega-
líticas, que continuam, depois duma nova fase megalítica irlan-
desa (Lough Crew e New-Grange) onde se encontram os tipos
mais evolutidos das insculpturas da Galiza.

É então que se desenvolve na Irlanda a metalurgia com os
machados chatos em bronze, ornados de desenhos geométricos
que sempre se compararam aos das placas em xisto dos megá-
litos portugueses. Há também na Irlanda alabardas como as de
Alcálar de Portugal e as de El-Argar em Espanha, e uma grande
quantidade de objectos de ouro (discos e lunulae) como as deco-
rações geométricas dos bronzes que são exportados para diferen-
tes lugares do N. e NW. da Europa (Normandia, foz do Loire,
Bélgica, Hanover, Dinamarca). A Irlanda parece então eclipsar a
Bretanha e entrar em relações íntimas com o país de Gales e
Cornuailles onde se exploravam os jazigos de cobre e de estanho,

emquanto que na Irlanda aparecia ouro. Na Bretanha é o período
das cistas de pedras sêcas, das quais a de St. Fiacre tem macha-
dos chatos, uma alabarda em bronze e os restos dum vaso de
prata que pode ser supôsto contemporâneo do comêço da flora-
ção da cultura megalítica irlandesa (Bronze I) que se continuou
no segundo período do bronze.

*

* *

Se estes resultados são plausíveis, poderia admitir-se um
sistema cronológico para a Europa ocidental que ligasse o epipa-
leolítico à idade do bronze, na qual o primeiro período é substi-
tuído no Ocidente pelas sobrevivências das civilizações eneolíticas
o que de resto se dá também noutra parte da Europa (Reno,
Suíça, Escandinávia e N. da Alemanha, mesmo E. da Europa).
Tentaremos esboçar um esquema dos períodos que se estabelece-
ram e indicar sumariamente os sincronismos que podem ser mais
ou menos fixados, com os outros países da Europa ou da África.

Epipaleolítico

Azilense, Capsense final na África e na Espanha. — Tardenoisense antigo (Crouzade, Remouchamps, St. Marc), de tipos
ainda não geométricos. Maglemosense. Transição para o período
seguinte: tardenoisense geométrico (Montbani, Zonhoven, Kioekken-
moeddings portugueses). Tardenoisense africano: Negrine. Arte
naturalista degenerada do Atlas.

Protoneolítico (cêrca de 6.000?)

Asturiense, Arte esquemática da Espanha. — Tardenoisense
final de Fontlaurier (Aude), Chateaneuf du Pape (Gard), Theil
(Loir-et-Cher) e dos platós belgas. Campigniense. Kioekkenmoed-
dings nórdicos.

Na África, evolução do capsense para as camadas neolíticas inferiores das grutas de Redeyef. Arte esquemática saarense. Formação da cultura saarense (?) e movimentos dos povos saarenses para a Espanha e para a Líbia e NE. da África (?)

Neolítico avançado ou final (cêrca de 4.000? ou antes?)

Cultura das grutas da África, Espanha, e do SE. da França e comêço dos megálitos portugueses (verdadeiros dolmens). El-Garcel em Almeria. Fase de transição da cultura do sílex do N. da França (Campo de Catenoy).

Època dos dolmens na Escandinávia. Cultura de Michelsberg no Reno.

Na África: saarense antigo (sepultura de El-Begri no Atlas). Cultura do Fayum e El Badari no Egito.

Eneolítico (3.700—2.500)

A) *Fase inicial*, bem conhecida sòmente na Península Ibérica: megálitos portugueses de câmara circular e corredor, e formação da galeria coberta (Monte Abrahão), cultura das grutas e Almeria (La Gerundia). Civilizações paralelas no centro da Europa (Bandkeramik) e ao Norte (sepulturas de corredor nórdicas mais antigas).

Na África o saarense e níveis superiores das grutas de Redeyef (?). No Egito a civilização predinástica.

B) *Pleno eneolítico*: Fase de Palmela em Portugal, civilização do vaso caliciforme na Andaluzia, comêço da fase de Los Millares em Almeria.

Civilização pirenaica na Espanha e na França.

Período das galerias cobertas e grutas artificiais do Sena, Oise, Marne, na cultura do sílex do N. da França e o período mais antigo dos «long-barrows» da Inglaterra.

Megálitos bretões de vasos caliciformes e tipos variados. Primeira expansão na Irlanda (vasos caliciformes bretões de Moytirra).

No Reno, cultura dos vasos caliciformes e da cerâmica cordada.

Fase das sepulturas de corredor mais recentes na civilização nórdica.

Na África apogeu do saarense. No Egito, Tinitas e antigo império (Dinastias I-III).

Idade do Bronze I (2.500—1.700?) (sobrevivências eneolíticas)

I a-b) Cultura megalítica de Alcalar em Portugal e última fase da de Los Millares em Almeria. Civilização pirenaica evoluída da França.

Grupo bretão evoluido (Mané-er-R'hoek) e comêço da civilização megalítica irlandesa (Mount Field, Lough Crew).

Possível sobrevivência da cultura do sílex no N. da França e «long-barrows» mais recentes. «Round-barrows» da Inglaterra. Sobrevivência da cultura dos vasos caliciformes e dos «Schnurzonenebecher» da Holanda e do Rêno. Período das cistas nórdicas.

I c) Transição para a cultura de El Argar na Espanha (Lugarico Viejo e Fuente Bermeja em Almeria, Castro Marim em Portugal).

Cistas bretãs de pedras sêcas e de pontas «armorianas».

Comêço do apogeu da civilização megalítica irlandesa (Lough-Crew, New-Grange, lunulae) continuando na idade do bronze II.

Tentamos também indicar uma cronologia absoluta hipotética que entretanto não é fixada arbitrariamente. Tem como pontos de referência bastante consistentes para o protoneolítico o *terminus post quem* da cronologia dos geólogos escandinavos para o fim da época glaciária, para o fim do pleno eneolítico a data de 2.500 obtida por A. Schmidt como *terminus ante quem* para a expansão do vaso caliciforme, o *post quem* para Troia II, sincrónico com o fim do antigo império egípcio. As datas interdiárias são obtidas por aproximação e naturalmente muito hipotéticas.

Ver para os materiais ou para os ensaios de sistematização sôbre períodos particulares nos diferentes territórios:

Bosch-Pericot — Les civilisations de la Péninsule ibérique pendant le néolithique et l'énéolithique. («L'Anthropologie», XXXV, 1925).

Bosch-Serra-Rafols — Études sur le néolithique et l'énéolithique de France. («Revue anthropologique», 1925-1927).

Bosch — Las relaciones de los pueblos atlánticos y la península ibérica en el eneolítico y en la edad del bronce («Investigación y progreso», I, 1927, n.º 7). (Resumo dum estudo sôbre o mesmo assunto aparecerá nas «Miscelâneas», de Leite de Vasconcelos).

Bosch — La Prehistoria de los iberos y la etnología vasca («Revue internationale des études basques», 1925), equivalente a Die Vorgeschichte der Iberer (Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien, 1925).

Bosch — Los antiguos iberos y su origen (Madrid, 1927).

T. D. Kendrick — The axe age (Londres, 1925).

W. Bremer — Die Stellung Irlands in die Vor und Frühgeschichte Europas (Festschrift des Römisch-germanischen Zentralmuseum, Mainz, 1927).

Bosch — Artigos Glockenbecherkultur e Megalithgräber (Westeuropa) e parte correspondente do artigo Pyrenäische Halbinsel no Reallexicon der Vorgeschichte de M. Ebert.

F. W. Gardner-G. Caton Thompson, The recent geology and neolithic industry of the Northern Fayum Desert (Journal of the Royal Anthropological Institute, LVI, 1926, pág. 301 e seg.).

G. Caton-Thompson — Explorations in the Northern Fayum («Antiquity», 1927, pág. 126 e seg.).

A. Scharf — Grundzüge der ägyptischen Vorgeschichte (Leipzig, 1927).

L. Frobenius-H. Obermaier — Hadschra Maktuba. Urzeitliche Felsbilder Kleinafrikas. (Munich, 1925).

L. Frobenius — Der Kleinafrikanisch Grabbau (Prähistorische Zeitschrift, VIII, 1918, pág. 1 e seg.).

(Tradução de A. ATAÍDE).

Uma visita ao Monte de S. Miguel-o-Anjo

POR

J. A. PIRES DE LIMA

O Monte de S. Miguel-o-Anjo (1) é um formoso outeiro que se ergue a 3 quilómetros ao Norte do Rio Ave, a 6 quilómetros de Santo Tirso, a 11 quilómetros de Vila Nova de Famalicão e a 18 quilómetros de Guimarães, numa região fértil em achados arqueológicos, relativos quer à época romana, quer à época celtibérica imediatamente anterior.

Pertence, na sua maior extensão, aquele monte, à freguesia de Dêlães, que faz hoje parte do concelho de Famalicão. Dêlães toma a parte Sudeste do monte, que pertence pelo Noroeste à freguesia de Ruivães, e por Sudoeste a S. Simão de Novais.

De Dêlães e de S. Miguel-o-Anjo, dizia o P. Carvalho (2) no princípio do século XVIII:

«S. Salvador de Delaens, Abbadia da Mitra, rende cento & cinquenta mil reis, tem cinquenta vizinhos. Esteve esta Igreja no alto de S. Miguel do Monte, & he tradiçãõ que nos tempos passados fora Cidade (ao menos devia ter fortificaçãõ, pelo que mos-

(1) Não confundir com o Castelo de S. Miguel-o-Anjo, situado no concelho dos Arcos-de-Val-de-Vez, e que foi estudado por Alves Pereira («Arqueólogo Português», I, 1895).

Na estrada do Pôrto para Santo Tirso, pouco além de Ermezinde, há outro monte com a mesma designação.

(2) «Corografia Portuguesa» do P. António Carvalho da Costa, I, Lisboa, M.DCC.VI.

traõ os vestígios) & que fora Mosteiro de Freyras. Aqui he o Solar dos Novaes de Portugal...».

Martins Sarmiento ⁽¹⁾ refere-se do seguinte modo a S. Miguel-o-Anjo e à sua estação arqueológica: «O Monte de S. Miguel é um outeiro isolado, onde são ainda hoje muito visíveis os vestígios duma povoação do tipo da Citânia, mas de muito menores dimensões. Seguem-se ainda muito distintamente as linhas das muralhas; notam-se aqui e ali alguns restos de construções; a telha de rebôrdo e fragmentos de vazilhas aparecem freqüentemente, tanto dentro como fora do recinto dos muros, porque a povoação para o lado de sudeste alargou-se além da circunvalação».

Informa o illustre arqueólogo que se encontraram ali mós de moínhos, objectos de bronze, moedas, etc., mas que tudo desapareceu ⁽²⁾.

A única tradição colhida ali por Martins Sarmiento é que aquilo foi *coisa de moiros*. Ainda lá subsiste hoje vagamente a mesma tradição. E outra colhi eu também. Uma das aldeias de Dêlães mais próximas do Monte chama-se *Penavila*. Dizem as pessoas letradas do lugar que *Penavila* é corrupção de *Pé-de-Vila*, pois que tal aldeia está junto de uma antiga vila.

«O que não tem dúvida nenhuma, diz Sarmiento, é que o deus Brico foi ali adorado, como é hoje S. Miguel, cuja capela se levanta no tope do monte». O anjo guerreiro era, com efeito, muito venerado pelo povo daqueles sitios, mas, últimamente, a capela tem sido vandâlicamente devastada e arruinada.

⁽¹⁾ Martins Sarmiento, *Para o Pantheon Lusitano* («Revista Lusitana», I, Pôrto, 1887-1888).

⁽²⁾ Fui informado que, por volta de 1860, Francisco Vicente, da casa do Arieiro, freguesia de Ruivães, mandou proceder a umas escavações no Monte de S. Miguel-o-Anjo, collhendo alguns objectos, cujo destino ignoro. Aquele obscuro investigador era, pelo povo da terra, alcunhado de *maluco*, por gastar dinheiro em cavagens improdúctivas.

Quem era o deus Brico? Sarmiento publica uma inscrição, até êsse momento inédita, em que um certo Flaus, natural de Valabrica, cumpre um voto feito àquele deus.

A ara votiva foi descoberta pelo dr. José da Cunha Sampaio, em 1884.

Diz o abade Oliveira Guimarães ⁽¹⁾ que êste monumento epigráfico existia na parede da casa do lugar de Perrelos, pertencente a Manuel António Dias, que em 1884 o ofereceu à Sociedade Martins Sarmiento. Perrelos é da freguesia de Dêlães e está situada no sopé do Monte de S. Miguel (Leste).

O sr. dr. Leite de Vasconcelos ⁽²⁾ refere-se largamente ao deus Brico e ao rude cipo de granito onde está gravada a inscrição de Flaus.

Quem trepar a encosta Sul do Monte de S. Miguel encontra, disseminados pelas bouças, abundantíssimos fragmentos de *tegulae*, semelhantes aos que aparecem nos outros castros da Callaacia, como o do Monte de Santa Luzia (Viana do Castelo), o de S. Julião (Caldelas) ⁽³⁾, etc.

Os fragmentos maiores de telhas de rebôrdo que ali colhi foram fotografados, bem como dois fragmentos de um grande vaso e parte de uma asa. Tanto na grosseira argamassa das *tegulae*, como, principalmente, na dos cacos de vasos, entram em profusão pequenas lâminas de mica.

Os bordos livres dos fragmentos de vasos são inclinados e medem 23 milímetros de largura. O fragmento de asa mede 17 milímetros de diâmetro.

⁽¹⁾ Oliveira Guimarães, *Catálogo do Museu Arqueológico* («Revista de Guimarães», XVIII, 1901).

⁽²⁾ Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa, 1905.

⁽³⁾ Joaquim Fontes, *La station de «S. Julião» aux environs de Caldellas* («Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles», VII, 1916).

*
* *
*

Quem subisse, há vinte anos, ao cimo do Monte de S. Miguel, tinha de atravessar espessos pinheirais que o forravam completamente a tôda a volta. No alto alvejava a capelinha dedicada àquele santo. Das traseiras da casa de S. Miguel de Seide tinha o grande Camilo diante dos olhos aquele gracioso outeiro, que lhe ficava a três quilómetros de distância.

São amplíssimas as vistas que se disfrutam lá do alto, desde a Penha até o mar. Pouco além da encosta Leste vê-se a grande região industrial de Riba d'Ave; mais longe, Guimarães; para o Sul, Monte-Córdova e Santo Tirso; em tôdas as direcções, numerosas aldeias que vieram substituir os castros e as citânias pré-romanas que povoavam os montes da bacia do Avus.

Outrora esta região era habitada por aldeões pacíficos e probos que se dedicavam quási inteiramente aos misteres agrícolas, e ainda um pouco às indústrias caseiras.

Desde o último quartel do século passado, porém, junto das margens do Ave e do Vizela começaram a levantar-se numerosas fábricas de tecelagem, para cujo labor foi atraída uma grande parte dos habitantes destas aldeias e ainda alguns de terras mais longínquas. O novo regímen de trabalho e a população adventícia trouxeram mudança de hábitos, que provocaram, naturalmente, a mudança do carácter dêste povo, que vivia outrora uma vida simples e rude, mas cheia de virtudes. Hoje em dia, porém, a gente que trabalha nas fábricas tem costumes pouco austeros e perdeu, em regra, a noção do direito de propriedade.

Os pinheirais foram, pouco a pouco, furtivamente destruídos, de modo que o Monte está hoje completamente glabro.

Não tendo mais lenha que colhêr, os fabricantes foram-se à capela de S. Miguel-o-Anjo, levaram-lhe as portas e janelas, leva-

ram as traves, e não esqueceram as telhas, que também foram aproveitadas para qualquer habitação particular. Depois, começou o rapazio a demolir as próprias paredes do velho templo.

No verão passado, encontrei já em grande parte desmoronadas essas paredes. No interior do antigo templozinho via-se um montão de pedras. No meio delas encontrei uma com curiosas gravuras insculpidas, e é êsse exemplar o principal objecto desta comunicação. Está representado na estampa junta, que é cópia de uma fotografia do dr. A. Lima Carneiro.

Trata-se de um paralelepípedo irregular de granito muito duro e de grãos muito finos, uns amarelados, outros negros e outros, muito brilhantes, de mica. Esta pedra é de estrutura muito diferente da das pedras de construção da capela, dos numerosos pedregalhos dispersos pelo monte e das pedras das paredes divisórias das bouças. Em geral essas pedras são de granito de grãos muito grossos

Pesa essa pedra 32 quilos e tem de comprimento 60 centímetros, de largura máxima 15 centímetros e de largura mínima 12 centímetros. O comprimento da parte gravada é de 33 centímetros.

Apresenta gravados uns desenhos ornamentais cujos motivos são duplos S S e 8 8 de conta. Tôdas as quatro faces são gravadas; mas só de dois lados é que os desenhos são bem nítidos. São os que se vêem representados na figura. Nas outras duas faces, que se apresentam polidas, talvez em virtude da acção do tempo durante séculos, vêem-se desenhos análogos, bastante apagados, à mesma altura. Nota-se que tais desenhos se deviam prolongar para cima, na mesma pedra, talvez quebrada, ou em outra. A parte inferior da pedra é mais irregular do que a parte gravada e era destinada talvez a ser enterrada no solo.

Qual seria a origem e o uso dêste objecto? Estou convencido que êle estava últimamente incluído na parte superior da parede

Norte da capela-mór do pequeno templo. Os rapazes que vão olhar o gado para as bouças do cimo do Monte, entretendo-se a demolir a veneranda ermida, derrubariam também aquela pedra, que, ao cair sobre outras, quebrou uma das suas arestas, que mostra vestígios de fractura recente.

Parece-me que a gravura é muito anterior à construção da capela, que era de arquitectura extremamente simples, sem o menor ornato rupestre.

A meu ver, os construtores do templo, encontrando no local aquela pedra gravada, incluíram-na na parede, como tantas vezes sucede.

Como vimos, a ara votiva ao deus Brico foi encontrada a poucas centenas de metros dali, na parede duma casa do lugar de Perrelos. Na parede da torre de Ronfe, a poucos quilómetros de distância, estava incluída uma inscrição votiva ao deus Durbédico (1). Na igreja de Santo Tirso encontra-se embutida numa das paredes a tão citada inscrição a Turiaco. Podia multiplicar os exemplos, para mostrar que é vulgar aproveitar, nas construções de edifícios, pedras com valor arqueológico.

Donde proviria, pois, esta pedra insculpida? Como disse, a capela de S. Miguel-o-Anjo era modestíssima e não é provável que aquela lápide fôsse expressamente gravada para entrar como material de construção no minúsculo e singelo templo. Haveria no mesmo local outra capela anterior a esta? É verdade que S. Miguel do Monte foi outrora séde de uma freguesia. Mas provavelmente os seus moradores não habitariam no monte, onde o terreno é muito árido e certamente nunca foi cultivado. As aldeias da antiga freguesia de S. Miguel do Monte, que depois foi anexa a Dêlães, deviam ser Perrelos, Penavila e outras mais próximas do sopé do outeiro.

(1) Martins Sarmiento, *loc. cit.*

Muito menos me parece que fôsse possível haver ali um convento de freiras, como diz rezar antigamente a tradição o P. Carvalho. Os mosteiros da região (Oliveira, Landim, Santo Tirso) eram sempre erigidos em lugares fertilíssimos, que contrastam com a aridez de S. Miguel-o-Anjo.

Já em outra ocasião (1) me referi à constituição granítica dos terrenos destes lugares, à abundância de rochedos, abundância tão considerável que influiu na elaboração do onomástico local. No meu citado trabalho refiro-me aos seguintes lugares, todos mais ou menos próximos do Monte de S. Miguel: *Penas, Penedo, Penide, Pena-vila, Penu-cabrão*. Hoje, depois de ter consultado o Tombo da Freguesia de Dêlães (2), posso aumentar essa lista com os seguintes nomes: *Campo das Rochas, Talho das Penas, Bacelo das Penas, Monte de Penido, Campo da Lapa, Campo de Lágeas, Monte de Lágeas, Souto das Penas*. Muitas vezes o «Livro do Tombo» se refere à natureza pedregosa daqueles terrenos, como no seguinte passo, em que trata da Bouça de Fora do Casal de Perrelos: «de todas as partes e monte de São miguel do monte tem dentro em sy penedia, terra ruim muito fraqua de penedia».

Não é, portanto, provável que, depois da conquista romana, passando a dedicar-se à agricultura os habitantes desta terra, houvesse em S. Miguel do Monte quaisquer núcleos de população. Erigir-se-ia a igreja no alto do Monte e lá ficou a séde de uma freguesia, de que faziam parte os habitantes do sopé do outeiro, do lado de Dêlães.

(1) J. A. Pires de Lima, *Notas sobre a epidemia gripal* («Portugal Médico», 1918).

(2) Ao meu amigo sr. abade de Dêlães, rev. P. Sampaio, muito agradeço a fineza de me deixar consultar dois preciosos manuscritos: «Livro do Tombo das propriedades e limites da igreja de São Salvador de Dêlães e da sua aneixa de São Miguel do Monte anexa in perpetuum... o qual Tombo se mandou fazer no ano de mil e quinhentos e noventa e dois»; Livro das Visitas à Freguesia de Dêlães, desde 1632 a 1685.

Pelo «Livro do Tombo» fiquei a saber que, no Casal de Baixo da Igreja de Dêlães, havia um campo chamado *Dantas*, designação que lembra a antiga existência de algum monumento megalítico.

O manuscrito que inscreve as determinações dos visitantes da igreja de Dêlães no século XVII é de veras curioso e dá-nos ideia do carácter rebelde da população da freguesia naqueles tempos.

A freguesia de S. Miguel do Monte estaria totalmente decadente em princípios daquele século, pois que, em 1635, o visitador ordenou que os fregueses mandassem levar a pia de baptismo da igreja de S. Miguel para a de Dêlães, visto ser melhor do que a desta igreja, que então estava situada no lugar de Dêlães de Baixo. Só no século XVIII é que foi construída a linda igreja actual.

Em 1637 o visitador mandou fazer diversas obras na ermida de S. Miguel-o-Anjo e, um ano depois, deixou a seguinte nota no livro: «Achei que os Freg.^{es} desta Igreja erã̃ pouquo devotos Achei que os fregueses nam satisfiseram com os capitulos da vesitasam passada com huas portas na ermida de Sam Miguel oAmio, nê com retelhar adita Capella».

Os campónios do século XVII, pouco devotos, não se apresavam a retelhar a ermida de S. Miguel; os de hoje, bem mais irreverentes, levaram para casa as telhas que lhe restavam. E, não satisfeitos, ainda cantam melancolicamente:

Tenho o meu peito à chuva,
nã̃ acho retelhador;
chovem, dentro como fora,
lágrimas do meu amor (1).

Com o correr do tempo, não afrouxam os queixumes. Em 9 de Janeiro de 1640 o visitador Paulo de Mesquita insiste por que

(1) Fernando C. Pires de Lima, *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, 130.

se façam obras na ermida de S. Miguel, e a 18 de Dezembro do mesmo ano o abade Manuel Luís Espinel lia e publicava aos seus fregueses uma nova «visitação», em que se dava conta de umas queixas por não se terem feito aquelas obras.

Pelo que se vê, a revolução restauradora do 1.º de Dezembro não estimulou a diligência religiosa dos lavradores de Dêlães.

O visitador de 1641, Domingos Vilaça, foi mais enérgico. Como os fregueses não tivessem cumprido as visitasões anteriores, deixando ao abandôno a ermida de S. Miguel, condenou-os na multa de três cruzados. Pois nem assim os moradores de Dêlães se moveram: O mesmo rev. Vilaça, cónego prebendado na Santa Sé de Braga Primaz e visitador ordinário na comarca de Vermoim e Faria, notou, em 1642, que os paroquianos nem concertaram a capela nem pagaram a multa. . .

Tais foram as vicissitudes por que passou naqueles tempos a ermida de S. Miguel do Monte. Como quer que seja, eu vi-a pela primeira vez há 28 anos. Era uma capelinha humilde mas bem tratada, quer interior, quer exteriormente. A fúria demolidora é muito recente, e o rev. abade de Dêlães viu, nos últimos anos, desaparecer todos os seus materiais aproveitáveis. Acudiu a tempo às imagens e a outros símbolos sagrados, porque senão tudo iria talvez parar às lareiras semi-paganizadas do irreverente *Homo faber* do século XX.

Mas voltemos à nossa pedra insculpida. A minha opinião é que ela não pertenceria primitivamente a qualquer construção cristã. A forma dela, semelhante a um pedaço de esteio, poderia fazer pensar num marco divisório de propriedades. Mas quem se lembraria de enfeitar assim com ornatos uma pedra destinada àquele fim?

É trivial o motivo aproveitado pelo humilde artista que a gravou, motivo que se encontra nos mais variados estilos de tôdas as épocas.

Mas encontro grande semelhança entre os ornatos da pedra que descobri e outros que teem sido notados em monumentos prè-romanos.

São perfeitamente semelhantes aqueles ornatos aos que se vêem em pedras descobertas por Albano Belino ⁽¹⁾ na Citânia de Monte Redondo, a 5 quilómetros de Braga, e por Alves Pereira ⁽²⁾ em Castro de Cendufe (Arcos-de-Val-de-Vez). As gravuras da minha pedra são comparáveis aos chamados *postes* que ornamentavam a vestidura dos guerreiros lusitanos. Nos próprios lavores da Pedra Formosa da Citânia de Sabroso encontro sugestões do mesmo motivo que ornamenta a pedra de S. Miguel-o-Anjo.

Diz-me o colega Luís de Pina que, no Museu da Sociedade Martins Sarmento, estão arquivadas diversas pedras insculpidas semelhantes à minha; e cita especialmente a que foi encontrada na Citânia a 26 de Julho de 1875 ⁽³⁾.

Não sou arqueólogo e portanto venho apenas submeter o parecer de um estudioso à opinião dos competentes.

Não seria aquela pedra gravada por um dos rudes habitantes das montanhas da Ibéria, que se alimentavam de carne de cabra e de pão de bolota; que passavam a vida em constantes lutas e torneios, refugiando-se defensivamente nos castros, quando as suas terras eram invadidas; que resistiram durante dois séculos aos omnipotentes romanos, mais cultos mas não menos cruéis do que êles? ⁽⁴⁾

(1) Albano Belino, *Cidades mortas* («Arqueólogo Português», XIV, pág. 24).

(2) Alves Pereira, *Novas figuras de guerreiros lusitanos, descobertas pelo dr. L. de Figueiredo Guerra* («Idem», XX, pág. 11).

(3) Martins Sarmento, *Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães* («Revista de Guimarães», 1903, pág. 67).

(4) Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitânia*, Pôrto, 1924; Schulten, *Viriato*, vert. do alemão por A. Ataíde.



SUR UNE INSCRIPTION PROTO-IBÉRIQUE D'ALVÃO

NOTE DE

A. A. MENDES CORRÊA

Professeur à l'Université de Porto

Je crois non seulement d'un intérêt scientifique spécial mais aussi de la plus grande opportunité, le document archéologique inédit (1) qui vient de m'être apporté par le P.^e José Brenha, un des chercheurs qui ont fouillé, il y a 34 ans, les importants groupements dolméniques de la chaîne d'Alvão, aux alentours de Vila Pouca d'Aguiar (Traz-os-Montes).

Parmi les découvertes réalisées dans ces dolmens par le P.^e Brenha et par son collaborateur le P.^e Rafael Rodrigues, certaines ont mérité une attention particulière du monde savant, parce qu'elles avaient d'étrange et de nouveau; c'était quelques pièces lithiques présentant des inscriptions alphabétiformes et des gravures zoomorphiques, héliomorphiques, etc. Ricardo Severo a émis l'hypothèse que l'on avait affaire à des objets néolithiques et que l'existence de signes alphabétiques sur ces objets venait apporter la confirmation des vues exposées en 1891 par Estácio da Veiga en faveur de l'ancienneté néolithique de l'alphabet et de son origine occidentale.

Mais, d'après l'opinion presque générale des préhistoriens, l'authenticité de ces découvertes était douteuse et un silence funé-

(1) J'en ai donné récemment quelques photos et dessins à la presse périodique et je m'en suis occupé dans un article sommaire publié par le «Primeiro de Janeiro», de Porto.

raire enveloppa les objets d'Alvão jusqu'au jour où les trouvailles, actuellement si discutées, de Glozel les ont exhumé de cet oubli immérité. En reprenant, sur la demande de M. Camille Jullian, l'examen de ces pièces et l'étude de la vaste nécropole, et d'après les renseignements absolument loyaux du P.^e Brenha, j'ai abouti, sans hésitation, à la conclusion que ces objets sont évidemment authentiques, tout en réservant mon opinion définitive quant à leur chronologie préhistorique.

Les pièces gravées et inscrites d'Alvão résultent, d'après ce que j'ai pu inférer des informations du P.^e Brenha et des articles de «Portugalia», du plancher d'une chambre dolménique (du dolmen que ces chercheurs ont désigné par le n.^o VIII) de Carrazedo d'Alvão, et des alentours d'un dolmen de Capeludos, dans la même contrée. Les pièces les plus nombreuses et les plus importantes appartenaient au dolmen de Carrazedo, qui contenait les inscriptions les plus étendues et les plus régulières, et les gravures et sculptures animalistes. Ce dolmen a été détruit il y a quelques années par des paysans ignorants. Dans ma visite récente à Alvão, je n'en ai trouvé que le tumulus et quelques fragments des supports. Les signes gravés sur les pierres de Capeludos étaient moins réguliers et différaient sensiblement de ceux de Carrazedo.

Les objets trouvés dans le dolmen VIII étaient déposés sur une mosaïque ou plancher de petites pierres et enveloppés par du sable ayant pénétré par les interstices des parois du monument. Le P.^e Brenha, Ricardo Severo, Wilke, Teixeira Rego, etc. ont considéré ces trouvailles comme contemporaines de la construction des mégalithes de la contrée. Elles seraient donc néolithiques et leur écriture serait néolithique. D'après mon opinion, elles seraient, par contre, postérieures à l'époque mégalithique, peut-être de la transition du premier au deuxième âge du fer, c'est à dire vers 500 av. J.-C. L'écriture serait, selon moi, *proto-ibérique*, ce qui placerait les objets avant les inscriptions ibériques du sud du pays

et de l'Espagne, que l'on date généralement d'époques postérieures et qui survivent, comme l'on sait, pendant l'époque romaine, ce qui a permis à M. Jullian de dater de cette époque ces pièces dont le caractère votif me semble prouvé.

La description des objets découverts par les PP. Brenha et Rodrigues a été donnée par la revue «Portugalia». Ces chercheurs ont séparé leurs trouvailles en deux lots. Celles appartenant au premier ont été déposées par lui au Musée Anthropologique de l'Université de Porto.

On sait que les documents d'Alvão ont eu récemment la plus grande notoriété en conséquence de leurs affinités avec les objets si controversés de Glozel. Je ne veux pas, dans cette note, aborder une question dont la discussion sereine et objective — la seule admissible au point de vue scientifique — risque maintenant de déclencher la colère de beaucoup et les risées naïves de la foule. Cela ne veut pas dire que j'hésite à proclamer, une fois de plus, la conviction que j'ai acquise après ma visite au célèbre gisement. D'ailleurs Alvão me semble, malgré ses différences de détail par rapport à Glozel, un excellent argument en faveur de l'authenticité de la station bourbonnaise. Les considérations qui suivent, renforcent évidemment d'une façon puissante la valeur de cet argument. Mais, en ce moment, je ne discute pas Glozel. Je ne tiens qu'à présenter un nouveau document d'Alvão dont l'importance et l'opportunité n'échapperont à personne. S'il favorise la thèse glozélienne, ce n'est pas en conséquence de rapprochements forcés ou d'une dialectique spécieuse. Je n'enregistre que les faits. Ceux-ci parlent plus haut que tous les savants du monde.

*

* *

Le P.^e Brenha m'écrivait de Traz-os-Montes, il y a quelques jours pour m'annoncer qu'il m'apporterait deux objets que l'on

avait trouvés à Carrazedo d'Alvão et qui présentaient des affinités avec les trouvailles antérieures de la contrée et avec les objets de Glozel. Il m'envoyait préalablement une empreinte négative que le P.^e Rodrigues, sous le coup d'une mauvaise inspiration, avait obtenue avec de l'encre d'imprimerie sur un des objets. C'était une inscription gravée dans un tesson de poterie. L'autre objet était en pierre et présentait, gravés, des traits, des points, des caractères alphabétiques et peut-être une scène de chasse d'un cervidé. Dans sa lettre, le P.^e Brenha remarquait ce qu'il y avait d'intéressant dans le fait que l'inscription était gravée sur l'argile et non, comme les autres, sur la pierre, et ce fait élimine une des différences établies entre Alvão et Glozel. Mais mon correspondant désirait un examen approfondi des objets, dans le but de lui épargner ainsi qu'au P.^e Rodrigues, les accusations aujourd'hui si faciles de faussaires et d'imitateurs de Glozel. Il connaît bien le monde.

Le 12 Janvier, le P.^e Brenha me remettait personnellement les objets et m'expliquait avec les détails possibles, les conditions de leur apparition. Quelques jours avant, il avait visité, au village de Telões, près d'Alvão, son collaborateur, le P.^e Rodrigues, et il lui avait apporté quelques publications concernant les découvertes de Glozel. Pendant que le P.^e Rodrigues examinait les gravures, une personne de la contrée, qui était présente et les regardait aussi, lui dit qu'elle connaissait l'existence, chez une famille paysanne de Carrazedo d'Alvão, de quelques objets semblables. Les PP. Brenha et Rodrigues firent aussitôt des démarches pour voir et obtenir ces objets, dont ils se sont efforcés aussi de déterminer la provenance exacte. Ils ont réussi dans une partie de leurs désirs, malgré les difficultés que les paysans ont opposées à se dépouiller de ces pièces.

Celles-ci avaient été déterrées trois ou quatre ans après les fouilles de Brenha et Rodrigues, alors que les paysans arra-

chaient vandaliqnement les pierres d'un dolmen pour les utiliser dans la construction des murs des alentours. On n'a pas encore pu établir si elles provenaient du dolmen VIII ou d'un autre. On n'a pas non plus déterminé les conditions exactes et la profondeur où elles se trouvaient.

En voyant ces objets étranges, ces paysans ignorants se sont adressés à une sorcière connue de la région qui les a sagement conseillés de conserver ces pièces comme des talismans, dont la possession leur assurait le bonheur. Cela explique leur résistance à remettre les objets au P.^e Rodrigues.

Les conditions topographiques de ces découvertes ne sont donc pas bien précises. Mais je connais bien la loyauté et la probité du P.^e Brenha. J'ai aussi des renseignements concluants sur le P.^e Rodrigues qui est tout à fait incapable d'un faux. Les gens d'Alvão, qui sont intervenus dans ces nouvelles acquisitions, n'ont jamais entendu dire un mot au sujet de Glozel. Ce sont des montagnards ignorants. Quelqu'un qui connaît la contrée sait bien comme elle est loin des centres de culture et d'information. Mais ce qu'il y a de plus important, c'est que le tesson à inscription porte en lui-même les garanties de son authenticité. Il présente un aspect bien ancien, bien vieux, qu'heureusement ni l'encre d'imprimerie ni les frottements avec de l'essence dans le but de faire disparaître cette encre n'ont réussi à détruire... L'alphabet de ce tesson ne pouvait pas être inventé par un paysan contemporain de Traz-os-Montes.

Aucun motif d'intérêt monétaire, de vanité personnelle, d'imitation ou de fumisterie n'existe, rendant possible l'hypothèse de falsification.

La pierre gravée présente des traits nettement patinés. Mais il y en a beaucoup ayant une couleur blanchâtre et une certaine aspérité et coupant quelques lignes qui présentent nettement l'aspect ancien. J'ai eu l'impression que l'on aurait avivé ou même

peut-être modifié les traits des représentations antérieures, spécialement sur le museau d'un canidé, dont on voit la tête à gauche de la surface gravée, et sur la tête d'un cervidé représenté près du bord supérieur de la pierre. C'est la figuration plus nette et plus maladroite. On en voit la tête avec les deux bois rameux, le tronc et trois pattes. Presque au centre on distingue une tête d'animal, pendante, les narines en bas, les oreilles ou les bois en haut et en avant. À droite du cervidé il y a un réseau irrégulier de traits anciens où l'on reconnaîtrait peut-être un schème partiel de la figure humaine, couchée, avec la tête à droite. Ce schème ne s'écarte pas beaucoup de quelques figures schématiques du néolithique. Des signes alphabétiques dont un ou deux sont différents de ceux de la pièce céramique, sont répandus irrégulièrement à la surface, au milieu et à droite.

La présence de traits bien patinés, la ressemblance de ces représentations animalistes avec celles que l'on a découvertes antérieurement à Alvão et dont la patine des traits est toujours bien nette, la nature des signes alphabétiques, sont des arguments favorables à l'authenticité de cette trouvaille (fig. 1). Je n'oublie pas cependant que plusieurs traits laissent croire que les paysans qui ont trouvé et gardé cette pierre, ne craignirent pas d'en modifier et d'en approfondir les traits anciens, sans compter sur ce que ce fait nuisait à la valeur documentaire de cette pièce. Retenons donc seulement le tesson à inscription.

On ne connaît pas, je le répète, le site exact et les conditions détaillées de découverte de cette pièce. Mais on sait qu'elle provient d'un des dolmens de Carrazedo d'Alvão. Elle possède des caractères propres d'authenticité. Elle a des affinités très nettes avec des objets antérieurement découverts dans cette contrée. Les Musées sont pleins de documents sérieux qui ne sont pas mieux garantis et dont la provenance n'est pas établie avec autant d'approximation. La plupart des inscriptions ibériques du sud du

pays ont été acceptées dans des conditions moins satisfaisantes. Aucun préhistorien ou géologue n'a assisté à l'exhumation de la calotte de Neanderthal ni n'a pu en dresser directement le procès verbal. Combien de documents précieux ont été découverts en semblables conditions! Faut-il adopter un critérium différent pour tous les objets qui ont des ressemblances avec ceux de Glozel? Y a-t-il deux façons de concevoir la critique préhistorique? La



Fig. 1 — Dessin de la pierre gravée (réduite)

portée et l'opportunité de cette acquisition nouvelle ne m'ont pas aveuglé. Le moindre doute sur l'authenticité de ce document m'empêcherait d'en faire la publication, même sous réserves.

*

* *

Le fragment de céramique (v. planche) appartenait à un grand vase et il présente quelques petites stries longitudinales, plus ou moins discontinues sur la surface intérieure, où l'on voit d'ailleurs des rugosités et quelques dépressions irrégulières. Il a plus de ressemblances avec les types grossiers de la céramique des *castros* portugais qu'avec la poterie typique des dolmens et des

grottes du pays. Les stries et la régularité de la courbure nous forceraient même à établir l'intervention de la roue du potier, si, d'autre part, ces stries n'étaient pas un peu discordantes, si les dimensions du vase n'étaient pas trop grandes et si la pièce ne présentait pas des différences considérables d'épaisseur et des dépressions à sa surface.

Le fragment est irrégulier, mais il se rapprocherait d'une forme rectangulaire si une des extrémités n'était pas prolongée en triangle brisé au sommet. Tout le pourtour de la pièce résulte de fractures qui ne semblent pas récentes sauf peut-être celle en angle obtus d'un des coins. Le fragment mesure 164^{mm} de longueur maxima, 72^{mm} de hauteur, 23^{mm} d'épaisseur dans le bord plus épais et 15^{mm} d'épaisseur dans le bord opposé. Il présente une courbure de grand rayon dans le sens de sa longueur et une diminution d'épaisseur dans le sens de sa hauteur. L'argile est foncée, un peu poreuse, grossière, micacée, bien cuite.

Dans la surface externe du tesson, on remarque sur une grande étendue, l'enduit noir produit par l'encre employée regrettablement pour le décalque. On voit nettement dans cette même surface les signes, bien incisés. Ils auraient été gravés avant cuisson. Ils donnent l'impression d'une disposition boustrophède puisqu'ils semblent progressivement s'incliner surtout dans une des extrémités. Mais ce morceau céramique appartiendrait certes à un grand vase et il y avait sûrement d'autres signes. Dans ce fragment, on en compte une quarantaine, dont 23 ou 24 sont différents.

L'étude de cette inscription ne me paraît pas devoir être séparée de l'étude de l'alphabet archaïque d'Alvão. Je ne suis ni épigraphiste ni glossologiste et je laisse donc cette étude aux personnes compétentes. J'oserai cependant signaler quelques constatations sommaires que j'ai faites après une comparaison attentive des signes de cet objet avec les caractères déjà connus d'Alvão et avec les caractères ibériques, phéniciens et glozéliens.

Un grand nombre des signes de la pièce nouvelle (fig. 2) se trouve déjà dans l'alphabet d'Alvão, mais il y a six ou sept signes différents et quelques variantes nouvelles. Ce qu'il y a de plus intéressant c'est le fait que ce nouveau document établit un rapprochement, qui n'existait pas, entre les inscriptions de Carrazedo d'Alvão et les signes gravés sur les pierres de Capeludos, dont deux ou trois, comme le point ou l'arc, se trouvent sur le tesson incisé.

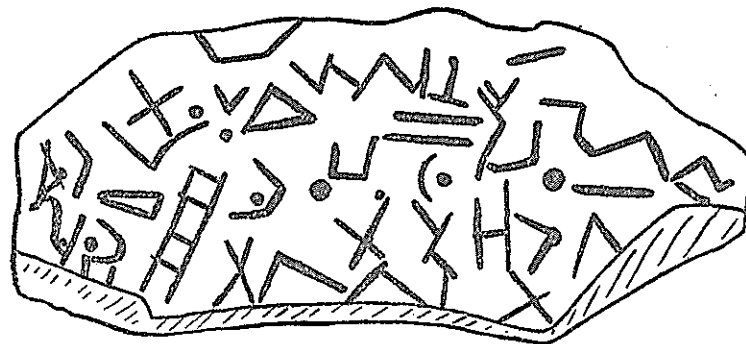


Fig. 2.—Dessin des signes du tesson à inscription (réduit)

Plusieurs signes sont aussi communs à l'alphabet ibérique (1), mais on trouve des caractères différents et peut-être des variantes nombreuses.

(1) Je reçois, lors de la remise de cet article à l'imprimerie, le travail de Julio Cejador sur l'alphabet ibérique. Il ne change nullement mes conclusions sur l'inscription d'Alvão, mais il me suggère des considérations que j'exposerai dans une autre note. L'effort érudit de Cejador est bien remarquable, mais je ne saurais accueillir sans quelques réserves ses interprétations des textes ibériques, malgré mon ignorance du basque. Cependant, je crois qu'il a eu raison de s'écarter de la voie de Delgado et d'autres qui partaient *a priori* du postulat de l'origine phénicienne des signes ibériques. D'ailleurs, le caractère primitif du basque offre une direction naturelle pour les recherches. Mais le basque serait-il la seule langue primitive du territoire? J'en doute, bien qu'admettant que l'on aurait affaire seulement à des variantes locales ou dialectes du basque et non à des langues différentes. L'unité linguistique absolue de la Péninsule préromaine n'est pas vraisemblable.

Les affinités avec les caractères phéniciens sont moins marquées. On peut reconnaître quelques signes communs aux alphabets phéniciens. Le *guimel* et le *táo*, par exemple, seraient très fréquents. On ne pourrait cependant rapprocher des caractères de l'inscription d'Ahiram plus d'une demi-douzaine.

On constate, par contre, des affinités très nombreuses avec l'alphabet de Glozel, malgré un petit nombre de différences. Il y a des signes qui ne se trouvent, je crois, qu'à Alvão et à Glozel. On voit dans le tesson les deux parallèles horizontales, par exemple.

Je crois une fois de plus pouvoir affirmer que l'alphabet d'Alvão appartient au groupe des alphabets occidentaux archaïques et il constitue, par suite de ses rapports avec l'ibérique, un alphabet *proto-ibérique*. Si l'on peut attribuer aux signes communs aux alphabets phénicien et ibérique que l'on trouve dans le fragment céramique étudié une valeur phonétique semblable à celle qu'on leur donnait dans ces alphabets (avant le travail de Cejador pour l'ibérique), nous constatons que ce fragment contient très peu de voyelles. L'inscription serait, comme beaucoup d'inscriptions primitives, presque exclusivement consonnantique.

Le problème de la chronologie de cet objet d'Alvão et de ceux que l'on y avait trouvés en 1894 et que l'on avait presque oubliés, n'est pas facile. Les dolmens y fournissent une limite chronologique que l'on ne peut pas dépasser. Mais les objets sont-ils contemporains des dolmens ou postérieurs à ceux-ci? J'ai donné ailleurs les raisons qui me semblent s'opposer à la première hypothèse et dont la principale est que la culture dolménique du pays n'a fourni aucun ensemble pareil. Le dolmen VIII était une exception parmi une quarantaine de dolmens de la contrée et parmi les centaines de dolmens de la province et du Portugal. Mais maintenant, tout en admettant une ancienneté moins reculée de ces objets par rapport aux dolmens, ce qui est confirmé par les différences entre le tesson et la céramique des dolmens et des grottes néolithiques, je crois

qu'il ne faut pas trop les rajeunir. Je les avais placés vers 500 av. J.-C., dans la transition du premier au deuxième âge du fer. La raison principale en fût la chronologie que l'on attribue généralement aux inscriptions ibériques, lesquelles auraient été précédées par les inscriptions proto-ibériques d'Alvão. Mais pourquoi ne devra-t-on pas considérer comme de beaucoup antérieures au deuxième âge du fer les inscriptions ibériques les plus anciennes? On connaît les arguments apportés par Estácio da Veiga en faveur de cette ancienneté. Rappelons que, d'après Strabon, les Turdétans se vantaient de posséder une littérature et des annales vieilles de six mille ans. Réduisons beaucoup ce chiffre et l'écriture péninsulaire devancerait encore les plus anciens documents épigraphiques phéniciens.

L'absence des métaux, les idoles féminines, la présence d'un art animaliste grossier qui aurait des devanciers lointains (et où je crois voir l'origine des sculptures d'animaux dites ibériques) ⁽¹⁾, le défaut de pièces archéologiques typiques des époques postérieures au néo-énéolithique, l'aspect archaïque des signes du tesson de poterie que je viens d'étudier et de ceux des inscriptions déjà connues, ce sont des arguments qui me portent à attribuer les objets et les inscriptions d'Alvão à des tribus qui auraient habité cette région tout de suite ou peu après l'époque de la construction des dolmens de la contrée.

Pourra-t-on rapprocher quelques pièces d'Alvão des objets de Los Millares (sud-est de l'Espagne) portant des soleils et des cerfs stylisés? Peut-être. Les cervidés d'Alvão m'ont fait aussi penser au cerf plus schématique représenté sur un vase énéolithi-

(1) Quelques sculptures grossières d'Alvão (du genre de celle figurée par Leite de Vasconcelos dans ses «Religiões da Lusitania», t. 1, p. 342), m'ont suggéré tout de suite l'idée de la truie de Murça. Elles en seraient peut-être les ancêtres, encore plus rudes.

que des grottes de Palmela. Il ne me semble pas, de même, impossible que le tesson d'Alvão que je viens de décrire, eût appartenu à une grande urne funéraire suggérant par ses dimensions l'idée des urnes argariques, mais je n'ose pas tirer des conclusions chronologiques de ces rapprochements trop vagues et un peu contradictoires.

La culture néo-énéolithique du Portugal s'est conservée en beaucoup d'endroits jusqu'à une époque contemporaine des civilisations métalliques, déjà avancées, d'autres pays. Je ne peux donc pas donner une chronologie absolue pour les objets et les inscriptions d'Alvão, dont cependant je n'hésite pas dès maintenant à accepter, sur les données typologiques, l'ancienneté reculée, le caractère archaïque, même l'aspect néo-énéolithique de quelques objets, sous les réserves qui découlent évidemment de l'insuffisance des éléments topographiques, des repères chronologiques et des matériaux de comparaison.

Les populations actuelles d'un bas niveau culturel, ne possèdent pas une écriture alphabétique. Ce fait m'a, pendant longtemps, empêché d'admettre un alphabet néolithique. Maintenant, je crois que la culture lithique occidentale a atteint un véritable apogée où, sous quelques aspects, elle n'était pas effacée par l'éclat des civilisations métalliques orientales qui en étaient synchroniques. Si l'Orient a été le centre d'une brillante civilisation archéo-métallique, l'Occident a assisté à l'épanouissement splendide d'une culture lithique et du cuivre qui en fut contemporaine, du moins en partie, et dont l'alphabet aurait été une des créations possibles.

Porto, Université, Institut d'Anthropologie, le 19 Janvier 1928.

A. A. MENDES CORRÊA

Sur une inscription proto-ibérique d'Alvão



VÁRIA

Cidade de Terroso

(Póvoa de Varzim)

No Museu de Antropologia do Pôrto expunha-se, numa caixa, grande quantidade de objectos de bronze e de ferro, que, segundo se lia num letreiro junto, tinha sido depositada pela família do dr. José Fortes, como proveniente da necrópole luso-romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia).

Quando procedi ao inventário e exposição destas peças, admirei-me o seu número: 26 fíbulas de arco e anulares, 64 *aci comatoria* de três tipos, 12 agulhas de coser, fragmentos de cadinhos, etc.

A abundância e riqueza da colecção não condizia com o que o dr. J. Fortes descrevera de Gulpilhares, no artigo *Gaya no Passado* (in «Mea Villa de Gaya», pág. 17, Pôrto, 1909): «As posses do numeroso e miserável povoado não davam para exorbitar da maior modéstia nas offerendas funerárias. Duas pulseiras, numerosos fragmentos de protectores de calçado ferrado, com solas de madeira; estilhas de vidro, de vasilhas irreconstituíveis; uma faca de ferro com guarnições de bronze e bainha de madeira; um instrumento de ferro, denticulado à maneira de serra, acaso um raspador; o pedaço dum *acus comatorius*, para enfeite ou segurança do penteado; contas meúdas de vidro, diversamente colorido, sobresaindo ao pé destas dous exemplares *oculados*, vulgares, de vidro azul-escuro com esmalte de círculos brancos; duas lascas de sílex para ferir lume; poucas moedas dos últimos imperadores romanos; e finalmente, em muitas sepulturas, pregaria variada dos grosseiros esquifés funerários—tal em summa o restante espólio arrecadado».

Procurando então qual seria a proveniência destes objectos, fui-a encontrar nos dois textos seguintes:

«... Depois, pela exploração da cidade de Terroso (Póvoa de Varzim) colhêramos, Rocha Peixoto e nós, a certeza científica do indigenato, em mais avançadas eras, da indústria metalúrgica não só do bronze, mas da prata e do ouro: cadinhos com restos de metal, granitos de prata e ouro com indícios de trabalho, tudo exumado do fundo da camada archeológica, demonstraram-nos à

saciedade que na região florescia a manufactura daqueles metais, de resto também contraprovada, em relação ao bronze, pela superabundância dos artefactos encontrados...» (J. Fortes, *Ouros protohistóricos da Estella*, «Portvgalia», II, pág. 612).

«... Setenta e tantos alfinetes e agulhas de bronze encontradas na cidade». (R. Peixoto, *As explorações da cidade de Terroso e do castro de Laundos*, «Portvgalia», II, pág. 677).

Pela importância das explorações, que só tiveram igual em Briteiros, não pode haver hesitação na atribuição dos objectos à cidade de Terroso. A corroborá-la está a coincidência do número dos alfinetes e agulhas, ao todo setenta e seis, com o citado por R. Peixoto; e a existência de alguns cadinhos com restos de metal e granitos metálicos com vestígios de utilização.

O meu presado amigo e ilustre arqueólogo, sr. José de Pinho, a quem mostrei a colecção, contando-lhe o que se passara, confirmou a minha opinião de que os objectos eram da cidade de Terroso, a cuja exploração assistira. Sòmente não podia assegurar que tôdas as fíbulas lá tivessem sido encontradas.

O sr. prof. dr. Mendes Corrêa publicou desenhos de alguns destes instrumentos (cinco fíbulas, uma mola e dois alfinetes) na est. XV de *Os Povos Primitivos da Lusitania* (Pôrto, 1924), como sendo de Gulpilhares, notando na legenda que «alguns tipos são post-halstattianos, apesar da necrópole atingir os séculos III e IV da era cristã», igual reparo fazendo na pág. 254 (nota 4). Como se vê não lhe passou despercebido o facto de objectos de tipo castrejo se encontrarem numa necrópole tão recente.

Emquanto não conseguir elementos seguros sôbre a proveniência das fíbulas, continuará inédita esta bela colecção.

Citarei apenas dois *stili* de bronze, exemplares únicos em Portugal.

Estes estiletos, medindo respectivamente 94 e 108 mm. de comprimento, teem uma extremidade aguçada para escrever sôbre madeira encerada (*tabella*, *tabula*), e a outra espalmada para espalhar a cera.

A sua forma condiz com a descrita no *Dictionnaire des antiquités*, etc., de Saglio (IV, 2.ª parte, pág. 1510), por Cagnat e Chapot, no *Manuel de archéologie romaine*, (t. II, pág. 510, Paris, 1920), etc.

De Portugal apenas se conhecia um *stilus* de ferro, de Vale Vaqueiro (Beira-Baixa), um pouco mais curto e do mesmo tipo, descrito pelo sr. prof. dr. José Leite de Vasconcelos «O Archeologo Português», vol. XXIII, pág. 4, fig. 13, Lisboa, 1918).

RUY DE SERPA PINTO.

En Portugal

Une loi de 1913 a, dans ce pays, créé, en lui conférant de larges attributions, une Commission pour la réforme pénale et pénitentiaire.

Les travaux de cet organisme ont abouti, notamment, à faire de l'administration des prisons un corps autonome, rattaché au ministère de la Justice, et à établir un Institut de criminologie.

La commission est maintenant transformée en conseil permanent, dont font partie l'administrateur et le directeur général des prisons, et dont les attributions consistent, entr'autres:

- 1) à proposer les nominations de directeur de prison;
- 2) à connaître des recours du personnel en matière disciplinaire;
- 3) à coordonner l'action des patronages;
- 4) et à se prononcer sur les projets de transformation des prisons.

L'occupation industrielle des détenus, au nombre de 12 à 14.000, précédemment à peu près inactifs, semble constituer son souci principal.

L'Institut de criminologie publie une revue trimestrielle, le «Boletim do Instituto de Criminologie», dont nous avons déjà donné des extraits (1) et dont notre distingué collègue, M. João Bacelar, directeur du pénitencier national de Lisbonne, est un des meilleurs collaborateurs. Il vient, en outre, de faire paraître un volume, *Crime et Prison*, que l'auteur, M. le docteur Rodolphe-Xavier da Silva, assistant à l'Institut de médecine légale, directeur de la 1^{ère} section de l'Institut de criminologie, déjà connu par ses travaux antérieurs (2), a eu la gracieuseté d'offrir à notre Rédaction.

Cet ouvrage, qui a été imprimé sur les presses du pénitencier, est distribué gratuitement aux groupements scientifiques, et le produit de la vente au public est divisé en deux parts, dont l'une est destinée à couvrir les frais d'édition, et l'autre, à gratifier les détenus qui ont collaboré à son édition et à secourir ceux qui se trouvent dépourvus de ressources.

Il est dédié à la mémoire d'un prisonnier qui, de son vivant attaché au poste anthropologique de la prison, a contribué à réunir les éléments de l'étude qui vient de voir le jour.

(1) V. Erou, 1925, p. 360.

(2) Citons, *Os Reclusos de 1914*.

Peu au courant de la langue portugaise, nous ne pourrions, sans risque d'erreur, entrer dans tous les détails de ces publications; nous nous bornerons donc à donner une analyse succincte de l'ouvrage en question, avec quelques citations à l'appui, en nous excusant devant l'auteur si l'une ou l'autre inexactitude s'est glissée dans ce compte-rendu. Il sera procédé de même en ce qui concerne une conférence de M. le professeur Mendes-Corrêa, le travail le plus remarquable qui ait jusqu'ici paru dans le « Boletim ».

* * *

Au frontispice de la première partie de son livre, M. da Silva a inscrit cette sentence du professeur français Saleilles:

« En matière de traitement moral, comme en matière de thérapeutique médicale, le diagnostic n'est pas suffisant: il faut appliquer le remède, et celui-ci varie selon les personnes ».

« La vieille formule: la loi est la même pour tous, lit-on plus loin, qui applique des peines identiques pour des méfaits de même nature, est peut-être démocratique, pleine de bonnes intentions, etc., mais l'expérience a démontré qu'elle est simplement absurde, inadmissible, improductive et injuste ».

Le texte débute par ce paradoxe, qui donne déjà une idée de l'ensemble de l'ouvrage: Nul n'est libre de commettre un crime.

M. da Silva éclaire cette sentence en comparant l'infection criminelle à l'infection microbienne (1). Les récidivistes sont, eux, assimilables aux malades chroniques. Il décrit longuement le processus de la contagion dans la famille, dans les milieux sociaux et dans les prisons et en cite de nombreux exemples. Vient ensuite la clinique des différents cas de délinquance, avec classement détaillé des infractions et des infracteurs. L'énumération des instruments employés par les malfaiteurs est aussi complète que possible, et illustrée de photographies.

M. da Silva a une opinion détestable du Code pénal portugais, qu'il traite d'archaïque, et aussi des établissements pénitentiaires, installés, pour la plupart, dans de vieux bâtiments appropriés: le crime, dit-il, trouve et dans la loi et dans les institutions un véritable bouillon de culture. Ce n'est pas que l'on ait négligé les réformes, mais en Portugal elles se font surtout sur le papier.

Il donne des détails circonstanciés sur la vie en prison.

« Dans le monde spécial du crime, il y a toujours un langage spécial ». En effet, et nous avons déjà eu l'occasion de faire remar-

(1) Cf. Vervaeck, *Revue de Droit pénal et de Criminologie*, 1924, pp. 924 et sq.

quer que l'argot n'existe pas ou presque pas en Belgique, parce que, grâce au régime de la séparation qui règne dans nos prisons depuis l'époque où nos villes principales sont devenues assez grandes pour abriter une pègre, le milieu criminel n'a pas trouvé les conditions propices à sa cristallisation. Cette situation, évidemment, ne tardera pas à changer si l'on persiste à vouloir que les détenus fassent connaissance.

L'argot portugais, dont M. da Silva donne le vocabulaire, comprend un millier de mots.

Puis vient une étude sur le tatouage, très répandu parmi les prisonniers: il y a un établissement où jusque 81 % en sont marqués, alors que la proportion dans la population civile n'est que de 4,59 %.

La littérature des prisons occupe aussi une place importante dans le livre. Il existe au Portugal trois périodiques mensuels, dont deux manuscrits, rédigés par les détenus; ils se vendent au numéro.

Un article curieux est celui où sont exposés les jeux et divertissements — prohibés et autres — auxquels les détenus se livrent; ils témoignent d'une grande licence. De plus, comme « le théâtre et le cinématographe sont deux excellents adjuvants éducatifs, toniques et dépuratifs du moral », on a établi une scène pour les deux genres au pénitencier national.

Hélas! il faut croire que ces topiques ne sont pas bien efficaces.

La pédérastie, en effet, se pratique — sans préjudice de l'onanisme — sur une grande échelle, en dépit des mesures réglementaires qui ont été prises pour y mettre un frein. C'est ainsi qu'à ce même pénitencier national, qui est pourtant cellulaire, mais où « la vie sociale a été rétablie » entre les détenus, on n'a pas « recensé », en 1923, sur un effectif de 550 hommes, moins de 100 individus jouant le rôle de... prostitués. La plupart font cet ignoble métier pour obtenir sans bourse délier les douceurs de la cantine; il y en a qui se fardent et se bichonnent; ils portent même des noms de femmes et se vantent de leurs conquêtes.

Rien d'étonnant, dès lors, que l'établissement soit devenu, comme l'auteur le constate, au lieu d'un asile de régénération morale, une sentine de perdition, où ceux qui entrent incomplètement pervers achèvent de se corrompre et de se dégrader.

La dernière partie de l'intéressante relation de M. da Silva est consacrée au travail des détenus.

Des ateliers communs ont été installés en 1913 par le gouvernement républicain, qui avait au préalable supprimé le port du capuchon. La fabrication s'y faisait en régie, pour les besoins exclusifs de l'Etat. *Les résultats économiques ayant été peu satisfai-*

sants, la direction actuelle, soucieuse des intérêts du Trésor, a mis la main-d'œuvre des détenus à la disposition du plus offrant. Il en est résulté de graves abus. L'entreprise, dans les prisons portugaises, a une tout autre portée qu'en Belgique: elle livre pour ainsi dire le service aux concessionnaires, et les agents de ceux-ci exploitent les détenus à outrance et introduisent toutes sortes d'aliments et de boissons, même de l'alcool, pour stimuler la production. On voit d'ici l'état de choses qui est ainsi créé...

Aussi l'auteur voudrait-il voir la régie restaurée, avec une meilleure organisation technique, et, d'autre part, la population des prisons étant composée en majeure partie d'ouvriers agricoles (66 % environ), exprime-t-il le vœu de voir employer les détenus à des travaux en plein air, qui sont plus sains et plus rémunérateurs (?). Resterait encore à envisager la valeur de ce genre d'occupation au point de vue intimidation et amendement...

L'expérience du Portugal, qui a précédé, comme on le voit, la Belgique dans l'application des méthodes nouvelles (?), est éminemment instructive pour notre administration...

Tout en rendant hommage à la perspicacité et à la sincérité de l'auteur, nous sommes d'avis que la critique pénitentiaire peut recourir à des procédés plus pénétrants. Le genre d'investigations auquel il s'est livré, et qui a été mis à la mode par LOMBROSO et ses disciples, s'en tient surtout aux indices externes, d'ailleurs dans le cas présent suffisamment suggestifs; c'est, en quelque sorte, une photographie intellectuelle. On juge plus sûrement de la valeur d'un système d'emprisonnement en suivant pas à pas l'évolution morale de quelques-uns des sujets qui y sont soumis, jusque et y compris leur reclassement éventuel dans la société. C'est ce que nous faisons tous les jours, dans la période d'incarcération, avec nos fiches de visite, dont la seule reproduction constituerait une révélation pour ceux qui s'intéressent à l'amendement des détenus... si l'on voulait encore en Belgique, faire, dans ce domaine, de l'observation sans esprit préconçu... La correspondance et les nouvelles reçues des libérés viendraient compléter l'enquête.

* * *

M. Mendes Corrêa, professeur à la Faculté des sciences et directeur de l'Institut d'anthropologie de l'Université de Porto, a donné en 1925, à la Société portugaise d'anthropologie et d'ethnologie, une conférence, que nous n'hésitons pas à qualifier de magistrale, sur «l'Anthropologie criminelle intégrale». Nous allons nous efforcer d'en fournir un aperçu.

Il ne faut pas confondre l'école italienne d'anthropologie criminelle avec l'anthropologie criminelle proprement dite, branche scientifique cultivée par des hommes de diverses tendances doctrinales, parmi lesquels il y en a qui sont adversaires de la conception lombrosienne du délit et du délinquant. C'est un travers assez commun chez ceux qui se livrent à ce genre d'étude, de considérer la généralité des délinquants comme des anormaux biologiques. D'un autre côté, il n'y a pas toujours corrélation entre les tares des délinquants — qui existent d'ailleurs aussi chez les non-délinquants —, et les infractions qu'ils commettent. La proportion des anormaux parmi les malfaiteurs varie énormément suivant les statistiques et les observateurs: cela prouve qu'il n'existe pas de conception uniforme de l'anormalité.

Le crime, considéré comme acte biologique, trouve chez certains un terrain plus préparé que chez d'autres. Mais virtuellement nous sommes tous des criminels-nés. Tout homme a une potentialité criminelle. Il existe une si grande variété de manifestations criminelles, elles correspondent à une telle diversité d'activité physio-psychologique, qu'il est fallacieux de prétendre établir une caractéristique biologique générale du crime.

D'ailleurs si, comme acte, le crime est un phénomène biologique, ce qui imprime le caractère criminel à un acte humain est une conception juridique et sociale qui, jusqu'à un certain point homogène dans chaque civilisation, est loin de posséder une existence permanente et universelle. Une des erreurs banales de notre époque est de supposer que certaines valeurs sont figées en formules définitives, et de ne pas prévoir que nos conceptions subiront dans l'avenir des transformations aussi profondes que celles dont notre temps a marqué les idées du passé.

Le délinquant est, en principe, un homme normal; c'est la conclusion d'un anthropologue sérieux. L'anthropologie criminelle intégrale est donc l'étude de l'homme normal ayant une activité délictueuse: ce n'est pas la science des causes, mais la science des causes et des effets auto-individuels du crime.

Le crime est souvent la conséquence d'une imperfection morale d'origine éducative, plutôt que d'anomalies pathologiques. L'examen, fait par l'auteur, des criminels portugais et des enfants mis à la disposition du gouvernement l'a convaincu que la mauvaise éducation est la grande génératrice du crime.

M. Mendes Corrêa recherche ensuite le fondement le plus sûr de l'éducation.

La morale scientifique n'existe pas; les progrès de la science servent au mal comme au bien, ainsi que le prouve l'augmentation de la criminalité au XIX^e siècle.

Une morale sans sanction ni obligation est d'ailleurs un pur artifice idéologique, une théorie sans base et sans efficacité.

Il combat successivement la thèse de NIETZSCHE, qui distinguait la morale des maîtres de celle des esclaves et qui a écrit: la morale est la négation de la vie; la doctrine de la morale instinctive; la morale du transformisme de LANESSAN; la morale antique, qui considérait l'homme comme le centre dynamique d'un univers infini, etc.

En tout temps la morale humaine fut faite de postulats de conscience, plus ou moins parfaits, plus ou moins solides, dans la genèse desquels se rencontrent des instincts, des sentiments, des aspirations, des idées acquises et des croyances profondes. La morale, dans le sens le plus élevé, est une conquête de l'humanité, résultat des efforts successifs des générations passées. Rappelant la mort du radiologue BERGONIÉ, qui endura des douleurs atroces par dévouement envers ses semblables, il montre qu'une morale digne de ce nom repose toujours finalement sur une idée *a priori*, sur un substratum irréductible, sur un principe indémonstrable, en d'autres termes, sur une base dogmatique.

En terminant, il recommande de ne pas se borner à ce qu'on appelle la prophylaxie du crime, aux moyens eugéniques, aux réformes sociales, juridiques, économiques, etc.: le salut ne peut venir que d'une énergique action morale.

«L'heure que nous vivons n'est pas rassurante pour les moralistes. Une vague de colère et de révolte menace de submerger notre civilisation vacillante, où les indices de progrès vont de pair avec les clameurs de haine et d'ambition, et avec les fantaisies d'imaginings déliquescentes.

Il est impossible de pacifier les âmes sans une rénovation morale, sans une réhabilitation des valeurs spirituelles...»

E. B. (1)

A escada como sinal alfabetiforme

Às semelhanças existentes entre os achados de Alvão e Glozel, que já eram, em minha opinião, suficientes para estabelecer a contemporaneidade das duas estações, vieram juntar-se as reve-

(1) Ernest Bertrand, directeur du Pénitencier de Louvain; en «L'Écrou», 7.^e année, n.º 2, Bruxelles, 1926, p. 106.

ladas pelos fragmentos que o rev. P.^o Brenha comunicou ao meu prezado colega dr. Mendes Corrêa.

Pela exposição que este ilustre professor fêz desta descoberta, no «Primeiro de Janeiro» de 3 de Fevereiro do corrente ano, pode o leitor orientar-se acerca da sua importância, se bem que



Fig. 1 — Osso gravado com sinais alfabetiformes, da caverna de Le Placard, Charente, França (época madalenense)

Segundo PIETTE.

eu persista nas ideias por mim expostas no número anterior desta revista, de que, tanto Glozel como Alvão pertencem ao neolítico. Não é, porém, meu intuito discutir neste momento esse assunto, nem tampouco referir-me ao absurdo relatório da comissão que condenou Glozel, nem ainda à célebre busca feita à casa dos Fradin; nesta pequena nota pretendo apenas apresentar uma sugestão para o esclarecimento da origem da escada que aparece como sinal alfabetiforme tanto em Glozel como em Alvão, e que, de resto, se vê em vários outros alfabetos.

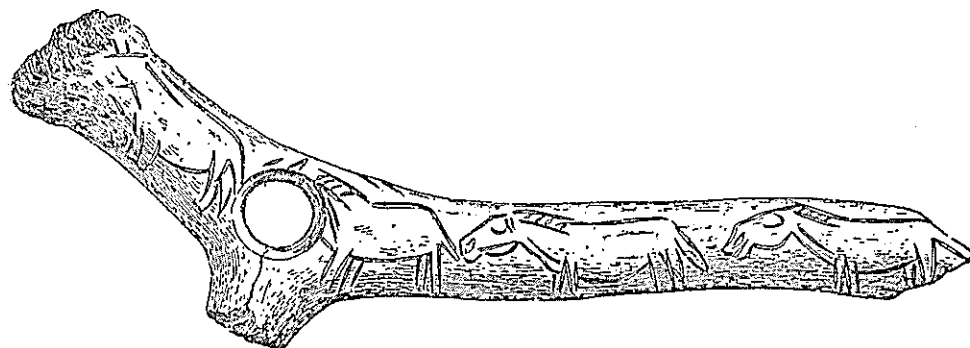


Fig. 2 — Bastão de comando, gravado, de La Madeleine (Dordogne)

É claro que, se a nossa opinião é justa, se Alvão e Glozel são do neolítico, as escadas que se encontram nos alfabetos destas duas estações serão os protótipos das da inscrição de Ahiram, de Sidon, de Cartago, etc.

Ora o objecto desta nótula é apontar a origem provável desse sinal.

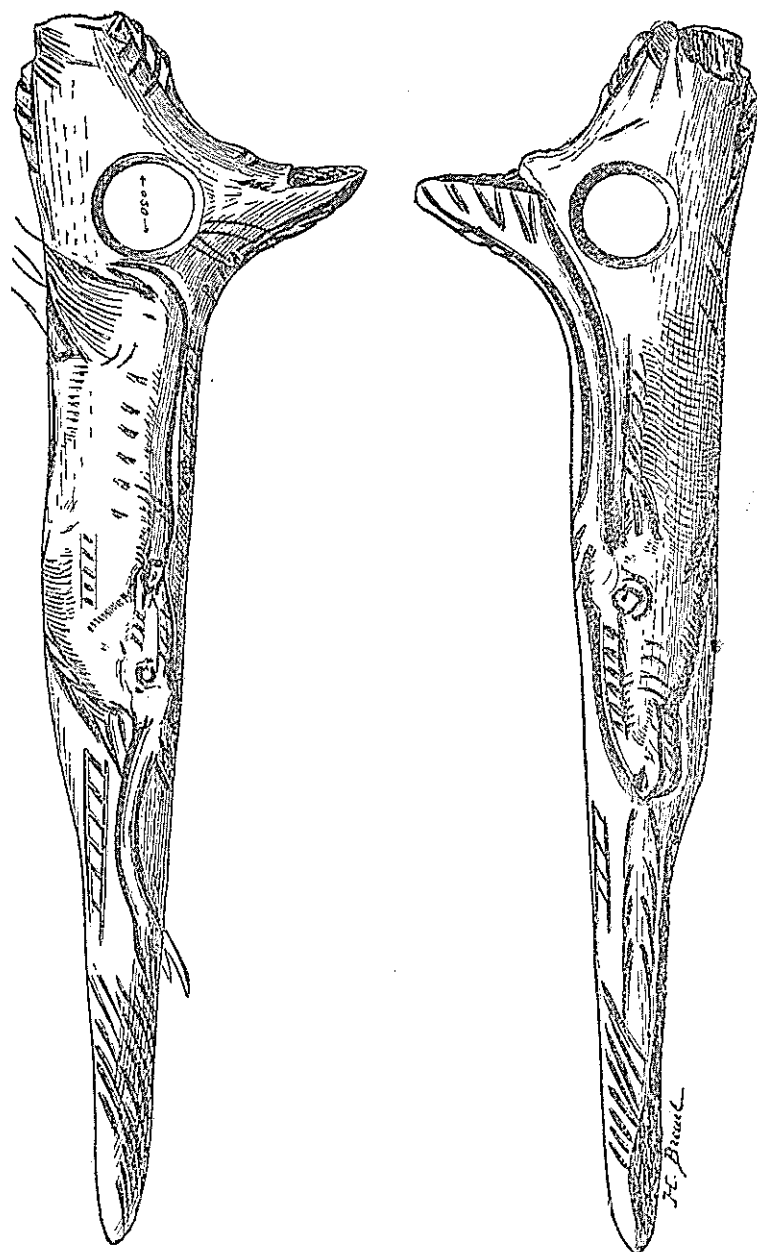


Fig. 3—Bastões do comando com figuras de cervídeos (Laugerie-Basse)
Segundo BÉGIN.

As reminiscências madalenenses das duas estações de França e Portugal, autorizam-nos a procurar no madalenense a génese dos alfabetos ocidentais. Foi o que tentamos fazer no fascículo anterior dos Anais da Sociedade de Antropologia (vid. também fig. 1). Como, porém, em Alvão, ainda não tinha aparecido o sinal alfabetiforme-escada, não nos referimos a êle. Agora que nos foi revelado em Alvão, é tempo de o estudarmos.

A escada já se encontra na caverna de Lorthet, e Piette (1) também já a tinha interpretado como sinal alfabetiforme. Mas a sua origem? Seria o hieroglifo duma escada?



Fig. 4—Propulsor gravado com a escada, da caverna de Kesslerloch (Suíça)
(época madalenense)

Segundo R. R. SCHMIDT.

Ora nós supomos ver a origem desse sinal no bastão que o leitor encontra, por exemplo, na «Humanité Préhistorique» de Morgan (2). Repare-se na crina dos cavalos. Essa crina é, em cada um deles, uma perfeita escada (fig. 2).

É certo que êste indício é vago. Será simples acaso. Mas a indeterminação levanta-se examinando o bastão de Laugerie-Basse, com figuras de cervídeos, que se vê, por exemplo, na boa gravura da obra de Luquet (3). O sinal que aparecia logicamente na crina, surge-nos agora deslocado num cervídeo (fig. 3). Mas que o sinal

(1) Piette, *Anthr.*, 1896, pág. 417, fig. 78.

(2) Morgan, *ob. cit.*, 1924, pág. 219.

(3) Luquet, *L'Art et la Religion des Hommes Fossiles*, 1924, pág. 95, fig. 68.

tem importância para o desenhador paleolita, prova-o o facto de nêlo insistir, apresentando-o até fora do corpo do animal. Em conclusão: o sinal appareceria como uma particularidade, como uma comodidade, do desenho da crina do cavallo. Repetido, tornado dalgum modo um cliché, destacou-se do seu lugar próprio, atingiu a independência, vindo a obter a honra suprema de sinal de alfabeto.

Universidade do Pôrto, 10 de Fevereiro de 1928.

JOSÉ TEIXEIRA REGO.

A questão de Glozel

Finalizava a notícia que sôbre êste assunto publicou o fascículo anterior da nossa revista, com a informação da imprensa parisiense de que a comissão nomeada pelo *bureau* do Instituto Internacional d'Antropologia procedera em Glozel a escavações das quais haviam resultado achados comprovativos da autenticidade das descobertas do dr. Morlet. Nunca, porém, os jornalistas foram tão maus psicólogos, pois tendo julgado depreender dos factos e das atitudes da maioria dos membros da comissão que estes haviam chegado a conclusões favoráveis à tese da autenticidade, não era essa a opinião que, depois de algumas semanas de preparação do relatório, nêlo ia ser formulada.

Não é fácil tarefa dar conta minuciosa de todos os incidentes, de tôdas as publicações e de todos os debates que desde a redacção da notícia do fascículo anterior dos «Trabalhos» teem surgido a propósito de Glozel. Procuraremos, porém, registar sumariamente alguns factos principais, não esquecendo a interferência dos cientistas portugueses na discussão, interferência sobretudo motivada, como se sabe, pelas analogias encontradas entre certos objectos de Glozel e os descobertos há 34 anos pelos srs. padres Brenha e Rodrigues nas proximidades de Vila Pouca d'Aguiar, na Serra d'Alvão.

A comissão internacional, ao deixar Glozel, publicou uma nota officiosa, na qual declarava não confirmar nem contestar as notícias que os jornais inseriam sôbre as suas opiniões. Dentro dessa reserva, foi preparando o seu relatório que ultimou numa reunião realizada em Paris em princípios de Dezembro de 1927, isto é, cêrca dum mês depois das escavações.

Entrementes o debate não amainara. Em fins de Novembro o

«Télégramme», de Toulouse, e o «Journal des Débats», de Paris, publicavam pretensos telegramas segundo os quais as análises químicas effectuadas na Universidade do Pôrto em fragmentos ósseos trazidos por mim de Glozel, tinham demonstrado que êsses ossos continham ainda «tôda a sua gelatina e gordura» e eram «portanto modernos». Cartas do dr. Morlet, de Salomon Reinach e minhas, insertas nalguns jornais francezes, como o «Temps» e a «Comoedia», de Paris, demonstraram que não existira nenhum telegrama do Pôrto naquele sentido e que tudo resultara duma má interpretação dada pelo sr. conde Bégouen ao relato que o sr. Pierre Paris lhe fizera duma conversa que tivera comigo no Pôrto. Inserí no «Temps», de 9 de Dezembro, uma longa carta na qual não só expliquei o que se passava relativamente à análise, ainda então por concluir, mas também, a exemplo do que no mesmo jornal haviam feito já outros cientistas; formulava a minha opinião sôbre Glozel, opinião favorável à autenticidade (por não ter encontrado vestígios de remeximento do terreno, por não ser possível uma falsificação antiga e em vista das analogias com os achados portugueses d'Alvão), mas reservada quanto à cronologia, que poderia ser o neolítico antigo se se rejuvenescesse consideravelmente o fim do madalenense e o começo do neolítico.

Já dias antes, porém, a comissão reunira e, dispensando os resultados definitivos da análise, que me haviam sido aliás solicitados por alguns dos seus membros, dera a redacção definitiva ao seu relatório, que aparece na «Revue Anthropologique» em fins de Dezembro e foi transcrito no todo ou em parte em muitos jornais e revistas.

* * *

Nesse relatório, que ocupa 26 páginas, a comissão começa por exprimir o seu pesar por não ter podido proceder a tôdas as verificações e análises que desejava, e «inclina-se» unânimemente «perante a boa fé e a sinceridade do dr. Morlet». Descreve em seguida as escavações e os exames que effectuou nos quatro dias que se demorou no local. Regista sucessivamente: a má impressão que lhe fêz a falta dum plano sistemático nas escavações anteriores, o que o dr. Morlet explicou pela necessidade de deixar aos investigadores o direito de escolherem o ponto do terreno para as suas escavações a fim de se certificarem de que êle estava intacto; a disposição das camadas, que concorda com a já observada pelo dr. Morlet e outros investigadores; os achados realizados nas dois primeiros dias e as condições desses achados; as precauções que tomou para impedir que, durante os intervalos

das escavações, fôsem, sem que ela o pudesse constatar, introduzidos objectos no terreno, devendo notar-se que nunca verificou que tivesse surgido qualquer facto anormal nos dispositivos estabelecidos; uma particularidade que a impressionou fortemente e que encontrou ao examinar a disposição das camadas sobre um tijolo com inscrições que descobriu no terceiro dia e que estava envolvido por um terreno muito móvel cuja linha de separação da camada superior apresentava, junto duma pedra granitoide, uma flexura anormal; a sua opinião de que essa disposição e a mobilidade do terreno em tórno dalguns objectos se explica pela sua introdução recente; a descoberta de mais dois objectos nesse dia, um dos quais, como já se verificara para outros, estava quasi verticalmente; o resultado duma experiência tendente a demonstrar que a introdução horizontal de objectos na camada argilosa não deixa vestígios; a impressão de que os objectos achados foram introduzidos ao acaso numa data bastante recente e não faziam parte duma estação, dum *habitat*, dum horizonte arqueológico preciso; a inviabilidade da hipótese de que elles teriam sido depositos sobre um antigo solo e envolvidos depois por uma camada de terreno formada pelo depósito de partículas arrastadas da parte superior da encosta; a declaração de M. Peyrony, abandonando a sua opinião primitiva, favorável a Glozel; a construção grosseira dos túmulos, que, ao contrário do que disse o sr. Vayson de Pradenne não podiam ser construídos em túnel e que não estavam cheios de terra, apesar dos interstícios das paredes, mas apenas com um pouco de lama no interior; uma depressão existente sobre um dos túmulos; a impossibilidade de explicar estes últimos factos senão por uma construção recente; os resultados dos exames feitos em 8 de Novembro às peças e objectos do Museu, muitos dos quais apresentam aspectos e detalhes que a comissão considera impróprios de exemplares arqueológicos.

Assim, alguns ossos teem uns bordos corroídos e outros com arestas vivas; ao passo que muitos ossos foram destruídos, outros estão perfeitamente conservados; é diverso o grau de fossilização dos objectos em osso, uns estão patinados, outros não; a cerâmica não apresenta vestígios suficientes da acção de agentes destruidores naturais; nalguns pretensos machados polidos o gume é feito inabilmente por um processo diferente do que serviu para os verdadeiros machados polidos; algumas gravuras em calhaus não teem no fundo dos traços a mesma pátina da superfície; um arpeu em schisto é patinado na superfície mas não nas denticulações; todos os utensílios e armas são inutilizáveis praticamente.

A comissão nota ainda que a fauna encontrada é de espécies modernas (não dizendo, porém, se tôdas existem hoje na região)

e lança indirectamente sobre o dr. Morlet a responsabilidade de se não terem realizado análises, devendo, entretanto, acentuar-se que o dr. Morlet reclamou que só a comissão pudesse examinar os objectos, na sua presença, e que lhe fôsse concedida autorização para submeter a outros peritos amostras das mesmas peças que ela mandasse analisar.

Em conclusão, a comissão decide-se unânimeamente pela « não antiguidade do conjunto dos objectos que pôde estudar », admitindo, porém, a hipótese da introdução no jazigo de objectos antigos, como « algumas bobinas e peças em osso que não dão, à simples vista, a aparência de objectos falsos ». Também aceita como autênticos os fragmentos de machados polidos e de sílex, os fragmentos de cerâmica gresosa, as matérias vítreas e os diversos elementos da fossa oval do principio da descoberta.

* * *

A publicação dêste relatório foi imediatamente seguida dum protesto dos membros do Instituto, srs. Salomon Reinach, J. Loth e Espérandieu, os quais declararam que, faltando às descobertas de Glozel a consagração que a Inquisição Romana dera às descobertas de Galileu, a comissão, sob a inspiração do sr. Bégouen, lhes trouxera essa consagração e por isso « bem merecia da Sciência ». O dr. Morlet, a seu turno, formulou também o seu protesto, solidarizando-se com Émile Fradin, que a comissão excluiu do atestado de boa fé e sinceridade que espontaneamente passara ao dr. Morlet. Ao mesmo tempo, êste publicava o resultado da análise feita no Pôrto, resultado que considerava um « golpe certo » no relatório e cuja recepção coincidira casualmente com a publicação do trabalho do comité de inquérito.

O relatório da análise, subscrito pelo professor de química da Universidade do Pôrto, sr. dr. José Pereira Salgado, attribui aos fragmentos dum femur de Glozel a seguinte composição provável, baseada nos resultados elementares obtidos:

	%
Matérias orgânicas e humidade	19,27
Fosfato de cálcio, $\text{Ca}_3(\text{PO}_4)_2$	57,79
Carbonato de cálcio (fluoreto e cloreto de cálcio não doseados)	17,47
Fosfato de magnésio, $\text{Mg}_3(\text{PO}_4)_2$	0,50 (?)
Óxidos de alumínio e ferro	3,11
Matérias insolúveis no ácido azótico diluido (sílica, etc.)	2,40

O analista explica que as matérias voláteis (27,8 %) determinadas pela calcinação ao rubro, representam água, matérias orgânicas, anidrido carbónico dos carbonatos e outros elementos voláteis. A percentagem de 19,27 de matérias orgânicas e humidade foi obtida deduzindo a quantidade 8,53 de anidrido carbónico, teóricamente necessária para transformar em carbonato de cálcio o óxido de cálcio que cresce da combinação com o ácido fosfórico. A porção de osso que foi analisada, era muito pequena (apenas 0,1781 grs.), o que permite apenas considerar aproximativos os números obtidos.

Verifica-se nos resultados fornecidos pelo prof. Salgado que a matéria orgânica húmida aparece em menor proporção do que nos ossos frescos (mais de 30 %) e em proporção pouco maior do que a indicada por Gautier para uma diáfise humeral fóssil de *Ursus spelaeus* (cêrca de 15 %), cuja antiguidade é, sem dúvida, muito maior. As percentagens de sílica, alumina e óxido de ferro são muito elevadas no osso de Glozel.

Os srs. Breuil e conde Bégouen publicaram na imprensa cartas nas quais afirmavam que esta análise nada significava em favor de Glozel. Perdera o seu interesse desde que a comissão verificara haver *truquage* no jazigo de Glozel. O suposto falsário poderia ter aproveitado, segundo Bégouen, ossos provenientes de jazigos antigos e, numa entrevista, o sr. Champion, chefe das oficinas do Museu de Saint Germain, declarava que os ossos de Glozel eram «do caldo da véspera», tendo-me sido, porém, enviados ossos mais antigos. Fui forçado a publicar, em resposta ao sr. prof. Breuil, uma carta no «Journal des Débats», de Paris (n.º de 11 de Janeiro), na qual concordava em que a significação da análise química dos ossos para a determinação da sua cronologia, é muito variável, o que é sabido dos meus alunos de Paleontologia, mas acrescentava que era estranho o facto da comissão se ter interessado por essa análise emquanto se dizia que ela acusava alta percentagem de matéria orgânica, passando a não lhe ligar importância quando se verificou que assim não era...

* * *

Dias depois o «Journal des Débats», de Paris (n.º de 24 de Janeiro), o «Neptune-Daily News», d'Anvers (n.º de 31 de Janeiro), e outros jornais publicavam na íntegra uma carta por mim dirigida em 10 de Janeiro a M. Louis Marin, presidente do Instituto Internacional de Antropologia, carta «muito importante», segundo Van Gennep no «Mercure de France», e redigida em

têrmos cortezes mas bastante severos para a comissão, segundo «L'Illustration», de Paris.

Nessa extensa carta, puz em evidência o facto estranho da comissão ter sido constituída pelo *bureau* do Instituto, sem prévio entendimento com os partidários de Glozel e especialmente comigo, o que contrastava com o interesse com que fôra solicitada a minha assinatura para o voto d'Amsterdam. Lamentava que a comissão não tivesse procurado verificar se o dispositivo registado por vários dos seus membros sobre o tijolo com inscrições se repetia noutros pontos do terreno, e apontava o desacôrdo do *croquis* desse dispositivo publicado pela comissão com a fotografia que do terreno dera «L'Illustration» e com os testemunhos dos drs. Morlet e Tricot-Royer, de Louvain. Estranhava que a comissão não tivesse esperado a conclusão da análise do Pôrto, embora dois dos seus membros m'a tivessem solicitado, e fazia notar que a comissão concluíra o seu relatório sob a impressão desfavorável estabelecida pela notícia inexacta dada sobre a análise. Afirmava que a comissão não cumprira o texto do voto d'Amsterdam, segundo o qual só o «estudo integral do jazigo e dos objectos» poria todos de acôrdo. Ora esse estudo *integral* não foi feito e, assim, reservava-me o direito de não aceitar o relatório e de o discutir numa assembleia geral.

Entrementes M. Loth iniciara no Colégio de França uma série de lições em defeza de Glozel e nessas lições, algumas das quais foram cortadas de incidentes provocados por estudantes perturbadores, fêz a crítica do relatório da comissão e evidenciou o significado dos achados portugueses d'Alvão, referindo-se já mesmo àqueles que são objecto dum artigo publicado neste mesmo fascículo da nossa revista.

O dr. Morlet, Van Gennep e Tricot-Royer publicam também respostas e comentários ao trabalho da comissão, sendo os artigos dos dois primeiros publicados pelo «Mercure de France» (n.ºs de 15 de Janeiro e 1 de Fevereiro) e o do último pelo «Neptune», d'Anvers.

Van Gennep põe em relêvo as omissões do relatório e escreve:

«La première lecture du Rapport laisse une impression de malaise. La deuxième suscite de nombreuses objections. La troisième emporte cette conviction: ce n'est pas le terrain de Glozel qui est truqué, c'est le Rapport qui est truqué».

Faz algumas críticas precisas, como a de que nenhuma lei arqueológica permite considerar introduzido recentemente no terreno um objecto colocado verticalmente ou (como diz o relatório), «quási» verticalmente. Cita uma experiência que fêz na terra móvel do seu jardim para, com auxílio dum pau, introduzir no

sentido vertical um anel de ferro e depois uma moeda. A muito pequena profundidade o pau escorregava ou os objectos colocavam-se horizontalmente. Estuda também a questão dos túmulos, lamentando que a comissão se tivesse limitado a reeditar o argumento de que deveriam estar cheios de terra, se fôsem antigos.

A seu turno, Morlet, pondo em relêvo a ausência do prof. Pittard desde o segundo dia de escavações e o modo como a comissão foi constituída, contesta, um por um, os factos objectivos aduzidos ou a sua interpretação como significativos de fraude. Apresenta também argumentos novos, como, por exemplo: a comissão verificou que raízes mais ou menos decompostas ou os seus restos enchiam canais de diâmetros variáveis e de direcções sinuosas; ora, dada a sua fragilidade, diz o dr. Morlet, êsses restos seriam destruídos pela menor tentativa de introdução de objectos.

Analiza demoradamente a questão do dispositivo do terreno sôbre a *tablette* com inscrição e afirma, com o testemunho de Tricot-Royer, que a mobilidade da terra que envolvia aquela, não era tal que dispensasse o seu auxílio para isolar o objecto, junto do qual a fotografia de «L'illustration» mostra raízes relativamente volumosas que não são as «petites radicles» de que fala o relatório. Propõe uma explicação da flexura (aliás menos acentuada do que a do croquis da comissão) na linha de separação das camadas, invocando uma acumulação de argila amarela arrastada na vertente, junto da pedra granitoide, a qual não estava na vertical do tijolo, mas à direita. Outras *tablettes* haviam sido descobertas pelos srs. Reinach, Loth, Espérandieu, Depéret, Leite de Vasconcelos e Viennot, e todos declararam que as camadas do terreno estavam virgens de qualquer remeximento.

Para o dr. Morlet, os objectos foram enterrados, mas *antes* da formação da camada vegetal negra, da qual nunca se encontrou a menor parcela na camada arqueológica. Se tivesse aparecido alguma, a comissão tê-lo-ia assinalado. Não se trata de restos duma povoação, eis um ponto em que estão de acôrdo a comissão e o dr. Morlet, para o qual se trata, porém, dum lugar de enterramento e de culto.

A experiência da introdução *horizontal* dum objecto na camada arqueológica homogénea nada significa para a demonstração duma penetração *vertical* através de camadas diferentes, a única que a comissão presume no seu relatório. A mobilidade ou a presença de terra mais fina em tôrno dalguns objectos explicar-se-ia pela destruição de certas matérias que teriam sido inumadas com êsses objectos.

Queixa-se ainda o dr. Morlet de que a comissão usa demasiado de expressões como «il ne paraît guère possible... il semble

que... l'ensemble donnait l'impression... l'on serait tenté de croire... ce qui inciterait à supposer... etc. etc.».

Quanto à depressão, que diz ligeira, sôbre um dos túmulos, contrapõe-lhe uma disposição diferente sôbre o outro, da qual nada diz o relatório.

As particularidades indicadas nos ossos provam precisamente, na sua opinião, que não são frescos. Grossas raízes atravessam vasos e *tablettes*. Depois de registar outros factos e sôbre êles fazer várias considerações, o dr. Morlet acentua as diferenças freqüentes de pátina nas gravuras dum mesmo objecto e, quanto à fauna do jazigo, diz que o *Cervus dama* não é um animal da fauna actual da região.

Em suma, segundo as críticas mencionadas, haveria no relatório observações inexactas, factos exagerados, omissões fundamentais e interpretações erróneas.

No seu relatório, o dr. Tricot-Royer contesta especialmente as passagens do trabalho da comissão referentes ao aspecto do terreno sôbre a *tablette* e à verticalidade dum anel de schisto encontrado, que solenemente o dr. Royer assegura ter visto colocado numa posição horizontal.

Mas o ataque contra Glozel não cessara. Em separata do n.º de Janeiro-Março da «Revue Anthropologique» sai o relatório de M. Champion, para quem as gravuras e perfurações dos calhaus de Glozel apresentam sinais de terem sido feitos com instrumentos de metal. Assim, os traços seriam sempre da mesma largura e uma das suas extremidades seria em ponta, ao passo que a outra seria um segmento de recta. As cõvinhas em calhaus teriam tôdas o mesmo diâmetro e o fando seria em ponta. Os orifícios seriam cilíndricos e teriam um cone inicial devido ao perfurador metálico e outro do lado oposto feito para simular o trabalho do sílex. Considerando inábil o falsário, o sr. Champion notava entretanto nêlo o cuidado de dissimular os vestígios do metal e imitar a utilização do sílex. Para Champion os ossos de Glozel tinham ainda tôda a sua gelatina, quando é certo, diz, que os ossos paleolíticos e neolíticos só teem matéria mineral.

Êste relatório foi pelo sr. Salomon Reinach considerado como desprovido de valor e como «podendo apenas deslumbrar a ignorância». O dr. Morlet contestou a seu turno a exactidão das constatações do sr. Champion, acrescentando que êle mal examinara os objectos, tendo os seus *croquis* uma simples aparência de precisão. Uma revista parisiense escreveu, com inteira verdade, que a solução dêste pleito não era difficil. Realmente bastava, por exemplo, verificar se as *fossettes* são iguais, como diz Champion, ou teem diâmetros diferentes, como declara o dr. Morlet.

Mas restaria ainda saber, segundo acentuou o sr. Reinach, se o emprêgo de pontas de certas rochas duras não podia produzir os factos apontados. É claro que, neste aspecto da questão, os contendores mostram concordância em tornarem a tese da autenticidade dependente dos vestígios do uso de instrumentos de metal, partindo do princípio de que Glozel, sendo autêntico, não pode ser senão neolítico. Quanto à asserção de Champion relativa à ausência de matéria orgânica em todos os ossos paleolíticos e neolíticos, o dr. Morlet reproduziu um trecho de *Les hommes fossiles*, de M. Boule, segundo o qual os ossos da idade da rena «sont à peine fossilisés». Nos ossos neolíticos, escreveu o dr. Morlet, a matéria orgânica pode ir até 20 %.

Em 28 de Janeiro, a comissão dos monumentos prehistóricos de França pronunciava-se unânimemente contra a classificação oficial de Glozel, adoptando, por unanimidade menos um voto, um considerando segundo o qual não reconhecia a Glozel qualquer carácter prehistórico. Assistiam a essa reunião os srs. Boule, Breuil, Capitan, Jullian, Lantier, Mortillet, Salomon Reinach, Verneau, etc. A suspensão das medidas oficiais de classificação de Glozel fôra também solicitada pelo dr. Morlet, para quem essas medidas apareciam como uma dificuldade para a demonstração da autenticidade do jazigo. Dias depois daquela reunião, o ministro sr. Herriot conformava-se com a conclusão formulada.

* * *

Logo em seguida à publicação do relatório da comissão internacional, dois redactores do «Matin», de Paris, desacompanhados de qualquer outra pessoa, fizeram escavações num local arborizado, por elles escolhido, fora do recinto vedado de Glozel, mas nas proximidades. Essas escavações forneceram alguns objectos de tipo glózeliano, entre os quais uma punção de osso e um arpéu em chifre de cervídeo, dos quais foram enviados fragmentos para análise na Universidade do Pôrto.

A análise do osso foi já feita pelo sr. prof. Pereira Salgado, que redigiu um relatório sobre o assunto, segundo o qual os resultados elementares obtidos permitem presumir a seguinte composição:

	%
Humidade	6,26
Matérias orgânicas	5,10
Fosfato de cálcio, $\text{Ca}_3(\text{PO}_4)_2$	72,36
Carbonato de cálcio (contando fluoreto e cloreto de cálcio não doseados)	13,25

	%
Fosfato de magnésio, $\text{Mg}_3(\text{PO}_4)_2$	0,98
Fosfato de alumínio e ferro, $\text{Al}_2\text{Fe}(\text{PO}_4)_4$	1,24
Matérias insolúveis no ácido azótico (sílica, etc.)	0,25

A densidade, muito mais alta do que a de ossos frescos e comparável à de ossos reconhecidamente fósseis, era de 2,56. A percentagem de matéria orgânica é muito inferior à que se determinou no outro osso analisado. O «Matin» publicava alguns dias depois um telegrama d'Oslo, dos professores da Universidade daquela capital, srs. Marstrander e Sommerfeld, dando como concluídas as análises de objectos de Glozel em osso e dentina com resultados contrários à suposição de que se tratava de matérias frescas, o que concorda com os resultados do Pôrto. Análises químicas realizadas na Universidade de Lyon sobre outras parcelas das peças enviadas para o Pôrto, conduziram a resultados muito vizinhos dos obtidos no Pôrto.

Mas as pesquisas dos redactores do «Matin» não se reduziram às proximidades do campo. Procuraram sobretudo encontrar nos arredores grutas ou abrigos que tivessem podido servir de guardias ao homem prehistórico e os seus esforços obtiveram êxito, ao que parece, com a descoberta de «La Goutte-Barnier», que entretanto não teve ainda uma exploração completa.

Em Chez-Guerrier e em Puyravel, a alguns quilómetros de Glozel, o dr. Morlet explora, porém, estações que fornecem objectos de aspecto glózeliano, sobretudo calhaus com gravuras animais e sinais alfabetiformes. Na gruta artificial de Puyravel (Mayet-de-Montagne) são feitas também sucessivas explorações em 12 e 19 de Fevereiro pelos srs. Arcelin, Mayet, Roman e Depéret, de Lyon, os três últimos respectivamente professores de Paleontologia humana, Geologia e Paleontologia da Universidade daquela cidade, e pelo sr. Gomez Llueca, de Madrid, e os resultados são fructuosos, aparecendo objectos a 1^m,5 de profundidade.

Da África do Norte vinha, na mesma ocasião, a notícia de que o dr. Russo fizera nos confins do Saará marroquino a descoberta de novas gravuras rupestres, que lhe sugeriram, e a M. Depéret, aproximações com sinais de Glozel, comquanto elle não se declarasse nem glózeliano, nem antiglózeliano.

Quasi simultaneamente são também divulgados por um meu artigo ilustrado do «Primeiro de Janeiro», do Pôrto, os achados inéditos d'Alvão, a que se refere um artigo deste fascículo da nossa revista. M. Loth citava-os no seu curso e M. Depéret acentuava também o seu interesse para a defesa de Glozel.

Em «La Nación», de Buenos Aires, de 30 de Janeiro, Garcia de Paredes publicava uma longa entrevista com o sr. conde de la Vega del Sella sobre Glozel. O eminente prehistoriador espanhol aceita a autenticidade da estação francesa, a despeito do relatório desfavorável da comissão internacional, mas entende que não é exacta a interpretação que dessa estação tem sido dada. Considera-a neo-eneolítica, e não admite que seja a rena um dos animais gravados.

Também o arqueólogo francês, sr. Marcel Baudoin, se colocou ao lado dos defensores de Glozel, entendendo, porém, igualmente que essa descoberta foi mal interpretada.

Por outro lado, o grande arqueólogo inglês, *sir* Arthur Evans, afirmava a falsidade de Glozel, publicando o «Times» cartas suas e de Salomon Reinach em que os dois sábios davam conta das razões do seu desacôrdo a tal respeito.

* * *

Mas a questão de Glozel desenrola-se já também num campo extra-científico. Os humoristas apoderaram-se do assunto para a caricatura e para a revista do ano, dum modo que infelizmente não contribuí para radicar os créditos duma ciência que possuí aliás os métodos necessários para chegar a conclusões seguras num caso desta ordem. Este entrou também no domínio dos debates forenses. O sr. Dussaud, renovando no «Matin», após a publicação do relatório da comissão, a afirmativa de que considerava provada a falsidade dos achados de Glozel à face de princípios epigráficos, concretizou as suas acusações, dando Émile Fradin como o autor da mistificação. A família Fradin vem a Paris e processa por difamação o seu acusador e o jornal que publicara as declarações deste cientista.

O «Matin», afirmando que desejava apenas apurar a verdade e dera curso às opiniões dos dois campos, requer um exame judicial aos objectos e ao jazigo, exame no qual seriam empregados todos os meios científicos para se apurar a verdade. Os Fradin e o dr. Morlet declaram desejarem esse exame. Mas, antes que o tribunal de Paris decidisse sobre este pedido, com o qual o sr. Dussaud não concordara, a Sociedade Prehistórica de França, que sempre combatera Glozel, desencadeia contra esta uma ofensiva policial. O dr. Regnault, presidente da Sociedade, dirige-se a Moulins, e na tarde de 24 de Fevereiro apresenta uma extensa queixa por *escroquerie* contra um desconhecido. Junta à sua queixa, entre outros documentos, um recibo de quatro francos exigidos pelos Fradin a cada visitante do seu Museu. As autoridades decidem

prontamente dar seguimento à queixa e no dia seguinte de manhã uma brigada policial de Clermont-Ferrand, acompanhada pelo dr. Regnault, dirige-se a Glozel e faz uma busca na casa e na quinta dos Fradin. O resultado dessa busca é narrado e comentado de maneira diversa, segundo as opiniões. Num alpendre a que a polícia logo se dirigiu, foram encontrados nas paredes alguns calhaus que todos dizem «frescamente gravados». Fradin afirma que foram decerto postos pelos seus adversários naquele lugar que é acessível a quem passa. Apareceram na casa três limas, uma obra arqueológica, um desenho dum animal a lápis num papel, alguns cacos de porcelana e estilhaços de vidro, que o advogado da Sociedade Prehistórica de França diz serem afiados para substituírem os utensílios de metal no fabrico dos objectos falsos (1). No Museu o dr. Regnault designou à sua vontade as peças que a polícia tinha de recolher para exame. Entre elas figura o famoso tijolo em que muitos supuzeram ser possível ler *Closet*. Os documentos apreendidos foram transportados para Moulins e dahi enviados para Paris onde serão examinados por M. Bayle, dos serviços da identidade judiciária.

Surgiram imediatamente, sobretudo da parte do dr. Morlet, os reparos mais ou menos violentos à maneira como este lance teatral se operara. Foi estranhada pelos próprios juristas a prontidão fulminante do *parquet* de Moulins, no qual há um magistrado que é arqueólogo, fez escavações em Glozel e escreveu brochuras anti-glozelianas. Foi estranhada a interferência do queixoso no acto policial e não terem sido dadas garantias sobre a proveniência dos objectos apreendidos. Anunciaram-se interpelações parlamentares sobre o assunto. O dr. Morlet escreveu duas cartas de protesto ao ministro da justiça, queixando-se de violências contra os Fradin e de prejuízos causados no Museu. Sobre os cacos de porcelana e estilhaços de vidro apreendidos, um jornalista adversário de Glozel canta vitória («Le Journal» de 3 de Março), mas um redactor do «ECHO de Paris», em 3 e 4, afirma que o velho Fradin, ouvindo falar no achado, rira a bom rir por se tratar de cacos vulgares em tôdas as lixeiras...

* * *

O que é certo é que se não fez o exame pericial ao jazigo e a todos os objectos, reclamado pelo «Matin». Dada a exaltação

(1) O dr. Morlet desmente terminantemente que no quarto de Émile Fradin tenha sido encontrado, como só muito mais tarde o advogado da Sociedade Prehistórica de França veio alirmar, qualquer calhau gravado de fresco.

estabelecida em torno do caso de Glozel nos dois campos adversos, ¿o procedimento policial das autoridades de Moulins ter-se-há cercado de tôdas as garantias de imparcialidade para a aceitação geral dos resultados da busca? ¿Os processos científicos de exame dos objectos do Museu (os encontrados no alpendre estão de antemão condenados por unanimidade) serão os que a ciência prehistórica serena e imparcialmente aconselha? ¿Não será necessário ponderar, por exemplo, as condições especiais da cerâmica mal cozida e amolecida no seio dum terreno argiloso, isto é, duma idêntica natureza mineralógica? (1) ¿Não é certo, por exemplo, que se não podem aplicar a objectos post-paleolíticos algumas regras que se seguiriam no exame crítico duma jazida dita paleolítica? ¿Em gravuras autênticas do neolítico o fundo do traço não tem freqüentíssimas vezes uma pátina muito menor do que a da superfície da pedra?

A estas interrogações que o caso de Glozel sugere a quem estiver sereno e desapaixonado, acresce ainda a ponderação de que foram esquecidos no inquérito os objectos que verosimilmente estão ainda enterrados, e os que se descobriram em Chez Guerrier e em Puyravel. ¿Porque não se ha de fazer um exame *integral* dos documentos e da jazida de Glozel e de tôdas as peças documentares com ela relacionadas? A verdade em tão intrincado assunto não se apura, e o acôrdo não se estabelece, sem êsse exame integral, como muito bem se acentuou num dos considerandos do voto formulado no Congresso de Amsterdam.

Nada nos interessa a discussão jurídica da legalidade do que se tem passado ou a crítica dos processos adoptados no debate, nem sempre recomendáveis. O que seria para desejar é que se applicassem serenamente e inteiramente os métodos científicos que um caso destes requiere. Ainda se não fêz isso, quando seria êsse o modo de se pôr termo a dúvidas, a objecções, a uma tão lamentável discussão, que ameaça perpetuar-se.

A direcção da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia não tomará nesta questão, como intérprete desta colectividade científica, outra atitude que não seja a de reclamar a applicação integral dos métodos estabelecidos pela ciência para a determinação do valor documental de jazigos e objectos ditos arqueológicos. Esta revista excluirá portanto das suas páginas

(1) O dr. Morlet, em declarações feitas à «Dépêche», de Vichy, e ao «Moniteur du Centre», de Clermont-Ferrand, a respeito das análises de Glozel, faz notar que uma carta que lhe dirigiu ponderando essas circunstâncias, coincidiu com a recepção por êle duma carta do sr. prof. Depéret, de Lyon, em idêntica ordem de ideias.

tudo o que seja extranho ao debate puramente científico da questão. No entanto, devemos mencionar um facto de detalhe, que merecerá sem dúvida a atenção dos leitores portugueses. O sr. Dussaud afirmou que as descobertas de Glozel acompanhavam a progressão da erudição do falsário e que as analogias de objectos de Glozel com os d'Alvão surgiram depois da chegada às mãos do dr. Morlet do n.º da «Portugália», que contém os trabalhos de Ricardo Severo e do P.º Brenha sobre os achados transmontanos. Tal acusação foi agora reproduzida na queixa da Sociedade Prehistórica de França.

Ora na sua resposta a M. Dussaud, no «Mercure de France» de 1 de Dezembro findo, o dr. Morlet publicava a seguinte declaração do sr. prof. Leite de Vasconcelos:

«Je certifie que le Dr. Morlet m'a montré une photographie de deux pierres à fossettes, de Glozel, le 3 Septembre, au moment où il venait de recevoir le tirage à part de *Portugalia*, sur Alvão, que lui avait adressé M. Salomon Reinach. Il a mis devant moi la photographie à côté des gravures de *Portugalia* pour m'en montrer la ressemblance. Vichy, le 14-IX-26».

Estas palavras e as do sr. Reinach sobre o mesmo assunto são bem elucidativas. Mas, como dissemos, urge atacar o fundo da questão e não perder o tempo com argumentos psicológicos ou com vagos indícios extra-científicos. Há no Museu de Glozel objectos autênticos. Assim o declarou a comissão. ¿Mas foram introduzidos fraudulentamente, como ela pretende, num conjunto falsificado? ¿Não são essas peças nenhuma das que se disse constituírem uma sensacional revelação arqueológica? ¿Estamos nas vésperas de o saber com segurança ou teremos ainda de aguardar que a calma se restabeleça nos espíritos para que a visão exacta da realidade não seja deformada pelas paixões, pelo amor próprio exaltado, por um entusiasmo sectário que infelizmente chega a invadir os próprios homens de ciência?

O futuro o dirá definitivamente. Esperemos dêle com confiança a justiça e a verdade. Pessoalmente, o meu juízo está feito, embora sem pretensões a infalível. Mas na confusão de opiniões expendidas e de versões tendenciosas, é difícil a muitas pessoas saber de que lado está a razão. Só a calma e métodos rigorosos e adequados poderão dissipar tão espessa neblina tecida de impressões subjectivas e mesmo de atoardas facciosas, que infelizmente tem encontrado eco não apenas no espírito público mas no próprio mundo científico.

MENDES CORRÊA.

Uma leitura das inscrições ibéricas

Uma crítica inteiramente satisfatória do trabalho de Júlio Cejador (*Ibérica. I—Alfabeto y inscripciones ibéricas*) publicado pouco tempo depois do falecimento dêste ilustre filólogo espanhol no boletim da Associação Catalã de Antropologia (vol. IV, Barcelona, 1926), reclamaria o conhecimento da língua basca, que infelizmente não possuo. Mas a minha ignorância do euskara não me inibe de fazer algumas ligeiras considerações sobre um estudo de tão momentosa actualidade, porque êle se relaciona com investigações arqueológicas que muito me tem interessado, não sendo lícito abstrair, nêsse estudo, de certos aspectos do problema, independentes duma competência especializada na língua basca.

Segundo Júlio Cejador, as inscrições chamadas ibéricas são, sem excepção, naquela língua. É o regresso à tese de Humboldt, para quem o vasconço se teria outrora falado em quasi tôda a Península. Cejador admira-se de que ninguém tivesse reparado em legendas de medalhas que em letras latinas continham palavras pura e simplesmente bascas, como ILDITVR ESNEG, em basco actual ILDITVRRRI ESNEGO, que significa *fonte morta de leite*.

Delgado e Hübner seguiram mau caminho pretendendo que dalgumas afinidades morfológicas das letras ibéricas com caracteres fenícios poderiam tirar conclusões sobre o valor fonético daquelas, e chegaram dêsse modo a supostas palavras, das quais nem uma só puderam decifrar. O autor mostra a anterioridade do alfabeto ibérico em relação aos alfabetos fenícios e procura a sua origem em ideogramas primitivos, baseados sobretudo na conformação da bôca ao articular os sons. Trata-se de ideogramas de articulação, o que não sucede nos alfabetos fenício e grego. Êsses ideogramas tomaram uma forma linear para se poderem mais facilmente gravar na pedra. Cada som elementar aparece representado nas inscrições ibéricas por caracteres que são os primitivos ou variantes dêstes. Assim para o *a*, por exemplo, Cejador enumera 31 variantes, o que não quer dizer que se trate de mais dum alfabeto. Todos os sinais, escreveu o autor, pertencem a um só alfabeto que evolucionou em várias épocas e regiões.

Êsse alfabeto é muito antigo e dêle teriam saído, na opinião do autor, o fenício, o grego e até o hierático de Sumer e Acad, do qual derivaram as inscrições assírias e babilônias. «É anterior à cultura babilônica e assíria, à egípcia e à cretense ou minoica». Os sinais do alfabeto ibérico difundiram-se pelo Mediterrâneo e teriam ido até à Índia e à própria Indo-China. Talvez tenham sido

inventados na idade da pedra por populações que falavam o basco. O autor afirma ainda que muitos caracteres não são, a bem dizer, variantes de certas formas primitivas, mas estas acrescidas de pequenos traços destinados a suprirem algumas vogais, de modo que se convertiam em sinais silábicos. Vários quadros dão os caracteres ibéricos, os enlacs principais, as suas variantes regionais, etc. O autor alude também a formas que diz *degeneradas* e que, supondo «um desconhecimento completo do valor ideológico dos sinais, baralham em algumas regiões um pouco o sistema», se bem que não teriam constituído dificuldades para os que nessas regiões os empregavam.

Depois de tão larga e substancial introdução, interrompida para a decifração da inscrição de Alcoy que o autor apresenta como uma simplicíssima demonstração de que se trata do basco, Cejador passa à leitura das medalhas e inscrições ibéricas, que teem sido publicadas por Delgado, Hübner, Lorichs, etc. Acentua, que as legendas monetárias que foram ditas *bilingues*, não teem em ibérico, como se supôs, o nome das cidades que nelas se lia em latim. Hübner, diz Cejador, foi por essa falsa suposição levado a inventar até cidades que nunca existiram.

A inscrição de Alcoy, segundo a lição de Cejador, que não traduzimos do castelhano com receio de deturpar o texto, começa assim:

- ¡Abre! E!
- Del nublado.
- Pues te estamos.
- Y que lo tenga.
- Malos de humidade de cieno.
- Si te estamos.
- ¡SSS! a callar.
- De la fuente al deslizar la tierra.
- Haz lugar vacio.
- Para los del monte vacio pues hay.
- Destrozados ¿ e?
- Del monte camino derecho otra vez hecho.
- Abre pues.
- Aldeanos. Atiende.
- Borracho hecho además?
- De un mal cuervo por ali.
- Brizna o poquito.
- Estás grandemente sin aliento?
- Y naturaleza humana sensible te somos.
- ¿ Dos e?

- Dos.
- ¡Fuerte broma!
- Camarada, tu.
- Dos desdichados o dos de buen humor!

Linhas sobrepostas:

- Date prisa.
- Lenguaje de broza.

O diálogo continua no verso da lâmina de chumbo. Para Cejador trata-se dum diálogo entre um indivíduo que, fugindo com outro à tormenta, pede a alguém que está dentro duma casa, para lhe abrir a porta. O do interior discute com o que para êle apela, pondo mesmo em dúvida que sejam dois que estão fora, e servindo-se da expressão « fuerte broma! » que leva o seu interlocutor a chamar o camarada que anda a distância, para comprovar a verdade da sua afirmativa. Em certa altura, um dos interlocutores imporia silêncio: Chiu! Caluda! (SSS! A callar). A conversa continua no reverso da lâmina, sobre o mesmo tema da outra face.

Ninguém esperaria que nesta lâmina de chumbo com letras ibéricas — escreve Cejador — iria deparar com um trecho literário, tão artístico, de tão bom e fino humor, « que parece arrancado à realidade pelo melhor dos nossos dramaturgos ulteriores ». Esse diálogo, acrescenta êle, « é do mais artisticamente escrito, sem uma palavra a mais, de estilo preciso, cheio de graça e de bom humor ». Consagrando ainda mais elogios a êste documento, Cejador recorda o trecho de Estrabão que attribuia aos Turdetanos antiquíssimas produções literárias, e o de Sílio Itálico alusivo a versos cantados por certos povos hispânicos na sua língua nacional. O autor não concordaria, pois, com os pontos de vista daqueles para os quais a inscrição de Alcoy era um texto religioso (Gomez Moreno) ou uma série de preceitos agrícolas (Thayer Ojeda, que a pretendeu decifrar com auxílio do irlandês e do latim).

Não cabe nos limites desta nota uma desenvolvida menção das leituras de inscrições e legendas numismáticas, que constam do trabalho de Cejador. Diremos apenas que as inscrições de Portugal são, para êle, « das mais antigas e as mais importantes por todos os motivos, sem misturas de alfabetos estranhos ou de sinais ambíguos » e registaremos algumas das suas leituras de inscrições lusitanas, por nos interessarem, como é natural, mais particularmente.

Uma de Ourique conteria: *Eu por medo trabalho. O peor traba-*

lhador, o tecelão. Outra da mesma localidade: *Aqui tecer, atenção!* Ainda da mesma proveniência estas: *Temer. És trabalho. — És ruído. Frio — Atenção, és ruído (ou fuma).* Cejador interpretava estes textos, dizendo tratar-se de inscrições duma fábrica de tecidos, em que o proprietário afirmava a um operário que dizia trabalhar por medo, que era mau trabalhador, e recomendava atenção aos trabalhadores, lembrando-lhes que ali apenas se tecia, etc.

Uma outra inscrição de Ourique, que o autor considera duma lápide sepulcral, conteria o seguinte: *Ai! Eu terror terror estou; terror que puz o sou. Deles morio. Como em terror morto? Atenção, dos bons eu. Vai-te, nada sou, isto o dos bons, etc.* A interpretação do autor é aproximadamente esta: *Ai! Estou muito aterrado, eu que infundi terror aos outros. Dêstes, sou eu quem está morto. Como, estando morto, posso sentir terror? Atenção, eu sou dos que tinham bens. Afasta-te de mim, que nada sou. A isto veem parar os ricos, os que tinham bens, etc.* Para Cejador, trata-se duma lição moral sobre a superfluidade das grandezas humanas, que o defunto daria aos transeuntes. Traduziria êste documento levantados vãos espirituais, uma transcendente cultura religiosa, que se diria « afim do cristianismo, muito antes de vir Cristo ao mundo ».

Destas e das restantes inscrições de Portugal as leituras de Cejador levariam a concluir: que havia fábricas de tecidos, alguns teares famosos; que havia trabalhadores pouco diligentes (o que não é raro em todos os tempos) e que os patrões os procuravam estimular; que a morte infundia terror e que o aniquilamento da morte (do *sôno do frio*, expressão duma certa beleza poética que uma inscrição contém) mostrava a superfluidade das coisas e das paixões mundanas; que havia terrenos baldios, que seriam decerto muitos; e por fim que em terras más para a cultura, se caçava, divertimento classificado de cidadão! Tão magro espólio documental! . . .

O estudo de Cejador termina pela explanação dos argumentos demonstrativos da extensão do alfabeto ibérico para fora do território peninsular.

Interessar-nos-ia deveras conhecer a interpretação das inscrições proto-ibéricas de Alvão, segundo êste novo sistema. Talvez Cejador tenha ignorado a sua existência ou, conhecendo-as, teria porventura acreditado na sua pretensa falta de autenticidade.

* * *

As breves considerações que um trabalho tão actual nos sugere não nos são vedadas, como dissemos, pelo desconhecimento do basco. Não o são também pelo facto de ter falecido o

erudito investigador, que não assiste ao debate do seu sistema. Não se trata, de resto, dum ataque, que estaria fora do âmbito da nossa competência, como está fora do nosso propósito, nem muito menos se trata de reservas tendenciosas que não se coadunam com a nossa imparcialidade e com a nossa calma.

Acresce que, por simples intuição ou pela lógica mais singela, nos parece acertada a tese de Cejador, no que diz respeito à maior aproximação do idioma (ou idiomas) ibérico com o euskaro e à origem primitiva, não fenícia, do alfabeto ibérico. O preconceito fenício tem de acabar. Muito antes da data da inscrição de Ahiram, já havia sinais alfabéticos no ocidente. Não é preciso autenticar Glozel para demonstrar êste assêrto. Delgado e Hübner não seguiram, pois, o melhor caminho na sua interpretação dos caracteres ibéricos.

O regresso à tese de Humboldt quanto à identificação lingüística dos antigos povos peninsulares é também absolutamente justificado pelo carácter arcaico e aberrante do basco, isolado num oceano de formações glossológicas áricas. Mas na Península, antes da romanização e fora dos empórios dos povos colonizadores e mercantes, apenas se falaria o basco? E não teria êste, a despeito da sua apregoada imutabilidade, sofrido de então até hoje a mais leve evolução glossológica?

Confessamos as nossas dúvidas a tal respeito. A unidade lingüística primitiva da Península é difficilmente admissível, sabido o isolamento das tribus peninsulares, a *invidia*, o eterno dissídio, que impediu, por exemplo, a unificação do esforço político e militar perante a invasão romana. As fontes literárias atestam a variedade lingüística peninsular. «Nem a língua é uma só», escreveu Estrabão (III, I, 6) e, embora se possa supor que se tratava apenas de dialectos ou variantes locais do basco, surpreende-nos que todos os textos ibéricos apareçam redigidos em basco puríssimo, no basco de hoje, sem formas dialectais esquecidas que dificultassem a Cejador a sua leitura. Em Angola falam-se em áreas extensas o quimbundo e o bunda, mas quantas diferenças dialectais em cada área, quantas palavras diferentes se correspondem na mesma área lingüística!

Por outro lado, a coincidência que o autor encontrou entre as palavras das inscrições peninsulares, que o seu sistema permitiu reconhecer, e as palavras do vasconço actual, se é até certo ponto impressionante, requer entretanto demorada reflexão. Não queremos referir-nos em especial ao que há de desconexo, inverosímil, ou estranho, perante a construção da nossa língua e para a nossa mentalidade, em muitas das traduções literais dos textos estudados. Uma versão literal duma língua diversa da nossa e dum texto

escrito por homens duma diferente cultura e duma diversa estrutura ideológica, reclama uma interpretação que a torne compreensível. Uma tradução literal, até dum autor latino, por exemplo, aparece hoje, à primeira vista e para pessoas pouco experimentadas, quasi sem sentido em muitas passagens. Embora as interpretações de Cejador possam porventura freqüentemente parecer forçadas e reveladoras duma imaginação poderosa, não ousaremos chamar nefelibata e obscura à inscrição de Alcoy e a outras por êle enaltecidas como peças reveladoras dum alto sentimento literário ou duma requintada cultura espiritual.

Queremos apenas frizar quanto há porventura de elástico na aplicação do sistema, quantas possibilidades de adaptação artificial à leitura de palavras em dada língua, encerra um sistema em que o mesmo som elementar admite numerosas figurações — que podem ascender a dezenas —, um sistema em que muitas letras são freqüentemente omitidas, abreviadas ou associadas, um sistema em que se lê ora da direita para a esquerda ora inversamente, um sistema em que o mesmo sinal pode corresponder a vários sons diferentes! Bem sabemos que alguns factos análogos se dão noutras escritas e noutras línguas, mas isso não anula o nosso argumento.

△ pode representar *a*, *l*, *g* e *k*. ▴ corresponderia em certos casos a *a*, noutros a *v*, noutros a *r*. |—| significaria *a* e *e*. A supressão freqüente de vogais facilitaria uma leitura fantasiosa. Escrevamos RM, por exemplo, e imaginemos as dezenas de palavras portuguesas que a menos fecunda imaginação pode de pronto arranjar, antepondo, intercalando ou pospondo vogais a essas duas consoantes! Roma, rima, remo, ramo, rama, etc. etc.

Cejador apresentou como «prova» do valor do seu sistema o facto de ter conseguido decifrar tôdas as inscrições verdadeiras que estudou, e não ter, pelo contrário, alcançado interpretar uma só das inscrições dadas por Hübner como falsas em apêndice aos *Monumenta Linguae Ibericae*. Será lícito supor que o insucesso tivesse derivado da convicção preconcebida dessa impossibilidade? Não nos abalancemos a afirmá-lo. Suspeitar que com um pouco mais de boa vontade o autor conseguiria êsse intento não é ironia ofensiva da sua memória. Mas não nos detenhamos nessas conjecturas.

Nota-se nas leituras de Cejador uma grande escassez, quasi a ausência, de nomes próprios, a não ser que o autor tivesse tomado como nomes comuns alguns que, embora tendo significados como tais em vasconço, houvessem constituído outrora nomes de pessoas ou de localidades, como certos ainda hoje o são (exemplo dado pelo próprio autor, *Larra*).

Mas o que sobretudo surpreende é a índole dos textos ibéricos assim revelados. As medalhas, por exemplo, diziam: *eu aqua aqua negra, acima acima bosque negro, de terrivelmente negro negro, se eu pedisse, a veia mineral estrela, trabalho do campo*, etc. Algumas legendas não teem sentido discernível. Há outras, porém, que se relacionariam com a vida pastoril, com algumas tradições ou pergaminhos locais, com a pesca, etc. As inscrições não fornecem, entretanto, os elementos históricos por que tantos esperávamos como revelações magníficas, análogas às da epigrafia oriental. São afinal apenas vulgaridades da vida material de todos os tempos, trechos de mera literatura, devaneios bucólicos, peças humorísticas, declamações fúnebres, vagas dissertações filosóficas. Mal permitem, em geral, suposições e inferências sobre os costumes e a mentalidade daquelas populações. Dir-se-ia, através das leituras de Cejador, que os povos antigos da Península não possuíam o menor sentido histórico, uma cronologia, uma vida política e militar intensa, chefes assinalados, a memória de acontecimentos notáveis. Entregavam-se à poesia, filosofavam sobre vida e sobre a morte, guardavam a memória lapidar e impessoal duma existência de trivialidades, mesmo de bagatelas. Dão a medida do reduzido interesse histórico da epigrafia ibérica as inscrições lusitanas referidas, alusivas a uma fábrica de tecidos. Em vez de se registarem factos importantes da vida colectiva, gravar-se-iam nas pedras recomendações banais aos operários, como numa instalação fabril moderna. Em vez de se transmitir aos pósteros a fama de individualidades marcantes e a notícia de acontecimentos grandiosos, em vez de se perpetuarem os louvores aos deuses ou aos heróis, em vez de se registarem datas memoráveis, arquivavam-se textos, que, sob o ponto de vista histórico, são como a inscrição de Alcoy, de escasso interesse documental. Que grande decepção! Mas será assim? Não sabemos dizer-lo.

Eis os factos que nos levam a não considerar prováveis as lições epigráficas ibéricas de Cejador sem que outros filólogos conhecedores do vasconço venham confirmar a sua verosimilhança, atestando que não é dum engenho inventivo, sem correspondência com a realidade dos textos primitivos, que resultaram tais leituras. No entanto, o erudito investigador trilhou, a nosso ver, em certos aspectos da sua tese, a melhor directriz, e algumas coincidências registadas na sua interpretação fonética de legendas e inscrições não parecem ser casuais. Apesar das nossas reservas, temos a impressão de que o basco e talvez o sistema de Cejador ajudarão a desvendar o segrêdo da epigrafia ibérica.

Pena foi que a morte do erudito investigador o viesse impedir de assistir ao debate do seu sistema e de continuar dando ao

problema da escrita e da língua ou das línguas ibéricas a valiosa contribuição do seu saber e dos seus estudos especiais. Parecer-nos que infelizmente o ibérico ainda não encontrou o seu Champollion.

MENDES CORRÊA.

Museu Antropológico do Pôrto

O Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto recebeu ultimamente as seguintes ofertas:

Da sr.^a D. Angela de Oliveira Santos, por intermédio do sr. dr. Ruy de Serpa Pinto, um péso de chumbo com anel de suspensão em ferro, e uma moeda de cobre do Monte de Santa Maria, Fiães.

Do sr. Germano Rocha, por intermédio do mesmo senhor, fotografias do balneário romano de S. Vicente de Pinheiro, Entre-os-Rios.

Do sr. prof. dr. Joaquim Pires de Lima, desenhos de pedras castrejas com ornatos do Museu de Guimarães.

Do sr. P.^o L. da Silva Campos, por intermédio do sr. dr. Ruy de Serpa Pinto, fragmento de candeia (?) de barro da cidade de Alvarelhos, lugar dos Aidos.

Do rev. Eugène Jalhay: disco da estação paleolítica de Camposancos (Galiza); oito picos asturienses e dois pesos de rêde da estação asturiense de La Guardia (Galiza); exemplares de fauna paleolítica espanhola.

Da Sociedade Pro-Monte de Santa Tecla, três fragmentos de cerâmica com palmípedes estampados do Monte de Santa Tecla, La Guardia (Galiza).

Do sr. dr. Ruy de Serpa Pinto, um fragmento de cerâmica estampada e outros do Monte Murado, Carvalhos; cerâmica ornamentada e diversa do Monte Sameiro, Valadares; cerâmica micácea, etc., do Outeiro do Crasto, Valadares; fragmentos de cerâmica de Santa Luzia e Belinho; fuso de Vila de Conde.

Do sr. dr. J. R. dos Santos Júnior: roca de Moncorvo; vinte peças das olarias do Felgar, concelho de Moncorvo; corna, objecto em chifre utilizado nos petiscos (isqueiros), Moncorvo.

Do sr. A. Augusto da Silva, por intermédio do sr. dr. Betencourt Ferreira, quatro fotografias de objectos arqueológicos do

concelho de Barcelos; cinco fragmentos de cerâmica da freguesia do Monte, Barcelos.

Por permuta com a Sociedade Martins Sarmento, entraram no Museu novos objectos de cerâmica ornamentada pre-romana do castro da Penha, Guimarães.

Congresso de Americanistas

Em Setembro próximo realiza-se em Nova York o XXIII Congresso Internacional de Americanistas. As adesões devem ser enviadas ao dr. Pliny E. Goddard, secretário, International Congress of Americanists, 77 th. Street and Central Park West, New York City, N. Y., U. S. A. Os membros activos pagam de inscrição cinco dolares e os associados dois dolares e meio.

Sociedades científicas

Para a vaga deixada pelo saudoso e eminente professor D. José Carracido, como presidente da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, foi eleito o sr. visconde de d'Eza, antigo ministro e sociólogo distinto. O próximo Congresso desta Associação e da sua congénere portuguesa realizar-se há em Barcelona, na primavera do ano próximo.

O sr. prof. Hugo Obermaier foi eleito membro correspondente da Academia Prussiana de Ciências.

O sr. prof. Mendes Corrêa foi eleito sócio correspondente da Sociedade de Medicina e Cirurgia, do Rio de Janeiro.

Lutuosa

Faleceu em Paris o escritor, antigo ministro e antigo director da Escola de Antropologia daquela capital, M. Yves Guyot, que era também sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Só recentemente teve o comité de redacção desta revista conhecimento da morte do nosso consócio, sr. dr. Carlos de Carvalho Braga, ocorrida há muitos meses. Embora tardiamente,

expressimos o nosso pezar pelo triste acontecimento que privou esta Sociedade dum elemento que à sua actividade consagrava grande interesse.

Prof. Luís Viegas

Estava já adiantada a composição deste fascículo quando inesperadamente faleceu o eminente e dedicado presidente da nossa Sociedade, o sr. prof. dr. Luís de Freitas Viegas, ilustre professor da Faculdade de Medicina do Porto e director da Repartição de Identificação, Antropologia Criminal e Psicologia Experimental, desta cidade. A direcção da Sociedade convidou os seus associados a assistirem aos funerais do seu querido e ilustre presidente, que foram imponentes e concorridíssimos, e, no cemitério, junto do caixão, proferiu o nosso vice-presidente, sr. prof. Mendes Corrêa, algumas palavras comovidas de despedida e homenagem em nome desta colectividade de que o extinto foi um dos fundadores e um dos membros mais prestimosos e dedicados.

Foram proferidos outros discursos em nome doutras entidades e corporações, falando em seu nome pessoal o nosso consócio sr. dr. José Maciel Fortes, que, com grande emoção, recordou ter sido o nosso saudoso presidente quem nesta Sociedade fez há anos o elogio académico de seu falecido pai, também nosso ilustre consócio, o sr. dr. José Fortes.

Nova e mais larga homenagem será oportunamente prestada à memória do sr. prof. Luís Viegas pela Sociedade de Antropologia. Dela dará conta a nossa revista.

Nestas breves linhas fica, no entanto, desde já expresso o nosso sentimento de viva saudade, com toda a gratidão pelo interesse e carinho que o extinto consagrou sempre à Sociedade e aos seus trabalhos.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

MARCELLIN BOULE et L. DE VILLENEUVE — *La grotte de l'Observatoire à Monaco* — « Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine », mémoire I, 1 vol. de 113 págs., 16 figs. e 27 est. fora do texto. Paris, Masson & C.^{ia}, ed., 1927.

Depois de explorar, com tão frutuosa resultados, as grutas de Grimaldi, M. de Villeneuve não ficou inactivo. Em 1916, de acôrdo com os desejos do Mecenaz e homem de sciência que foi o falecido Príncipe Alberto de Mônaco, iniciou a exploração metódica da gruta chamada do Observatório, em Mônaco, gruta situada na parte superior da escarpada montanha rochosa, onde se estabeleceu o « Jardim das plantas gordas », maravilha botânica dotada com mais de 4.000 espécies de formas estranhas, provenientes de tôdas as regiões sub-tropicais do globo.

Este volume magnífico, depois de justas palavras preliminares de M. Boule em homenagem ao Príncipe e a M. de Villeneuve, contém sucessivamente uma descrição detalhada e rigorosa do local e das escavações, feita por M. de Villeneuve, e um longo e magistral estudo dos documentos paleontológicos e arqueológicos, com considerações estratigráficas e comparativas, da pena do sábio paleontologista e prehistoriador do Museum de Paris, M. Boule.

A gruta do Observatório forneceu em níveis diferentes, no seio de depósitos resultantes da acumulação de elementos vindos do exterior e de produtos de desmoronamentos e de desagregação locais, cinzas, ossos animais e objectos líticos, que são susceptíveis de se reunir em três grupos, correspondentes a uma larga ocupação da gruta — situada em favoráveis condições de defesa — e a uma sucessão de fases prehistóricas que vão desde o paleolítico antigo ao aurignacense, representado amplamente pelo grupo superior e imediatamente seguido de reduzidos vestígios neolíticos. Cada grupo compreende a sua utensilhagem especial e vários tipos animais, cuja determinação é feita com a sua admirável competência pelo prof. Boule, sendo dignos de registo particular os seus estudos: sobre o dimorfismo sexual da *Capra ibex* e suas variações diversamente acentuadas nos membros posteriores e anteriores; sobre os restos muito interessantes (que faltam nas

grutas de Grimaldi) do canídeo *Cuon alpinus*, raça *europaea*; sôbre a raposa azul de Mônaco, etc. Faltam na gruta do Observatório certas formas características, como o *Elephas antiquus*, *Hippopotamus amphibius*, a camurça, o alce, etc., que se encontraram nas grutas de Grimaldi, mas aparecem o *Rhinocerus Mercki* (no grupo médio), a rena (no grupo superior e talvez no médio) e outras formas comuns a estas grutas, e, além disso, o *Cuon*, a raposa azul, o linco do norte, uma espécie de *Ovis*, talvez outra, muito interessante, de *Cervus*, devendo notar-se que estas últimas formas não tinham ainda sido registadas na fauna pleistocena da região.

É curioso que as matérias primas dos instrumentos líticos são, dos mais antigos para os mais modernos, o calcáreo, a quartzite e o sílex. Apareceu, por exemplo, na parte mais profunda do grupo inferior uma bela peça amigdaloide em calcáreo, do tipo chelense. Mais acima, no mesmo grupo, encontraram-se outros restos duma indústria lítica, muito grosseira, quasi exclusivamente em quartzite e calcáreo. O sílex é rarissimo nêsse grupo. Estudando as relações entre os progressos industriais da cultura lítica e as matérias primas utilizadas, cita o sr. prof. Boule algumas estações de vários países em que o facto registado em Mônaco encontra paralelos, e entre essas estações fala de estações portuguesas. Recordaremos também os instrumentos de aspecto bastante primitivo, em calcáreo e quartzite, de Vale de Alcântara, Campolide, descobertos e estudados por Fonseca Cardoso e depois discutidos por alguns autores. O grande instrumento em calcáreo, dessa proveniência, vem referido como um *coup de poing* chelense por Mortillet em *Le Préhistorique*. A nosso ver, as considerações de Boule sôbre as matérias primas e a evolução lítica na gruta de Mônaco, veem confirmar o carácter primitivo dêsse objecto que foi muito controvertido entre nós, mas com cuja inclusão no paleolítico inferior sempre concordámos (vid. pág. 6 da nossa separata *Instrumentos paleolíticos dos arredores de Lisboa*, «Gente Lusa», Granja, 1916).

O grupo estratigráfico inferior de Mônaco contém tipos de formas chelenses, acheulense e mustierense. O grupo médio tem um aspecto mustierense acentuado, mesmo do mustierense chamado superior. Corresponde à fácies arqueológica dos níveis inferiores das grutas de Grimaldi. O grupo superior, com uma indústria muito diferente, quasi exclusivamente de sílex, é de carácter aurignacense, idêntico aos níveis quaternários superiores das grutas de Grimaldi. Combinando os elementos arqueológicos relativos a estas últimas com os novos dados da gruta de Mônaco, o prof. Boule estabelece a seguinte sucessão nesta área da Côte d'Azur: 1.º Chelense ou Acheulense, com fauna quente de *Elephas antiquus*

e hipopótamo; 2.º Mustierense, a) de fauna quente, b) de fauna fria; 3.º Aurignacense; 4.º Neolítico.

Deveras importantes são as conclusões gerais dêsse notável trabalho. O prof. Boule declara, por exemplo, que o madalenense é suprimido nesta região e «destronado», como elemento fundamental do paleolítico superior, pelo aurignacense, cuja repartição é vastíssima e se prolonga até ao neolítico. A propósito dos níveis inferiores, afirma que é certamente «uma ideia feita e em parte falsa» que as divisões arqueológicas devam, por tóda a parte, ser sincrónicas e corresponder sempre às mesmas divisões geológicas ou paleontológicas. Quanto às origens das culturas mais antigas de Mônaco, não oculta a sua obscuridade, tanto mais que «o estudo *estratigráfico* do paleolítico africano está ainda na infância». Para o aurignacense, uma origem separada da das culturas anteriores, mas ainda africana, parece-lhe «um pouco mais clara», mas «ainda falta muito para a solução do problema e até para o pôr claramente».

Temos a impressão de que o estudo da arqueologia peninsular, mesmo especialmente da portuguesa, virá contribuir para essa solução. As relações culturais com o norte de África são aqui muito admissíveis. Infelizmente também no nosso país se regista ainda a escassez de referências *estratigráficas*, a que o prof. Boule alude para a África.

É de primeira ordem como contribuição para o conhecimento paleontológico e arqueológico do quaternário o belo volume com que o Instituto de Paleontologia Humana inicia a série dos seus «Arquivos». Para nós mesmos, portugueses, êle oferece, como vimos, um interesse muito especial. Acresce que é admiravelmente editado, esplêndidamente ilustrado. Às escavações realizadas com método, perseverança e proficiência, sucedeu o estudo consciencioso, a sábia e ponderada interpretação do espólio documental pelo sr. prof. Boule. A excelente factura material do volume publicado veiu constituir o complemento satisfactorio e lógico de tão nobres esforços.

— MENDES CORRÊA.

DR. ALFREDO CASTELLANOS — Un nuevo Dasipodino extinguido de la parte meridional de Bolivia — *Dasypodon atavus* — N. g. & n. sp. — «Anales del Museo Nacional de Historia Natural de Buenos Aires», t. XXXIII, Dezembro, 1925.

Nesta memória o autor descreve uma forma nova dêsse grupo de desdentados fósseis encontrada na Bolívia em Setembro

de 1922, quando se procedia à terraplenagem para a construção da linha férrea de La Quiaca (Argentina) a Tupiza (Bolívia), portanto no território limite entre estes dois países. Primeiro é estudado o terreno em que este fóssil foi encontrado — um arenito margoso, amarelo escuro, de textura compacta. O exame é metódicamente feito, como nos trabalhos anteriores, descrevendo o crânio nas suas várias normas, fazendo a diagnose diferencial com as outras espécies e dando as figuras que representam o novo género e a nova espécie, bem como as dimensões características.

A existência dum escudo pélvico nesta forma diferencia-a do *Eodasyppus*, no qual a couraça é constituída por faxas móveis; a ausência de escudo escapular separa-a dos géneros *Dasyppus*, *Chaetophractus*, *Zaedyus*, e outros.

Para comparação expõe os caracteres numéricos das placas das faxas móveis, o que é muito instrutivo para a diagnose diferencial entre as espécies da mesma família. Dá-nos também das placas pélvicas as dimensões que são distintivas. Acompanha este trabalho uma extensa e escolhida bibliografia.

BETHENCOURT FERREIRA.

DR. ALFREDO CASTELLANOS — *Sobre un nuevo Gliptodontido chapadmalense — Urotherium simplex — N. g. & n. sp. — y las formas afines — Tiragem à parte dos «Anales do Museo Nacional de Historia Natural» «Bernardino Rivadaria», de Buenos Aires, t. XXXIV, Dezembro, 1926. 1 est.*

Esta monografia foi feita sobre um exemplar muito curioso do Museu de Buenos Aires e que o autor verificou ser representante dum género novo e duma espécie nova.

Esse achado interessante pertence ao grupo dos *Gliptodontes*, já tão notavelmente representados no referido Museu. O dr. Castellanos trata da diferenciação que permite aparentar a forma encontrada com as espécies dos géneros *Palaehoplophorus* e *Neuryurus*.

Estabelece a diagnose do novo género e da nova espécie, figurada claramente numa estampa à parte, bem como das separatas *Urotherium intermidatum* (Amegh.) e *U. antiquum* (Amegh.) e do género *Neuryurus* e suas espécies, com abundância de pormenores e de documentação.

B. F.

M. ALEJO VIGNATI — *La Geologia de Monte Hermoso — (Physis)*. «Rev. dela Soc. Argent. de C. N.», VIII, 23 de Maio de 1925. Buenos Aires, 1925.

Nesta nota vem publicada a descrição das camadas geológicas que constituem esta paragem platense, que se começou a estudar em consequência das observações do célebre naturalista C. Darwin, seguindo-se nêsse estudo Bravard, Burmeister, Ameghino, B. Willis, Hrdlicka e outros. O autor acha que os andares estudados e de natureza mui distinta, não pertencem à mesma formação estratigráfica e se referem à camada chapadmalense, o que é confirmado pela análise dos terrenos e também pelos elementos paleontológicos conhecidos e descritos por F. Ameghino.

B. F.

EUGENIO JALHAY — *A estação asturiense de La Guardia (Galiza) — «Brotéria», vol. VI, fasc. II, Fevereiro de 1928, Caminha.*

A cultura asturiense, revelada pelo eminente prehistoriador espanhol o sr. Conde de la Vega del Sella depois das suas investigações na Cueva del Penicjal e noutras grutas e jazigos do país vizinho, está mostrando uma extensão superior àquela que a princípio se supunha possuir. O rev. Eugenio Jalhay, a quem se devem já valiosos trabalhos sobre arqueologia galáica e sobre o problema da origem do homem, dá-nos no presente estudo a descrição minuciosa e proficiente duma abundante estação asturiense descoberta em La Guardia pelo sábio fitologista rev. A. Luisier, depois de vários achados isolados de artefactos da mesma natureza, encontrados nas proximidades pelo ilustre autor dêste trabalho, que fez a exploração e o estudo da nova estação. Esta forneceram ao rev. Jalhay mais de cem picos e uns doze instrumentos de formas diversas. Os objectos são em geral maiores do que na região cantábrica, parecendo haver entre os tipos galegos um ainda inédito, de forma espalmada.

A vizinha estação prehistórica de Camposancos, descrita pelo sr. dr. Joaquim Fontes, forneceu um pequeno número de picos de tipo asturiense, misturados com numerosos *coups-de-poing* e discos lascados nambas as faces. Estes permitiram ao ilustre arqueólogo português classificar a estação como paleolítica. A presença daqueles picos levou, porém, alguns autores a datar do asturiense todos os objectos. É de esperar que o assunto se esclareça e que, como alvitra, com a sua grande autoridade, o prof. Obermaier,

haja uma e outra culturas em Camposancos (que não deve confundir-se com a nova estação de La Guardia).

O autor faz uma explanação sobre o asturiense em geral, considerando-o, como outros autores, post-paleolítico e pre-neolítico, para o que se baseia em vários motivos, especialmente na falta de certos objectos e em elementos paleontológicos. Procura também averiguar qual teria sido a aplicação dos picos asturienses, e entende que as condições locais dos achados de La Guardia veem confirmar a suposição do sr. conde de la Vega del Sella, segundo o qual os picos serviriam para desprender as lapas (*Patella*) dos rochedos a que aderiam.

Um conhecimento directo das estações asturienses já descobertas, orientou com segurança o sr. P.^o Jalhay no estudo dos achados de La Guardia. O sr. conde de la Vega del Sella previra a extensão daquela cultura à Galiza. As descobertas de La Guardia confirmaram a previsão. O sr. P.^o Jalhay escreveu no seu trabalho que provavelmente também essa indústria existia nas costas portuguesas. A descoberta dum pico há anos no norte do país pelo sr. dr. Ruy de Serpa Pinto conduziu este joven investigador à descoberta duma abundante estação asturiense no mesmo ponto em que fizera aquele achado. É a primeira estação dessa cultura que se encontra no nosso país. O curioso é que o conhecimento que eu tinha dos objectos da Cueva del Penicil e outros não me levou a identificar o pico primeiro encontrado pelo sr. Serpa Pinto, que m'o mostrara e que veio a identificá-lo felizmente perante as estampas do trabalho do sr. P.^o Jalhay.

Ao mérito intrínseco deste trabalho acresce, pois, ainda o de ter permitido ao sr. Serpa Pinto dar o realce devido à sua excelente descoberta duma nova e importante estação asturiense. Duplicado jus tem portanto o P.^o Jalhay às nossas felicitações.

M. C.

P.^o EUGÉNIO JALHAY, S. J. — *Los grabados rupestres del extremo sudoeste de Galicia — Alrededores de Oya, Provincia de Pontevedra* — No «Boletín Arqueológico de la Com. Prov. de Monumentos Hist. e Art. de Orense», t. VII, n.^o 167, pág. 373 a 385, com 10 figs. Orense, 1926.

O P.^o Jalhay, a quem a prehistória galaica deve já notáveis descobertas, descreve oito penedos com insculpturas, dos trinta e poucos encontrados, por êle e pelo P.^o Adelino da Silva, na região

de Villadesuso-Pedornes-Oya, entre a margem esquerda do Minho e a costa.

«É extraordinária a semelhança que as insculpturas galegas teem entre si, e é este o carácter particular que as distingue de outras conhecidas no resto da península, e as faz constituir uma família ou grupo à parte», escreve o autor (pág. 374), não querendo dizer com isso que não se encontrem noutras regiões.

Efectivamente esta cultura propaga-se pelo norte de Portugal até à Beira-Alta, estando muito pouco estudada (Pedro Vitorino, Amorim Girão).

A partir da margem direita do Douro (Baltar, Penafiel, Tougues, Cachão da Rapa, Sales, Alijó) começam a aparecer as pinturas supestres, em dolmens e abrigos, que não se encontram na Galiza, e com as quais as gravuras galegas teem algumas afinidades.

Entre os petroglifos representados pelo autor, figuram os animais estilizados, tipicamente galegos, e um curioso carro tirado por dois animais geminados (como sucede em Alvão). Aparecem além disso estilizações humanas, quadrados com cóvinhas, círculos concêntricos e enxadrezados já conhecidos.

Esperamos com grande interesse a publicação dos petroglifos portugueses da foz do Minho e de Viana do Castelo, citados pelo autor.

RUY DE SERPA PINTO.

BOSCH GIMPERA e L. PERICOT — *La Civilisation de la Péninsule Iberique pendant le néolithique et l'énéolithique* — Extr. de «L'Anthropologie», 1925.

Contam-se os trabalhos que, como este, apresentam em poucas páginas um tão precioso resumo de conhecimentos sobre o neolítico peninsular. Consideram os autores vários círculos de cultura ibérica durante o neolítico final: *cultura ocidental ou dos megálitos portugueses, cultura central, cultura de Almeria e cultura pirenaica*, sendo digno de exemplo o método adoptado para o estudo sincrónico das várias provincias culturais, visto que a cronologia foi baseada nas sepulturas megalíticas portuguesas e estações de Almeria, e o sincronismo das culturas nas pontas de setas e uso do vaso caliciforme. Em primeiro lugar os autores consideram no paleolítico duas regiões artísticas: a franco-cantábrica, caracterizada por uma arte naturalista, e a região do SE., onde se desenvolveu a arte impressionista do capsense, correspondendo a esta

diversidade o contraste entre as raças pré-históricas do norte da Península e a que prepondera nas outras regiões.

Neste campo os autores não puderam chegar a um resultado definitivo visto que os estudos de antropologia pré-histórica da região cantábrica ainda não puderam atingir o desenvolvimento alcançado em Portugal graças aos esforços do sr. prof. Mendes Corrêa. No estudo das várias províncias culturais referem-se em primeiro lugar à civilização dolménica portuguesa, salientando que Portugal e a Escandinávia possuem as mais antigas construções megalíticas, do período final do neolítico puro. Incluem os dolmens de Alvão no neolítico puro pondo muito ligeiramente em dúvida a autenticidade das esculturas e sinais alfabetiformes, tão apaixonadamente discutidos nos últimos tempos em virtude dos achados de Glozel, mas de cuja autenticidade me não parece lícito duvidar.

Consideram no neolítico duas fases: a fase A, caracterizada pelas grutas de Palmela, com pouco metal e sem machados polidos, época em que se desenvolve o vaso caliciforme, e a fase B marcada pelo aparecimento dos monumentos alcalarenses; com o princípio da idade do Bronze os tipos de Alcalar aproximam-se dos de Almeria e de El Argar. A cultura megalítica portuguesa exerceu uma grande influência sobre os territórios vizinhos como Extremadura espanhola até Valencia, Alcantara, Huelva, etc.

A civilização central espanhola que abrangia a maior parte da Península caracteriza-se pelas grutas, pela pobreza de material lítico e pela cerâmica ornada com incisões e relevos. No neolítico final a cerâmica é decorada com incisões unciais e cordões, espalhando-se a sua influência sobre a Andaluzia (Gruta dos Murcielagos), Castela, Logroño, Navarra, etc. Com o eneolítico inicial a cultura central divide-se em vários sub-grupos, como o catalão, o grupo Extremadura-Segovia, etc. Com o pleno eneolítico a cultura megalítica portuguesa exerce a sua influência no vale do Guadalquivir, espalhando o uso do cobre e das construções dolménicas.

A civilização de Almeria caracteriza-se pelo sepélio em fossas por vezes revestidas de tijolos, por pontas de seta com pedúnculo e em forma de losango, pela abundância de metal e pela cerâmica lisa. No neolítico final encontram-se as aldeias de El Garcel e Tres Cabezas, caracterizadas pela abundância de sílex sobretudo de micrólitos tardenoisienses, pela falta de pontas de setas e pelas escórias de cobre; já no eneolítico inicial podem distinguir-se duas fases: a fase A (Gerundia) com braceletes de *Pectunculus*, micrólitos, pequenos objectos de cobre, cistas com ângulos arredondados, e uma fase B (Parazuelos) com machados de cobre e belas pontas de setas. No pleno eneolítico apresenta

povoações dos tipos de Los Millares e Almizaraque, dotadas de rica utensilhagem, como alabardas do tipo português, pontas de setas com a base côncava e os ídolos placas, de xisto; pérolas d'âmbar e um punhal de dente de hipopótamo; na cerâmica, uma riqueza notável de tipos dos quais os AA. destacam o vaso caliciforme, e os vasos ornados com os olhos apotropeicos estilizados, que nos servem para marcar a propagação desta cultura.

Quanto às características da cultura pirenaica, consideram os AA.: as sepulturas megalíticas do tipo avançado (influência portuguesa), cerâmica indígena com ornamentos, pontas de seta do tipo de Almeria e o vaso caliciforme. Abrange esta cultura dois grupos, o basco e o catalão, sendo as estações do primeiro (Igartze, Arzabal) muito pobres: pontas de seta triangulares de pedúnculo mal retocadas, contos de pedra vulgares, pequenos objectos de bronze e os vasos caliciformes do tipo almeriano simples, com zonas de linhas de pontos entre duas linhas paralelas feitas com um fio; o grupo catalão (Pallares, Vich, Ampurdan, etc.) é muito mais rico, tendo uma utensilhagem mais perfeita e estabelecendo a transição para as zonas francesas, tendendo a desaparecer na Península nos primeiros tempos da idade do Bronze, enquanto que em França ainda evolui dando origem a novos tipos. No princípio do período do Bronze as civilizações peninsulares dão lugar a uma civilização de Almeria, caracterizada pela cerâmica de El Argar, e que os autores julgam autóctona, produzida pela evolução «in loco» da cultura almeriense que teria abandonado os tipos de Los Millares, para de novo usar a cerâmica sem ornamento, aperfeiçoar a técnica e estereotipar algumas formas conhecidas já anteriormente. Esta civilização é, na sua essência, mineira, como provam as explorações do Algarve, Sierra Cordoba, etc.

A difusão da cerâmica e dos tipos argáricos seria devida a simples relações económicas e não à conquista feita por um povo mineiro, que teria saído de Almeria à procura de jazigos metálicos. O último parágrafo é reservado ao estudo da antropologia peninsular; constata um predomínio dos dolicocefalos sobre os braquicefalos, não aceitando a opinião do prof. Mendes Corrêa, de que a mudança da população do neolítico seja devida a uma invasão dos povos não negroides, mas admitindo como mais verossímil uma continuidade de raças, atenuadas até ao desaparecimento dos caracteres inferiores. Quanto às outras culturas nota-se uma grande maioria de dolicocefalos sobre alguns braquicefalos, como em Ciempozuelos, e uma raça pirenaica ocidental mesocéfala.

O trabalho que acabamos de analisar, é ornado com duas belas cartas, mostrando a distribuição geográfica das culturas

peninsulares durante o neolítico final e o eneolítico, contendo também fotografias muito nítidas e elucidativas.

H. PINTO LIMA.

BOSCH GIMPERA — *La migration des types hispaniques à l'énéolithique et au debut de l'âge de bronze* — Extr. da «*Revue Archéologique*», 1925.

Neste pequeno opúsculo procura o autor demonstrar que a propagação de determinados tipos industriais hispânicos não é devida a migrações de povos semelhantes às invasões dos povos bárbaros, mas a simples relações económicas.

Constata a existência na península Ibérica, durante o neolítico, de 4 grandes civilizações: a *dolmênica portuguesa*, a das grutas com cerâmica incisa, abrangendo o centro da Espanha, Andalusia, Catalunha e SE. da França, que mais tarde evolui dando origem à civilização dos vasos caliciformes com zonas; a *de Almeria*, talvez de origem africana e introdutora na Europa Ocidental do uso do cobre; e finalmente nos Pireneus, a *civilização pirenaica*, propagadora na França de muitos tipos peninsulares. Todos estes tipos mantêm a sua própria personalidade, como o português, espanhol, pirenaico e francês, atribuindo-se a migração dos tipos a relações pacíficas, não só durante o neolítico e eneolítico, mas também durante os primeiros tempos da idade do bronze, como as semelhanças encontradas por Aoberg entre as alabardas e decoração incisa dos ídolos de pedra de Folkston e os cilindros calcários e ídolos-placas portugueses, entre a decoração dos machados e punhais ingleses e os ornamentos geométricos espanhóis, etc. A Bretanha serviria de entreposto comercial entre a Europa do Norte e do SW.

Afirma o autor a não existência até às fases avançadas da idade do bronze, de relações entre a Itália e as ilhas ocidentais do Mediterrâneo e o Mar Egeu. A Espanha estaria desde o neolítico em contacto com as civilizações da Itália, da Sardenha e da Sicília. Para o autor, não foi um povo peninsular que deu origem aos vasos caliciformes renanos, mas um outro povo, talvez do oriente da França, intimamente relacionado com a civilização pirenaica.

Quanto à decadência das culturas peninsulares durante o último período da idade do bronze, seria devido ao desconhecimento dos jazigos metalíferos hispânicos, recrudescendo as culturas peninsulares desde que os fenícios os descobriam.

H. P. L.

BOSCH GIMPERA — *La Prehistoria de los Iberos y la Etnologia Vasca* — Separata da «*Revista Internacional de les Estudios Vascos*». S. Sebastian, 1926.

Este folheto do notável prehistoriador de Barcelona tem por fim completar as conferências por êle realizadas em Bilbao durante Janeiro de 1923.

Considera o autor os bascos como derivados dos povos pirenaicos do neolítico, diferindo profundamente dos iberos, cujos antepassados seriam os almerienses. Tanto a antropologia como a arqueologia atestam a permanência dum tipo físico e duma cultura no SE. da Península durante todo o neolítico até aos primeiros tempos da idade do bronze; é o tipo dolicocefalo mediterrânico que predomina sobre uma minoria de crânios, que pertencem a outras raças, hoje ainda mal estudadas, das necrópoles argáricas de Almeria. A permanência dos tipos culturais arcaicos almerienses durante a cultura ibérica, vem comprovar a primeira asserção do autor: os almerienses são os antepassados dos iberos. Ao N., o distrito montanhoso da Catalunha permanece livre da influência de Almeria, desenvolvendo-se a cultura pirenaica das cavernas, devida a uma raça braquioide, cuja influência cultural se sente durante a I e a II idade do ferro, referindo-se os textos a povos pre-ibéricos aí situados como os Indigetias, Ceretas, Ausoceretas, etc., e que mantêm a sua personalidade bem marcada, mesmo depois da onda capsense, como a cultura asturiense, intimamente ligada com a aziliense, diferindo em alguns pontos principalmente no que se refere à alimentação, graças a uma mudança climática. Devido a razões topográficas, os cantabro-pirenaicos permaneceram isolados durante o neolítico, até que no eneolítico copiam os tipos almerienses, transformando-se de pastores em povos guerreiros que levaram as suas correrias até territórios muito distantes. Mas o aparecimento do vaso caliciforme na Europa Central não se deve explicar por migrações de povos, mas por relações pacíficas, sendo indubitável porém que no SE. se deu um movimento de povos, motivado por uma migração dos pirenaicos, de carácter guerreiro, como o prova o achado de ossos humanos com pontas de setas cravadas.

Como o tipo físico dos habitantes e a sua cultura permanecem inalteráveis durante a época de Hallstatt e época histórica e como ainda hoje o basco apresenta as mesmas características antropológicas, admite o autor que os bascos sejam os representantes actuais das antigas raças, essencialmente europeias, construtoras das sepulturas megalíticas dos Pireneus. Depois encara o autor o problema da origem da civilização almeriense, que julga ser afri-

cana. As culturas almerienses seriam independentes das culturas orientais, não sendo prováveis relações entre o Mediterrâneo-Oriental e a Península durante os tempos anteriores ao neolítico. Sendo a evolução cultural da Península paralela à do N. de África, não há nada de extraordinário neste facto, pois a cultura capsense é de origem africana, e em Portugal o homem de Mugem apresenta caracteres negroides, como demonstrou o prof.º Mendes Corrêa. A civilização capsense teria a sua origem no Sahará, estando relacionada com as civilizações predinásticas egípcias, da Líbia e da Núbia; pelas esculturas ibéricas, os iberos seriam idênticos aos bárbaros actuais.

Abordando o problema filológico da origem do ibérico, o autor constata a concordância dos resultados da antropologia e da arqueologia, com os dos últimos trabalhos filológicos de Schulten, Schuchardt, Gomez Moreno, etc., provando o paralelismo da toponímia ibérica com a do N. de África.

As semelhanças entre o basco e o ibero seriam devidas às simples influências de vizinhança, considerando o autor como pouco admissíveis tôdas as hipóteses que filiam o basco no ligúrico (supõe, contudo, algumas infiltrações ligúricas por intermédio das tribus do S. da França) como pretende Schulten, supondo os ligures como uma generalização infundada dos gregos, ou aquelas que procuram a sua origem no Cáucaso, como tentaram Uhlenbeck, Marr, Hinning, etc., visto que uma migração vinda do Oriente da Europa para a Espanha não pode ser baseada só na toponímia, desprezando tôdas as conclusões da arqueologia e da antropologia, que filiam os dolocóides nos capsenses africanos. Não é também admissível uma colonização sumérica da Península, como pretende Sayce, identificando a Ibéria com o país do estanho, visto que não é sobre ligeiros indícios que se pode estabelecer uma hipótese séria que filie a origem dos povos peninsulares no Oriente.

H. P. L.

ANGEL DEL CASTILLO LÓPEZ — *Hachas de bronce de talón* — Sep. do «Boletín de la Real Academia Gallega», 52 págs. e 13 figs. La Coruña, 1927.

O autor começa por estudar o achado feito em Cumbras, em 1926, dum depósito de machados de bronze, de talão e de dois anéis.

A descrição incide sobre cinco, dos sete machados encontrados, sendo acompanhada de boas figuras, perfis e secções dos mesmos.

Em seguida enumera o autor seis depósitos análogos na Galiza, num dos quais havia cento e vinte machados, e os achados de machados de talão, também na Galiza (cêrca de trezentos e cinquenta), ilustrados com os desenhos de quinze desses machados. É frizado justamente o facto de se efectuarem os achados avulsos, na sua maioria.

A análise química dum dos machados revelou uma grande riqueza em estanho e fraca percentagem de chumbo, observando o autor que a classificação baseada na composição só se poderá fazer quando se dispuzer de mais numerosas análises.

O capítulo mais extenso ocupa-se da distribuição dos machados de talão, patenteada em três mapas, completado por outros dois sobre a cronologia e povos que as utilizaram.

Este trabalho de conjunto, realizado tão completamente pela primeira vez na Península, é deveras importante pela falta de bibliografia que havia sobre o assunto e pelas conclusões a que chega.

Assim, dos machados de talão sem anéis apenas se conhecem dois exemplares; «de um anel são já mais numerosos, sendo o tipo mais espalhado pela península; ainda que o mais abundante, posto que a área de distribuição seja mais reduzida, é o chamado *ibérico* ou de duplo anel, etc.» (pág. 26).

Aduzidas as razões para a origem no noroeste peninsular do tipo ibérico, ou melhor galaico-português (Obermaier), confirma-as o autor fazendo o inventário dos achados (págs. 33-47).

Não está descuidada a parte que diz respeito a Portugal, porém a falta de catálogos, que tanto se faz sentir nos nossos museus, e de artigos especiais, provocou algumas omissões que não são para estranhar.

Sendo por ora impossível, apesar da abundância dos achados, fixar a sua cronologia, não é para admirar que, depois de expor as diferentes hipóteses sobre os fabricantes destes machados, o trabalho notável do sr. D. Angel del Castillo termine por uma interrogação que de-certo levará muito a ser elucidada, se é que um dia o será.

RUY DE SERPA PINTO.

JULIÁN LÓPEZ GARCIA — *La Citania de Sta. Tecla o Una ciudad prehistorica desenterrada* — 1 vol. de 120 págs. com 76 figs. La Guardia, 1927.

Dedicados aos visitantes do Monte de Sta. Tecla, reuniu o autor nestes «apontes arqueológicos» interessantes observações

sobre a mais importante estação arqueológica do noroeste peninsular.

A construção duma estrada, em 1922 segundo creio, dirigida pela benemérita «Sociedad Pro-Monte Santa Tecla», deu lugar à descoberta de numerosas casas circulares no cume do monte e na falda que, sobranceira ao rio Minho, defronta com Portugal.

As explorações continuaram a expensas da Sociedade, que possui hoje no seu museu, em La Guardia, uma colecção cuja visita é indispensável a todos os arqueólogos, pelas riquezas que encerra.

O autor estuda as diferentes culturas, desde o paleolítico à ocupação romana, representadas abundantemente na estação, o que nos impede de fazer referências especiais a cada capítulo.

Permitimo-nos discordar da atribuição ao neolítico da cerâmica representada nas figs. 27, 28 e 29, em que não se faz a separação entre cerâmica incisa e estampada, confusão que se nota nas figs. 67-71. Passaram despercebidos os palmípedes estampados e suas estilizações, muito frequentes, sobretudo nos cossoiros. Outros pequenos reparos teríamos de fazer quanto a questões de cronologia e classificação.

Como mais interessante, destacaremos o capítulo VI, onde o autor faz o estudo das casas circulares. Só em duas aparecem pequenas janelas. O aparelho é poligonal irregular. No meio da casa encontra-se a pedra onde se apoiava a coluna que suportava o tecto de colmo, ao lado desta fica em geral a lareira (no museu conserva-se uma completa) e um moinho manual (são muito frequentes as mós manuais com orifícios para se adaptar o mango para movimento). Muitas casas teem uma dependência anexa (como em Sta. Luzia e Briteiros) onde se guardava o gado, prêso a argolas de pedra.

É muito notável a série de gravuras em pedra (estrêlas, ídolos, gravuras zupestres, etc.), de que o autor pretende deduzir o aspecto religioso dos castrejos. A cabeça de animal (fig. 54) atribuída a um cão, e que vimos no Museu, parece pertencer antes a um carneiro.

No Museu conserva-se, ainda inédito, um interessante baixo relêvo antropomorfo, partido na parte superior do tronco, que, na figuração do saio e das pernas, parece uma réplica duma gravura da segunda idade do ferro descoberta pelo prof. dr. Mendes Corrêa no Monte do Castelo (Penafiel).

A colecção de objectos de bronze do Museu é muito notável, destacando-se o punho duma espada de antenas, o punho dum punhal forrado de prata e ornamentado, espadas, anzóis, alfinetes, fíbulas, etc., reproduzidas em boas gravuras, editadas em postais,

pela Sociedade Pro-Monte. Quanto às fíbulas (anulares do tipo de Briteiros, dum novo tipo determinado pela forma particular do botão, etc.), entre as quais algumas há ornamentadas, pena é que o seu agrupamento não tivesse sido feito sistematicamente.

É curiosa a ausência completa de inscrições. Apenas em alguns fragmentos cerâmicos (principalmente colos e umbos de ânforas) se encontraram marcas de oleiro, estampadas ou grafitadas, de que o autor enumera oito.

Esperamos que o sr. López Garcia, digno vice-presidente da Soc. Pro-Monte Santa Tecla, não fique por êste livro de conjunto, e, em novos trabalhos, dê a conhecer o que as explorações forem trazendo à luz, para honra da prestante Sociedade e regalo de todos os arqueólogos.

R. S. P.

P.^o EUGÉNIO JALHAY, S. J. — *Un nuevo castro galego (Oya, Pontevedra)* — No «Bol. de la Comision Provincial de Monumentos Hist. e Art. de Orense», t. VIII, n. 173, pág. 32-41, com 4 gr. Orense, 1927.

Ao incansável investigador do *asturiense* na Galiza, P.^o Eugénio Jalhay, deve-se a notícia do castro de Oya, um dos muitos por êle explorados em Espanha e Portugal.

Êste castro tem importância para a arqueologia portuguesa, pelas afinidades que apresentam os objectos nêle encontrados com os de vários castros portugueses. Como nestes e noutros castros galegos, nota-se a ocupação desde a idade do bronze até à dominação romana, com persistência de tipos primitivos, sobretudo nos objectos metálicos.

Os primeiros achados datam de 1920. Um grande *dolium*, com 71 cm. de diâmetro na bôca, encontrado intacto pelos trabalhadores, foi por estes partido para ver se continha moedas de ouro.

Na necrópole, descoberta casualmente em 1921, foram depois exploradas pelo autor bastantes sepulturas, quadradas e rectangulares, construídas de pedras ou de tégulas, que continham apenas fragmentos atípicos de cerâmica.

Próximo encontraram-se fragmentos cerâmicos com círculos concêntricos estampados, com incisões paralelas, etc., fragmentos de *terra sigillata* e cossoiros de barro. Na fig. 4 distingo uma *tessera* de barro, de que conheço exemplares semelhantes de Santa Tecla (Galiza) e de vários castros portugueses.

Mais de vinte pesos de rede, pequenos pesos de pedra em

forma de oito (pouco vulgares em Portugal e muito freqüentes na Galiza), mós manuais, duas pedras das sepulturas com orifícios e uma pedra com cõvinhas, constituem os achados líticos. A norte do castro fica uma curiosa série de gravuras zupestres já descritas pelo autor.

De bronze encontrou-se um machado do tipo galaico-português (talão e dois anéis) com botão de fundição, uma fíbula do tipo de Briteiros e um anel; de ferro uma pequena faca. O P.^o Jalhay descreve ainda outro machado do mesmo tipo, encontrado em Mongás, próximo de Oya.

O único numisma, achado nas imediações, é um médio bronze de Cláudio (séc. I de J. C.).

R. S. P.

NILS ABERG — *The Anglo-Saxons in England during the early centuries after the invasion* — 219 págs. e 319 figs. Uppsala, 1926.

Dado à estampa pelo V. Ekmans Universitetsfond, apresenta Aberg neste volume, da série que vem publicando com tanta autoridade sobre a última migração dos povos, o fruto dos seus estudos, em trinta e cinco museus ingleses e seis do continente, sobre o estabelecimento da cronologia daquele período com a ajuda do material anglo-saxónico.

No longo inventário, documentado com muitas e primorosas gravuras, o autor mostra como a arqueologia comprova a opinião da invasão da Inglaterra em meados do século V, não podendo contudo distinguir as culturas das tribus germânicas invasoras, os Anglos, Saxões e Jutos, segundo Bede.

É muito obscuro o problema das sobrevivências clássicas que se observam nos achados mais antigos, posteriores à retirada dos Romanos.

Parece que se deve atribuir aos Jutos a cultura, algo diferenciada, do Kent e Ilha de Wight, devida a princípio às importantes relações comerciais com o continente (que se foram desenvolvendo), e que mais tarde se tornou notável pela perfeição dos seus produtos, propagando-se à Irlanda.

Com a conquista da Itália pelos Lombardos, pelo meio do século VI, dá-se o encontro das influências germânicas e bizantinas na Europa Central, combinando-se os motivos entrelaçados bizantinos com a ornamentação animalista setentrional.

Desenvolvendo-se o comércio anglo-saxónico com o Oriente, devido talvez ao tráfico de escravos e à política de aproximação

continental, novos produtos são importados, como as granadas, *meerschaum* (pedra branca parecida com marfim), vasos coptas, etc.

Para a cronologia das representações animais escandinavas, tem importância, segundo o autor, os ornatos análogos anglo-saxónicos, de dois estilos, notando-se nestes uma tendência naturalista.

O agrupamento dos objectos baseia-se em razões cronológicas, técnicas e morfológicas, reunindo-se em quadros os ornatos do mesmo tipo. Nos dois últimos capítulos o autor trata da cronologia e estudo comparado da ornamentação, seguindo-se tabelas sistemáticas de todos os achados, acompanhados da respectiva bibliografia.

R. S. P.

BERTHA WYLER-CASTELLANOS — *Manifestaciones coroplásticas en el valle de los Reartes (Prov. de Córdoba)* — «Rev. de la Univ. Nac. de Córdoba», ano XI, n.^{os} 7, 8 e 9 (Julho, Agosto e Setembro), 1924, 3 est.

Trata a autora primeiro nesta monografia de estabelecer precisamente a posição geográfica do vale de Reartes e determinar geologicamente a região. Apresenta depois os indícios de cultura neolítica encontrados nesta localidade. Estes notam-se nas habitações da população actual. Outros achados encontram-se disseminados pelos campos.

Foi em Março de 1918 que o dr. A. Castellanos encontrou neste vale muitos objectos, como vasos de barro, figuras antropomórficas, púcaros, pontas de sílex triangulares ou em forma de fôlha, ossos quebrados, etc. Estes achados estavam misturados com tições e fragmentos ósseos de *Lama huanacus* (Molina) Mtsh.

Nesta memória a autora ocupa-se apenas das figuras antropomórficas representadas por três cabeças de barro ordinário, cuja substância é descrita, assim como as formas figuradas e seus ornamentos característicos. Trata-se nestes casos de incisões em vasos de barro, que representam tatuagens ornamentais, produtos de arte grosseira e primitiva, que a autora descreve minuciosamente e desenha com clareza, apreciando os pormenores da técnica empregada.

A autora conclui do seu aturado estudo que estas amostras coroplásticas apresentam uma modelação que evidencia uma técnica evolucionada, embora primitiva, como o prova a abundância de linhas rectas e quebradas, com ausência de curvas, mas de alguma forma reveladora de habilidade manual. Não se verificaram no

Kulturlager do «Alto de las Conanas» restos funerários nem objectos cultuais ou amuletos. Fica portanto sem significação definida esta fabricação de imagens antropomórficas incompletas.

B. F.

LAMBERT EHRLICH—*Origin of australian beliefs*—Vienna, 1922.

Depois duma exposição breve da teoria animística de Tylor, da teoria de Frazer sobre a magia, da teoria totémica, da teoria pre-animística de King e Hartland, Lévy-Brühl e Hubert Mauss, da teoria de Marett, da teoria de Durkheim, seguida cada uma de considerações críticas, o autor demonstra que tôdas essas teorias são vãs, visto quererem incluir os diferentes elementos das crenças e ritos australianos, num esquema unilateral de evolução. Por isso, seguindo a teoria de Gräbner e Schmidt, o distinto professor da Universidade de Ljubljana refere-se à existência na Austrália de vários *Kulturkreis* (círculos de cultura) como: a cultura primitiva (cultura do *boomerang*), uma cultura totémica de filiação masculina, e uma cultura dualista de filiação feminina, diferindo muito os ritos e crenças de cada uma. Os grandes seres supremos como Daramulum, entre os Yuin, Mungangaua entre os Kurnai, seriam elementos da mais antiga cultura australiana, que depois de várias invasões foram identificados com os antepassados e heróis de cada tribu. Os *sêres supremos* apresentam por conseguinte dois aspectos: tribal e super-tribal. Sob o aspecto tribal são os chefes das tribus que combatem os outros deuses das tribus rivais; Daramulum é o grande chefe dos Karnilaroi que avança à frente da sua tribu para o Sul; como chefe, tem o seu campo, os seus arpões, as suas mulheres e a sua família. Sob êste aspecto, os deuses supremos de cada tribu diferem entre si. Mas, sob o aspecto super-tribal, afastam-se do individualismo das tribus e todos os deuses como *Nurrundere*, *Nuralie*, *Bundjil*, *Bayame*, *Daramulum*, actuam da mesma forma: criam a Terra, as árvores e os homens; todos instituem a cerimónia da iniciação, todos vão para o céu e todos estabelecem códigos morais idênticos. Sob êste aspecto os seres supremos não são de forma alguma chefes de tribus nem pertencem à espécie humana, mas pertencem a uma época pre-humana, a um tempo em que a Morte não era conhecida.

Além duma rica bibliografia, o autor apresenta dois mapas, mostrando a distribuição geográfica das organizações sociais e do totemismo na Austrália.

H. P. L.

AMÂNDIO TAVARES—*Variações anatómicas*—«Portugal Médico», n.º 2, Pôrto, 1926, sep., 6 págs., 2 figs.

O sr. dr. Amândio Tavares, assistente do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, é autor de numerosos e interessantes estudos anatómicos, um dos quais *Sobre um caso de agenésia unilateral do grande e pequeno peitorais*, está publicado no 2.º volume dos trabalhos da nossa Sociedade.

A êste estudo de uma variação torácica se referiu o falecido prof. Dubreuil Chambardel no seu livro «*Les variations du corps humain*», chamando-lhe «une très importante thèse de Porto».

Nas *Variações anatómicas*, que vamos analisar resumidamente, o A. estuda o *buraco e chanfradura coracoideus*, e na segunda parte o *buraco sub-jugular de Serrano*.

A primeira das variações de que nos fala, é a transformação da chanfradura coracoideia em buraco coracoideu, anomalia escapular pouco frequente.

Baseia-se esta parte do trabalho em 161 observações, feitas em omoplatas, cêrca de dois terços dos quais pertencentes ao Museu do Instituto de Anatomia, e os restantes ao Museu do Instituto de Antropologia do Pôrto.

A presença do buraco coracoideu foi verificada apenas em três exemplares. Em mais quatro o orifício era quási completo.

Num elucidativo quadro de comparação o A. relaciona o resultado das suas observações com as de outros autores.

A percentagem de 1,8 % determinada pelo dr. A. Tavares para o buraco coracoideu é das mais baixas da escala. Apenas é superior à dos fineses 1,5 % (133 observações de Kajara), e àquela a que chegou Livon (0,39 %), observando 503 omoplatas. Um outro estudo português sobre o mesmo assunto, devido ao prof. Serrano, atinge a percentagem de 4,7 %, em 85 omoplatas.

Totalizando as observações portuguesas, isto é, as do A. e as de Serrano, determina-se para a frequência do buraco coracoideu a percentagem média de 2,8 % que se aproxima muito da obtida por Hrdlicka (2,7 %) sobre 431 omoplatas.

O sr. dr. Amândio Tavares não se refere ao trabalho do sr. prof. Mendes Corrêa, *Osteometria portuguesa*, que nas conclusões da 2.ª parte, «Cintura escapular», para o estudo da qual dispõe de 70 omoplatas, diz assim na parte respeitante ao assunto que tratamos:

«Os portugueses apresentam em geral a chanfradura coracoideia menos profunda do que os brancos da América e do que os índios americanos de Munsee. Também nêles é mais raro do

que nestes o buraco coracoideu. Na série portuguesa parece, além disso, haver no sexo masculino uma maior tendência ao aprofundamento da chanfradura do que no feminino, em que são mais freqüentes os casos de ausência de chanfradura. É o mesmo que se dá nas séries americanas aludidas. Ainda na nossa série verificámos que parece haver à esquerda uma maior freqüência de chanfraduras profundas do que à direita, em que é maior a proporção de casos de ausência de chanfradura.

O dr. Amândio Tavares faz também referência ao grau de desenvolvimento da chanfradura coracoideia que em alguns casos pode faltar, o que apenas lhe sucedeu em quatro exemplares. Compara também este resultado com o de outros autores. Alude ainda ao trabalho de Frassetto que procurou o buraco coracoideu nas diferentes ordens dos mamíferos, encontrando-o apenas duma maneira constante em certas famílias de desdentados e como variação individual em alguns primatas.

Refere-se depois, em especial, a um canal que observou no omoplata n.º 2 do Museu de Anatomia, canal não conhecido, pois, a não ser uma referência feita ao mesmo exemplar pelo sr. prof. dr. Hernani Monteiro, nenhuma bibliografia encontrou a tal respeito. Faz uma descrição minuciosa do canal em questão, que se estende desde a base da apófise coracoideia até à base da espinha do omoplata, entre as fossas supra e infra espinhosas.

Depois de discutir as hipóteses de se tratar duma forma do buraco coracoideu ou dum canal nutritivo de calibre considerável, que o A. mostra não se darem neste caso, põe ao canal em questão a designação bem própria de *canal infra-coracoideu*.

Na segunda parte estuda o buraco sub-jugular de Serrano.

Procedendo ao exame de 300 crânios e 43 occipitais do Museu do Instituto de Anatomia, e mais 170 crânios do Museu do Instituto de Antropologia, ou seja uma totalidade de 558 occipitais, apenas num dos crânios encontrou o buraco em questão. Este apresenta-se como um orifício arredondado pequeno, na superfície jugular direita e que o A. julga neste caso desse passagem a uma veia tributária do seio lateral.

O A. com um critério escrupuloso e lógico, refere-se à possível confusão do buraco sub-jugular com o canal condiliano médio, o que não sucede no caso presente, em vista da sua situação mais anterior.

SANTOS JÚNIOR.

JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA — Fossette para-lacrymale congénitale (une anomalie faciale très rare) — Extrait des «Bulletins et Mémoires de la Societé d'Anthropologie de Paris», VII série, t. VI, fasc. 4, 5 e 6. Séance du 15 octobre 1925, 4 págs., 2 figs.

É do mesmo professor o valioso trabalho *Fistula auris congenita*, publicado no vol. I dos trabalhos da nossa Sociedade, (págs. 85-121).

Entre as numerosas observações que constituíram o material para o estudo da fistula auricular, há uma cheia de interesse, como no-lo diz o próprio autor, «sobretudo no valor da linha ancestral das fistulas, linha de filas singelas, porque a anomalia só surge em um único membro de cada geração, mas de uma notável extensão hereditária, visto que abrange cinco gerações sucessivas no período mínimo de um século».

A árvore genealógica desta família foi dada pelo sr. prof. dr. José Maria de Oliveira no trabalho mencionado, e é agora reproduzida, com a adição dos casos de fosseta para-lacrimar congénita.

A quarta geração da família portadora da fistula auricular é constituída por uma senhora portadora de fistula auricular dupla, que, casada em segundas núpcias, teve três crianças: duas meninas e um rapaz. As duas meninas constituem o objecto desta curiosa observação; ambas apresentam fosseta lacrimal à direita. O irmão-zito apresentava fistula auricular à esquerda. Nos casos em questão a curiosa anomalia surge como uma pequena depressão elítica, junto do ângulo interno do olho direito, um pouco para baixo e para dentro da fenda palpebral, limitada por um pequeno levantamento da epiderme, constituindo-lhe como que um bordo.

É opinião do autor, confirmada pelo eminente teratologista prof. dr. J. A. Pires de Lima, que a fosseta para-lacrimar congénita deve corresponder a uma falta de coalescência embrionária do tegumento na parte mais externa e superior da fenda lacrimal embrionária à cultura do saco lacrimal.

Com umas breves considerações sobre o mecanismo embrionário desta anomalia que o autor diz ser provavelmente o das disjunções, termina a curiosa notícia sobre uma particularidade até agora desconhecida e que é de-veras interessante.

S. J.

DR. MED. ET PHIL. V. SUK—*Über den Einfluss des Ferienaufenthaltes auf dem Körperlichen Zustand der Schulkinder*—Extr. de «*Mitteilungsblätter des deutschen Vereins für Schulgenütheitspflege*». Sonderheft, 1927.

São aqui expostos os resultados do exame médico feito em 54 crianças antes de partirem para uma colônia de férias e depois daí passarem 4 semanas.

É claro que em tão pequeno espaço de tempo não podia o autor encontrar diferenças consideráveis; só a capacidade pulmonar, o perímetro do abdomen e o peso, sofreram aumentos dignos de menção, respectivamente 11,9 %, 8,3 % e 7,4 %.

O autor, para estas suas investigações, serviu-se de observações fisiológicas e morfológicas.

Na escolha das medidas faz confusão entre medicina e antropologia. Estamos de acôrdo em que simples medidas e índices sejam insuficientes para nos darem uma ideia nítida do estado corporal de qualquer classe duma população; sendo a antropologia uma ciência essencialmente morfológica, os seus índices e medidas em geral só nos dão indicações sobre a forma ou modificações da forma do todo ou da parte a que se referem. Mas como muitas vezes êsses resultados obtidos nos permitem tirar conclusões clínicas, não percebemos porque se não devam adoptar os métodos antropológicos em tais investigações.

Acha o autor extraordinário que uma antropóloga ao estudar um individuo tivesse tirado 25 médias; devemos supor que a formação do autor em filosofia ou foi numa secção que não abrangia a antropologia ou numa faculdade que não tinha esta disciplina. Senão devia recordar-se de que, se quisesse estudar conscienciosamente um crânio, certamente teria de fazer mais de 25 medidas.

Nas seriações feitas, calcula o autor os desvios padrões, mas não tira conclusões dos números obtidos. E, em todo o caso, a variação dêstes números no perímetro do abdomen e na capacidade pulmonar, mostram-nos que no primeiro caso foram justamente os perímetros menores os que mais aumentaram, tornando a série mais regular, emquanto que no segundo êsse aumento foi muito irregular.

Relativamente à dinamometria, não houve modificação das médias, o que, como diz o autor, não é de admirar, pois que estas crianças, pertencentes tôdas a classes pobres, deviam dar o mesmo trabalho aos músculos dos braços em casa e em férias.

Parece-nos que, desejando o autor observar as modificações dos músculos numa colônia de férias em crianças entre 9 e 12

anos, não devia descurar uma medida nos membros inferiores, pois são estes os mais sobrecarregados nos brinquedos próprios da idade.

A. A.

PROF. YRJÖ KAJAVA—*Die anthropologische Untersuchung des finnischen Volkes*—Extr. de «*Anthropologischer Anzeiger*», Jahrg. II, Heft 4, 1925.

Passando em revista tôdas as investigações antropológicas feitas na Finlândia, apresenta-nos o autor neste trabalho a população daquele país como definida pelos seus principais caracteres antropológicos, quasi todos observados no vivo, pois, além do índice céfalico e dum estudo dêste mesmo autor sobre a cintura escapular, mais nenhum carácter de esqueleto se encontra nos trabalhos citados. Em todo o caso, pelo estudo no vivo, fica a população da Finlândia bem definida, notando-se mesmo diferenças entre a população que fala a língua sueca e a que tem por língua materna o finlandês.

É curioso notar-se que entre estas duas populações, a que se afasta mais da raça do Norte, é a de língua finlandesa. São diferenças mínimas, mas que nem por isso deixam de ter algum interesse.

Mas não foi só no adulto dos dois sexos que se fizeram observações antropológicas; a criança finlandesa e o seu desenvolvimento, foram cuidadosamente estudados. É também interessante o resultado das medidas tomadas nas diferentes partes do intestino, que foram sériadas também por idades.

Vemos assim que, nos finlandeses, o intestino delgado e o grosso crescem até cerca dos 50 anos de idade, principiando depois a diminuir, emquanto que o apêndice cecal, tendo atingido o seu comprimento máximo relativamente cedo, aos 15 anos, decresce depois durante o resto da vida.

A. A.

MILCIADES ALEJO VIGNATI—*Facetas supernumerarias—su presencia en los astrágalos y tibias de un Guayaquí*—*Physis* «*Rev. de la Soc. Argentina de Ciencias Naturales*», VII, 25 de Março de 1924, Buenos Aires, 1924.

Nesta comunicação o autor descreve anomalias encontradas em um esqueleto de índio Guayaquí, existente no Museu Nacional

de Buenos Aires. Menciona sobretudo as facêtas articulares extraordinárias no astrágalo, correspondentes a superfícies da extremidade tibial em contacto com aquele ôsso do tarso. Estas facêtas figuradas na publicação encontram-se com freqüência nos antropóides, no Gorilla e no Orango, e também nos indivíduos de raças indígenas, que permanecem habitualmente em atitude sentada ou de cócoras. O autor considera este carácter como adquirido, em virtude da posição, porque se encontra nas crianças e até nos fetos e portanto se transmite hereditariamente.

É interessante a verificação destas facêtas supranumerárias nos Guayaquí, que formam um dos agrupamentos mais retardados da América. Lembra ainda o A. que o modo de andar destes índios se assemelha ao dos antropóides, na sua incerteza e vacilação, de modo que a tibia forma um ângulo muito fechado com o pé, facto de observação que a existência daquelas facêtas justifica.

B. F.

M. A. VIGNATI — Dos fêmures de indígenas sudamericanos — *Physis*, «Rev. Soc. Argent. de C. N.», VIII, de 23 de Maio de 1925. Buenos Aires, 1925.

Nesta memória o autor estuda algumas variações e anomalias encontradas em dois fêmures de índios sul-americanos, fundado na obra de Thomson sobre a influência da atitude na forma das superfícies articulares da tibia e do astrágalo, no homem e nos monos antropóides («*Journ. of Anat. and Physiol.*», XXIII, Londres, 1889), que as interpretou como carácter adquirido e por consequência da flexão forçada, imposta pelo hábito de estar de cócoras. Tais facêtas suplementares foram também encontradas por Charles (Havelock) (ibid. XXVIII, Londres, 1894) nos habitantes do Penjab e ainda outras correlativas que apareciam no fêmur e se encontravam também nos fetos e recém-nascidos.

M. Boule comprovou a existência destes caracteres nos monos cinomorfos, pelo que entende que estes sinais tem valor filogenético e se mantem nas populações em que o hábito de permanecer de cócoras é geral, como factor da perpetuação deles. Estas facêtas supranumerárias foram reconhecidas também no Gorilla e no género *Simia*, bem como no *Homo Neanderthalensis* e o autor assinala-as nos aborígenes da América do Sul, nos Guayaquí e no esqueleto do homem do arroio de Siasgo. Porém, a facêta femural é mais rara. Foi contudo mencionada no *H.* de Neanderthal, nos habitantes do Penjab, nos Senoi e nos Suícos.

Esta anomalia é simétrica. Efectivamente os Guayaquí passam uma parte da sua vida na posição acocorada, como os outros povos em que se notam aqueles caracteres.

B. F.

A. FRÓES DA FONSECA — As novas fichas antropológicas do Museu Nacional — «Boletim do Museu Nacional», vol. III, Rio de Janeiro, 1927.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro, cuja direcção está confiada a um eminente naturalista e antropólogo, o prof. Roquette Pinto, é um importante centro de investigações científicas, entre as quais possuem um lugar de realce as de carácter antropológico. Já nesta revista temos assinalado o labor meritório do illustre professor brasileiro. Não queremos, porém, deixar de registar alguns trabalhos doutros autores que o Boletim daquele Museu e outras publicações tem inserido, fornecendo testemunho cabal da actividade científica daquele instituto e dos colaboradores do prof. Roquette Pinto.

O «Jornal do Comércio», do Rio de Janeiro, de 13 de Novembro de 1927, publicava na íntegra uma lúcida conferência que, sobre o povoamento da América e migrações no continente americano, a prof. d.^{ra} H. Alberto Torres, do Museu Nacional, realizou em 27 do mês anterior na Escola Politécnica. É particularmente interessante nesse trabalho o quadro sumário das culturas antigas e modernas de populações indígenas sul-americanas, em especial do Chaco, da Rondônia e do Alto Xingú.

No Boletim do Museu Nacional publicaram-se desde Agosto de 1925 até Setembro de 1927, entre outros, os seguintes artigos: *Tupys e Tapuyas*, de João Barbosa de Faria; *Etnografia indígena do Rio de Janeiro*, de Cornélio Fernandes; *Situação histórico-cultural dos Karáyás*, de J. A. Padberg Drenkpol; *Nota sobre as inscrições da serra da Onça*, de S. Fróes Abreu; *Os Cuingangs ou Coroados no Rio Grande do Sul*, de Carlos Teschauer; *As novas fichas antropológicas do Museu Nacional*, de A. Fróes da Fonseca.

Neste último artigo, o autor descreve as fichas antropológicas para escolares e para observações em cadáveres, que organizou, de acôrdo com as instruções do prof. Roquette Pinto, e sucessivamente indica os princípios que o nortearam, o instrumental adoptado para as mensurações, os pontos de referência, a técnica das diferentes medidas, os principais índices, etc.

Um bom critério e uma meticulosidade apreciável guiaram nessa tarefa o autor que, imprimindo à sua exposição uma sóbria

feição prática e despindo-a dum aparato erudito inútil, mostra, no entanto, um conhecimento muito minucioso e exacto das modernas orientações sôbre o assunto.

M. C.

TANEMOTO FURUHATA — One the heredity of the blood groups —
Repr. from «The Japan Medical World», 1927.

São deveras importantes as investigações que no Japão teem sido levadas a efeito sôbre os grupos sanguíneos, sua distribuição e sua hereditariedade. Na presente memória o prof. Tanemoto Furu-hata, professor de Medicina Legal em Kanazawa e autor, só e em colaboração com os drs. Ichida e Kishi, de outros trabalhos sôbre o mesmo assunto, expõe o seu esquema de repartição hereditária dos grupos sanguíneos, que considera em número de seis sendo, além dos quatro clássicos, um II e um III híbridos ou heterozigotos (isto é, contendo também alelomorfos do grupo I). Esse esquema não difere muito daquele a que Bernstein, independentemente, chegara quasi na mesma ocasião. Em seguida o autor apresenta os resultados do estudo dos grupos sanguíneos, de 1916 a 1927, por vários investigadores japoneses, num total de 611 famílias, com 1.538 crianças. Mais numerosas são, porém, as novas observações que elle mesmo expõe no presente estudo. O prof. Furu-hata examinou a distribuição hereditária dos tipos hemáticos em 958 famílias, constituídas por 3.951 pessoas, das quais 2.035 crianças. Este pecúlio considerável de observações dá bem a medida da importância da memória de que nos estamos ocupando.

Sôbre êsses materiais elaborou o autor uma teoria e várias leis da hereditariedade dos grupos sanguíneos, estudando as aplicações médico-legais do conhecimento da repartição hereditária dêsses grupos quer na presunção dos filhos pelos grupos hemáticos dos pais, quer na dum dos progenitores pelos grupos do filho e do outro progenitor, quer ainda nas dos pais pelos grupos dos filhos.

Expusemos em alguns artigos as reservas que a prudência nos dita relativamente a algumas interpretações recentes da hereditariedade dos grupos sanguíneos e às aplicações médico-legais dessas interpretações. Mas não negamos, nem podíamos negar, que a hereditariedade hemática, a hematologia étnica e as aplicações da hematologia à investigação da paternidade oferecem perspectivas do maior interesse à investigação científica. Os trabalhos do prof. Tanemoto Furu-hata e os dos seus colaboradores,

pelo bom critério que os anima e pela soma enorme das observações efectuadas, permitem-nos concluir que — se fôr possível distinguir laboratorialmente num exame individual os grupos II e III puros dos grupos II e III heterozigotos — a concordância dos factos colhidos com as leis e interpretações formuladas pelo investigador japonês, não serão meramente fortuitas ou apenas aparentes.

M. C.

LUCIEN MAYET — Adolescents délinquants et adolescents anormaux — Relatório ao 1.º Congresso das Instituições oficiais de Salvação da Infância. Lyon, 2 a 5 de Junho de 1927.

Numa síntese magistral o ilustre antropologista de Lyon, dr. Mayet, autor dum conhecido trabalho sôbre o desenvolvimento físico da criança e doutros importantes estudos a que noutro lugar aludimos, dá-nos em poucas páginas as suas ideias substanciais sôbre os tipos de adolescentes criminosos.

Depois de definir a adolescência e a delinqüência, expõe os factores da criminalidade dos adolescentes, que classifica em individuais e sociais. Os factores individuais que interveem particularmente nessa criminalidade são o aumento da força física e o desenvolvimento da sexualidade. Os factores sociais (miséria, meio imoral, defeituosa educação, promiscuidade, vagabundagem, etc.) tornam-se especialmente intensos quando se exercem sôbre os adolescentes. O autor repete, a propósito dos factores sociais, a frase de Lacassagne: «As sociedades só teem os criminosos que merecem».

A classificação dos adolescentes anormais e o estudo do seu comportamento são objecto de outros capítulos. O adolescente doente ou o adolescente psicopata podem ocasionalmente tornar-se criminosos. Os adolescentes mentalmente anormais fornecem um grande número de delinqüentes. Uns, diz o autor, são *débeis instáveis*, susceptíveis de adaptação, desde que sejam educados e vigiados; outros são *perversos instintivos* (débeis perversos, instáveis perversos e perversos propriamente ditos), inadaptáveis, mais ou menos perigosamente anti-sociais. A colectividade deve preservar-se dos seus actos criminosos, impedi-los de os praticarem e de lhe serem nocivos.

M. C.

LUIZ DE PINA — *Medicina popular segundo a tradição de Guimarães — Os santos curandeiros* — «Revista Lusitana», Pôrto, 1927, 29 págs.

É este trabalho o primeiro dos capítulos em que o autor repartiu o estudo da medicina popular no concelho de Guimarães.

O capítulo segundo, subordinado ao título de «As bruxas», constituiu o assunto duma excelente conferência realizada na última sessão da nossa sociedade.

À laia de prólogo, faz o autor, que escreve com elegância, uma série de considerações acêrca da influência supersticiosa que, na vida do povo, exerce o factor religioso, que, indo desde a fé pura e o misticismo duns à ignorância e fanatismo doutros, leva à realização de práticas por vezes bem extravagantes.

Seguem-se umas considerações gerais sôbre Guimarães. A sua fundação à sombra do convento de Mumadona determinaria como carácter hereditário uma religiosidade e devoção intensas, como veem atestá-lo um grande número de exemplos semeados pelo burgo e arredores de Guimarães. Uma curiosa nota é inserida pelo autor: «em Guimarães (concelho, estatística de 19 de Maio de 1877) havia 150 confrarias e irmandades, mais do que em todo o resto do distrito».

É da intercessão dos santos e dos poderes celestiais na cura dum grande número de doenças que o autor nos fala em seguida. Merece a primazia a explanação «Partos: mães e filhos».

É aqui que os benefícios e poderes dos santos e santas mais se manifestam. Há uma santa especialista que cura a esterilidade, outra que proporciona uma gravidez normal, há uma advogada duma boa hora, outra para uma boa secreção láctica, e outra ainda para que a criança seja sãzinha, etc., etc.

Há santos cuja especialidade é mais restricta ainda, e está neste caso Santa Margarida. É assim que «à saída das secundinas a mulher rezará três vezes:

Valei-me, Santa Margarida,
Que nem estou prenha, nem parida».

Conhecemos de Trás-os-Montes (Moncorvo) práticas semelhantes às que o autor menciona. Dos nossos apontamentos vamos recortar uma deveras curiosa e que vem a talhe de foice.

Quando as coisas do parto correm mal, e, principalmente, quando a expulsão das secundinas demora, é remédio indicado o mandar alguém à capela da Senhora da Eirinha (N.ª Senhora das Necessidades) virar uma telha. Depois que a nuvem negra passou,

voltam a endireitar a telha que foi voltada. Igual virtude gozam as telhas da capela de S. Paulo.

É muito curiosa a prática, referida pelo autor e já descrita por Alberto Braga, que existe na freguesia de Briteiros. Terra da sepultura do rei ou do abade Wamba, e ervas do adro benzidas e molhadas na pia da água benta, são cozidas, e com a água banha-se a criança doente.

E muitas mais terapêuticas providenciais aparecem para um grande número de doenças: erisipela, males da cabeça, vermes intestinais, doenças da pele (lepra), pestes, bichôco, dores de dentes, farfalho, mau olhado, dormências, suores, doenças dos olhos e doenças do sistema nervoso, raiva, males do peito (tuberculose) e previsão de doenças, são males para os quais há santos ou santas ou santos e santas, que acodem prontos aos rogos do padecente.

Os intercessores são: Cristo, Virgem Maria, Espírito Santo, S.ª Margarida, S. Gualter, S.ª Águeda, S. Simão, S.ª Apolónia, S. Cipriano, S.º António, S. João, S. Braz e muitos mais; não falta S.ª Brígida como advogada da estupidez ou rudeza de aprender, e há S. Longuinhos para a cegueira.

S. J.

MÁRIO CARDOSO — *Bibliografia sarmentina* — Extr. da «Revista de Guimarães». Guimarães, 1927.

Com justificada admiração pela personalidade e pelo labor de Martins Sarmento, o sr. Mário Cardoso reuniu escrupulosamente e com método a bibliografia do eminente investigador, tarefa útil para todos os que se interessam pelas questões variadas que êle focou nas suas publicações. Mas não ficou por aí o esforço meritório do sr. Mário Cardoso. O seu trabalho é antecedido por um estudo bio-bibliográfico, em que o culto pelo erudito vimaranense não obscurece a visão crítica do autor, o que imprime um valor especial ao elogio que de Martins Sarmento é traçado nesta publicação tão digna de apreço.

M. C.

JAIME LOPES DIAS — *Etnografia da Beira*, vol. II — *O que a nossa gente canta* — Lisboa, 1927.

Da sua benemérita colectânea de documentos etnográficos e folklóricos da Beira Baixa, dá o sr. Jaime Lopes Dias neste novo volume dum trabalho a que já aqui fizemos elogiosa referência,

uma série bastante numerosa de canções populares daquela província, recolhidas pacientemente, com o auxílio do sr. João Pereira Mineiro, professor de música do Reformatório de S. Fiel, que as musicou com acompanhamento de piano de modo a poderem ser executadas nos salões e pelos amadores de música.

Algumas das canções referidas são, como diz o autor, comuns a outras localidades, e é grande a beleza de muitas delas. Há decerto que distinguir os ciclos diversos a que pertencem, e estabelecer, tanto quanto possível, as suas origens. Seria igualmente interessante acompanhar as coreográficas dum notação dos movimentos, que permitisse uma ideia completa das dansas. Mas, se tais investigações e tais detalhes complementares são do maior interesse, nem porisso a contribuição que o sr. Lopes Dias acaba de fornecer ao estudo do folk-lore pátrio, deixa de merecer rasgados louvores.

M. C.

A. A. DE SANTANA RODRIGUES — *Le tatouage. Ses dessins et leur interprétation* — Extr. do «Arquivo de Medicina Legal». Lisboa, 1927.

O autor começa por um esboço da história da tatuagem desde a mais remota antiguidade até aos tempos actuais, em que ela aparece em selvagens e em civilizados, nos mais distantes recantos do globo. Estuda depois os motivos mais frequentes das tatuagens em Portugal. As investigações a que nós mesmos procedemos sobre o assunto, permitem-nos confirmar a sua asserção de que os cinco pontos (as cinco chagas) aparecem em Portugal com maior frequência do que o signo-saimão. É estudada também a tatuagem nas mulheres e o estado social dos tatuados. Citando várias estatísticas de tatuados entre os encarcerados, o autor não mencionou a nossa, que se refere a um maior número de observações (Vid. o nosso livro *Os criminosos portugueses*, 1.^a ed., pág. 260), nada menos de cinco mil indivíduos. Entre estes, havia 561 homens tatuados e 40 mulheres tatuadas.

Sobre a evolução da tatuagem, o autor apresenta pontos de vista pessoais, contrariando, por exemplo, as opiniões de Laurent e Lacassagne e entendendo que as inscrições sucedem logicamente ao desenho dos objectos reais.

A tatuagem, na sua opinião, não significa atavismo, atrazo evolutivo ou degenerescência. Nasce do amor do ornato, da imitação e da vaidade, e a ociosidade das prisões favorece a sua difusão. Faz em seguida a classificação dos desenhos e um ensaio

da sua interpretação, concluindo pela análise do valor das tatuagens como elementos de identificação judiciária e como método terapêutico contra os naevi, cicatrizes desgraciosas, etc.

M. C.

LUÍS DE LEMOS D'OLIVEIRA — *Da Estatística Criminal Portuguesa* — Coimbra, 1928.

Como dissertação de concurso para assistente do Instituto de Criminologia de Coimbra, elaborou o autor um trabalho de crítica das estatísticas criminológicas portuguesas. Depois de expôr o que entre nós se tem feito neste domínio, aponta algumas deficiências das nossas estatísticas criminais, que nada dizem, por exemplo, sobre condições económicas, alcoolismo, costumes, meio social e categoria antropológica dos delinquentes e sobre os motivos dos delitos. Reconhece que alguns destes elementos não são de fácil colheita, mas nem porisso deixaria de ser vantajoso tentar obtê-los. Uma conveniente classificação dos delitos, uma remodelação das leis penais, a instituição, na medida do possível, de boletins individuais dos delinquentes, seriam, entre outras, medidas extremamente úteis para a documentação estatística dos variados aspectos da delinquência. Para o autor, que se revela um espírito lúcido e criterioso, a estatística fornece informes basilares sobre a marcha, frequência, causas e variantes do delito, sendo assim o seu emprego indispensável para marcar as orientações científicas na luta contra a criminalidade.

M. C.

ÍNDICE DO VOL. III

	Pág.
A. A. MENDES CORRÊA — Antropologia aplicada.	5
HUMBERTO PINTO LIMA — As origens do alfabeto e as descobertas de Glozel	49
ANTÓNIO C. DE CARVALHO FERREIRA SOARES e ARMANDO J. DE CARVALHO FERREIRA SOARES — Tradições médicas populares na região da Feira	89
A. A. MENDES CORRÊA — Glozel e Alvão	137
ALFREDO CASTELLANOS — Contribucion al estudio de la paleoantropologia argentina.	193
JOSÉ TEIXEIRA REGO — Os alfabetos de Alvão e Glozel.	217
PEDRO BOSCH-GIMPERA — O neo-eneolítico na Europa Ocidental e o problema da sua cronologia	277
J. A. PIRES DE LIMA — Uma visita a S. Miguel-o-Anjo	289
A. A. MENDES CORRÊA — Sur une inscription proto-ibérique d'Alvão	299

Vária:

Arte pré-histórica no distrito do Pôrto (MENDES CORRÊA)	55
Explorações arqueológicas em Alcácer do Sal (M. C.)	56
Subsídio para as publicações da Sociedade	58
Museu Antropológico do Pôrto.	58, 246 e 343
Curso de Antropologia Criminal	61
A Antropologia física no Congresso de Coimbra	61
Reivindicações da ciência geográfica portuguesa (A. DE MAGALHÃES BASTO)	163
Prémio Godard (HERNANI MONTEIRO)	168
XXII Congresso Internacional dos Americanistas	168
Humberto de Passos Freitas (M. C.)	171
Congresso de Amsterdam	231
A questão de Glozel	236 e 322
Sociedade Portuguesa de Biologia	247
Antropologia das partes moles das raças de côr	247
Novas revistas	248

	Pág.
Prof. Dubreuil-Chambardel (PIRES DE LIMA)	248
Coronel Alexandre José Sarsfield (M. C.)	249
Cidade de Terroso (RUY DE SERPA PINTO)	311
Em Portugal (E. B.)	313
A escada como sinal alfabético (JOSÉ TEIXEIRA REGO)	318
Uma leitura das inscrições ibéricas (MENDES CORRÊA)	336
Congresso de Americanistas	344
Sociedades científicas	344
Lutuosa	344
Prof. Luís Viegas	345

Revista bibliográfica — Índice alfabético de autores:

Aberg, 362; Aichel, 260; Anthropologia suecica, 267; Athayde, 67 e 75; Bé-
gouen, 66 e 67; Bethencourt Ferreira, 82 e 184; Bosch, 353, 356 e 357;
Boule & Villeneuve, 347; Bushnell, 271; Cardoso, 375; Castellanos, 67 a 70,
74, 174, 349 e 350; Castillo Lopez, 358; Chossegras, 260; Cipriani, 177;
Dubreuil-Chambardel, 182; Ehrlich, 364; Eickstedt, 75, 184 e 262; Espre-
gueira Mendes, 187; Fischer, 259; Fróes da Fonseca, 371; Furuata, 372;
Haberlandt, 86; Hervé, 259; Hilden, 75 e 76; Hipólito Raposo, 82; Hoer-
nes, 263; Jalhay, 351 a 353 e 361; João da Cunha, 268; Judd, 264; Ka-
java, 369; Kehl, 81; Leite de Vasconcelos, 175 e 263; Lemos de Oli-
veira, 377; Lopes Dias, 275 e 375; Lopez Garcia, 359; Luquet, 64, 173
e 189; Marin, 85; Mascarenhas, 78; Mayet, 260 e 373; Mendes Corrêa, 71,
77, 256 e 266; Moraes e Castro, 84; Niceforo, 191; Obermaier, 63;
Oliveira, 367; Pereira Cardoso, 84; Pericot, 353; Pina, 374; Pires de
Lima, 78 e 270; Pittard, 79; Quatrefages, 259; Reicher, 185; Rignano, 253;
Roquette Pinto, 265; Saller, 263 e 265; Salomon Reinach, 72; Santana Ro-
drigues, 376; Schlaginhaufen, 71; Schulten, 73; Sergi, 255; Silva Leal, 186;
Suk, 368; Tavares, 365; Temido, 269; Van Gennep, 272; Vignati, 351,
369 e 370; Villeneuve, 347; Wolfel, 271; Wyler, 363; Xavier da Silva, 85.

Erratas: — A pág. 339, linhas 2 e 3, substituir *Ês* por *Ê*; a pág. 360,
linha 31, substituir *estrêlas* por *estelas*; a pág. 368, linha 25, substituir *médias*
por *medidas*.